

borboletas
pra lá e pra cá



JULIANA REIS

JULIANA REIS

*borboletas
pra lá e pra cá*





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



Copyright © Juliana Reis

Editora:
Nathalia Perrone

Design de Capa:
Catharina Stürmer

Diagramação:
Verônica Paranhos

Revisão:
Roberta Souza
Laura de Oliveira Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

R375b Reis, Juliana Borboletas Pra Lá e Pra Cá / Juliana Reis. - Rio de Janeiro, RJ : Caligari, 2020. ISBN: 978-65-991665-9-4 1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título. 2020-3228 CDD 869.89923 CDU 821.134.3(81)-31
--

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Todos os direitos reservados

Editora Caligari é uma marca da CJT EDITORA E TECNOLOGIA LTDA
CNPJ: 22.061.126/0001-09
Rua Mário Portela, 106 – Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ
CEP: 22241-000

É proibida a reprodução deste livro sem a prévia autorização do autor

*A todas as borboletas,
que vieram e que estão por vir.*



introdução

Eu sempre fui de ler romance enquanto bebia chá, na verdade eu sempre fui de ler romance bebendo qualquer coisa, o importante era alimentar a alma idosa apaixonada por clichês adolescentes que tinha morada dentro de mim, mais ou menos na rua do fígado, o órgão dos apaixonados.

Mesmo lendo zilhões de livros, eu nunca me via naquelas personagens, sempre me sentia o mais distante possível de representada, literalmente do outro lado da rua da representatividade... Mas Juliana, o que tu trouxe com esse livro foi muito além dos romances tão adorados pela minha alma idosa, eu me senti de fato representada em cada detalhe de nervosismo, no que realmente é se apaixonar por uma garota e em como as borboletas não cansam de percorrer todo o corpo, num siricutico, pra lá e pra cá.

Não contente, ainda vi a maior profundidade possível nas personagens, mostrando que além de apaixonantes também são humanas. Ler me trouxe os mais diversos sentimentos e, em alguns momentos, eu me vi mergulhada em emoções que sequer eram minhas. As borboletas não paravam em momento algum, o que é perfeito, afinal eu nunca fui da quietude... Obrigada.

Gabriela Araujo, vulgo Gabisteca (ou agostinho para os íntimos).

Laís Monteiro / Ela Dela ♀ / 17 anos / 1,70m



Motoristas
de Ônibus

Pijama de
Patinhos

Cervejinha

Balanços

Thaila
Fontana



Aula de
Biologia

Dates no
Cinema

Redes
Sociais

10 Tempo
de Aula

~~Thaila
Fontana~~



Thaila Fontana/Ela/Dela/19 anos/1,65m



piadas de duplo sentido

biologia

batata

praia

romance



aniversários

chocolate

hospitais

filmes de terror

borboletas

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50

1

pipoca de cinema

Eu estava sozinha em um quarto branco. Deitada em uma maca, sem conseguir levantar. A sensação de impotência preenchia meu corpo e eu me debatia. Alguém precisava da minha ajuda e não havia nada que eu pudesse fazer. De repente, eu estava sentada no chão gelado. A maca havia desaparecido. Corri em direção à porta e ao olhar pelo vidro pude ver uma pessoa deitada em outra maca, na sala da frente. Não reconhecia o rosto, mas senti que era alguém conhecido, alguém amado. E que aquela pessoa precisava de mim. A porta, trancada, não abria, apesar dos meus esforços. Depois de tanto empurrar, gritar e chutar, ela finalmente cedeu.

A luz do sol entrava pela janela enquanto meu último alarme tocava. Já eram sete horas da manhã e eu estava *mais* do que atrasada. Segundo tempo, lá vou eu de novo. Acordei correndo e tentei me arrumar o mais rápido possível. Já havia perdido as contas de quantas vezes tive esse mesmo sonho e, por coincidência, sempre acordava do mesmo jeito, no mesmo horário e sem descobrir como o sonho terminaria. É, eu realmente não estava no melhor momento quando o assunto era saúde mental.

Peguei minha mochila, uma banana na cozinha e saí correndo para chegar no ponto de ônibus a tempo. Cumprimentei o motorista, que sempre me salvava quando eu saía atrasada de casa, e tivemos uma curta conversa.

– Atrasada de novo, não é mesmo, Laís? – Ele ria do meu desespero.

– Que nada! Entro tarde hoje... – Eu disse, usando meu clássico tom de mentira, que era péssimo.

– Quase todo dia isso! Vida boa!

Sim, eu tenho um carinho especial com motoristas de ônibus. Não me julguem. É só que eu pego muitos ônibus durante meus dias e – geralmente – nos mesmos horários. E sem querer me gabar, eu sou uma menina muito simpática. Ok, estou me gabando sim... É uma das poucas coisas que aprecio em mim mesma.

Miguel precisaria correr muito para eu conseguir chegar na hora, caso contrário, não daria tempo de entrar. Não que eu fosse perder muita coisa... Seriam só mais algumas faltas de, não sei, muitas. Cochilei um pouco e quando me dei conta já estava na frente da escola.

Céus, essa correria um dia ainda me mata. Ainda estávamos no meio do ano letivo e eu já não tinha forças para mais nada. Não conseguia pensar em nada além da escola e de todos os meus deveres diários. Acho que se aparecesse mais alguma coisa para eu me preocupar, eu explodiria. Sério. E saíam pedacinhos de Laís Monteiro voando cidade afora.

Parecia que eu estava na escola há horas, mas apenas dois tempos haviam se passado e ainda era hora do intervalo. Saí da sala de aula sem ânimo nenhum e fui recebida por Malu, minha melhor amiga, que começou a pular quando me viu.

– Nem vem com esse ânimo todo pra cima de mim, péssimo dia. – Cortei sua animação assim que me aproximei.

– Credo! – Ela exclamou. – Bom dia pra você também. Mas eu posso te animar rapidinho... Você já ouviu a novidade?

– Certamente não.

– Amanhã chega uma garota nova no nosso ano. Pois é! Finalmente uma carinha diferente nessa escola. – Malu suspirou. – Tomara que ela não seja um pé no saco. E que seja bonita...

– E que não seja hétero. – Completei, já sabendo o que ela iria falar. – Mas que louca! No meio da semana? Quer dizer, no meio do mês! Meu Deus...

– Sim, no meio do ano. – Ela completou, já sabendo o que eu iria falar. – Mas deve ter um motivo, ninguém em sã consciência

faz isso.

E meu celular vibrou. Júlia.

– Oi, amiga – Eu disse, enquanto Malu revirava os olhos, porque simplesmente não conseguia aceitar o fato de que eu e Júlia continuávamos nos tratando como amigas quando somos o “contato fixo” uma da outra. Ela insiste que é chato e sem graça não ter nenhum romance na nossa relação.

– Topa vir aqui em casa hoje à noite? Meus pais vão sair, e você sabe... – Ela fez uma pausa cínica. – Preciso de ajuda em biologia.

– Claro! – Eu soltei um risinho. – Biologia... – Repassei todos os meus passos do dia para saber se teria disposição a noite. – Ju, posso te dar a resposta mais tarde? O dia vai ser meio corrido.

Ela concordou e desliguei o telefone, enquanto Malu fazia várias caretas.

– Não sei porque vocês não namoram logo, quanta enrolação. – Ela sempre levantava esse questionamento por puro prazer de me perturbar.

– Eu tenho mesmo que citar todos os motivos *de novo* ?

– Certo, certo. – Malu suspirou, sentando na mesa do refeitório onde se encontravam todas as meninas. Eu nem reparei que estávamos indo para lá, de tão desligada que ando ultimamente.

Meu grupo de amigas não é o que podemos chamar de padrão, felizmente. Enquanto a maioria das meninas da escola estavam preocupadas em impressionar os garotos, nós tínhamos outras prioridades. *Felizmente*. Até porque “garotos” sempre era o último assunto da minha lista.

Nossas conversas sempre eram meio viajadas, mas hoje, especificamente, quando comecei a prestar atenção no que elas estavam falando, adivinhem só qual o era o tema? Isso mesmo, a menina nova. Geralmente não é assim. Nós não fofocamos apenas sobre meninas todos os dias. É que a maioria das minhas amigas são solteiras e... gostam *muito* de meninas. Ok, talvez esse seja sim o foco principal delas, tenho que admitir. Com exceção de Luiza, que era a menos interessada no assunto,

porque no momento ela é *muito* – e muito é quase um eufemismo – apaixonada. Não a julgo, Ana é mesmo uma menina incrível.

Papo vai, papo vem e, no fim das contas, todas estavam animadíssimas para descobrir em quais aulas a tal menina nova ficaria e quem seria a primeira a conquistá-la. Ou a ser conquistada. Minha cabeça só conseguia pensar quando a semana finalmente acabaria para eu poder descansar.

– Laís ? – Ester me chamou, estalando os dedos na minha frente. – Acorda, amiga! Vamos ao cinema hoje à tarde?

– Vocês nunca lembram mesmo, né? – Ri, já sem esperança alguma. – Eu *trabalho* no cinema, gente. Não posso largar meu turno pra assistir filme...

– Pelo menos você pode descolar umas pipocas de graça pra gente... – Raissa brincou, com cara de sapeca.

E o sinal tocou.



Estava pensativa, questionando se valia ou não a pena ir na casa de Jú lia à noite. Eu tinha algumas coisas para arrumar em casa e, vamos combinar, nós não temos mais a mesma química do começo.

Claro! Olha a forma que vocês se tratam.

Malu entrou na minha mente por uns instantes. Mas talvez ela estivesse certa. Quem sabe não está na hora de dar um segundo passo?!

Fui tirada dos meus devaneios pela voz de Raissa.

– Boa tarde, senhorita! Eu gostaria de sete baldes grandes de pipoca salgada. E quatro médios de pipoca doce. E quatro refrigerantes. E uma barra de chocolate. Hum... – Ela colocou a mão no queixo, procurando por mais alguma coisa nas prateleiras atrás de mim. – Acho que só! De graça, por favor.

Eu ri da forma que ela estava agindo com naturalidade.

– Ah, mas de graça é pedir demais. Quero algo em troca. – Olhei para o alto, pensando. – Vai ter que me dar um beijinho, pelo menos. – Eu provoquei e Raissa fez cara de nojo enquanto as meninas riam dela. Ela era a nossa hétero de estimação.

– Pelo menos seu humor melhorou! – Ester observou. – Agora sério, vamos querer só uma pipoca e um refrigerante. Ninguém tá com dinheiro sobrando aqui não.

– E eu fico sem beijinho? – Fiz manha, rindo.

Entreguei o que elas queriam e fui limpar a pipoqueira. Hoje só eu estava trabalhando na lanchonete do cinema. Quartas-feiras são dias de pouco movimento no shopping, então meus colegas de trabalho acabam tirando folga .

– Oi...

– Dessa vez vai custar bem mais do que um beijo... – Virei, rindo. Mas não. Não era nenhuma delas agora. – Meu deus! – Coloquei a mão na boca. – Me perdoa! Desculpa. Eu achei que fosse uma das minhas amigas. Meu deus, que vergonha. – Tapei o rosto, que a essa altura estava fervendo.

– Eu só queria uma pipoca... – A menina sorriu. E que sorriso. – E eu tenho dinheiro. Juro. – Balançou uma nota de vinte reais no ar. Certamente, era uma das meninas mais bonitas que eu já vi em dezessete anos de existência.

Minha voz custou a sair.

– Certo. – Respirei fundo e fui encher um balde de pipoca pequeno. – Me desculpa mais uma vez. Sério. – Disse, entregando a pipoca para ela. E só aí que me dei conta de que não tinha perguntado o tamanho. – Meu deus! Eu sou uma desastrada. Que tamanho você queria? – Eu já estava entrando em desespero e ela estava claramente se divertindo com minha confusão.

– Era médio, mas vamos fingir que era esse tamanho mesmo pra não ficar mais constrangedor pra você. – Ela pegou a pipoca da minha mão e sorriu torto, me entregando o dinheiro.

– Eu não sei onde está minha cabeça. – Entreguei o troco para ela e eu *juro* que a pele do dedo daquela garota era *absurdamente* hidratada. Não que eu estivesse em posição de reparar esse tipo de coisa.

– Ué, tá bem aí. – Ela apontou para mim com o queixo, já se virando para ir embora – Ah, e eu não me importaria em pagar do jeito que você propôs. – E saiu.

Meu rosto inteiro queimou. Eu não tenho dificuldade nenhuma para flertar, mas eu definitivamente não esperava isso. Uma garota linda dessas jogando charme *pra mim*. Não que eu me achasse feia, ou algo do tipo, mas hoje eu certamente estava acabada. Sabe aquele tipo de pessoa que fica aceitável quando se arruma? Sou eu. O problema é que eu raramente me arrumo.

Ok, tudo bem. Ela não deve relatar isso para o meu gerente, certo? *Ou deve?* Agora estou desesperada, ótimo. E tudo culpa das minhas amigas idiotas. Sim, culpa delas. Por culpa delas eu vou perder meu emprego e vou ficar com o nome sujo por não ter dinheiro para pagar as contas. Droga. Pelo menos nunca mais vou ver essa menina na vida. Quer dizer, ela não deve frequentar o cinema depois disso, né?! *Atendimento de péssima qualidade*. Já consigo até imaginar as críticas.

Antes que eu me desse conta, o expediente tinha acabado e eu já estava fechando tudo para ir para casa – finalmente – descansar. Quando cheguei, fui direto pro banho. Água nem muito quente, nem muito fria, como de costume. Música no último volume.

E eu não me importaria em pagar do jeito que você propôs.

A cena não saía da minha cabeça. Aquela foi a situação mais constrangedora desde que comecei a trabalhar no cinema. E olha que eu trabalho enchendo baldes de pipoca e manteiga e, às vezes, a máquina dá problema. Pois é, uma vez tive que ficar duas horas no banho só para tirar toda a manteiga do meu cabelo.

E eu não me importaria em pagar do jeito que você propôs.

A voz dela não saía da minha cabeça, apesar de não conseguir lembrar nada do rosto. Minha memória funciona de uma forma surpreendente. Tudo o que eu lembrava era o fato de ser extremamente agradável olhar para o rosto dela, de uma forma um tanto curiosa.

Saí do banho e caí na cama, morta de sono. Tudo o que eu conseguia fazer era dar umas batidinhas ao meu lado para chamar minha gata, Nina, para deitar comigo.

E apaguei.

2

apenas amigas

Na quinta, por um milagre, acordei bem antes do horário e deu tempo de fazer tudo com muita calma. Cheguei até a me arrumar, coisa que não fazia há tempos. Quando entrei no ônibus – que aliás, estava sendo dirigido por um motorista desconhecido, já que eu raramente saía cedo de casa – peguei no celular e vi que tinham dezesseis chamadas perdidas. Júlia. Merda. Merda, merda, merda, merda. Eu esqueci de dar a resposta para ela ontem. E se ela ficou me esperando a noite toda? Céus, por que eu sou assim? Fui olhar as mensagens e ela, aparentemente, estava um pouco chateada comigo. E o pior: Queria conversar sério. *Ok*. Eu aguento. Eu mereço isso.

As aulas passaram se arrastando e depois do intervalo eu teria aula de biologia. E o que vem junto com biologia? Isso mesmo: Júlia. O universo deve mesmo me detestar. E se a conversa no intervalo for super embaraçosa e constrangedora? Onde eu vou enfiar minha cara?

– Você já viu a cara da menina nova? Hoje é o primeiro dia... E se a gente rodar por aí como quem não quer nada pra ver se esbarra com ela? – Malu me abordou assim que saí pela porta. – Por favoooooor?

– Hum... É... Eu meio que tenho que... – cocei a cabeça em desespero olhando em volta para ver se encontrava Júlia. – Conversar sério com a Ju.

– Viu, até conversa séria vocês têm. Vai dar namoro, Laís, me escuta. – Malu riu da minha cara.

– Adivinha quem estava na minha aula de história? – Ester encontrou a gente no caminho, já entrando no assunto.

– A tão esperada, aposto. – Raissa riu, chegando junto dela. – Vocês só falam dela, nunca vi.

– Meninas, eu realmente gostaria de saber da conversa, mas preciso resolver algo. – Disse, me retirando do assunto e indo pro segundo andar, onde eu e Júlia geralmente nos encontrávamos.

Ela parecia ansiosa, encostada na parede enquanto me esperava. Estava enrolando o cabelo vermelho e cacheado nos dedos, enquanto mordida os lábios. Típico de quanto está nervosa.

– Oi. – Cheguei, dando um selinho nela. – E então... O que precisamos resolver?

– É... Eu acho que – Ela começou, com hesitação. – A gente tem que decidir o que a gente é. Não dá mais pra ficar enrolando. Já estamos há meses nessa e eu queria saber... O que a gente é?

– Nós somos... Amigas. Né? – Admito que estava um pouco confusa, nós nunca tocamos nesse assunto antes. – Com uns privilégios, mas amigas. – Me arrependi assim que falei, pois no mesmo instante os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Ok. Então somos amigas. – Ela soltou com voz de choro. – Eu não esperava isso, mas...

– Pera. – Interrompi. – Nós sempre nos tratamos como amigas, Ju, o que você esperava?

– Sei lá, que você fosse dizer que sentia algo, porque eu meio que... – Comecei a me desesperar. Não. A última coisa que eu precisava era de sentimentos. – Eu meio que planejava te pedir em... Namoro. Ontem. E você não apareceu, nem disse nada.

– *Namoro?* – Eu engasguei só de ouvir a palavra. – Jú lia... Mas a gente nunca falou sobre isso. Nem sobre nada do tipo. Como assim, *namoro?*

– É o que se espera depois de um tempo com a pessoa, né?

– Não. É o que se espera depois de um tempo *amando* a pessoa. A gente basicamente só se beija de vez em quando.

Ela arregalou os olhos, virou de costas e, sem se despedir, saiu andando. Eu tinha falado algo errado? Porque essas coisas são tão confusas? Eu deveria me desculpar e voltar atrás? Quer dizer... Relacionamentos assim a gente só deveria ter caso ame

a pessoa que nem nos filmes, certo? Tipo, perdidamente e com tudo de nós, seja lá o que isso quer dizer. O amor romântico é tão... *complexo*. Não sei nem se sou capaz de sentir algo tão grande assim.

– Luiza! – Chamei quando a vi com Ana, passando de mãos dadas pelo corredor. Se tinha alguém que poderia me ajudar, esse alguém era ela. – Preciso de você. Caso de vida ou morte. Desculpa, Aninha, vou roubar sua namorada agora.

Puxei Luiza pela mão, enquanto Ana ria do meu desespero. Ela sempre foi a pessoa que entende dessas coisas no nosso grupo de amigas. Eu nunca amei ninguém além da minha família, minha gata e minhas amigas. Malu só teve um namorado e depois nunca mais se apaixonou, apesar de ter gente dando em cima dela o tempo inteiro. Ester basicamente se apaixonou igual troca de roupa, então não conta. E Raissa... Bom, ela não se abre muito sobre isso. Mas Luiza é quase uma guru do amor!

– Eu sou horrível. Sério, eu sou tipo... A pior das piores. Eu provavelmente não vou ficar com ninguém nunca mais porque o universo vai me castigar. E eu preciso que você me diga o que fazer pra consertar isso, porque eu não quero ficar sozinha o resto da vida, Luiza! Me ajuda.

– Calma, Laís! – Ela estava rindo de mim. Rindo do meu desespero. Como que pode?! – O que aconteceu? Respira e fala devagar.

– Então, tem a Júlia, certo? A que faz biologia comigo e não sei o quê com você. E a gente fica...

– Eu sei disso tudo, Laís. – ela morria de rir. – Me conta o que aconteceu só.

– Ok. – Respirei fundo tentando me concentrar na parte que importava. – Então, ontem eu deveria ter ido na casa dela. Mas, eu meio que esqueci e fui pra casa dormir. Daí hoje ela veio com uns assuntos de namoro e eu não entendi nada. A gente só fica, sabe? De onde saiu isso de namorar? A gente nunca nem disse que gostava uma da outra. Sério. Eu disse que namoro é quando ama a pessoa, porque é isso, né? Eu não tô tão errada assim, acho. E ela simplesmente saiu andando e batendo o pé e eu não sei o que fazer agora. Eu deixo pra lá? Peço desculpas?

– Calma, garota. Tá tudo bem. Você não tem que namorar ninguém sem estar apaixonada. E, se você nunca deu isso a entender, a culpa não é sua. Ela criou uma expectativa que você não pô de suprir. E tá tudo bem. Eu acho que você pode até pedir desculpas, mas não faz sentido voltar atrás se você não sente nada por ela. E continuar tendo algo só vai gerar mais confusão. Sei lá, conversa. É sempre a melhor saída. Mas acho que se você gosta dela, pelo menos como amiga, não deixa pra lá, sabe? Ela pode ter se magoado de qualquer forma, mesmo que não seja culpa sua.

– Você tem razão. – Estava encarando o chão. – Ok. Acho que sei o que fazer. Obrigada! – Dei um beijo em sua bochecha e saí correndo do banheiro.

Não, eu não estava correndo para falar com a Júlia. Acho que ela precisa de um tempo ainda. Mas o intervalo já estava quase acabando e eu precisava ficar um pouco com as meninas para rir um pouco. Geralmente, elas são minha distração em dias agitados ou ruins. Estar com elas costuma me deixar mais leve. Isso quando não está todo mundo de mau humor se dando patada porque nossas TPM's costumam vir juntas devido à convivência. Encontrei elas no refeitório, na mesma mesa de sempre.

– Eu nunca vi nada igual. Acho que ela é a garota mais bonita que eu do mundo! Preciso dar um jeito de conquistar ela. – Ester estava falando para as meninas, enquanto gesticulava. Ela é uma das pessoas mais expressivas que eu conheço. Provavelmente, era mais uma de suas aventuras românticas.

– Quem? – Sentei do lado de Malu, tentando me atualizar dos assuntos.

– Thaila, a menina nova. – Raissa contou.

– Caramba! – Revirei os olhos, enquanto mordida um pedaço da maçã de Malu. – Por favor, onde estão minhas amigas? Quando iremos parar de falar dessa mulher? Quando voltaremos ao normal, oh, céus? – Fingi drama, colocando a mão na testa e fazendo cara de indignada.

– Láis, você não tá entendendo! – Ester insistiu, enquanto as meninas riam. – Ela é maravilhosa. Quando vocês a verem vão

entender o que eu tô falando. Até o nome da garota é bonito, fala sério. Thaila. Parece nome de anjo.

Conversamos mais um pouco sobre a nova paixão de Ester e quando o sinal tocou fui para a sala de aula. Biologia sempre é uma aula muito chata, mas hoje seria dez vezes pior depois da conversa com Júlia. Eu tenho um sério problema de não conseguir encarar a pessoa depois de passar por algo constrangedor ou ter uma conversa séria, então provavelmente seria absurdamente difícil aguentar dois tempos de aula ignorando a existência dela, caso eu ficasse acordada.

Entrei na sala sem reparar em nada, fui direto para minha carteira e dormi até o sinal da próxima aula tocar. Pelo menos minha próxima turma também ficaria nessa sala, só mudaria algumas pessoas. Sim, aqui as turmas são organizadas pela matéria. Não sei o que deu na cabeça do cara que cuida dessa parte, mas imagino que ele estava pensando em acostumar a gente para a faculdade, vai saber.

Percebi um pedaço de papel no canto da minha carteira, devia ser de Júlia. Suspirei antes de abrir, mas gelei quando li o que estava escrito.

“Eu ainda não me importo de pagar do jeito que você propôs...”

3

sete anos de azar

Saí da última aula e fui procurar Malu, um tanto quanto desesperada. Não é possível que a menina de ontem estude na mesma escola que eu e a gente nunca tenha se esbarrado. Eu, *com certeza*, saberia se uma garota daquelas estudasse comigo. Ela é daquelas pessoas impossíveis de passarem despercebidas, sabe? No caso, a única opção que me restava era a possibilidade de as meninas terem escutado todo o mal entendido ontem no cinema e agora estarem me pregando uma peça. Como não pensei nisso antes?

Malu acenou para mim no meio da multidão do corredor e eu fui ao seu encontro. Corredor lotado de fim de aula, fofoca para todos os lados. Era gente conversando sobre os planos para sexta-feira, falando sobre a vida dos outros, grupo de amigos se arrumando para ir à praia, que não é tão longe da escola, casais abraçados e se enchendo de carinho. Enfim, todo os tipos de adolescente tendo todos os tipos de conversa.

Quando me aproximei, meu corpo congelou. Não. Não é possível. Quanto azar uma única pessoa pode ter? Na vida passada eu devo ter quebrado uns sete espelhos, enquanto passava embaixo de treze escadas com vários gatos pretos no colo. Não que eu acredite nessas superstições bobas, inclusive defendendo todos os gatinhos pretos do mundo, mas agora bem que faria sentido.

Ester estava rindo e jogando a mão no ombro de uma menina. Não, uma não. *A menina*. Isso mesmo. O rosto sorrindo – e que sorriso – na roda das minhas amigas era o mesmo rosto que sorriu para mim ontem no cinema. Cabelo curto e preto, com a

parte de cima ondulada, raspado em volta. Olhos cor de mel, daqueles que te intimidam só de passar perto. O maxilar devidamente marcado. Tudo milimetricamente desenhado.

– Laís! – Ester se dirigiu a mim. – Essa é a Thaila. Ela se mudou há pouco tempo pra cá e precisa de ajuda pra conhecer tudo. Me ofereci pra ser sua guia turística e pensei em levar ela no cinema hoje! Você vai tá lá?

Engoli em seco. Não conseguia sequer olhar para elas. Nervosa demais para isso. Covarde demais para isso. Mas fala sério, a menina tinha praticamente se jogado em cima de mim ontem. Como eu deveria olhar para a cara dela? Ainda acho que tenha sido pura zoação, não tem chance de ela querer alguma coisa de fato, mas isso não importa agora.

– Amiga, tá tudo bem? – Malu sacou que tinha alguma coisa errada. – Você tá mais pálida que o normal.

Ainda não conseguia encarar o rosto de ninguém, estava em choque. Comecei a ficar com raiva do meu corpo por não saber reagir em uma situação boba dessas. Parecia que um gato tinha comido minha língua. E o pior de tudo é que eu sentia o olhar dela em mim, tinha certeza que só estava esperando uma resposta. Será que ela poderia, por favor, se pronunciar e avisar que já conhece o cinema? Menina doida.

– Laís, um gato comeu sua língua? – Raissa colocou a mão no meu ombro para verificar se estava tudo bem.

Aparentemente sim. Tirou as palavras da minha boca.

– Na-Não. – Soltei uma risada absurdamente estranha, claramente de desespero. – Não. Tá tudo bem! Não vou pro cinema hoje, é meu dia de folga. Inclusive, tô de saída. Mais do que atrasada, poxa, beijo gente! Até amanhã! Tchau! – Falei sem parar para respirar e saí correndo para fora da escola. Só parei para pensar quando já estava na rua.

O que eu acabei de fazer? Ficar parada, olhando para o chão com os olhos arregalados e sem responder ninguém? Sério? Eu tenho o quê, doze anos de idade agora? E como assim a garota não avisou que já tinha ido lá? Ela estava curtindo meu desespero, certeza.

Sentei na calçada e comecei a pensar. Minha cabeça conseguiu dar trinta mil nós e eu simplesmente não entendi o porquê de ter reagido daquele jeito. Vi a garota uma vez na vida e do nada eu surto porque ela apareceu na minha frente? Cada dia que passa eu tenho mais certeza de que gostar de mulher não faz bem para minha saúde. Estou ficando maluca!

Mas tudo bem, agora Ester vai chamar a atenção dela e ela nunca mais vai olhar para mim. O que é ótimo, já que eu não tenho a mínima capacidade de lidar com uma mulher daquelas. Ester, pelo contrário, é bem mais bonita e segura de si. Parece que ela tem tudo sob controle sempre. Cabelo preto e liso até o ombro, cortado em um daqueles cortes chiques e raspado em um dos lados, pele bronzada de tanta praia e um piercing na sobrancelha que dava um contraste e tanto. Sem contar no estilo da garota, só se veste bem. E eu... Bom, eu sou eu. Então, ótimo. Menos uma preocupação. Em breve ela vai esquecer de tudo que aconteceu e todas serão felizes para sempre.

Meu celular começou a tocar. *Minha Pessoa*. Sim, eu salvo meus contatos com nomes bregas. É que eu e Malu assistimos todas as temporadas de *Grey's Anatomy* juntas e o contato é uma referência a isso.

– Laís, pode me explicando *agora* que surto foi aquele. Quinta-feira é dia de almoçar comigo e ficar enrolando até dar o horário de ir pro hospital, de onde você tirou tanta pressa, garota? Parecia que tinha visto um fantasma.

– Lagoa, agora. Vamos almoçar ainda. Só não na escola. Tô te esperando aqui na frente.

– Garota...

Desliguei. Se tem uma coisa que eu detesto, é falar no telefone. Não existe nada pior para ser o vício da minha geração inteira, porque eu simplesmente não consigo. Não olho o celular nunca, não atendo chamada nunca, não respondo mensagem nunca, não entro nas redes sociais nunca. Tenho certeza que um dia o mundo vai estar acabando e eu vou ser a última a saber, porque nunca entro no Twitter e lá é o primeiro lugar onde essas notícias costumam sair.

– No dia que eu conseguir falar por mais de 2 minutos no celular com você, eu serei uma mulher vitoriosa. – Malu parou na minha frente, escondendo o sol que estava batendo em mim. – O que te deu hoje?

– Ah, nada demais. Não sei se gostei da menina nova, só isso. Parece chata. Por que todo mundo resolveu paparicar ela do nada?

– Hum... – Ela franziu a sobrancelha e me olhou de cima a baixo. – Eu vou fingir que tô entrando na sua onda, então. Quando você quiser explicar, você explica.

Era inacreditável como ela me conhecia dos pés à cabeça. Eu podia mentir para mim mesma, mas não para Malu. Afinal, a gente se conhece desde que me entendo por gente, e sempre passamos muito tempo juntas. E passamos por muita coisa juntas. Basicamente, ela conhece minha reação para quase tudo, só espera até que eu assumo em voz alta o que realmente tá acontecendo. Sempre assim.

– Hum... – Estendi a mão para ela me ajudar a levantar da calçada. – Dessa vez você não vai adivinhar, ok? Nem tente.

– Sonha, Laís, sonha. – Ela riu. – Onde vai ser nosso encontro hoje? Estou muito chique, sendo levada pra almoçar fora e tudo.

– Vamos almoçar hambúrguer, óbvio. – Segurei seu braço e fomos caminhando em direção à lagoa, que fica a uns três quarteirões da escola. Era basicamente um parque, com muitas árvores e uma lagoa no meio. Era o nosso lugar. A gente sempre se encontrava por lá quando precisava desabafar, distrair a cabeça ou só ficar em silêncio na companhia uma da outra. Ah, e era ao redor do parque que tinha quase todas as lanchonetes boas da vizinhança.

Depois de pegar nossos hambúrgueres e baldes de batata, fomos sentar na grama em volta da lagoa. Sempre me perco observando o reflexo do céu no balanço das águas. É um dos meus momentos de paz, no qual eu esqueço toda a bagunça que vive passando pela minha cabeça. Pelo menos por alguns minutos, até ter que voltar à vida real.

– Então... Você e Júlia conversaram? – Malu quebrou o silêncio, depois de algum tempo observando os gansos

socializarem.

– Sim. Ela planejava me pedir em namoro ontem e eu dei um bolo. – Pressionei meus lábios, tentando não achar graça. Eu sei que é horrível, mas fala sério, é uma situação engraçada.

Malu tentou segurar a risada, mas não se conteve.

– Você *literalmente* esqueceu da garota e pra ela vocês tinham um relacionamento bom o suficiente pra rolar namoro?

– U-hum. – Balancei a cabeça lentamente, enquanto mordida meu hambúrguer. – Você acha que eu dava algum indício sobre sentir algo? Porque tipo, eu sempre tento ser cautelosa com isso, sabe? E a gente mal conversava... Era basicamente, sexo. Meu deus. – Arregalei os olhos – Eu nunca mais vou transar. Eu não tenho tempo de conquistar outra pessoa, Maria Luiza.

– Não vai mesmo, nunca mais. Você nem usa rede social, como eu vou dizer pra você entrar em um desses aplicativos de namoro? – Ela morria de rir. – Não, mas sério... Eu sei que era eu que te enchia o saco com isso de namorar com ela, mas sabe, sou eu. Era só implicância. Você chamava ela de amiga, Laís. Quem pede uma amiga em namoro?

– Para de fazer chacota da situação, que horror! – Tentei manter a postura, mas comecei a rir logo em seguida.

– Não é chacota! Só é engraçado, vai. – Ela foi se recuperando. – Agora, voltando à amiga decente que sou, você devia pedir desculpas a ela. Pelo bolo e por ter passado a mensagem errada sobre o que sentia.

– Eu sei, eu sei. Mas em minha defesa, eu não tava passando mensagem nenhuma!

– Você sabe como sapatão é emocionada, né? Acontece. Até achei que demorou, poxa. Quatro meses se beijando e vocês nunca conversaram sobre ter algo sério.

– Por isso mesmo! Não faz sentido a coisa toda do namoro. – Deitei na grama e fechei os olhos. – O que eu fiz pra merecer?

– Nasceu gostando de mulher, só isso. – Ela deitou do meu lado.

Nem vi a hora passando enquanto conversávamos. Rapidinho chegou o horário de ir para o hospital. A visita em dias de semana era das 14h às 18h, então logo após me despedir de

Malu, peguei um ônibus. O motorista da vez era o Roberto. Geralmente, era ele quem me fazia companhia às quintas durante o caminho para o hospital. Algo nele tinha um ar amigável, então eu sempre sentava antes da roleta para podermos trocar ideia.

– Boa tarde, Laís! – Sorriu para mim. – Alguma novidade essa semana?

– Boa tarde, Roberto! – Parei para cumprimentá-lo. – Não... Continua como sempre. Hoje vou sentar lá atrás, ok? – Disse, enquanto passava pela roleta.

– Tudo bem, filha! – Ele balançou a cabeça para mim, olhando pelo retrovisor.

Sentei na janela e fui observando todo o caminho. Ou a viagem foi mais demorada que o normal, ou eu estava realmente distraída, porque pareceu ter demorado uma eternidade. Quando cheguei no quarto do hospital, foi como a primeira vez. Eu sempre me sentia assim. Era inacreditável que aquela mulher, antes tão cheia de vida, realmente era ela. Pálida, magra e abatida. Desacordada. Ligada a diversos aparelhos.

– Oi, mãezinha. Cheguei. – sentei ao seu lado, colocando minha mão sobre a dela.

Minha mãe estava em coma fazia três anos e meio. Mais conhecido como estado vegetativo, que é um grande ponto de interrogação para a medicina. Eu perdi a maior parte das esperanças há um ano, mas não consigo simplesmente abandonar a ideia de que ela pode ser um desses poucos casos em que a pessoa acorda depois de muito tempo e fica tudo bem.

Ela ficou assim quando eu estava prestes a fazer catorze anos. Caiu de uma escada na véspera de natal, enquanto enfeitava nossa casa, e bateu a cabeça. Meu pai não conseguiu lidar com a situação e foi embora, desde então tenho me virado sozinha. Passo os feriados com a família da Malu e tento visitar meus avós de vez em quando. Eles são minha família agora.

Às vezes, venho desabafar com mamãe. Sempre foi ela que me escutou e me aconselhou. Nunca aguentei guardar meus segredos por muito tempo. Nós éramos quase melhores amigas, a não ser pelas coisas que ninguém quer que a mãe saiba,

lógico. Mas tenho quase certeza que ela sempre soube de tudo, só fingia que não. Ela sempre parecia saber, pelo menos. Tinha um encanto que nunca vi igual, exalava uma energia de proteção, sempre me passou muita segurança. Me parecia que ela não temia nada, nem ninguém. Ainda parece.

Acho que por isso não desisti.

4

bolo de chocolate

Passei quase duas horas inquieta tentando escolher algo para assistir antes de dormir. Parecia que eu já tinha visto tudo de interessante, mas na verdade era minha cabeça que não conseguia se concentrar em nada que exigisse o uso de mais de dois neurônios. Às quintas, quando volto do hospital, sempre passo o resto do dia ansiosa. Tento ao máximo me distrair, mas às onze da noite eu já não sabia mais o que fazer. Como minha agenda costumava ser sempre lotada, em dias livres eu ficava à mercê do tempo. Só hoje já tinha faxinado a casa, feito as tarefas do dia seguinte, cozinhado minha janta e assado um bolo de chocolate enorme. Mimos de um dia à toa. Amanhã as meninas serão bombardeadas com pedaços de bolo na hora do intervalo.

Estava deitada no chão do quarto com Nina em minha barriga, após o fracasso que foi tentar escolher um filme. Decidi me sacrificar a ponto de iniciar uma conversa no celular, para tentar resolver as coisas que eu provavelmente não conseguiria resolver cara a cara com Júlia. Entrei no chat, na intenção de pedir desculpas. A mensagem não chegou. Percebi que ela estava sem foto de perfil também. Posso ser meio leiga nesse assunto, mas se não me engano, isso significa que ela me bloqueou. Espero estar errada.

Bom, apenas uma pessoa podia me ajudar.

– Alô?! – Malu atendeu o telefone com voz de sono. – Espero que você esteja morrendo ou que eu esteja sonhando, porque não faz o mínimo sentido você me acordar tarde da noite e, menos sentido ainda, você me ligar por livre e espontânea vontade.

– A foto da Júlia sumiu. Mandeí mensagem, mas a foto dela sumiu. Ela me bloqueou? – Já estava até comendo minhas unhas de nervoso.

– Láís...

– Oi?

– Vai à merda. – E desligou.

– Eu só queria saber, poxa. Ninguém mais quer saber da mamãe, só você, né, filha?! – Fiz carinho no pescoço de Nina, que me respondeu ronronando. Ela, aparentemente, era a única companhia que havia me sobrado, nem minha melhor amiga me queria mais.



Lógico que, após passar um dia inteiro agitada, eu não poderia ter uma noite de sono tranquila. Mesmo sonho de sempre, mesmo horário de sempre, mesma rotina de sempre. Hoje Miguel teria que esperar enquanto eu corria da casa de Malu até o ponto de ônibus. Fato curioso: Malu mora na esquina da minha rua e a gente nunca vai para escola juntas porque ela é extremamente pontual. Até chegou a funcionar no ensino fundamental e no início do médio, quando Tia Ellen nos dava carona. Mas, desde que eu descobri a possibilidade de dormir mais vinte minutos e chegar no segundo tempo, isso nunca mais aconteceu, então só deixamos para lá.

Para a minha sorte, Malu e Raissa faziam aula de literatura comigo, então a gente sempre acabava jogando conversa fora e fofocando sobre alguma coisa. Raissa estava falando sobre um menino que tinha chegado nela, Gabriel dos Anjos, que de anjo não tinha nada. Ele era do clássico grupinho de meninos populares da escola que costumam dar em cima de toda e qualquer garota que respira. Não dá pra dar assunto a um Gabriel. Até eu, que não me envolvo com garotos há uns cinco anos, sei disso. Tudo bem que Raissa é linda, eu também chegaria nela se fosse ele.

Quando o assunto é beleza, arrisco dizer que Raissa é a que mais chama atenção no nosso grupo. Todas são absurdamente

lindas, mas ela tem algo especial. A pele negra ressalta os olhos esverdeados, enquanto o cabelo cacheado cai sobre os ombros, castanho claro com uma espécie de luzes naturais. As sardas espalhadas pelo rosto dão um toque a mais, junto com todo o mistério que ela passa. Sem contar com o fato de ser super engraçada e jogar charminho para todo lado.



Quando sentamos na mesa do refeitório, Ester ainda não tinha chegado e eu já podia esperar o que estava por vir. Pensei até em fingir que estava com dor de barriga só para fugir correndo e me esconder no banheiro, mas acho que não seria uma boa ideia. Afinal, se a menina começar a fazer parte do meu grupo de amigas, eu tenho que aprender a conviver com ela. Quem causou todo esse constrangimento até agora fui eu, que fico morrendo de vergonha sempre que ela está perto. O que, em minha defesa, é algo extremamente normal e não quer dizer nada. Eu realmente fico nervosa perto de pessoas novas. Sempre.

– Ah! Trouxe bolo pra vocês... – Coloquei o pote em cima da mesa.

– Qual foi o surto da vez? – Raissa perguntou, arregalando os olhos em direção ao pote. – Seja lá qual tenha sido, foi dos grandes... Que potão!

– Vocês cismam que eu só faço bolo quando tô surtando, que bobeira. Eu só tava inspirada, ué! Não posso mais fazer bolo de chocolate pras minhas lindas amigas?!

– Ih! Tem bolo! – Ester chegou, pegando um pedaço de bolo com uma mão e carregando sua futura namorada com a outra. Meu pesadelo começava agora. Já podia sentir minhas mãos suando. – Surtou por quê, amiga?

– Ai, gente, eu só tava inspirada! – Respirei fundo para não perder a paciência. No fundo eu sabia que não era por causa delas.

– Então você é dessas que só cozinha quando alguma coisa dá errado? – Percebi que não tinha escutado a voz de Thaila

desde o incidente do cinema. Além de suar, comecei a tremer. Aparentemente, eu não sei *mesmo* lidar com mulher bonita.

– Não, não sou. – Permaneci olhando para a mesa.

– É, é sim. – Malu entregou, olhando para mim de um jeito estranho.

Thaila ficou quieta. O pior de tudo é que ela realmente parecia legal. Eu só queria que meu corpo fizesse o favor de parar de surtar. O problema já estava resolvido, não havia motivo para pânico. Ela e Ester iriam ficar juntas. Estava tudo sob controle, não tinha porquê se preocupar. Se algum dia ela chegou a pensar em dar em cima de mim, esse dia já tinha passado. Estava muito longe. Tá tudo bem, já posso sair da defensiva.

– Alice vai dar uma festa hoje, tão sabendo? – Luiza sentou com a gente.

Alice Bittencourt era simplesmente uma das garotas mais populares da escola. Aquela típica loira de filme adolescente, que esnoba todos que não se encaixam em seus padrões, mas que no final todo mundo puxa saco. Eu e minhas amigas não íamos nem um pouco com a cara dela, mas fazer o que se ela dava ótimas festas?! Privilégios de ser herdeira. Pois é, como se não bastasse ser linda, popular e bajulada, a garota ainda era filha do prefeito da cidade. Acho que uma coisa está diretamente relacionada à outra, na verdade.

– Hoje à noite? – Malu se empolgou. Se tem uma coisa sobre ela que se opõe completamente a mim, é isto: Malu *ama* sair para dançar e encher a cara. Eu, prefiro ficar em casa, apesar de ela sempre acabar me arrastando.

– Sim, e pelo visto, vai ser melhor que a última. – Na última festa rolou tanta coisa que, no dia seguinte, metade das pessoas não vieram para a aula, devido à alta ressaca e excesso de vergonha.

– Ah, mas eu tenho minhas dúvidas! – Ester soltou, rindo.

– É ela quem dá as melhores festas daqui? – Thaila se meteu.

– Sim! – respondemos em coro.

– Nem Luiza deixa de ir nas festas dela, e olha que Luiza perde qualquer coisa pra ficar de casal. – Raissa fez gracinha, e elas fizeram careta uma para a outra.

– Então todas nós vamos? – Perguntei, já sabendo a resposta.
– Óbvio! E vou dormir na sua casa. – Malu sempre falava pros pais que ia passar a noite comigo, assim eles ficavam mais tranquilos. E sempre funcionou. Nunca desconfiaram de nada.

– Também quero. Pode? Vamos fazer festa do pijama! – Raissa sempre se anima quando o assunto é esse. – A gente pode fazer pão de queijo e brigadeiro pra quando voltarmos da festa, vai ser ótimo!

Começamos a rir de sua empolgação.

– Você vai querer ir com a gente... – Parecia que Ester tinha feito uma pausa dramática. – *Amorzinho?*

Absolutamente todas as meninas se entreolharam, inclusive a própria Thaila estava com os olhos arregalados.

– O bolo tava muito bom, mas vou no banheiro agora, meninas! Até mais. – Tentou desconversar, saindo com um pouco de pressa do refeitório. Que perfume bom.

– Então, quando vai ser o casório? – Luiza brincou com Ester.
– Até de amorzinho já tá chamando.

– Não sei se ela tá tão na minha quanto eu pensava. – Ester fez careta.

– Acho que você só tem que ir com calma, amiga. – Malu tentou acalmá-la. – Ela tá chegando na cidade agora, não vai querer começar algo sério com alguém de uma hora pra outra. No máximo, uns beijinhos...

Senti meu rosto corar e enfiei outro pedaço de bolo na boca, para caso alguém pedisse minha opinião. Porque eu não tenho. Nenhuma mesmo. Nadica de nada.

– Hoje eu vou conseguir, vocês vão ver. Vou ficar linda. Ela vai me beijar, certeza. – Ester levantou, inspirada. – Vou pra aula, gente. Até mais.

Aos poucos, as meninas foram indo cada uma para sua sala de aula, restando só eu e Malu na mesa.

– Vou pra sua casa com a Rai antes de você chegar do trabalho, pra organizar tudo. Você chega e corre pra se arrumar, beleza? A festa deve começar pelas 21h, mas a gente pode chegar às 22h, né? – Ela pausou, se apoiou na mesa e olhou no fundo dos meus olhos, com cara de desconfiada. – Eu sei que

tem alguma coisa errada, Laís. Você tá *muito* estranha. Não pensa que eu não vou descobrir, sua sonsa. Disfarça melhor. Daqui a pouco eu não vou ser a única a perceber!

Eu ainda estava comendo bolo, então não consegui me defender. Quando finalmente estava de boca vazia, ela já tinha ido embora. Respirei fundo. Às vezes eu odiava ter uma melhor amiga.

5

primeiras impressões

Quando cheguei em casa depois de um dia cansativo atendendo clientes mal-educados, me deparei com Nina esperando na porta. O que não era algo comum, porque ela gosta muito de ficar no quarto. Até que ouvi risadas e lembrei que Malu e Raissa estavam lá, provavelmente fazendo bagunça e atrapalhando minha filha de dormir.

– É, eu sei, filha... – Abaixei para fazer carinho na cabeça dela, que estava miando para mim. – Também não sei por que dei uma cópia da chave pra sua tia Maluca.

– Laís Monteiro, vem aqui *agora*! – Malu me gritou do quarto.

Subi as escadas, já me preparando para encontrar a bagunça que elas provavelmente teriam feito. Sempre que elas se arrumavam para sair, gastavam *no mínimo* duas horas e sempre parecia que tinha passado um furacão pelo quarto. Quando cheguei, Raissa estava fazendo prancha no cabelo de Malu. Felizmente, já estava no final. O cabelo dela batia quase na bunda e fazia umas ondas super bem definidas, o que eu achava lindo, mas sempre a irritava. Era tipo loiro escuro, puxado para o mel. Não importava o que ela fizesse, ficava bonita.

– Você está mais do que atrasada! Já são nove e dez da noite. Como você pretende se arrumar em cinquenta minutos? – Ela olhava para mim, com os braços cruzados.

– Relaxa, cara. Vou só tomar um banho, botar uma roupa e... *tcharam!*

– Nos seus sonhos! – Raissa riu. – Sua roupa já tá separada. Você tem duas opções. Hoje é dia de parar o trânsito.

– Raissa! – Olhei incrédula para ela. – Tá parecendo uma mãe falando. Que parar o trânsito o quê?! – Logo fui atingida por uma almofada, lançada por Malu.

– Banho. Agora.

Eu estava tentando não criar expectativas para essa noite, mas era praticamente impossível. Já conseguia imaginar um leque de coisas que poderiam vir a acontecer. Me perguntei se Júlia estaria lá e se eu deveria cumprimentá-la. Ela me bloqueou, será que isso significa que me odeia? Bom, acho que de um jeito ou de outro, vou acabar descobrindo. E se Thaila estiver lá... Será que vou conseguir continuar a ignorando? Porque eu pretendo. Afinal, Ester vai ficar com ela essa noite, então as coisas vão finalmente começar a dar certo e elas vão se apaixonar e eu não vou mais precisar me preocupar. Isso.

Me olhei no espelho e... Caramba! Eu estava bonita mesmo. Para a minha sorte, podia contar com o bom gosto de Malu. Meu cabelo estava quase secando, solto. Não que eu o achasse bonito, mas também não era de todo mal. É um castanho meio indefinido, até um pouco depois dos ombros, e ondulado. Não ondas definidas que nem as de Malu, só ondas. O que me incomodava um pouco, mas fazer o quê?! Genética, né?! Eu estava com um vestido preto de manga comprida, com um decote em U e colado no corpo. As meninas insistiram para que eu usasse salto alto, mas me recuso a subir nessas coisas, então acabei optando pelo clássico *All Star*. Raissa fez um delineado no meu olho e eu, particularmente, amei. Por fim, passei só um brilho labial, para não ficar com a cara pálida.

As meninas também estavam lindas. Malu usava uma calça jeans, daquelas larguinhas, com a barra dobrada e uma blusinha preta, de alça, que mostrava a barriga. Estava com uma maquiagem linda e o cabelo solto. Raissa usava uma saia jeans, blusa de banda e uma jaqueta por cima. O cabelo dela estava preso em marias-chiquinhas, com os cachos bem definidos e sem maquiagem. Muito linda, como sempre. Céus, ela tinha mesmo que ser hétero e minha amiga?

Quando chegamos na festa, as meninas já estavam lá. Ester parecia um pouco apreensiva, olhando para um lado e para o

outro, como se estivesse procurando alguém. E eu já sabia quem.

Ficamos conversando por um tempo, observando a movimentação. A festa era no quintal de Alice, que era umas dez vezes o tamanho da minha casa. Já estava cheio e não parava de chegar gente. Tinha gente dançando na parte que ela reservava para ser a pista de dança, gente brincando no parquinho, grupinhos de amigos espalhados por todos os lados, pessoas sentadas nas mesas de piquenique jogando cartas, vários rostos conhecidos, pessoas que eu nunca tinha visto na vida... Porém, meu olhar parou em um rosto específico.

Thaila estava em uma roda com uns meninos do nosso ano, provavelmente tinha feito amizade com eles agora. Usava uma blusa branca de botões com uma jaqueta jeans por cima, calça preta e tênis. O cabelo dela era ainda mais lindo de noite. O sorriso também. Por um segundo, tive a impressão de que ela estava olhando em nossa direção, até que ela disse algo para os meninos e começou a andar até nós, com um copo vermelho na mão. Até o jeito de andar da garota era diferente. Parei de encarar, para não passar mais vergonha.

– Vou pegar alguma coisa pra beber, vocês querem? – Perguntei para as meninas, tentando sair antes que Thaila chegasse. – Não? Ninguém?

– Quero uma cerveja. – Raissa pediu.

– Quero alguma coisa com vodca. – Ester falou, sem tirar os olhos de Thaila, que estava se aproximando.

– Batida de morango! – Malu foi a última.

Perguntei só por educação, lógico que eu não ia pegar nada. Só tenho duas mãos, poxa.

Estava tentando achar uma /ce no freezer, já que não estava no clima de beber nada pesado, quando fui surpreendida por Júlia.

– Laís. – Ela cutucou meu ombro.

– Ah, oi! – Sorri. – Não sabia se deveria falar com voc... – E senti uma coisa gelada na minha cara. Merda. – Isso foi mesmo necessário? – Passei a mão no rosto, para tirar o excesso de bebida e conseguir abrir o olho. Ela já estava longe.

Eu realmente devo ter sido uma pessoa horrível na vida passada – ou estou fazendo tudo errado nessa – para merecer esse tipo de situação. Várias pessoas me encaravam. Bom, pelo menos meu vestido era preto, não branco. Imagina só o estrago que seria.

– Amiga! Tomou banho? Que que houve? – Malu se assustou quando voltei para a rodinha.

– Júlia. – Bufeí, prendendo o cabelo em um coque. – A maquiagem tá borrada?

– Ela tropeçou e derrubou isso em você? – Raissa estava se segurando para não rir. – Porque seria uma tremenda brincadeira do universo.

– Antes fosse... – Falei, enquanto Malu já estava secando meu rosto com um guardanapo que não faço ideia de onde saiu. – Ela simplesmente jogou na minha cara.

– Você deve ter feito alguma coisa muito ruim pra ela, né? – Thaila enfiou o nariz onde não era chamada, com Ester pendurada no ombro dela e com baba escorrendo. Revirei os olhos.

– A garota ia pedir ela em namoro e ela deu um bolo. – Luiza respondeu à pergunta dela, que riu.

– Ah! Oi, amiga, não sabia que você tinha chegado. – Sorri para ela. – Vem! – Puxei Malu em direção ao banheiro.

– Você fica parecendo uma criança pirracenta... – Ela me parou no meio do caminho para cheirar meu vestido. – Toda vez que essa garota tá perto. *Vinho!* Isso é vinho.

– Não sei de onde você tirou isso, eu fico normal.

– Não, você fica insuportável. – Ela continuava olhando em direção ao meu peito, com uma cara estranha. – Vira pra luz, por favor.

– Você que fica insuportável!

– Viu? Crianças respondem desse jeito. Gente grande não. – Ela olhou mais um pouco. – Ainda bem que eu escolhi preto! Quase não dá pra ver. Imagina se fosse branco, o estrago que seria.

Gargalhei depois que ela falou a mesma coisa que eu tinha pensado.

– É, eu sei!

– Ok, agora vamos pegar minha bebida, já que você é uma péssima amiga e só pegou esse treco pra beber! – Dramática.

– Jogaram vinho na minha cara! Não é minha culpa! – Ok, talvez eu também seja dramática.

Depois de muitas *Ices*, algumas caipirinhas e meias cervejas divididas com Raissa, eu já estava no meio da multidão dançando com as meninas. Eu demorava para me soltar em festa e tomar coragem para dançar, mas quando tomava, insistia até o pé doer. Em algum momento, Malu começou a ficar com um menino, Raissa estava de casal com o tal Gabriel, Luiza e Ana estavam dançando juntas, e Ester... Só Deus sabe. Decidi me afastar um pouco e ir para o parquinho, que a essa altura do campeonato, só tinha uma menina na ponta do escorregador vomitando e um casal brincando na gangorra, então sentei no balanço.

Eu já estava naquele estágio de bêbada em que você sente como se estivesse flutuando e acha graça de tudo, então fiquei me balançando de leve com a cabeça encostada na corrente. Comecei a ficar com uma leve vontade de ter alguém para dançar música lenta comigo. Bem leve. Eu não sou uma pessoa muito carente, sabe? Efeito da bebida, aposto.

Meus pés iam pra frente e pra trás, levando o balanço a fazer o mesmo. Pouco a pouco, uma sensação de liberdade passeava pelo meu corpo. Cheguei a sentir um friozinho na barriga. Eu conseguia me sentir feliz só com aquele momento, sem pensar em mais nada. Quer dizer, eu pensava em alguém para dançar música lenta comigo, mas ninguém específico, óbvio. Eu jamais teria alguém em mente para esse tipo de coisa. Não... Até porque ela nem deve levar jeito para dança mesmo, não tem cara. *Quer dizer*, ninguém. Ninguém deve levar jeito para dança... Sabe como é, essa geração está cada vez com mais dificuldades quando se trata de expressão corporal!

De repente, senti algo nas minhas costas e o balanço parou.

– Você vai mesmo continuar me ignorando? – Alguém falou no meu ouvido. – Fala sério, você nem me cumprimenta.

Fechei os olhos para conseguir me concentrar e formar uma frase decente. Pelo menos, ela estava atrás de mim e não podia

ver meu rosto. Respirei fundo. Fala sério, chegar falando no ouvido é jogo sujo.

– Ué, deixou minha amiga sozinha? – Era para ser uma frase decente, Laís. *Decente*.

– Você só sabe conversar na defensiva? – Ela veio para minha frente, segurando o balanço pelas correntes, acima de mim.

– Você não tem ninguém melhor pra encher o saco? – Rebatí. Eu, na defensiva? Me erra.

– Ok. – Ela riu, olhando para os pés e balançando a cabeça. – Vamos começar de novo?

– E por que eu faria isso? – Cruzei os braços.

– Porque eu não fazia ideia de que iria te ver no dia seguinte, na mesma escola que eu. Se soubesse, não teria feito aquela gracinha. – Ela disse, passando a mão direita no braço esquerdo, como se tivesse com vergonha.

– Primeiras impressões são difíceis de esquecer...

– Ah! – ela gargalhou. – Então você acha que eu sou uma grande atirada que dá em cima da primeira menina bonita que me aparece?

– É, por aí... – Contive o riso. Estava mais para atirada que dá em cima da primeira menina que aparece. Naquele uniforme do cinema, se tem uma coisa que eu não fico, é bonita.

– Tá, pera aí. – Ela saiu andando para longe, deu a volta, e começou a andar na minha direção.

O que essa menina está fazendo?

– Thaila Fontana, muito prazer! – Estendeu a mão para mim.

– Sério? – Deixei no vácuo e comecei a rir. – Tirou essa ideia de qual filme clichê?

– Qual foi! Você não vai apertar minha mão?

Olhei para a mão dela, depois pro rosto. Ela estava fazendo carinho de cachorro pidão, não tinha como.

– Prazer, Laís Monteiro... – A mão dela realmente era muito hidratada. Não consegui conter o sorriso.

– *Amorzinho!* – Ouvi de longe. – Vem cá! Tô com saudade... Quero dançaaaaaar! – Ester chamou, com um copo na mão, parecendo bem alterada.

– É... Acho que essa é minha deixa, né? – Thaila suspirou fundo. – Vou lá então... – Sorri.

– Vai lá, então.

Pude ver o selinho que elas deram quando se encontraram. Aparentemente o beijo já tinha saído, meu plano estava indo exatamente como o planejado. Que bom, né?!

– Ainda bem que vocês se falaram, não aguentava mais você perguntando se a Laís tinha algo contra você... – Ouvi, bem baixinho, Ester falando no ouvido dela, que por sua vez, riu. Thaila colocou a mão em suas costas e a levou para a pista de dança, mas não sem antes olhar para trás.

6

pijama de patinhos

– Acorda! – Raissa estava pulando na cama e batendo com o travesseiro em meu rosto. Abri os olhos e a claridade quase me cegou. Eu odeio com todas as minhas forças ser acordada.

– Que horas são? – Perguntei, já com a cara no travesseiro e me ajeitando para voltar a dormir.

– Três da tarde. – Assim que Raissa respondeu, pulei da cama.

– Eu tô atrasada pro trabalho, não acredito! Merda, merda, merda. – Raissa começou a rir de mim.

– É mentira, Lalis! Calma! – Ela gargalhava. – Você tinha que ter visto sua cara! Muito bom!

– Raissa. – Cruzei os braços. – Eu não estou vendo graça. Onde tá a graça?

– Cruz credo, mal humorada! – Ela começou a me empurrar para fora do quarto. – A gente vai pra praia, se você quer saber! São 7h ainda, mas a gente vai. Decidimos enquanto você tava caída no sono, Bela Adormecida.

– Eu só dormi por duas horas? É isso mesmo? – Comecei a descer as escadas, ainda sendo empurrada.

– Tem café da manhã, amiga! – Malu gritou da cozinha.

Quando *finalmente* cheguei no último degrau da escada, me deparei com Ester no sofá, deitada no colo de Thaila. Isso mesmo. Ela estava na minha casa. E eu de pijama de patinhos e descabelada. Voltei a subir a escada correndo, por reflexo.

– Ei, ei, ei. – Raissa me segurou pela calça, me fazendo tropeçar. – Onde você pensa que vai, mocinha? Café da manhã. Praia.

– Dormiu todo mundo aqui? – Cocei meus olhos e olhei pro sofá de novo, só pra confirmar que aquilo não era alucinação.

– Nossa amiga, você tomou um porre mesmo...

– Eu? Tomei um porre? – Perguntei, de olhos arregalados. E só aí começou a fazer sentido o fato de eu não lembrar como fui parar em casa. – Raissa... – Chamei, sussurrando. – Você precisa me contar o que eu fiz.

– Pode deixar! – Ela começou a rir.

– Pijama bonito, Laís... – Thaila falou do sofá, fazendo Ester rir.

Senti meu rosto corar. Em que momento eu dei intimidade pra essa garota? Devo ter bebido demais mesmo.

– Raissa...? – Sussurrei. – Que interação foi essa?

– Vocês viraram super amigas, não lembra? Você tava até bem nessa parte. Vocês conversaram e tal... Depois disso você veio pra mim dizendo que queria encher muito a cara. A gente ajudou, óbvio. – Ela começou a contar, enquanto a gente ia para a cozinha. Aposto que minha mente só apagou esse acontecimento.

– Bom dia, amiga! – Malu virou para mim com um sorriso enorme, clássico do seu humor matinal. Ela estava em frente ao fogão, cozinhando algo. – Tem pão com ovo!

– Tô aqui contando pra ela o que aconteceu ontem, ela não lembra de nada. – Raissa riu.

– Nadinha? – Luiza entrou rindo na cozinha e sentou à mesa com a gente.

– Você ficou muito, muito, muito, *muito* bêbada. – Malu ria. – Nunca te vi daquele jeito antes.

– Eu lembro que Júlia gritou um monte contigo. – Luiza começou a rir. – Você foi falar com ela de novo, pedir desculpas e perguntar por que ela tinha jogado vinho em você. Aí ela deu um show! Disse que você não tinha o direito de quebrar o coração dela, que você ainda vai pagar por isso, que o lance do vinho não tinha sido nada e tal. Aí você disse que ela tinha criado expectativas demais e que, se ela te conhecesse de verdade, jamais teria esperado algo assim.

– Essa parte foi tensa, eu lembro... – Raissa observou. Bati a cabeça na mesa pra ver se, sei lá, eu acordava de um pesadelo novo. Não. Estava acordadinha mesmo. Não acredito que tive essa cara de pau.

– Ela te deu um tapa. Na cara. – Luiza continuou. – A gente deixou, né? Foi o acesso de raiva dela... Depois disso, saiu andando e te deixou com cara de idiota, aí a gente te levou pra outra parte e você já estava novinha em folha, querendo dançar. – Ela riu.

– Eu adoro a Laís bêbada, é a minha versão favorita! – Raissa também ria.

– A gente dançou muito, tocou funk demais. Você flertou com uma garota que nunca vi na vida, mas não chegaram a ficar não. Você falou uma coisa estranha na hora que ela ia te beijar e ela desistiu, ficou só dançando mesmo. – Malu colocou a mão na boca para não rir de mim. – Se eu não me engano, foi algo como: “Eu queria beijar outra boca, mas não posso. Nunca. Jamais. E aí só de raiva não vou beijar ninguém também, tá? Nunca mais.” – Ela olhava pra cima tentando lembrar.

– O grande mistério é: De quem você estava falando? – Raissa me olhava, esperançosa. Eu soltei um barulho, resmungando, e botei a mão na cara.

– Ninguém. Era papo de bêbada. Vocês nem deviam dar atenção.

Elas foram contando várias outras coisas enquanto a gente tomava café da manhã. Aparentemente, em algum momento, eu e Raissa resolvemos descer rolando o morrinho de grama que tinha perto do parquinho. A gente também fez desafio de quem bebia mais tequila. Óbvio que desistimos antes do terceiro *shot*. Malu ficou com uma menina linda da escola, Carla Moreira, que se dizia hétero até ontem. Nós também cantamos várias músicas no karaokê que tinha montado lá, aparentemente demos um show. Essa parte eu queria lembrar.

Depois de me atualizar de quase tudo, as meninas decidiram subir para se arrumar, Thaila e Ester foram também. Ester tinha tomado café antes de eu acordar e Thaila não quis comer. Ela

deve ser daquelas pessoas que enjoam no café da manhã... Não que eu me importe.

– Tem mais uma coisa. – Malu sentou na minha frente, com uma xícara de café na mão.

– Mais vergonha? – Suspirei.

– Em algum momento começou a tocar música lenta. – Malu começou, com um sorrisinho cínico no rosto. – Você tava dançando comigo e disse que precisava matar sua vontade...

– Hum? – Meu rosto já estava queimando.

– Aí você se meteu no meio de Ester e Thaila. Disse que ia falar uma coisa muito séria com ela.

– Ela quem? – Perguntei assustada, com medo da verdade. Malu riu.

– Você sabe quem. – Ela deu um gole no café. – Ester saiu numa boa, e vocês começaram a dançar a música juntas. E eu saquei tudo. – Ela continuou com o sorriso cínico. – Nesse meio tempo vocês conversaram à beça.

– Não tem nada pra sacar, Maria Luiza. – Fiz careta pra ela.

– Laís, Laís... Você pensa que me engana, mas você só tá se enganando. – Engoli em seco.

– Você sabe sobre o que a gente conversou?

– Eu sou observadora, mas nem tanto... Isso aí você vai ter que perguntar a ela.



O sol quente batia na minha pele. Já tinha tempos que eu não sabia o que era isso. A junção de tudo o que acontecia ao redor me trazia paz: O sol queimando a pele salgada, o barulho do mar, o canto das gaivotas, a areia quente, a música em alguma caixinha de som de um grupo qualquer de adolescentes, o marketing genial do moço do mate, o cheiro de milho na manteiga. Tudo.

As meninas riam, conversando sobre algo que eu já não prestava atenção. Estava focada em descansar um pouco, deitada na canga, antes de dar o horário de ir embora para trabalhar.

A praia ficava a uns trinta minutos do cinema, de ônibus. Para minha sorte lá tinha um vestiário para os funcionários se arrumarem, então daria para tomar um banho antes do início do expediente. Felizmente, ainda eram nove e meia da manhã e a hora estava passando devagar, então eu teria bastante tempo antes de ter que ir embora.

– Já passou protetor, Laís? – Ouvi Thaila perguntar. Eu estava tentando ignorá-la desde que acordamos, já que não lembrava nada do que tinha acontecido na noite passada e ainda estava bem constrangida quanto a isso. Por isso, continuei de olhos fechados, em silêncio. – E voltamos à estaca zero.

– Não sei do que você tá falando...

– Você tá tentando me ignorar de novo. – Ela resmungou. – Achei que já tivesse tudo bem, pô. – Decidi abrir os olhos. Nós estávamos sozinhas. Não tinha reparado no momento em que as meninas pararam de falar e saíram de perto. Olhei para o mar e as vi jogando água uma na outra, enquanto Ester surfava mais para longe. Ela é uma pessoa extremamente ativa, consegue ser boa em vários esportes.

– Eu não lembro do que aconteceu ontem. – Sentei na canga. – E se eu não lembro, não fiz. Logo, vou continuar te ignorando. Nada mudou.

– Ah, então você não lembra do que me falou? – Pude ouvir ela rir pelo nariz. Na hora arregalei os olhos e, por sorte, ela não conseguia ver, já que estava sentada atrás de mim. Continuei encarando o mar, morrendo de curiosidade para descobrir se ela me olhava ou não.

– Não, não lembro. Se você puder me falar...

– Ah, foi mal. Achei que você tivesse me ignorando!

– Você não cansa de ser chata? – Perguntei, finalmente olhando para trás. Céus, ela conseguia continuar linda mesmo com o cabelo molhado de água do mar e fazendo careta para conseguir abrir os olhos por causa do sol. Não que isso mude alguma coisa, ela continua sendo chata. E beijando minha amiga. Ela só é bonita como qualquer outra pessoa bonita. Nada demais.

– Você não cansa de tentar me evitar? – Ela olhou nos meus olhos. – Fala sério, a gente pode ser amiga, cara. Não sei de onde saiu tanta implicância. Eu já me retratei pelo lance do cinema...

– Eu não lembro, já disse. Vai ter que pedir desculpas de novo. – Ok, eu tinha alguns flashes dessa cena na cabeça, mas com certeza só cedi por conta do álcool.

– Eu não sou de dar em cima de toda menina bonita que me aparece, sabe? É só que não dava pra perder a oportunidade... Tecnicamente, foi você quem deu em cima primeiro!

– Eu não sabia que era você! – Respondi na defensiva. Não dava para acreditar no atrevimento dela de jogar a culpa para cima de mim. Salafrária!

– Até porque se soubesse, ia dar em cima assim mesmo... Fala sério, muito bonita, né? – Ela mexeu no cabelo, rindo.

– Vai à merda, cara. – Eu ri também.

– Viu só? Você gosta de mim. – Ela deu um soquinho no meu ombro. – Não precisa ficar constrangida por causa daquilo, já passou. – Suspirei. Ela tinha razão. – Só precisa ficar constrangida pelo que você falou no meu ouvido quando a gente tava dançando. – E saiu correndo para a água, rindo.

Filha da mãe.

7

faz um pedido

O final de semana passou bem rápido. Eu ainda não tinha descoberto sobre a tal conversa que rolou no dia da festa. Thaila, além de chata, é irredutível. Aparentemente, ela resolveu guardar segredo e usar as informações, que só ela tinha, contra mim. Minha teoria é de que, no fim das contas, eu não disse nada demais e ela estava só zoando com a minha cara. Até porque não tinha nada pra ser dito. *Nada*. Só o fato de ter dançado com ela já era vergonha o suficiente.

No sábado, o cinema lotou. As meninas me chamaram para sair à noite, mas estava muito cansada. Preferi ficar em casa com Nina. No domingo, fui visitar meus avós pela manhã. Vovó estava toda animada me falando sobre o aniversário de 80 anos dela que estava se aproximando. Disse que queria fazer um jantar e chamar a família, só que isso incluía meu pai e a esposa nova. Vovô era quem não estava nada feliz com a ideia. Ele não gosta muito de comemorações.

Na segunda, fui pra escola com uma sensação gostosa, não sei por quê. Algo me dizia que seria um dia agradável. Acordei bem disposta, conversei com Miguel durante o trajeto inteiro. O caminho estava bonito, a temperatura estava agradável. Apesar de ser inverno, as árvores pareciam mais bonitas. Tudo parecia conspirar ao meu favor. Aparentemente, eu estava errada.

Minha sensação gostosa foi por água abaixo quando cheguei na escola sendo encarada por todo mundo. Comecei a entrar em desespero. Era como se absolutamente todos que estavam parados no corredor, me olhassem. Alguns com cara de pena, alguns querendo segurar o riso por respeito, alguns riam na cara

dura mesmo, outros cochichavam com amigos. Me senti impotente. Como se eu fosse um cachorrinho perdido sem saber o caminho de casa. Fiquei com medo do que tinha acontecido. Assim que vi Malu encostada na porta de sua sala, corri em sua direção e a puxei para um canto.

– Maria Luiza, o que tá rolando?

– Amiga... – Ela começou a mexer no celular. – Aparentemente, postaram isso aqui no Twitter ontem. – E virou pra mim.

Eu não acreditava no que estava vendo. Passando na tela enorme do celular de Malu, bem na frente dos meus olhos, estava um vídeo do momento em que Júlia jogou o copo de vinho na minha cara. Logo após, a cena dela gritando comigo, que as meninas tinham falado sobre e eu não lembrava. Bom, agora eu lembrava. O tapa na cara. Depois disso, uma mensagem: *Atenção! Meninas, tomem muito cuidado com Laís Monteiro. Ela mente, manipula e quebra seu coração. Mantenham distância!*

Todo o vídeo era tão ridículo, que me daria vontade de rir, caso minha reputação não dependesse disso. Eu não conseguia acreditar. Levei minha mão até a boca.

– Foi a Júlia que postou isso? – Malu acenou com a cabeça em forma de confirmação, olhando para mim, preocupada.

– Você vai surtar? – Foi a primeira coisa que ela perguntou.

– Acho que já passei por coisa pior... – Respirei fundo, saindo de lá e indo em direção à turma de Geometria, aula que Júlia teria hoje no segundo tempo.

Mano, o que se passa na cabeça de uma pessoa para fazer isso? Ela deve estar assistindo séries demais. E cara, eu só disse que não a amava para namorar, sabe? Algo que ela já deveria saber, considerando que eu nunca disse que a amava *ou* que queria namorar. Eu sempre deixei claro que a gente só ficava, já para evitar que esse tipo de coisa acontecesse. Mas é óbvio que não dava pra sair tudo como eu planejava. O universo gosta de rir da minha cara, por isso que ele me dá essas missões que eu *realmente* não gostaria de ter que lidar.

– Ok, por que você fez isso? – Cheguei perguntando. Ela estava em uma rodinha de meninas, rindo, provavelmente

falando sobre o ocorrido. Assim que cheguei, todo mundo saiu de perto. Pudemos ficar cara a cara.

– Porque você mereceu. – Ela revirou os olhos.

– Não, Júlia. Isso não é suficiente. Você não me deu oportunidade de falar nada, de pensar nada, de fazer nada. Eu *nunca* disse que a gente ia namorar. Você concluiu isso. Sozinha. E agora tá jogando toda a sua decepção em cima de mim. O que eu fiz? Onde eu errei? Você consegue me mostrar isso? Você sequer *pensou* antes de me ridicularizar desse jeito?

– Você não me ama, Laís. Você não me amou, isso já é suficiente.

– Você preferia que eu mentisse? Que eu fingisse pra você que te amava só pra satisfazer sua vontade de ter alguém?

– Sim. – Ela me encarava com raiva. Meu deus, onde eu fui amarrar meu burrinho?

– De verdade, Júlia. – Respirei fundo – Procura uma terapia. – Falei com todo o carinho que tinha me sobrado. Saí andando, mas parei no meio do caminho. – E vê se apaga isso.... Quem tá saindo como errada na situação não sou eu. E eu posso até ter pena de retribuir, mas o carma não tem.

Só fui notar que tinha se formado uma rodinha em nossa volta quando precisei passar por ela. Várias pessoas observando a “discussão”. Minha maior preocupação, na verdade, foi não ter percebido nada disso antes. Na minha cabeça, nós sempre fomos amigas coloridas e nada mais que isso. Todo mundo sempre fala que essa coisa de amizade colorida não dá certo, eu deveria ter escutado. Eu errei, de fato, em não deixar ainda mais claro que nada aconteceria entre a gente. Se tem uma coisa que eu não penso, é em namoro. Essa ideia de se apaixonar e encontrar alguém que mexa comigo dos pés à cabeça é algo muito distante da realidade. Ninguém nunca chegou perto disso. Eu já tive sim, alguns casinhos, mas namorar é um passo muito grande. É uma decisão muito grande. Afinal, não tem graça ficar com alguém sem sentir todas aquelas coisas que falam nos filmes: Arrepios em lugares estranhos, borboletas no estômago e tudo mais.

E ninguém nunca chegou perto disso.

Eu estava atrasada até pro meu atraso de sempre. A aula de história começava às sete e cinquenta, e já passavam de oito horas. Me apressei para chegar na sala de aula, mas ainda estava meio avoada, pensando em tudo que tinha acontecido. Cheguei a ficar com lágrimas nos olhos. Eu não sou muito de chorar, mas sentia que tudo estava saindo do meu controle, pouco a pouco. E essa era uma das sensações que eu mais detestava: Perder o controle da minha própria vida.

Meus pensamentos cessaram quando esbarrei em alguém no meio do corredor. Ou melhor – reconheci pelo cheiro – quando esbarrei nela. *Que cheiro bom.*

– Laís? Tá tudo bem? – Thaila encostou no meu ombro, olhando pra mim com um ar de preocupação. – Você tá chorando?

– Não. – Enxuguei o rosto. – Tá tudo bem, vai passar. É só aquela merda de vídeo. Estragou meu dia.

– Ah! – Ela prendeu o riso. – “Ela mente, manipula e quebra seu coração!” – Repetiu. – Fala sério, ninguém bota fé numa coisa dessas... Só de ela fazer algo assim já fica claro quem é quem nessa situação.

– É... – Suspirei – Acho que você tem razão.

– Mas cara, ainda bem que nosso flerte do cinema não foi pra frente... – Olhei séria pra cara dela, já esperando a besteira que iria sair de sua boca. – Imagina só, eu me apaixono e você quebra meu coração!

– Por que eu parei pra falar com você mesmo? – Fiz careta, saindo de perto.

– Ei, volta aqui! – Ela deu uma corridinha atrás de mim e meu corpo parou sozinho. Eu não mandei. – Cedo demais pra brincadeira, né?

- U-hum – Balancei a cabeça positivamente e as lágrimas que estavam presas, caíram. Do nada. Péssimo momento, sério. Não dava pra aguentar mais um pouco?

– Ei, meu Deus! – Ela me abraçou, segurando minha cabeça com uma mão e passando a outra nas minhas costas. Meu rosto encostava no pescoço dela, da pior forma possível. Eu não conseguia parar de chorar e provavelmente estava molhando o

ombro inteiro da garota. – Desculpa... Não chora! Isso vai passar, você vai ver. Daqui a pouco ninguém vai lembrar disso mais.

Eu não sabia ao certo se a única razão de eu estar chorando era aquele vídeo. Só sentia meu peito bagunçado. Uma mistura de sentimentos que eu não conhecia. O cheiro dela – que eu ainda não tinha identificado – estava cada vez mais forte. Cada vez melhor. Senti algo estranho na barriga. Acho que devo estar passando mal, só pode ser.

Não sabia nem se ainda daria tempo de entrar na sala de aula, mas estava tão confortável que não tinha certeza se queria entrar. Finalmente decidi me soltar do abraço.

– Acho que tô passando meio mal... – Falei, enquanto enxugava meu rosto. Ótimo comentário, Laís. Parabéns.

– Você quer que eu te leve pra enfermaria? – Ela voltou com o ar de preocupação de antes.

– Não, não precisa... – Sorri. – É só uma dor na barriga. – Ótimo. Minha habilidade de estragar o que já estava ruim era incrível. Felizmente, ela só sorriu. *Que sorriso* .

– Tudo bem... – De repente, ela estreitou os olhos para mim. Colocou a mão no meu pescoço e chegou mais perto. Minha respiração acelerou. Meu corpo respondeu estranho. Sério, a mão dela é *muito hidratada* . Ela levou a outra mão até meu rosto e depois olhou para o dedão, sorrindo com uma cara de sapeca. – Tinha um cílio! Toma, faz um pedido. – E virou a mão para mim, com o dedão para cima.

Voltei a respirar, deixando toda a expectativa ir embora. Bom, não sei que expectativa. Não é como se eu estivesse esperando algo além disso. Não estava. É sério.

– Vai, Laís! – Ela riu. – Faz um pedido! – Coloquei meu dedão no dela e fechei os olhos. Não sabia nem o que pedir. Só queria que as coisas voltassem ao normal e que eu parasse de sentir essas coisas estranhas na barriga. Devo estar ficando doente mesmo. Queria também que a pele dela fosse menos hidratada e macia. E que o cheiro dela fosse um pouquinho pior. Queria não gostar dela exatamente da forma que eu fingia não gostar. Queria saber as coisas que eu tinha dito em seu ouvido, ou pelo menos, lembrar de ter dançado com ela. Queria que ela fosse menos

boba também. E que fosse só uma pessoa normal, que nem todas as outras.

É, era isso que eu queria.

8

chegar perto

Acabei não indo para a aula antes do intervalo. Fiquei no banheiro organizando coisas na minha agenda e quando já não tinha mais nada para fazer decidi passear pela escola. Com muito cuidado, é claro, para não ser pega por ninguém. Uma das vantagens de estudar em um colégio grande: É muito fácil de matar aula.

Quando o sinal tocou indicando o intervalo, eu já estava no refeitório esperando as meninas, que chegaram quase ao mesmo tempo. Malu e Raissa sentaram ao meu lado, enquanto Ester, e consequentemente Thaila, sentaram à minha frente, acompanhadas de Luiza, que como sempre, estava meio avoada procurando a namorada.

Ainda estava constrangida pela situação com Thaila. Por todas elas, para ser sincera, então evitei manter contato visual. Mais uma vez cá estava eu, me esforçando para ignorá-la. O que, particularmente, é uma tarefa difícil, já que ela é extremamente irritante. Mas o que eu podia fazer? Não ia conseguir agir naturalmente tão cedo. Odeio parecer vulnerável e ela me viu chorando. Muito. Quase ninguém tem esse privilégio. Sem contar com o fato de eu ainda não saber o que falei para ela no dia da festa, e isso também me deixar vulnerável. Ainda que eu ache que não tenha sido nada demais, afinal, eu realmente não tenho nada a dizer para ela. *Nada mesmo.*

– Amiga, tá todo mundo falando sobre o que você fez de manhã. – Ester comentou, animada.

– E isso é bom? – Franzi a testa. Não me parecia bom, já que eu detesto ser o centro das atenções.

– Considerando que ela tá saindo como errada porque você lidou super bem com isso, sim. – Luiza frisou.

– Ai amiga, você tem muita paciência... Eu não sei se aguentaria ficar cara a cara com ela e não soltar a mão. – Ester desabafou e todas rimos. – É sério gente, descontrolada! Tá doido, ela merecia pelo menos um tapa.

– Eu acho que você lidou do jeito certo. – Malu colocou a mão em cima da minha. – Tô orgulhosa!

– Eu adorei o: “Procura uma terapia” – Raissa citou, e as meninas riram. – Super preocupada, amiga.

– Mas é sério! – Eu ri. – Ela precisa mesmo! Eu disse isso de coração. Ela não é uma pessoa ruim, sabe? Eu sei que não. – Suspirei. – Apesar de ser escorpiana. – Fiz careta.

– Tinha que ser, né! – Raissa riu. – Ô, bicha vingativa!

– Mas você tá melhor, Laís? – Thaila perguntou, ainda preocupada. Era isso que eu não queria. Agora ela vai agir como se tivesse pena de mim.

– Tô bem, obrigada. – Não olhei sem sua direção.

– Nossa, como você é fofa, *m ô*. – Ester encostou a cabeça no ombro dela. – Toda preocupadinha! – E elas deram um selinho. Meu estômago embrulhou. Eu realmente ando muito enjoada esses dias.



Eu estava, mais uma vez, lutando contra a pipoqueira do cinema. Sério, era impossível usar aquilo sem sujar tudo. E é lógico que quem tinha que lidar com a limpeza depois, era eu. Entreguei um balde grande de pipoca para um cara que estava com o filho e voltei para a limpeza da máquina. Fui atender o próximo cliente, meio distraída, tentando ajeitar a caixa registradora, enquanto Marcos, que deveria estar me ajudando, estava sentado em um canto mexendo no celular.

– Boa tarde, em que posso ajudar? – Ainda estava ocupada olhando para a tela da caixa registradora.

– Uma pipoca e um refrigerante. – Só de ouvir a voz, senti um arrepio. Olhei para cima, e de fato era ela. – Média, dessa vez. –

Ela sorriu. Não preciso nem comentar, né? Já está ficando chato.
– Da última vez que eu vim aqui a atendente se atrapalhou toda.
Foi uma confusão!

– Você tá me seguindo, por acaso, Thaila? – Perguntei, de implicância mesmo, com um sorriso no canto da boca.

– Não posso mais assistir um filme? – Ela deu uma mordidinha rápida no lábio.

– Veio com sua namorada? – Cutuquei, saindo para encher o balde que ela pediu.

– Ninguém me avisou que eu tenho namorada não.

– Relaxa... – Entreguei o balde de pipoca para ela e nossas mãos se encostaram. Eu ainda vou descobrir o que essa garota passa pra ter a mão tão hidratada. – Já já ela te avisa. – Dei um sorriso. – Vinte e quatro reais e cinquenta centavos.

– Você tá doida pra isso acontecer, né? – Ela olhou dentro do meu olho. – Por que, exatamente? – E me entregou o dinheiro.

– Ah... – Meu estômago embrulhou mais uma vez. – Vocês formam um ótimo casal. – Entreguei o troco para ela. – Próximo!

– Não foi isso que você me disse na festa. – E mais uma vez, ela saiu andando, me deixando sem respostas. Sério, até quando essa garota vai usar isso contra mim?



A sessão que Thaila tinha ido era no último horário do turno da noite, isso quer dizer que ela sairia ao mesmo tempo que eu estaria indo para casa. Torci para que não nos encontrássemos. Não queria dor de cabeça, e tudo o que essa garota faz é me irritar. Assim que eu e Marcos fechamos a loja, fui para o vestiário tomar um banho e me trocar, na intenção de ir embora antes que a última sessão acabasse. Aparentemente, minha tentativa foi em vão. Quando estava indo em direção à saída do cinema, fui surpreendida por ela.

– Me perguntei se você ia querer companhia até em casa. – Ela desencostou da parede e começou a andar do meu lado.

– E você não imaginou que a resposta seria não? – Olhei para ela, que soltou uma risadinha irônica.

– Láís... – Ela parou de andar, e eu, inconscientemente, parei também. Estávamos prestes a sair do shopping. Seu semblante mudou, agora ela estava séria. – Você pretende fingir até quando?

– Fingir o quê? – Tive que fazer minha melhor cara de desentendida.

– Que não tem alguma coisa acontecendo aqui. – Ela apontou para mim e depois pra ela. – Que você não quer que nada aconteça. – Engoli em seco.

– Não tem nada pra acontecer. – Eu encarava o chão.

– Fala isso olhando no meu olho. – Ela se aproximou. – Você não sente nada?

– E-eu... – Gaguejei. – Não sei do que você tá falando. – Meu corpo inteiro tremia. Só tinha eu e ela.

– Você em momento algum... – Ela estava muito perto. – Senti vontade de me beijar? – Ela encarava cada detalhe do meu rosto, que a essa altura do campeonato estava fervendo de vergonha.

– Você beija minha amiga. – Lembrei. Era mais um lembrete para mim mesma do que para ela.

– Eu e Ester *ainda* não temos nada. E eu só tô me prendendo por um motivo... – Meu coração estava acelerado de uma forma que eu nem sabia explicar. Eu poderia ter um ataque cardíaco ali, no meio do shopping. *Só eu e ela.*

– Qual? – Eu não conseguia nem a encarar.

E o telefone dela tocou. Uma notificação. Salva pelo gongo. Voltei a respirar, mesmo sem saber que tinha parado. Ela verificou a tela e virou para mim. Era uma mensagem de Ester:

”Amorzinho, tô sozinha em casa. Quer passar a noite aqui?”

– Você me diz. – Ela bloqueou o celular.

– O que você quer que eu faça?

– Se você disser olhando no meu olho que nada vai acontecer entre a gente... – Voltou a se aproximar. – Que você não sente vontade, nem por um segundo... – E se aproximou mais. – Que isso não te deixa nervosa... – E encostou a mão na minha. *Inferno de mão hidratada.* – Aí, eu nunca mais insisto. Vou pra casa dela hoje e dou a chance que ela tanto quer. – Ela levou a

mão até meu rosto e encostou a testa na minha. Nossos lábios estavam a poucos centímetros de distância. Eu mal conseguia me mover. Meu corpo não respondia. Eu sentia meu coração bater em cada parte do corpo. Era como se ele fosse enorme, e eu, minúscula. – Agora, se você disser que eu não tô ficando maluca e que você tá sentindo a mesma coisa que eu, nesse exato momento... – Ela fechou os olhos e mordeu a boca de leve. *Eu poderia morrer agora mesmo.* – Bom, aí eu te beijo. Aqui e agora. E o resto a gente resolve depois.

– Eu não consigo fazer isso. – Foi a única coisa que saiu da minha boca covarde em meio ao barulho ensurdecedor que meu coração fazia. E eu saí. Saí correndo, porque não sabia como lidar com nada daquilo. Saí correndo porque, mesmo tentando esconder, ela sabia. Saí correndo, porque mentir para mim mesma era fácil demais. Saí correndo, porque era *impossível* mentir para aquele par de olhos cor de mel. Saí correndo, porque eu não era forte o suficiente para lidar com as borboletas no meu estômago. Pra lá e pra cá. Que não ficavam quietas por nada.

Eu estava sentindo algo. Alguém tinha chegado perto disso.
Mas eu era fraca demais para aceitar.

9

minha pessoa

Eu, Nina e uma playlist de música triste no último volume: Era assim que eu me encontrava após aquela cena lastimável. No chão do quarto, usando meu pijama de patinhos e com a cara inchada de tanto chorar. A ideia de que a gente não percebe o quanto quer uma coisa, até perdê-la, nunca foi tão real para mim. Não era como se eu quisesse namorar Thaila Fontana, casar com ela e ter três lindos filhos em uma casa no campo. E dessa vez eu falo sério. Não é só meu estado de negação gritando mais alto. Só que, enquanto ela estava com a mão no meu rosto e com a testa encostada na minha, eu *realmente* queria ser beijada por ela. Mas é claro que eu só ia conseguir aceitar isso depois de correr por vinte minutos, sozinha, chorando, à noite, na rua deserta. Eu sou mesmo *patética*.

Pensei em mais ou menos vinte sabores diferentes para fazer vinte bolos diferentes, já que esse sim, era um momento de crise dos grandes, mas nem forças para isso eu tinha. Parecia que todas as borboletas, que antes não sabiam ficar quietas, tinham ido embora. E deixado apenas um grande vazio no meu estômago. Uma sensação estranha. Um aperto no peito que não tinha como explicar. Eu já tinha chorado litros e litros e estava começando a me preocupar com a desidratação. Acho que agora é a hora de chamar reforços.

Procurei na agenda do celular. *Minha Pessoa* .

– Você anda muito tecnológica ultimamente, tá doente? – Malu atendeu o telefone e tudo o que eu fazia era chorar e soluçar. – Meu deus do céu. Amiga, o que houve?

– Preciso do serviço... De melhor... Amiga. – Eu disse, entre soluços e fungadas.

– Cinco minutos. – E desligou.

Em três, Malu estava entrando no meu quarto, com uma tigela cheia de docinhos de festa. Ela largou a tigela em um canto e deitou em cima do meu corpo estirado no chão, encostando a cabeça no meu ombro e colocando as mãos em cima das minhas. Eu não parava de chorar, mas naquele momento, acabei soltando uma risada. Lógico que aquela risada doeu, já que tinha uma Maria Luiza deitada na minha barriga.

– Vamos fazer bolo? – Rolou para o chão, ficando do meu lado, e perguntou.

– Por favor. – Em um instante ela já estava de pé com a mão esticada pra me ajudar a levantar. Maria Luiza com certeza tinha feito um curso para aprender como ser uma boa amiga.

Nina nos seguiu, provavelmente preocupada com a minha sobrevivência, e ficou sentada na bancada da cozinha, tomando banho enquanto nos observava.

– Então... – Malu começou, enquanto olhava a geladeira em busca dos ingredientes. Eu já sabia o que viria a seguir. – O que te deixou nesse estado? – Permaneci em silêncio. Não estava pronta para admitir que ela estava certa sobre eu me enganar. Aparentemente, meu silêncio fez com que ela juntasse todas as peças. Conforme ela foi fechando a geladeira, seus olhos foram se arregalando e sua boca foi se abrindo em um grande “O”. – Thaila!

– É... – Cocei a cabeça, assumindo a derrota.

– Eu sabia! Eu sabia que eu tava certa. Sabia. Você não me engana, dona Laís. Sabia, sabia, sabia, sabia. – Ela chegou a fazer uma dancinha.

– Você tá realmente animada com a minha desgraça?

– Não. – Ela se recompôs. – O que aconteceu? A gente já odeia ela?

– Não... – Grunhi. – A gente *me* odeia.

– Deixa eu adivinhar! – Ela olhou para o alto, pensando. – Ela sacou que você tava babando nela e aí você amarelou.

– É, quase isso.

– Mas só isso não te faria chorar... – Ela cerrou os olhos na minha direção, enquanto quebrava os ovos em uma tigela. Me senti intimidada, então decidi começar a bater os ingredientes para disfarçar. Sempre que ela me olhava assim, é porque estava tentando desvendar mais alguma coisa. – Você não chora mais por mulher.

Ficamos em silêncio e começamos a fazer o bolo. Ela estava tentando entender tudo por conta própria. Malu tem síndrome de detetive, ela prefere descobrir as coisas sozinha, então eu a deixo se divertir. Até porque não sei nem se consigo falar sobre isso tudo em voz alta. Para mim, quando a gente verbaliza as coisas que estão na nossa cabeça, elas se tornam mais reais.

Quando liguei a batedeira para deixar as claras do ovo em neve, olhei para Malu, que instantaneamente arregalou os olhos e começou a falar algo que eu não entendi, devido ao barulho da batedeira. Até que ela tirou da tomada.

– Você tá sentindo alguma coisa! – Ela começou a pular. – Faz todo sentido. Você tá sentindo alguma coisa por ela. Por isso toda a implicância. Por isso você sai de perto quando ela tá. Por isso você anda toda estranha. – Ela continuava com cara de espanto. – Você sente alguma coisa... Nossa! E aí você tá surtando como nunca porque você não sente nada assim por ninguém há muito tempo. – Ela começou a gargalhar. – A menina trocou dez palavras com você e te quebrou, Laís! Eu não acredito!

– Tecnicamente, foi um pouco mais de dez... – Coloquei a batedeira na tomada de novo. Malu gritou alguma coisa e desligou.

– Eu tô falando, inferno. Implicância. – Ela riu. – O que você quer dizer com isso, Laís? – Ela cruzou os bracinhos para parecer brava por eu ter escondido alguma coisa.

– A gente meio que... – Coloquei a batedeira na tomada e terminei a frase, me segurando para não rir da cara dela. – Se conheceu antes de ela aparecer na escola.

– Laís Monteiro, eu vou te bater! – Ela desligou a batedeira e sujou meu nariz com clara em neve. – Repete.

– Ela foi lá no cinema... – Limpei o nariz. – Um dia antes de aparecer na escola. E foi super constrangedor. Paguei um mico do cacete.

– Por isso você deu aquele piripaque no primeiro dia que viu a menina? – Ela começou a rir. – Agora tudo faz sentido!

– Ela meio que deu em cima de mim... E aí no dia seguinte ela estava com vocês. E Ester babando nela. Eu travei!

– Garota... – Ela colocou a mão na boca, espantada. – E Ester?

– Sei lá. Elas devem estar transando a essa altura do campeonato. – Dei de ombros, e meus olhos quase encheram de lágrimas novamente.

– De onde você tirou isso, doida?

– Então, foi isso que aconteceu... – Eu virei para ela.

– Elas transaram? – Malu estava confusa. – Mas o que que tem?

– Não... – Ri. – Quer dizer, agora já não sei. Enfim! Ela apareceu no cinema hoje, último horário. Quando eu fui embora ela tava me esperando. Aí ela falou algumas coisas sobre eu estar fingindo que não quero ficar com ela...

– E tá errada? – Fui interrompida.

– Posso continuar, por favor? – Ela fez que sim com a cabeça, rindo. – E lógico, como eu sou uma grande idiota, burra, imbecil, besta quadrada, disse que não sabia do que ela tava falando. – Malu me encarava indignada. – Aí eu lembrei que ela ficava com minha amiga e ela disse que não estava tendo nada com Ester por um motivo. – Engoli em seco.

– Você. – Ela olhava para mim, admirada.

– Não sabemos disso. – Afirmei. – Nisso, Ester mandou mensagem chamando ela pra dormir lá. – Respirei fundo. – Ela disse que a decisão era minha.

– Não acredito! – Ela já estava com a mão na boca de novo, espantada.

– Chegou perto de mim desse jeito, falando um monte de coisa... – Demonstrei para ela, na prática. – E eu saí correndo. Literalmente.

– Eu não acredito! – Malu me deu um tapa no braço. – Laís Monteiro, o que você tem na cabeça?

– Minha amiga tá apaixonada por ela! – Me defendi.

– Até parece que você não conhece Ester! Ela se apaixona por todo mundo, isso provavelmente é só fogo de novo, garota. Ela nem ia ligar!

– Ai, não sei não...

– Mas eu sei. – Colocamos o bolo no forno. – Ela nem deve ter ido, de qualquer forma. Você não disse nada, só saiu correndo, né? – Balancei a cabeça. – Eu acho que você deveria voltar atrás.



Fui acordada por Malu, que dormiu na minha casa. Por sorte, ela me acordou bem no comecinho do pesadelo diário. Já estava desgastada de sonhar com aquilo todo santo dia. Nos arrumamos juntas e separamos bolo e o resto dos docinhos de festa, que ela havia trazido ontem, para levar. Até agora eu não entendia o porquê de ter docinhos de festa prontos na casa dela, mas tudo bem, eles foram bem úteis. Fomos de carro com Tia Ellen e eu ensaiei durante todo o trajeto o quealaria para Thaila quando a encontrasse na escola.

Malu tinha razão, eu deveria voltar atrás. Não é possível que ela tenha ido para a casa de Ester após aquela reação. Quer dizer, foi uma reação bem tosca, mas acho que respondia à pergunta dela.

Me pareceu que tudo estava acontecendo em câmera lenta. Enquanto minha mente assimilava todas as coisas não ditas na noite passada e tomava coragem para colocá-las para fora assim que eu a visse, meu corpo era capaz de sentir tudo de novo: O arrepio dos pés à cabeça, a vontade involuntária de sorrir, o coração batendo a mil por hora e as borboletas. *As malditas borboletas*.

Mas quando Thaila entrou de mãos dadas com Ester, todas essas sensações foram por água abaixo. Minha reação desesperada não tinha respondido à pergunta dela. Ela não tinha

esperado mais um pouco para tomar a decisão final. Dessa vez, ela não tinha percebido o que eu tanto tentei esconder.

Meu plano, no fim das contas, tinha dado certo. Ester a conquistou. Em breve, ela vai esquecer tudo o que aconteceu e todos serão felizes para sempre. Todos. Menos eu.

E não havia ninguém para levar a culpa além de mim mesma.

10

santa clarice

Uma semana se passou de forma lenta e dolorosa, enquanto eu aguentava a felicidade do mais novo casal. Eu finalmente tinha desistido da coisa toda de agir na defensiva e ignorar Thaila, mas dessa vez era ela quem estava me ignorando. Bom, suponho que eu tenha merecido essa.

No mais, eu poderia dizer que tudo estava indo bem, se minha cabeça não estivesse completamente pirada. Aquele maldito sonho estava se repetindo cada vez mais. Agora, não só uma vez por noite. Eu sonhava a mesma coisa repetidamente enquanto dormia. Às vezes, quando tirava um cochilo também. Sentia que era um aviso. E parecia ter alguma ligação com minha mãe. Por isso, comecei a ficar extremamente preocupada com a situação dela. Já era terça-feira novamente, e eu mal podia esperar que os dias passassem para que eu pudesse ir ao hospital.

Comecei a ir para a escola no primeiro horário. Caí na real de que esse ano teria vestibular e eu precisava, pelo menos, tentar. Antes que a sensação de comodismo me pegasse por já ter uma casa para morar e conseguir pagar as contas com o emprego no cinema. Eu precisava de algo mais.

Malu continuava sendo a única das meninas que sabia da situação com Thaila, então, às vezes nós acabávamos passando o intervalo longe delas. Eu não queria ter que encarar aquilo todos os dias, ela já estava ficando incomodada com a situação. Mas hoje, eu decidi encarar.

– Tô com saudade, amiga. – Raissa deitou no meu ombro, quando sentamos na mesa do refeitório. – Você tá tão distante...

Tá tudo bem, né?

– Tá sim, vida. – Dei um beijo na testa dela. – Tudo bem...

Thaila sentou com a gente, acompanhada de Ana e Luiza, mas nada de Ester.

– Cadê sua namorada? – Luiza perguntou. Ela e Ana formam um casal extremamente fofo. Elas são bem parecidas, salvando alguns traços. Ambas têm o cabelo castanho, cacheado e volumoso, mas o de Luiza é raspado ao lado. Os olhos escuros, parecem ter sido feitos um para o outro. As peles negras têm quase o mesmo tom. Já ouvi dizer que quando o casal é parecido, é tipo coisa de alma gêmea. Eu não duvidava que elas fossem.

– Nós não somos namoradas. – Thaila riu. – *Ainda*. – Pude ver Malu revirar os olhos e segurei para não rir. – Mas ela foi treinar. Pelo que parece, vai ter um jogo de futebol importante daqui a uns dias, e como ela é a capitã do time, vai ter que ficar bem ausente essa semana.

– Que legal, sabe contra quem é o jogo? – Perguntei, mas Thaila não respondeu. Não sei por que eu continuava tentando. As meninas se entreolharam e Ana resolveu quebrar o silêncio.

– É aquela escola católica que joga aqui todo ano e a gente sempre perde. – Comentou, rindo.

– Vocês acham que esse ano tem chance? – Raissa perguntou.

– Acho que esse ano o time deu uma melhoria sim... – Luiza disse. – Ainda com Ester de capitã, deve ser um jogoço. – Pude ver Thaila sorrir.

– Licença meninas, preciso ir ao banheiro. – Ela se retirou.

Eu poderia ter aguentado facilmente, mas não sei o que me deu na cabeça. Dois minutos depois, lá estava eu, indo atrás dela, pronta para falar não sei o quê. Fiquei sentada esperando que ela saísse de alguma cabine. Depois de demorar bem mais do que o normal, ela abriu a portinha e eu levantei automaticamente. Vi que ela respirou fundo assim que percebeu minha presença. Céus, o que eu estava fazendo?

– Você vai mesmo continuar me ignorando? – Na mesma hora, o diálogo que tivemos na festa veio à tona, lembrei dela

aparecendo na frente do balanço e me fazendo essa mesma pergunta.

– Pra você ver como é bom. – Ela olhou nos meus olhos através do espelho, e é claro que eu travei. Até que ela se virou para mim. – Só isso?

– Eu já vi, não chega não? – Não dava para olhar nos olhos dela, então mirei o chão. Ela continuava com os olhos cravados em mim.

– Você correu, Laís. – Ela cruzou os braços. – O que você quer que eu faça?

– Acho que eu fiz a coisa certa... – Dei de ombros. – Você tá feliz agora, né? Com a Ester e tudo mais. Não valia a pena trocar isso por um beijo.

– É... Um beijo. – Ela também olhou para o chão.

– Quer dizer, eu sei que foi ridículo o jeito que eu te tratei. É só que... Eu não sabia como lidar. Eu surtei, sei lá. Desculpa... – Olhei rápido para ela, que já tinha voltado a me encarar. – A gente pode começar de novo? – Dei um sorrisinho.

– Primeiras impressões são difíceis de esquecer. – Ela riu. – E segundas também.

– Por favorzinho? – Fiz minha melhor cara de cachorro sem dono. Ela riu. – Ok, pera! – Fui em direção às cabines, entrei em uma, e saí.

– O que você tá fazendo, Laís? – Ela olhava curiosa, rindo.

– Ué, você que me ensinou. – Andei em direção a ela e estiquei a mão. – Prazer, Laís Monteiro.

– Prazer, Thaila Fontana. – Ela apertou minha mão e eu não conseguia conter o sorriso. *Inferno de mão hidratada.*



Já estava esperando o ônibus para o trabalho há uns dez minutos. Até que o dia estava bem agradável. Um daqueles dias em que não faz nem frio, nem calor. O sol está lá, mas não é quente. Só... *agradável.*

Eu estava feliz. Aliviada, eu diria. Finalmente tinha conseguido colocar *alguma coisa* para fora. E bom, agora nós poderíamos

ser amigas, o que acho bem melhor. Quer dizer, Thaila parece mesmo ser bem legal, não acho que valeria a pena desperdiçar a amizade dela por um beijo. Vontade dá e passa, certo? Agora sim, vai ficar tudo bem. Tenho certeza.

Um pouco antes do ônibus encostar, uma senhorinha de idade chegou ao ponto. Ela perguntou se eu poderia avisar quando o ônibus chegasse. Coincidentemente, era o mesmo ônibus que eu pegaria, então entramos juntas e ela se sentou ao meu lado. Fiquei observando a rua pela janela, até ser tirada de meus devaneios.

– A mocinha está apaixonada, não é? – Ela sorriu com os olhos, olhando para mim.

– Eu não diria isso! – Dei uma risada.

– O que você diria, então? – Boa pergunta, me pegou de surpresa. Depois de um tempo pensando, finalmente consegui responder.

– Conheci uma pessoa legal. – Sorri. – Não no sentido romântico, acho que é mais uma amizade mesmo...

– Por enquanto, querida. – O comentário dela me deixou um pouco paranoica, mas o que uma desconhecida teria a dizer sobre mim? Ela não sabia o que estava acontecendo, provavelmente era só um palpite. – Você não está muito bem, não é?

– Ah... – Suspirei. – Acho que tô sim...

– Tá preocupada, filha? – Ela colocou a mão na minha perna, com um toque maternal. – Não fica aflita não, ela deve acordar logo. – Ela sorriu e olhou para a frente. Na mesma hora senti um arrepio e meus olhos encheram de lágrimas.

– Do que a senhora está falando?

– Você sabe do quê. – Mais uma risadinha. – Você não é boba, é uma menina inteligente, não é?

– Acho que sim... – Ok, eu estava *bem* confusa.

– Tem certas coisas na vida que só o tempo conserta. A gente tem que esperar. Ninguém explica não. Nem a ciência. – Ela olhava nos meus olhos, gesticulando com a mão. – E você já está há bastante tempo esperando, não é? Deve tá com uma saudade danada. Mas ela vai acordar sim. Cê vai ver. – As

lágrimas caíram. Mesmo achando impossível algo daquilo ser real, não conseguia me conter. Como uma completa desconhecida sabia o que estava acontecendo comigo? Ou o que iria acontecer. – E quando ela acordar, você tem que tá bem, sabe? Com esse coraçãozinho leve. – Ela colocou a mão do lado esquerdo do meu peito. – Ô, coraçãozinho teimoso esse seu! Em todos os meus anos de vida, nunca vi tanta bagunça. Tá cheio de confusão, medo, mágoas... É bom perdoar, sabia? – Eu não conseguia nem responder mais, só sabia chorar. – Às vezes, as pessoas acabam nos magoando sem querer, sabe? E pode parecer que não, mas provavelmente dói nele também. – Ela se voltou para a frente, com um olhar satisfeito.

– Nele quem? – Franzi as sobrancelhas.

– Você sabe quem. – Ela sorriu. – Ele pode ter ido embora... – Mais um arrepio. Agora era sobre meu pai que ela estava falando. – Mas ele estava tentando fazer a coisa certa, sabe? Nem sempre nós, adultos, temos o controle das coisas. A maioria das pessoas está tão perdida quanto você. Ninguém faz um curso para aprender o que fazer na vida não. Todo mundo só quer encontrar a tal felicidade. – Ela passou a mão no meu rosto, enxugando uma lágrima. – Às vezes, ela está mais perto do que a gente imagina, e quem não enxerga somos nós. A gente acaba sacrificando umas coisas para conquistar outras. Isso é normal. Não tem para onde correr, nem adianta tentar ser perfeito. Só tem que saber escolher. – Ela suspirou. – Mas tem que perdoar, não pode esquecer de perdoar.

Eu não sabia o que falar, não sabia o que fazer. Não sabia se ela realmente estava falando sobre mim ou se tudo isso era uma grande coincidência e ela estava apenas alucinando. Quer dizer, muita gente nessa idade perde a lucidez, não é? De qualquer forma, as lágrimas não paravam de rolar. Eu senti uma vontade enorme de abraçar aquela mulher, mas ela se levantou.

– Meu ponto está chegando! – Deu um sorriso amarelo para mim. – Qual seu nome, filha?

– Laís. Laís Monteiro. – Sorri em sua direção.

– Eu sou Clarice, Laís. – A porta do ônibus se abriu. – Ela vai precisar de você boa desse coração. E não vai demorar. – Foi a

última coisa que ela disse antes de descer do ônibus.

Eu estava apavorada. Nada daquilo fazia sentido. Quer dizer, se eu fosse uma pessoa religiosa, até poderia fazer. Mas para mim, parecia tudo uma grande coincidência. Mais uma pegadinha do universo. Assustadora, mas ainda assim, uma pegadinha.

Até que meu celular tocou. Número desconhecido.

– Laís Monteiro? – A voz do outro lado da linha perguntou.

– A própria. – Respondi, enxugando as lágrimas, que só agora tinham cessado.

– Aqui é do Hospital Santa Clarice. – *Clarice*. Não podia ser. – A Paciente Angélica Monteiro se encontra consciente. A senhorita era o único contato de emergência que continuava presente. Precisaremos fazer uma bateria de exa... – Eu já não conseguia ouvir mais nada. O celular estava caído no chão. Meu coração, mais acelerado do que nunca. Minha mente mal assimilava o que tinha acabado de acontecer.

Minha mãe estava acordada.

11

amizade mixuruca

Parecia mentira. Era como se eu estivesse sonhando. Fiquei cerca de trinta minutos parada na porta do hospital, porque minha ficha não estava caindo. Não era normal que um paciente acordasse depois de três anos e meio em estado vegetativo. Na verdade, por lesão na cabeça, a recuperação já se torna improvável após doze meses. Mas lá estava ela, retomando a consciência. Alguns passos à minha frente. É *lógico* que Angélica Monteiro não desistiria fácil assim. Ela nunca desiste.

Essa era a hora, eu finalmente teria minha mãe de volta. Tomei coragem e entrei no hospital. Após passar pela recepção e me identificar, andei em direção ao quarto dela. Três anos e meio. Quarenta e dois meses. Mil duzentos e trinta e oito dias. Ela foi forte o suficiente para aguentar tudo isso, mas eu tinha medo de entrar no quarto e descobrir que era tudo mentira, ou sei lá, acordar de um sonho. Como sempre, eu tinha medo. Mas por ela valia a pena passar por cima disso.

Respirei fundo e entrei. Lá estava ela, com os olhos abertos. Aqueles olhos enormes que eu tanto tinha saudade. Me aproximei da maca e coloquei minhas mãos em cima da dela.

– Oi, mãezinha, quanto tempo. – Mal conseguia enxergar, por conta das lágrimas presas em meus olhos. Quando elas caíram, pude ver que os olhos dela estavam cheios das mesmas. Ela tentou apertar minha mão. – Sou eu, mamãe. Lembra de mim? – Seus olhos piscaram, para me responder. Naquele momento minha ficha caiu, e uma onda de felicidade tomou conta do meu corpo. – Você ainda não consegue falar, não é? – Piscou os olhos novamente. – Vai ficar tudo bem, ok? Eu tô aqui. Eu vou

cuidar de você. – Fiz carinho em seus cabelos ruivos, que já estavam ficando brancos. Encostei minha cabeça em seu braço e coloquei tudo para fora. Tudo que eu segurei durante todos esses anos. Nada daquilo parecia real. Ela lembrava. Ela conseguia se lembrar de mim.

Como o médico tinha dito, eles precisavam fazer uma bateria de exames para entender ao certo o estado em que ela se encontrava. Liguei para meu chefe avisando que passaria a tarde no hospital, e como eu tinha alguns créditos, ele não se importou. Lógico que a maioria das coisas ditas pelo médico não faziam o menor sentido na minha cabeça. Eles disseram que ela era um caso raro. Acordar do estado vegetativo depois de tantos anos, com a memória intacta, era praticamente impossível. Disseram que ela provavelmente seria capaz de recuperar a fala em alguns dias, mas precisaria fazer fisioterapia por um tempo até recuperar os movimentos. Demoraria até receber alta. Sua imunidade estava baixa e ela ainda precisaria fazer alguns tratamentos.

Liguei para Malu e pedi que ela trouxesse umas roupas, pois passaria a noite no hospital. Ela mal conseguiu se conter de alegria quando contei a novidade. Quando chegou, faltou fazer uma festa. Tinha trazido roupas para mim e uma mala com coisas para minha mãe usar durante a recuperação. Trouxe também um pote com *brownies*, para comemorar. Ficamos conversando e contando algumas coisas para mamãe, que sorria de leve sempre que falávamos alguma gracinha. Conseguimos atualizá-la de praticamente tudo que tinha acontecido nesse meio tempo. Quando ela soube que já tinham se passado três anos e meio, arregalou os olhos, em choque, mas não se desesperou. Ela nunca se desesperava.



Passei o resto da semana no hospital junto dela. Conversei com meu chefe e consegui tirar um recesso de quinze dias. Ela já estava começando a balbuciar algumas coisas e a mexer os braços e pernas devagar. Em breve, estaria conseguindo levantar. Acho que iria demorar um pouco até que ela pudesse

voltar para casa, mas valia a pena esperar. As meninas se revezavam para visitá-la. Elas levavam as matérias que eu estava perdendo na escola, alguns lanches e lembranças para minha mãe. Do nosso grupo, apenas Ester não a conhecia. Quando viramos amigas, mamãe já estava hospitalizada. Todas as meninas tinham um carinho enorme por ela.

No domingo, acordei um pouco mais cedo e decidi ir em casa tomar um banho e pegar algum lanche para comer à tarde. Sempre que eu ia lá, acabava passando uma horinha a mais para dar atenção à Nina. Malu estava fazendo isso, mas Nina é bem apegada a mim, então acabava sentindo falta. Verifiquei a caixa de correios e encontrei uma carta escrita à mão. Fiquei tão curiosa que não quis deixar para ler depois.

Cara Laís,

Acho que não sei começar a escrever uma carta, se não do jeito que ensinaram na escola. Queria saber de você, mas as meninas disseram que não costuma mexer nas redes sociais e pensei que talvez fosse constrangedor ligar, já que começamos a virar amigas agora. Eu não ia saber exatamente o que dizer. Bom, decidi escrever uma carta. Sei que é meio careta, mas foi a única solução que encontrei. E talvez eu até goste de ser careta.

Antes que pense que sou uma *stalker*, Malu me deu seu endereço e eu vim deixar a carta pessoalmente. Bom, a verdade é que não sei exatamente sobre o que falar. Malu me contou a história toda sobre sua mãe. Sinto muito por isso. Ainda não sabemos nada da vida uma da outra, né? Que amizade mixuruca a nossa!

Ok, encontrei o que dizer. Não tem graça mandar uma carta sem nenhuma informação, né? Acho que ficaria um pouco feio dizer “Queria saber de você.” e só. Mandasse um SMS, mais fácil! Uma carta tem que ser uma carta. Tá, vou falar uma coisa da minha vida que você não sabe, já que eu descobri uma da sua que não sabia... Pra fortalecer nossa amizade e tal.

Pensei em falar que quando eu tinha cinco anos quebrei uma perna andando de skate. Ia contar a história e tal, mas achei meio banal, já que o que descobri da sua vida foi uma coisa mais

tcham, sabe? Então, vou te contar uma coisa bem pessoal. Não conta pra ninguém, tá? É meio segredo.

Eu me mudei pra cá pra morar com meu avô. Meus pais são extremamente religiosos e conservadores. Eu me assumi pra eles recentemente e eles decidiram me mandar embora de casa. Pois é, situação chata. Meu pai não fala comigo mais, não atende meus telefonemas nem nada. Minha mãe às vezes pergunta se eu já mudei de ideia. O que mais me indigna nisso é que sempre esteve bem claro, mas eles só se enganavam até eu contar. Ai, esses pais. Mas quem precisa deles, né? Vovô quis que eu viesse morar aqui com ele. Ele é bem legal em relação a isso. Tenta entender, sabe? Já é alguma coisa.

Bom, agora que você sabe minha triste história de vida e eu sei a sua (pelo menos uma parte), já posso avançar para o que interessa: Queria saber de você. Tá tudo bem? Precisa de alguma coisa? Será que eu poderia visitar? Espero que você apareça na escola em breve. Precisamos levar nossa amizade pra frente! Enfim, não precisa responder por carta, ok? Dá maior trabalhão isso, já tô com o pulso doendo. E não é muito bom comprometer as funções motoras da minha mão, se é que me entende. Caso você queira se sacrificar a ponto de mandar um SMS (mais fácil pra você do que em alguma rede social, né?), eu vou estar de olho. O número tá no verso da cartinha. Se cuida, tá?

Beijos,

De sua mais nova – e legal – amiga, Thaila Fontana.

Ps.: (Espero que o final da carta esteja do lado certo. Não lembro como faz esse treco.)

Tenho que admitir que fiquei surpresa... E que talvez eu tenha lido a carta inteira com um sorrisinho no rosto. Mas não porque estou apaixonada, ouviu, dona Clarice? E sim porque fiquei super animada com a ideia de levar nossa amizade para frente. Thaila parece ser uma ótima amiga. Que tipo de amiga manda uma carta para a outra? Só uma amiga muito boa, isso mesmo. E nós, estamos prestes a nos tornar grandes amigas. Vai ser incrível!

Não, eu não estou repetindo a palavra “amiga” diversas vezes só para me convencer disso, antes que pareça.

Decidi me sacrificar e mandar um SMS para ela. Eu poderia, de fato, escrever todo o conteúdo em uma só mensagem e enviar. Mas, talvez ela só respondesse com o necessário e então, eu não saberia o que responder depois disso. Resolvi mandar um “*oi! sou eu, sua amiga laís :)*”. Espero que não tenha sido exagerado.

Céus, não sei mesmo como interagir nessas coisas.

Voltei ao hospital antes do almoço, para ajudar minha mãe a comer. Eu estava feliz. Sorrindo à toa. Finalmente conseguia me comunicar com ela. Podia contar as coisas, falar sobre o dia, assistir coisas na televisão. Eu sentia muita falta disso tudo. Infelizmente, minha felicidade foi interrompida quando um homem entrou no quarto com um buquê de flores.

– Oi, meu amor. – Ele sorriu para ela, depois para mim. – Oi, filha.

12

olha o peixinho

Assim que bati os olhos em meu pai, senti meu sangue ferver. Não nos víamos desde que ele foi embora, alguns meses após minha mãe ficar hospitalizada. Sabia como estava sua vida porque vovó sempre contava, com alguma esperança de que eu quisesse me reaproximar. Eu nunca quis.

– Como você tem coragem de aparecer aqui? – Levantei da poltrona e fui em direção a ele, empurrando-o para o lado de fora do quarto. Não queria que mamãe se estressasse. – Você foi embora sem mais nem menos! Deixou ela sozinha, me deixou sozinha! Eu tinha catorze anos. *Catorze anos!* E agora você acha *mesmo* que tem o direito de aparecer como se nada tivesse acontecido?! Você acha que a merda de um buquê de flores vai resolver tudo?! – Peguei o buquê das mãos dele e joguei no chão. – Quer saber onde é pra você enfiar esse buquê?

Percebi que algumas pessoas no corredor tinham parado o que estavam fazendo para nos observar. Talvez eu tenha me alterado um pouco, mas ele merecia. Tem que ser muito cara de pau para sumir, sem dar explicações ou mandar notícias, e reaparecer depois de três anos e meio.

– Você não pode falar assim comigo, eu sou seu pai! – Olhei seus traços, e por um segundo, senti sua falta. Nós éramos idênticos. Em tudo. Antes de nos abandonar, ele era muito apegado a mim e vice-versa. Costumávamos fazer tudo juntos. E mesmo assim, ele foi embora sem pensar duas vezes.

– Você não é meu pai há muito tempo. – Entrei no quarto e ele veio atrás. – Será que tem como você deixar ela em paz? Vai

embora de novo, você é ótimo nisso. – Minha voz saiu com desprezo.

– Filha... – Ouvi a voz dela, fraca. Na mesma hora olhei em sua direção. – Eu chamei. – Meus olhos encheram de lágrimas.

Para quem não era de chorar, ultimamente minhas emoções estavam à flor da pele. Só conseguia pensar na senhorinha do ônibus, Clarice, me alertando sobre tudo isso. Dizendo que eu precisaria perdoá-lo. Que provavelmente, doía mais nele do que em mim. Que ele só estava tentando fazer a coisa certa. Nada daquilo me descia, senti um nó na garganta. Era lógico que algo assim ia acabar acontecendo, estava tudo bom demais para ser verdade.

Saí do quarto, deixando os dois lá. Pedi para a enfermeira tomar conta dela e fui para o lado de fora do hospital. Não sabia aonde ir, mas precisava ir para algum lugar. Peguei o celular e tinha uma mensagem de Thaila. Pode parecer uma atitude estranha – e é – e talvez ela me julgue por fazer isso do nada – e vai –, mas a única coisa que consegui fazer foi apertar o botão e ligar. Eu realmente estava muito moderna ultimamente.

– Laís? – Ela parecia sonolenta do outro lado da linha. – Tá tudo bem?

– Talvez você tenha perguntado se eu precisava de alguma coisa só por educação, mas eu meio que preciso...

– O que houve? Pode falar. – Sua voz estava com aquele mesmo tom de preocupação de antes.

– Meu pai apareceu aqui no hospital... – Suspirei. – Tô pirando um pouco. Precisava distrair a cabeça. Você pode me fazer compa...

– Tô indo aí. – E desligou o celular.

Sentei em um banquinho e coloquei a cabeça entre as pernas, para chorar mais. Acho que nunca estive tão bagunçada como agora. Eu realmente tinha perdido o controle das coisas. Não conseguia sequer imaginar o tanto que minha vida mudaria agora. E se minha mãe o perdoasse? E se ele voltasse para casa? O que seria da nova família dele? O que seria da nossa? Eu não sei se aguentaria vê-lo fingir que tudo estava como antes.

Não sei se seria tão fácil assim perdoar. Não sei nem se quero. Eram dúvidas demais com respostas de menos.

– Oi... – Senti uma mão encostando em meu ombro. Levantei a cabeça e lá estava ela. Não sabia em quanto tempo tinha chegado, mas certamente foi rápido. Ela estava bonita, como sempre. Blusa preta e uma calça bege.

– Desculpa te ligar do nada... É que foi a primeira pessoa que passou pela minha cabeça. – Limpei meu rosto molhado.

– Relaxa, amigas são pra essas coisas. – Ela sorriu. – Quer fazer o que?

– Não faço ideia, na verdade. – Ri. – Só precisava sair daqui.

– Já sei onde a gente vai. – Fomos andando em direção a um carro preto. Ela abriu a porta do carona para mim.

– Não sabia que você dirigia. – Ela fechou a porta e deu a volta, sentando no banco do motorista.

– Você ainda não sabe quase nada sobre mim. – Ela ligou o carro, sorrindo de lado, esticou um braço por trás do meu banco, enquanto o outro continuava no volante, e olhou para trás, dando ré para conseguir tirar o carro daquela vaga pequena. Incrível como até assim ela ficava bonita. Aliás, acho que ela estava ainda mais bonita.

– Eu sei que você quebrou uma perna com cinco anos andando de skate. – Sorri. – Achei radical.

– Eu sou muito radical. Você vai ver. – Ela olhou rápido para mim e voltou a prestar atenção na rua.

– Então, onde você tá me levando? Devo me preocupar? – Eu estava inquieta. A gente não tinha nenhuma intimidade, decidimos ser amigas há pouco tempo e não tivemos quase nenhum momento sozinhas. Mesmo assim ela me deixava confortável. Confortável, mas inquieta. Inquieta e nervosa. Ainda não estava acostumada com aquela sensação de não estar na defensiva o tempo todo quando o assunto era Thaila Fontana. Ainda não estava acostumada a deixar ela entrar no meu mundo. Mas, amigas fazem essas coisas, certo?

– Hoje não. – Soltou uma risada. – Hoje vou ser boazinha.

Estava preocupada em acabar olhando demais para ela, mas é que as vezes eu me distraía e o jeito que ela se mexia com

calma era um tanto quanto fascinante. Não parecia inquieta com a minha companhia. O sol refletia nos vidros do carro, a deixando com um ar diferente. Que ela era uma pessoa confiante já estava claro, mas ali, dirigindo ao meu lado, com o cabelo bagunçado, um leve sorriso no rosto e concentrada no caminho para sabe se lá onde, ela parecia *imbatível*.

– Por que eu nunca vi você de carro? – Fiquei curiosa.

– Porque quando eu tava de carro você preferiu ir pra casa correndo.

– Você nunca vai esquecer isso? – Coloquei as mãos no rosto, com vergonha, e ouvi ela dar outra risadinha.

– Não. É engraçado mexer com você. – Ela tirou minhas mãos do rosto. – Assim fica melhor. – Senti o olhar dela em mim pelo retrovisor. Acabei me retraindo um pouco, com vergonha. – Você até que é bonitinha. – Pude ver o sorriso cínico em sua boca.

– Eu *até* que sou bonitinha, Thaila?! – Perguntei indignada, mas quase gargalhando. – Você quer me elogiar ou me jogar pra baixo? – Ela deu de ombros.

– Você tira a conclusão que quiser. – Dei um tapa em seu braço, e começamos a rir.



– Pronto, chegamos. – Saímos do carro e eu estava de boca aberta. Ela tinha me levado para longe. Ficamos mais de meia hora na estrada, ouvindo músicas no rádio e conversando sobre algumas bobagens.

Era uma praia completamente deserta. Não prestei muita atenção no caminho, então não sabia exatamente onde estávamos. A água era cristalina e tranquila, o único movimento eram algumas ondas pequenas.

– É um ótimo lugar pra distrair a cabeça. Eu venho até aqui dirigindo quando tô surtando e fico sentada olhando o mar. – Ela começou a tirar o tênis, para andar na areia. Fiz a mesma coisa.

– É lindo mesmo! – Eu ainda estava encantada... E feliz, por ela estar dividindo o lugar dela comigo. Estava perdida,

admirando o mar, até que vi Thaila tirando a blusa para entrar na água.

– Vai ficar aí olhando? – Ela virou para mim, andando de costas. Estava usando um top preto por baixo da camisa. Seu corpo era lindo. – Eu sei que eu sou bonita, mas você já tá até babando!

– Idiota! – Talvez eu estivesse mesmo de boca aberta, mas não vem ao caso. – Você vai entrar mesmo? A água deve tá fria demais.

– Confia em mim, vem. – Ela começou a desabotoar a calça. Meu coração acelerou. Não sabia se estava pronta para ver Thaila Fontana seminua. Até que ela tirou de vez e meu corpo respondeu: Eu não estava.

Respirei fundo. Ela já estava com os pés na água, mas se virou para mim novamente.

– Vai me deixar entrar sozinha? – E fez beicinho. Thaila Fontana fazendo beicinho para mim. Céus. Como eu ia dizer não?

Mordi a boca em um sorriso e comecei a tirar a blusa. Tirei o short e o deixei na areia. Quando cheguei ao lado dela, tomei um susto. Em um instante, eu estava em seu colo indo em direção ao mar. Comecei a rir, tentando me soltar, mas ela só me deixou cair quando já estávamos um pouco mais no fundo. Passei a mão no rosto, para abrir os olhos, e me deparei com Thaila me encarando. Seu cabelo molhado estava pesando para trás. A água batia nos meus ombros e chegava ao queixo dela. Eu sorria. Ela sorria. Seus olhos estavam cravados nos meus. Um arrepio percorreu meu corpo. Ela se aproximou e fechou as mãos na água formando uma “concha”.

– Olha só, um peixinho. – Me aproximei mais para tentar ver, mas ela fechou as mãos rápido, espirrando água no meu rosto. Fiz careta e ela começou a gargalhar. Sua risada era muito gostosa.

– Cara, você tem quantos anos?

Ela parou de sorrir e chegou mais perto. Toda vez que ela chegava perto assim, minha respiração parava. Eu jurava que ela podia sentir todo o meu nervosismo, porque a essa altura do

campeonato, era impossível disfarçar. Conseguia sentir seus olhos observando cada detalhe do meu rosto. Meu sorriso também foi diminuindo. Ela encostou a testa na minha, como da outra vez. Sua boca estava próxima. Era como se todo o resto tivesse desaparecido. Sua mão foi até meu pescoço e eu pude sentir sua respiração descompassada, junto à minha. Nossos olhos se encontraram. Ela deixou um beijo perto da minha boca e fechou os olhos como se precisasse lembrar:

– *Você é uma ótima amiga, Laís Monteiro.*

13

tudo vai ser como antes

É lógico que o clima acabou ficando super estranho entre nós duas na volta. A única coisa que fizemos depois do momento “Você é uma ótima amiga” foi sentar na areia, em silêncio, até decidirmos que estava na hora de ir embora. Ouvimos música alta durante o caminho todo, para evitar qualquer tipo de conversa constrangedora. Às vezes, eu me pegava olhando para ela, e mais às vezes ainda, nossos olhares se encontravam. Sempre que isso acontecia, voltávamos a encarar a estrada.

Ainda estava tentando processar tudo aquilo. Em um instante estávamos nos divertindo como ótimas amigas e, no outro, eu só queria que essa amizade toda acabasse. Porque sim, mesmo com tudo isso, quando eu deito a cabeça no travesseiro, ainda quero beijar Thaila Fontana. Sei que é errado e tudo mais, porque não é só sobre a gente e eu disse que queria ser só amiga, mas no fim das contas eu ainda quero beijá-la. Só que aí é só seguir fingindo que não e mentindo para mim mesma até isso se tornar verdade. Eu sou ótima nisso mesmo.

Ela me deixou no hospital e foi para casa, mas não sem antes perguntar se eu precisava de companhia. Eu recusei, ela já tinha feito demais por mim em um único dia.

Agora a realidade estava batendo em minha porta de novo. Era hora de descobrir que rumo as coisas tomariam. Fui até o quarto em que minha mãe se encontrava e meu pai não estava lá.

– Ele está aqui? – perguntei, ainda parada na porta do quarto. Ela estava vendo algo na televisão, mas olhou para mim e

balançou a cabeça negativamente. Sentei ao seu lado e passei a mão em seus cabelos.

– Ele volta... – Ela disse, com a voz fraca.

– Tem certeza? – Eu estava assustada com a ideia de tê-lo em minha vida novamente.

– Tudo vai ser como antes. – Seus olhos se encheram de lágrimas, ela estava feliz. Eu imagino que seria ainda mais difícil ter que lidar com o fato de ele ter ido embora. Não que eu fosse engolir essa situação tão facilmente, mas teria ao menos que tentar lidar com isso.

Ficamos assistindo televisão e trocando carinhos, até que acabamos caindo no sono. Fui acordada algumas horas depois, com meu pai entrando no quarto. Ele estava com uma bolsa.

– Você vai passar a noite aqui? – Perguntei.

– Sim.

– E sua família? – Me levantei da poltrona. – Vai largar elas agora? – Me referi à sua nova esposa e à neném que estava com apenas um ano.

– Ela sempre soube que sua mãe era o amor da minha vida. – Ele tentou se explicar – Sempre deixei claro que se ela acordasse, eu voltaria.

– Uau! – Fingi estar surpresa – Que romântico! – Ele sorriu. – E agora mais uma criança vai crescer sem pai. – Peguei minha bolsa e fui embora, antes que ele dissesse algo.



Eu estava sozinha em um quarto branco. Deitada numa maca, sem conseguir levantar. A sensação de impotência preenchia meu corpo e eu me debatia. Alguém precisava da minha ajuda e não havia nada que eu pudesse fazer. De repente, eu estava sentada no chão gelado. A maca havia desaparecido. Corri em direção à porta e ao olhar pelo vidro pude ver uma pessoa deitada em outra maca, na sala da frente. Não reconhecia o rosto, mas senti que era alguém conhecido, alguém amado. E que aquela pessoa precisava de mim. A porta, trancada, não

abria apesar dos meus esforços. Depois de tanto empurrar, gritar e chutar, ela finalmente cedeu.

Acordei suada, com o coração acelerado e o alarme tocando. Atrasada. Mesmo com minha mãe fora do coma, o pesadelo continuava. Não sabia mais ao que relacionar tudo aquilo. Na minha cabeça, sempre esteve ligado a isso.

Me arrumei correndo e fui pegar o ônibus. Já estava há uma semana sem ir para a escola, mesmo tendo copiado as matérias perdidas, eu precisaria estudar para compensar as aulas que não assisti. Como consegui pegar quinze dias de férias do trabalho, essa semana eu estaria à toa para fazer isso.

Entre no ônibus e Miguel me encarou, preocupado.

– Por que a senhorita sumiu, hein?!

– Minha mãe acordou, Miguelzinho! – Abri um sorriso.

– Mentira?! – Ele sorriu junto comigo. – Meu Deus, que novidade boa, Laís! – Ele me deu um beijo na mão. – Quando ela vai sair do hospital?

– Eles ainda não sabem bem, deve demorar um pouco, ela tá fraca e tal...

– Entendi... Me dá notícias, hein?!

– Pode deixar! – Sorri em sua direção e fui me sentar.

Eu adorava essa relação que tínhamos. Ele sempre se preocupava comigo e com as coisas que aconteciam na minha vida. Roberto, o motorista que me levava para o hospital, sabia muito mais sobre a parte da minha mãe, mas Miguel tinha uma ideia de tudo também. Nós sempre conversamos sobre essas coisas. Eu sabia um pouquinho da vida de cada um deles. Roberto, é casado e pai de duas meninas. A mais nova, por acaso, também se chama Laís. É um daqueles eternos apaixonados. Miguel, por outro lado, é viúvo. Conheceu o amor da vida dele, mas a perdeu quando ainda era novo. Vive me dizendo como é necessário aproveitar as pessoas enquanto elas ainda estão do nosso lado e tudo mais. Os dois são, sem dúvidas, meus motoristas favoritos.

Desci no ponto da escola e fui correndo para a aula. O tempo passou devagar, mas concluí que era devido a minha ansiedade de ver as meninas e poder voltar à nossa rotina.

Quando o sinal do intervalo tocou, fui correndo para o refeitório. Elas também chegaram cedo e me encheram de perguntas sobre mamãe. Ester e Thaila estavam agarradas, o que – tenho que admitir – me incomodava um pouco. Queria muito descobrir como Thaila conseguia agir com toda essa naturalidade mesmo depois de situações como a de ontem. Apesar de parecer normal, ela não me encarou em momento algum. Os assuntos se resumiram à melhora de dona Angélica, a chegada da semana de provas e o jogo de Ester, que já estava se aproximando. Ela estava super empolgada quanto a isso.

– Eu vou precisar de ajuda pra estudar essa semana, gente. Não estudei nada até agora e ainda perdi várias coisas semana passada... – Suspirei.

– Eu posso dormir na sua casa e te ajudar com humanas! – Malu se ofereceu.

– Por isso que eu te amo, sabe?

– Se quiser ficar até mais tarde essa semana, posso te ajudar em exatas, ando estudando bastante. – Luiza disse, me dando um beijo no rosto e saindo da nossa mesa para encontrar Ana.

– Eu topo, amiga, obrigada!

– Bom... – Raissa se pronunciou – Biológicas nem conta comigo! – Ela riu.

– Eu vou estar ocupada a semana toda treinando, pra mim nem rola também. – Ester fez carinha triste.

– Tudo bem, relaxa gente. – Sorri. – Eu me viro!

– Eu posso ajudar. – Thaila disse, finalmente olhando nos meus olhos. – Se você quiser, claro. – Ela passou a mão na orelha, como se fosse colocar o cabelo para trás, caso tivesse. Foi fofo.

– Acho que por mim pode ser. – Olhei para ela e para baixo, em seguida. Estava nervosa com a possibilidade de ficarmos sozinhas de novo, considerando o que aconteceu ontem.

– Minha casa? – Ela perguntou. – A gente se encontra depois do almoço e vamos juntas. Tranquilo? – Foi se levantando para ir ao banheiro. Sempre ia depois do intervalo, era como se fosse rotina.

– Tranquilo. – Sorri. Ela sorriu de volta.

Que sorriso lindo.

14

aula de anatomia

Estava sentada no pátio da escola, esperando Thaila aparecer para irmos estudar. Pode parecer idiota, mas eu estava nervosa. Minhas mãos suavam e minhas pernas não conseguiam parar quietas. Por mais estranho que seja, eu bloqueava e desbloqueava a tela do celular várias vezes seguidas, só para conferir se ela não tinha mandado um SMS cancelando tudo. Não sabia exatamente o que esperar. Nós ainda não tínhamos conversado sobre nenhuma das situações constrangedoras que passamos. O mais perto que chegamos de falar sobre, foi quando ela disse todas aquelas coisas e eu saí correndo... Ainda não conto aquilo como um diálogo.

Eu tentava disfarçar, mas estava procurando ela em todos os cantos possíveis. Quando a vi, de longe, vindo em minha direção, comecei a fingir que estava mexendo no celular, passando o plano de fundo para um lado e para o outro.

– Laís Monteiro mexendo no celular que nem uma adolescente normal? – Ela chegou colocando a mão na minha testa. – Tá doente?

– Ha-ha-ha, como você é engraçada! – Fiz cara de deboche para ela.

– Bora? – Estendeu a mão para mim. Fomos de braços dados até o carro, e ela abriu a porta para eu entrar.

– Eu sei abrir porta de carro... – Ela olhou para mim com uma sobrelha levantada.

– Tudo bem! – Levantou as mãos. – Tava tentando ser fofa, mas já que você detesta... Quem sou eu? Agora você vai ter que abrir todas as portas sozinha!

– Acho que eu consigo sobreviver. – Estava rindo da reação dela.

Ela entrou no carro e começou a dirigir. Era incrível como ela ficava estilosa mesmo com o uniforme da escola. E dirigindo ficava melhor ainda. Me peguei olhando para o lado e sorrindo, mas morri de vergonha quando ela percebeu.

– Tá admirando a obra de arte?

– Jamais. Tava lembrando de uma coisa engraçada que aconteceu... Só isso. – Olhei pela janela para disfarçar a cara de vergonha.

– Hum... – Ela deu um sorrisinho. – E o que foi essa coisa engraçada que aconteceu? – Na hora, liguei o som do carro e aumentei a música no último volume.

– O quê?! – Perguntei, falando alto. – Não consigo te ouvir! Que pena!



Depois de dez minutos, chegamos na casa dela. Era bem perto da minha. Uns vinte minutos andando. Quando entramos, um senhorzinho veio me cumprimentar.

– Laís, esse é meu vô. – Ela apresentou a gente. – Vô, essa é a Laís.

– Ah! Então você é a menina que ela tanto fala? – ele perguntou, ignorando a mão que eu tinha esticado e me dando um abraço apertado. Sorri com aquele gesto, meu avô não costumava ser carinhoso dessa forma.

– Não, não! – Ri do comentário dele. – Essa deve ser a Ester. – Olhei para Thaila, que estava com os olhos arregalados, já tentando me puxar para subir.

– Não... Tenho certeza que não é esse o nome! – Ele passou a mão nos cabelinhos brancos, tentando se lembrar.

– A gente vai estudar, vô! Beijo! – Ela me puxou escada acima e entramos no quarto. – Você nem pense em comentar nada. – Ela deitou na cama e colocou a mão no rosto, aparentemente envergonhada.

– Eu nem ia comentar... – Sentei do seu lado e peguei meus materiais na mochila. – Então, por onde vamos começar? Não sei o que deram essa semana.

– Anatomia... Quer que eu te ensine teoria ou prática?

– Não, tenho quase certeza que não foi isso... – Ouvi uma risada e olhei para ela, que estava com a tal cara de cínica. – Ah! Meu Deus, Thaila! Que horror! – Joguei uma almofada em sua direção e comecei a rir também.

Ficamos um bom tempo estudando. Ela estava me explicando a parte de Histologia, que fala sobre a formação dos tecidos e tudo mais. Não que eu estivesse entendendo alguma coisa... Ela explica bem direitinho, mas tenta se concentrar nos tipos de tecidos com Thaila Fontana te explicando. Não dá. Eu só conseguia reparar em cada movimento que ela fazia, no jeito que se empolgava explicando as coisas, em como ela sorria satisfeita ao formular uma frase bonitinha, nos gestos que fazia com as mãos para demonstrar tudo.

Reparei também no quarto dela. Em como era organizado e tinha seu estilo. Era como se eu estivesse conhecendo seu mundinho. A parede tinha alguns pôsteres de bandas e de várias cantoras, a estante estava repleta de livros, tinha algumas coleções de carrinhos espalhadas pelo quarto e em uma parede estavam várias fotografias em preto e branco. Me perdi naquela parte por um tempo. Tinha fotos de lugares lindos, de um casal mais velho, uma foto do avô dela acompanhado de uma senhorinha – acredito que seja sua avó –, várias fotos de um grupo de meninas sorrindo e fazendo caretas. Thaila estava em uma delas, segurando a câmera em uma espécie de selfie, com as meninas abraçadas e todas dando língua para a câmera. Percebi que todas aquelas fotos haviam sido tiradas por ela e não fui capaz de segurar o sorriso. Fiquei curiosa para perguntar sobre tudo aquilo. Parecia ser a vida dela antes de vir para cá... E ela parecia *tão* feliz.

Eu poderia ficar a tarde inteira reparando em vários outros detalhes, mas comecei a ficar com sono. Acho que era por não estar acostumada a passar a tarde sem fazer nada. Tudo bem, eu estava “estudando”, mas é diferente de ficar em pé no cinema

atendendo clientes e mais clientes. E tudo naquele quarto parecia tão confortável, que me deu muita vontade de dormir.

– E tem o sistema epitelial. As células dele produzem umas secreções... Às vezes o corpo as reutiliza, mas às vezes libera no organismo. Daí elas podem ser mucosas, que é tipo... Da saliva e tal, sabe? Mas podem ser... – Ela estava extremamente bonitinha explicando aquelas coisas, mas eu precisava interromper. Meu olho já estava fechando sozinho e eu estava com medo de dar aquela caidinha no cochilo, que sempre faz a gente passar vergonha.

– Thaila... – Chamei.

– Oi? Fui rápida demais? – Ela se preocupou. – Quer que eu repita?

– Não... – Ri. – Você tá perfeita... É que eu tô ficando com soninho. – Cocei o olho.

– Meu deus! Tô sendo super chata, é isso né? – Colocou a mão no rosto, com vergonha.

– Não, boba! – Afastei sua mão. – Assim fica melhor. – Mordi a boca, lembrando de quando ela tinha feito a mesma coisa comigo. – Você até que é bonitinha!

– Eu sou bonitinha? – Ela gargalhou. – Eu sou linda, Laís... Admite, vai.

– Admito... Se você me deixar tirar um cochilo antes de continuar.

Deitei na cama, virada de frente para a parede. Pude sentir seus olhos sobre mim enquanto isso. Depois de alguns segundos, ela chegou por trás e deitou comigo, alinhando seu corpo ao meu. Dava para sentir sua respiração batendo em meu pescoço. Meu corpo inteiro se arrepiava. Senti sua mão tocando meu ombro e descendo pelo braço, fazendo carinho de leve. Aos poucos, minha respiração foi perdendo o ritmo.

– Thaila... – Chamei.

– Hum?

– Nós somos amigas... – Engoli em seco.

– Amigas fazem carinho... – Ela disse, perto demais do meu ouvido. Outro arrepio correu em mim. Amigas não causam esse efeito umas nas outras.

A mão dela descia e subia pelo meu braço, com delicadeza. Tentei fechar os olhos e me concentrar em respirar certo, mas estava ficando cada vez mais difícil. Seu toque cessou, por uns segundos. Respirei fundo, até que sua mão chegou em minha cintura. O carinho continuou. Ela parecia fazer desenhos com a ponta dos dedos. Eu sentia seu coração batendo tão forte quanto o meu, e sua respiração, tão errada quanto a minha. Sua mão “escorregou” para dentro da minha blusa, e quando nossa pele se encostou, uma corrente elétrica passou pelo meu corpo.

– Thaila... – Suspirei. – Não tenho certeza se amigas fazem isso...

– Laís... – Ela me virou pela cintura e ficamos cara a cara. – Que se foda nossa amizade. – A boca dela *finalmente* tocou a minha. Ela estava com uma mão na minha cintura e a outra puxando de leve meus cabelos. Enquanto eu segurava seu rosto, com medo daquilo acabar, nossas línguas se encontraram. Naquele momento, meu corpo inteiro entrou em combustão. Ao mesmo tempo que nosso beijo era lento, parecíamos estar morrendo de pressa. Como se todos os sentimentos estivessem misturados, dançando um com o outro. Dançando da mesma forma que nossos corpos estavam, em sintonia. Nada no mundo podia nos atrapalhar... Até que o telefone dela começou a tocar.

Ester.

15

antes fosse só um ladrão

Eu beijei Thaila Fontana. Tipo, mesmo. Na verdade, ela me beijou. Ela definitivamente me beijou. Há uns quarenta minutos. Há uns quarenta minutos a gente estava se agarrando na cama dela e agora estamos na quadra do colégio, enquanto Ester – que ela *também beijou* e inclusive *continua beijando* – treina para o jogo que vai acontecer essa semana. Minha mente não estava assimilando nada disso. Eu não conseguia entender o efeito que aquele beijo tinha causado em mim, afinal, era só um beijo. Eu estava cercada de gente, mas nada do que acontecia em volta parecia importar porque eu *finalmente* tinha beijado Thaila Fontana. E eu não fazia ideia do que iria acontecer depois disso porque tinha sido só um beijo. E provavelmente, era pra ser só isso mesmo, já que não trocamos nem uma palavra sobre o acontecido desde que o celular dela tocou. Ester tinha chamado todas as meninas para assistir ao treino e depois sair para fazer algo. Era treino aberto e boa parte da escola estava lá. Eu e Thaila evitamos contato visual durante todo o caminho até o colégio, e como de costume, a música alta prevaleceu, para evitar qualquer assunto constrangedor.

- Vocês vão querer sair pra comer ou pra beber depois daqui?
- Ester se aproximou de nós, enquanto parava para beber água.
- A gente pode ir pra minha casa, meus pais não tão lá.
- Sabe que a gente não recusa uma festinha, né... – Malu disse, empolgada.
- Gente, mas é segunda-feira! – Eu olhei assustada para elas.
- E que que tem? Umas bebidinhas só, amiga. – Raissa riu.

– Você tem que se soltar mais, Laís! – Malu me deu um tapinha nas minhas costas.

– Nem fala... – Thaila riu, pelo nariz.

– Vou voltar a jogar. Lá em casa então, né? – Ester deu um selinho em Thaila e voltou para a quadra.

Aquele selinho fez meu estômago revirar. Minha cabeça estava embaralhada. Eu só conseguia pensar que quarenta minutos atrás Thaila estava beijando minha boca e agora ela estava beijando a boca de outra pessoa. E para piorar tudo, essa outra pessoa era minha amiga. Aquilo me incomodava. É óbvio que incomodava. Como ela conseguia agir naturalmente? Não que eu estivesse cem por cento certa nessa situação, mas ela não estava demonstrando nenhum incômodo. Ela achava que realmente estava tudo bem? Que eu ia lidar tranquilamente com isso? Que ia conseguir enganar uma amiga por causa dela? A situação já estava para lá de complicada e, ainda assim, ela agia como se nada estivesse acontecendo. Quando percebi, já tinha saído de perto e estava no corredor da escola, indo para não sei onde.

– Laís! – Thaila estava correndo em minha direção. – Laís! Onde você tá indo?

– Me deixa em paz, Thaila. – Parei de andar e virei para ela, que já estava perto de mim.

– A gente precisa conversar. – Ela botou a mão no peito para respirar depois de ter corrido.

– Não, a gente não precisa conversar. Eu preciso que você me deixe em paz. A gente já fez merda e eu não quero fazer de novo. Já chega, ok? Eu não quero enganar ela.

– Me deixa falar... – Ela interrompeu.

– Não. Você já encheu seu ego o suficiente, tá bom? – Ela arregalou os olhos assim que eu disse isso. – Uau! Como você é irresistível. Parabéns, Thaila Fontana. É, eu te beijei. Não me aguentei. Desafio cumprido. Qual o próximo passo? Vai tentar me levar pra cama agora?! Você tem que entender que as pessoas têm sentimentos, Thaila. – Respirei fundo. – Não que eu sinta algo, mas Ester definitivamente sente e você continua brincando com a situação *só pra inflar seu ego*. Por causa de um beijo. *Um*

beijo! O que você tá querendo provar? – Eu já estava gritando com ela, que só me olhava assustada. – Eu deveria ter percebido o tipo de pessoa que você é desde a primeira vez que a gente se falou.

– Que tipo de pessoa eu sou, Laís? – Ela cruzou os braços e olhou dentro dos meus olhos. – Fala. O que você pensa de mim?

– O tipo de pessoa que só se importa consigo mesma. – Tive coragem de encará-la.

– Ou você é muito cega, ou você se engana muito bem. – Respirou fundo. – Não sei se ainda quero descobrir. – Ela passou por mim e foi embora. Não voltou, não insistiu em falar nada, só foi embora. Pelo visto, eu estava certa.

Voltei para a quadra, onde as meninas estavam. Me sentia meio perdida. Não sabia se tinha dito as coisas certas ou tomado a decisão certa. Não gostava da ideia de machucá-la, mas gostava menos ainda da ideia de ela estar brincando com a gente. Ester era boa demais para lidar com isso, eu não podia deixar. Pensei em contar para ela, mas as palavras estavam entaladas. Eu ainda precisaria de um tempo para isso.

– Gente, eu não vou pra casa de Ester hoje não, ok? – Avisei a elas, enquanto pegava minhas coisas para ir embora.

– Tá tudo bem, amiga? – Luiza perguntou, preocupada. – Cê tava tranquila ainda agora.

– Aconteceu algo? – Malu tirou os olhos da partida, por um segundo, para olhar para mim. Todo mundo vibrou e voltamos a olhar para o jogo. Ester tinha marcado um gol. Ela olhou para a arquibancada, provavelmente procurando Thaila. Mandeí um beijo, indicando que estava saindo, e ela mandou outro.

– Tô me sentindo meio mal só. – Dei um beijo na bochecha de cada uma e saí, indo para o ponto de ônibus. O carro de Thaila não estava mais no estacionamento. Ela realmente tinha ido embora.

Quando abri a porta de casa, Nina estava me esperando. Estranho. Ela só fazia isso quando tinha mais alguém em casa. Deixei minha chave na bancada e a peguei no colo. Procurei uma frigideira na cozinha, para me defender, e fui subindo as escadas devagar. Vi a porta do quarto de mamãe aberta e me assustei

ainda mais. Sempre ficava trancada. Em passinhos pequenos e tentando não fazer barulho, fui me aproximando. Abri a porta devagar e vi uma bolsa preta em cima da cama, a luz do banheiro estava ligada. Com certeza tinha alguém roubando as coisas de mamãe. Deixei Nina no chão e, devagar, entrei no banheiro, dando com a frigideira na cabeça do bandido, que estava lavando o rosto na pia. Acontece que não era um bandido, era Luiz, meu pai. Senti meu rosto esquentar de raiva. Antes fosse só um ladrão.

– O que você tá fazendo na minha casa?! – Levantei a voz.

– Por que você me bateu com uma frigideira? – Ele passou a mão na cabeça.

– Eu pensei que fosse um ladrão. – Dei de ombros. – O que você tá fazendo na minha casa?

– *Minha casa*, você quer dizer.

– Não vem com essa pra cima de mim! – Respirei fundo. – Você perdeu o direito de tudo isso quando foi embora, Luiz. Sério. Não tenta voltar como se nada tivesse acontecido. A casa nem é sua, pra começar! Eu que cuido de tudo e pago as contas há três anos, você não tem o mínimo direito de ficar aqui quando bem entender.

– Sua mãe disse que eu podia, não tenho pra onde ir! A Michelle não quer que eu continue dormindo na casa dela agora que vou voltar pra vocês. – Ele tentava me convencer.

– Poxa, que pena! – Debochei, olhando para a cara dele. – Dorme no hospital, num hotel, se vira! Dá teu jeito. Aqui você não fica.

– Mas sua mãe...

– Quando ela voltar, você vem junto. – Interrompi. – Eu não vou te aturar enquanto não for necessário.

– Me desculpa, filha. – Seus olhos encheram de lágrimas. – Não queria te traumatizar assim. – Na hora, a voz de Clarice veio em minha mente.

“É bom perdoar, sabia? Às vezes, as pessoas acabam nos magoando sem querer, sabe? E pode parecer que não, mas provavelmente dói nele também.”

– Você sabe o quanto eu te amo. – Ele me abraçou, de surpresa. Minhas mãos desencostaram dele, quase que automaticamente.

– Eu sabia. – Saí de seu abraço. – Agora eu não faço ideia. – Ele abaixou a cabeça.

– Eu não sei para onde ir. – Ele enxugou os olhos. Respirei fundo. Por mais que eu tentasse me lembrar de todas as coisas erradas que ele tinha feito, aquilo me dava pena.

“Mas ele estava tentando fazer a coisa certa, sabe? Nem sempre nós, adultos, temos o controle das coisas. A maioria das pessoas está tão perdida quanto você. Ninguém faz um curso para aprender o que fazer na vida não. Todo mundo só quer encontrar a tal felicidade.”

– Você tem essa noite. – Respirei fundo mais uma vez. – Só essa.

16

conversa de biblioteca

Depois de me deitar, fiquei pensando sobre muitas coisas. Minha mente não parava nem por um segundo. As coisas realmente podiam virar de cabeça para baixo do dia para a noite. Ainda não sabia lidar com a volta do meu pai e não sabia se devia perdoá-lo ou não. Tudo ao redor me dizia para fazer isso, mas ainda era muito complicado aceitar, até porque algo dentro de mim insistia em remoer toda a angústia que ele me causou. Eu tinha noção de que seria melhor para minha mãe, mas não conseguia ficar segura com a possibilidade de deixar com que ele entrasse na minha vida mais uma vez. Algo me dizia que isso daria errado.

Falando em dona Angélica Monteiro, queria tanto que ela voltasse logo para casa... Passava a maior parte do tempo tentando lembrar de coisas boas que passamos juntas, para ver se a saudade diminuía. Nossos natais cozinhando doces, nossas noites decorando bolos de festa só porque dava vontade, os filmes de romance que assistíamos juntas, o cheirinho de café da manhã antes de ir para a escola, o beijo na testa que eu recebia todo dia quando ela ia me acordar. Ela sempre me fez muita falta. Sentia saudades de ter um ombro amigo para chorar quando meu dia era ruim, de pedir conselhos sobre coisas bobas, de ter ajuda para escolher a roupa na hora de sair, de pentear seus cabelos ruivos, tão diferentes dos meus. Nós não éramos nada parecidas fisicamente. Na verdade, nem nosso jeito era muito parecido, mas sempre nos demos muito bem. Eu queria tanto isso de volta.

E também tinha toda a confusão com Thaila, mas que eu estava pensando sobre ela não era nem novidade. Ainda não conseguia entender o que essa garota tanto fazia na minha cabeça. Ficava me perguntando se tinha feito a coisa certa, se tinha falado algo errado, se era melhor ter deixado de lado... Mas ainda estava com raiva. A verdade é que não tinha outra opção que não fosse ela brincando com nossa cabeça. E eu, certamente, precisava mantê-la longe para tentar retomar o mínimo de sanidade que me restava. Tinha muita coisa acontecendo na minha vida e eu precisava focar em outras coisas que não a minha vontade gigantesca de beijar a boca dela e o controle que preciso manter, já que isso é errado. Até porque, como diz o ditado: Errar uma vez é humano, errar duas vezes é burrice. E nesse caso, no mínimo, falha de caráter.

Só fui perceber que tinha passado a madrugada inteira acordada quando o alarme começou a tocar e Nina pulou do meu colo. Tomei banho ouvindo música e me arrumei com calma, já que ainda não estava atrasada. Quando estava pronta para sair de casa, senti cheiro de comida vindo da cozinha. Desci as escadas e me deparei com Luiz preparando café da manhã.

– Bom dia, filha! – Ele me viu descendo as escadas e abriu um sorriso, enquanto preparava ovos fritos. Olhei para aquilo assustada. Andei até a cozinha e peguei uma maçã. – Eu fiz café da manhã! Pão com ovo, seu favorito.

– Eu não tomo café da manhã. – Mordi a maçã. – Há três anos. – Coloquei a mochila nas costas e me despedi de Nina, abrindo a porta para ir embora. – Você saberia se não tivesse ido embora. – Tudo bem, eu exagerei. Às vezes eu até tomava café da manhã... Mas não o dele. E eu não podia ser tão mole assim também.

Eu já tinha enrolado o suficiente para conseguir pegar o ônibus com Miguel, porque precisava contar as coisas para ele. Quando o ônibus parou no ponto, ele brincou:

– Hoje nem precisei esperar você, vai chover!

– Bom dia, Miguel! – Sorri. – Hoje vou aqui na frente, tenho novidades.

– Assim que eu gosto, conta vai.

– Então, te disse que mamãe acordou, certo?

– Certíssimo. Ela tá bem? – Ele estava dando troco para os outros passageiros, mas parou para me olhar. Eu estava encolhida em um canto enquanto as outras pessoas entravam no ônibus.

– Tá sim, melhorando! Não vejo a hora dela voltar pra casa. – Ele sorriu e voltou a dirigir o ônibus. – Mas o babado é: Meu pai voltou. Não te contei ontem porque na minha cabeça ele ia embora ainda e ia ficar tudo bem... Mas aí ontem à noite eu cheguei em casa e adivinha quem estava lá?

– Não acredito nisso. Que cara de pau! Depois desse tempo todo?

– Sim, Miguel! E ele ainda vem com papinho de “Ah, mas eu sou seu pai” – Fiz aspas com a mão, o imitando. Miguel riu.

– Pai é quem cuida. – Ele disse.

– Pois é! Também acho!

– Mas você quer ouvir um conselho? – Concordei. – Talvez você devesse pensar com carinho sobre isso...

– Ah não, Miguel! – Revirei os olhos. – Até você?!

– Não, me escuta... – Ele me tranquilizou. – Não é perdoar nem nada, mas aprender a conviver. Sua mãe vai precisar de alguém quando voltar pra casa, e se vocês não aprenderem a se bicar, vai ficar complicado demais, entende? E ele com certeza não queria seu mal. Não que justifique, claro... – Cruzei os braços e olhei para o tênis, sempre que alguém ficava do lado dele, eu ficava incomodada. – Mas sabe, só se esforçar para as coisas não ficarem *tão* ruins.

– Tudo bem... – Respirei fundo e descruzei os braços. – Vou pensar direitinho!

Ficamos jogando conversa fora até chegar na escola. Quando cheguei no corredor pude ver Raissa, Ester e Thaila conversando. Fui em direção a elas, mas quando Thaila bateu os olhos em mim, disse algo e saiu andando. As meninas fizeram uma cara de interrogação.

– Bom dia, gente! – Sorri.

– Ah, tá! – Ester riu quando me viu. – Bom dia, amiga.

– Bom dia, flor do dia! – Raissa abriu um sorriso. – Dormiu bem? Como está?

– Ai, tô virada. Meu pai tava lá em casa hoje, daí nem consegui dormir.

– Seu pai? – As duas perguntaram juntas, arregalando os olhos.

– Uhum. – Balancei a cabeça. – Não contei pra vocês que ele ressurgiu das cinzas?!

– O que você conta pra gente, né, Laís?! – Ester me deu um tapinha no ombro, e não sei porquê, mas senti que aquilo era uma indireta. Estreitei os olhos, achando estranho.

– Vou indo, então... Tô atrasada. – Saí de perto delas em direção à sala de aula.

Passei por Thaila no caminho, que virou a cara quando me viu. Aparentemente, as coisas realmente tinham ficado feias. Não que eu me importe... Não me importo. Ela estava bem errada na situação e eu só falei a verdade. O problema é que às vezes a verdade dói.

Os dois tempos passaram bem devagar, como sempre, mas pelo menos história era uma matéria que eu realmente gostava. No intervalo, Thaila não sentou com a gente. Ela ficou com o mesmo grupo de meninos que estava no dia da festa. Todo mundo parecia animado para o jogo de futebol que aconteceria na sexta, principalmente Ester. Ela só sabia falar e fazer planos sobre isso. As pessoas realmente ficavam empolgadas com a ideia de receber gente “nova”. Todo ano eles enfeitavam os corredores para receber o outro colégio no dia do jogo. Era tipo uma tradição. Geralmente rolava uma festa depois, na casa de alguém, e para isso eu estava empolgada. Eu sei que não sou fã de festas e tudo mais, mas algo me dizia que dessa vez valeria a pena.



Luiza ficou depois do almoço para me ajudar a estudar física. Como no intervalo, Thaila também não almoçou com a gente. As meninas estranharam, mas Ester apenas disse que ela “tinha

seus motivos”. Tentei não pensar muito sobre, mas estava me perguntando se Thaila tinha contado sobre o acontecido para ela. Acho que se ela soubesse já teria falado comigo, Ester gosta bastante de conversar sobre as coisas, mesmo eu sendo meio fechada para isso.

– Amiga, tá tudo bem? – Luiza estalou os dedos na minha frente, me chamando atenção. – Eu sei que vetores são chatos, mas você nem olhando pra mim tá. – Ela riu.

– Ai, tô meio avoada... Sei lá o que tá acontecendo. – Me justifiquei.

– Eu sei o que tá acontecendo. – Gelei. Será que ela realmente sabia? Quer dizer, Luiza é bem intuitiva e tudo mais. – Tem muita coisa rolando na sua vida agora que sua mãe acordou. Tá tudo bem ficar distante, é compreensível. – Soltei um suspiro.

– É, é isso mesmo.

– Mas dá pra ver na sua cara que tem mais coisa. – Tava bom demais para ser verdade, é lógico que alguma coisa ela iria reparar.

– Dá, é?! – Mexi no cabelo, para disfarçar. Luiza deu um tapa na minha mão, rindo.

– Para de ser sonsa, Laís. Você sabe que nada do que você me falar vai sair daqui...

– Hum... – Fiquei tentada a falar. Depois de Malu, Luiza era realmente a pessoa que mais me deixava confortável para falar sobre essas coisas. – Ok. – Ela soltou uns gritinhos e colocou a cadeira mais para perto de mim. Fomos advertidas pela senhorinha que ficava tomando conta da biblioteca. Sempre ríamos muito quando isso acontecia, porque geralmente a biblioteca estava vazia. E dessa vez não era diferente, só parecia ter nós duas ali.

– Eu meio que tô a fim de uma menina. – Coloquei a mão no rosto, com vergonha de falar sobre aquilo. – Não sei nem se a palavra é essa, mas eu queria muito ficar com ela, sabe? – Luiza estava prestando atenção, olhando nos meus olhos. Manter contato visual sempre me deixava ainda mais constrangida. – E ela até dava em cima de mim, mas ela já fica com outra pessoa.

Tudo bem que não acho que ela tenha muito interesse em mim e tal, deve só ser fogo de beijar mesmo né... – Falei olhando para os meus pés, que se balançavam de nervoso.

– E vocês já conversaram sobre isso? – Ela perguntou.

– Não. Claro que não. Não é nada demais sabe, só uma atração boba... – Suspirei. – Só que aí eu concluí que ela estava manipulando toda a situação, por causa da outra menina, sabe? Acho que ela só é egoísta mesmo e quer saber que consegue ficar com quem ela quiser. Tipo, tá deixando uma das duas de reserva... – Apoiei o queixo sobre as mãos.

– Uh, complicado! – Ela fez uma careta pensando. – Mas facilmente resolvido com diálogo. Só que é lógico que você não vai conversar, né?!

– Ei! – Me senti ofendida. – Eu sei sim conversar. Até falei isso tudo pra ela!

– A parte de estar gostando dela? – Ela se ajeitou na cadeira, animada.

– Não, doida! A parte de ela ser egoísta, óbvio.

– Revirei os olhos.

– Laís! – Ela gargalhou. Nos assustamos mais uma vez com a moça nos repreendendo. – E você não pretende voltar atrás?

– Claro que não. – Cruzei os braços. – Às vezes eu fico na dúvida, me perguntando se tomei a decisão certa. Mas é, acho que é isso mesmo. No momento, quero ela bem longe de mim. – Engoli em seco. – Não vou me envolver mais nisso e machucar Ester.

– Pera, Ester?! – Luiza arregalou os olhos. Na mesma hora, ouvi um barulho vindo das prateleiras ao nosso lado, e alguém saiu de trás delas indo em direção à porta. Quando vi quem era, meu corpo gelou. Eu tinha acabado de entregar o jogo para Luiza e, de quebra, tinha piorado toda a situação.

Thaila lançou um olhar carregado para mim, antes de bater a porta da biblioteca com força.

17

esses logarítmos

– O que houve pra você estar tão inquieta assim? – Mamãe encarava minha perna balançando, durante sua sessão de fisioterapia. Ela estava deitada na cama do hospital, enquanto uma moça mexia pra lá e pra cá com suas pernas e ela apertava uma daquelas bolinhas de cachorro (eu sei que não é a mesma, mas parece muito) com a mão.

Eu estava com vários livros no colo e um lápis na boca, tentando entender logaritmo. Nada adiantava. Luiza já havia tentado me explicar, já tinha apelado para as vídeo aulas, insistido nos exercícios, mas era tudo em vão. A única coisa que me tranquilizava era saber que mais da metade dos alunos terminam o ensino médio sem entender logaritmo. Pois bem, entrarei para as estatísticas, pois estou *oficialmente* desistindo. Na real, já tinha desistido há muito tempo. Minha cabeça não estava mais ligando para os logarítmos desde antes de eu sentar com esses livros, mas precisava de uma desculpa boa para minha ansiedade, e eles serviam.

– Esses logarítmos. – Bufeí. – Coisa mais chata, não consigo entender por nada. – Mamãe sorriu de lado e revirou os olhos. Ela já estava falando bem melhor, mas parecia estar com alguns problemas e por isso não dava para sair do hospital ainda, além de não ter recuperado totalmente suas habilidades motoras. Mas só de vê-la com a aparência um pouco mais saudável, eu ficava tranquila. Não estava acompanhando tão de perto o andamento das coisas no hospital porque Luiz tinha se responsabilizado por isso, e mesmo que eu não confie muito nele, sei que pelo menos

de mamãe ele cuidaria bem. Antes disso tudo, ele sempre cuidou.

– Eu posso estar dormindo há um tempo... – Ela começou. – Mas eu sei bem como você é com a escola... Você não fica nervosa assim por causa de logaritmos. Lembro quando você não conseguia aprender frações e eu passei uma noite inteira preocupada tentando te ensinar, no dia anterior à prova, lembra?

– Ela estava quase gargalhando. – Eu tentava te chamar a atenção para aprender e você não tava nem aí! Ficava toda hora me atrapalhando pra falar algo completamente aleatório. – Nós duas estávamos rindo, lembrando da situação.

– Eu tinha déficit de atenção! Não era culpa minha. – Me defendi.

– A verdade é que você sempre foi meio esquisitinha, não acho que tenha muito a ver com o déficit de atenção não, filha. – Ela até tossiu, entre uma risada e outra.

– É a genética, dona Angélica! – Dei um beijo em sua testa. – Você também é esquisita à beça.

– Mas me diz... – Ela retomou à seriedade, e me bateu um medo do que estava por vir. – O que tá te afligindo? Me parece coisa do coração.

– Aparentemente eu finjo tudo muito mal. – Resmunguei. Sério, péssima atriz. Todo mundo sempre percebia sobre o que se tratava. Eu sei que mãe tem essas coisas de sexto sentido e tudo mais, mas Malu não é minha mãe e sacou. E Luiza também percebeu que eu estava escondendo algo. Tudo bem, para ela eu meio que entreguei o jogo, mas melhor ignorar esse detalhe.

– Você nunca foi boa mentirosa. Nina que o diga! – Ela gargalhou novamente, se referindo à quando achei Nina na rua e a trouxe para dentro de casa sem ninguém saber. Eu pretendia mantê-la escondida à base de leite e biscoitos recheados (que foi? eu tinha 9 anos!), mas felizmente, minha mãe descobriu no primeiro dia, quando Nina miou de dentro da minha mochila e eu disse que estava treinando para o concurso “Quem Faz o Melhor Miado?” que ia ter na escola. Lógico que ela não acreditou, pegou minha mochila enquanto eu miava desesperadamente

tentando convencê-la, e encontrou um filhotinho branco e amarelo lá dentro.

– Ok, talvez seja mesmo coisa do coração. – Eu assumi. – Não exatamente do coração. Não tô apaixonada, nem gostando, nem nada do tipo. Eu diria que é mais algo carnal mesmo! – Tentei explicar.

– Ai, que horror, Laís! Você já faz essas coisas? – Ela fazia careta.

– Com dezessete anos você também fazia que eu sei! – Impliquei. – Até mais que eu. – Tive que rir com ela, que estava me dando língua como uma criança. – Enfim, continuando... Tem essa pessoa – Não pude especificar, já que ela tinha perdido a parte de eu me aceitar lésbica. – que eu conheci trabalhando. Passei maior vergonha, achei que fosse uma das meninas e atendi cheia de intimidade, só que era uma completa desconhecida. – Vacilei. – Uma pessoa desconhecida! E aí, a pessoa flertou comigo e eu tava completamente constrangida, mas até aí tudo bem, porque eu provavelmente nunca mais iria ter que olhar pra cara da criatura, certo?

– Só você mesmo, filha! – Ela estava com a mão na boca, segurando uma risada. – Mas sim, certo. Não vi onde está o problema ainda.

– Não tinha problema, tava tudo bem. – Respirei fundo, me segurando para não rir de nervoso. Na hora pareceu trágico, mas lembrando agora até que era engraçado, caso Thaila não fosse uma grande manipuladora. – Exceto que no dia seguinte a pessoa apareceu na minha escola.

– Pra te fazer uma surpresa?! – Ela perguntou, boquiaberta.

– Não, pra estudar mesmo. – Fiz cara de chateada. – O universo me odeia, mãe!

– Dá pra perceber! – Ela ainda tentava segurar o riso, mas estava claramente escapulindo.

– E o pior, a pessoa estava com as *minhas* amigas! E Ester estava agarrada com ela. Tipo, pendurada, claramente flertando.

– Ester é a amiga que eu não conheço, né? – Perguntou.

– Isso mesmo. – Confirmei. – E aí elas começaram a ficar! Ester e a pessoa, no caso.

– Filha... Lembra que eu disse que você não sabia mentir? – Ela perguntou, e eu confirmei, confusa. – Você não sabe mesmo. Pode falar, já entendi que não é um menino.

Arregalei os olhos assim que assimilei o que ela tinha falado. Eu sabia que minha mãe não encararia tudo tão mal, mas não imaginava que ela ia simplesmente aceitar assim, na minha cara, antes mesmo de eu contar. Que ela perceberia tudo sozinha. Na hora, meus olhos encheram de lágrimas. Não imaginava que iria ser fácil assim.

– Já disse que te amo hoje? – Perguntei, enxugando a lágrima que estava caindo.

– Não, eu tava esperando mesmo. – Ela sorriu de lado. – Mas conta a história vai, qual o nome dela?

– Thaila. – Me aproximei dela, encostando o rosto em seu braço. A fisioterapeuta também sorria, enquanto levava a perna de mamãe até o alto. Sabia que tinha sentido gay *vibes* nela!

Fui contando a história para mamãe, sem resumir nada. Ela era a única com quem eu conseguia me abrir sem medo de julgamentos ou algo assim. Sabia que mamãe sempre me entenderia e conseguiria me dar o conselho certo. Depois de contar tudo e ela fazer algumas perguntas específicas para tirar dúvidas, finalmente começou a falar.

– Você precisa aprender a se comunicar. – Revirei os olhos ao ouvir. – E não revira os olhos pra mim, mocinha! É sério. Eu sei que é difícil, mas se vocês tivessem conversado no começo, nada disso estaria acontecendo. – Ela parecia Luiza falando. – Agora, talvez seja tarde demais pra voltar atrás, visto que você tirou suas conclusões baseadas em *nada*, diretamente da sua cabeça, e chamou a garota de egoísta. Ninguém quer ouvir isso da pessoa que gosta.

– Ela não gosta de mim. – Enfatizei.

– Você não sabe disso, já que vocês não conversaram. *Teimosa* – Ela resmungou. – Então talvez agora seja tarde demais mesmo, mas eu ainda acho que o certo seria você pedir desculpas para ela e conversar com sua amiga Ester. Se ela realmente for sua amiga, deve entender. Não dá pra ficar

escondendo as coisas dos outros não, isso sempre dá problema, filha. Mentira tem perna curta, você sabe!

– Vou pensar, mãe. – Dei um beijo em sua testa. – Vou pra casa descansar um pouco, vovó vem pra cá hoje te ver! – Preferi sair de lá antes que ela conseguisse me persuadir e convencer a fazer o que ela estava falando. Eu sei que ela provavelmente estava certa, mas não sabia se queria enfrentar as coisas dessa forma, afinal, logo logo tudo isso passaria. Não precisava fazer uma tempestade em copo d'água. Thaila já estava chateada o suficiente. Depois que ela ouviu minha conversa com Luiza na biblioteca, eu decidi ir atrás dela para pedir desculpas ou algo assim, mas não consegui alcançá-la. Quando vi, ela já estava dentro do carro indo embora, então deixei para lá. Sabia que as chances de piorar tudo caso abrisse a boca eram enormes. Luiza insistiu para que eu mandasse ao menos uma mensagem perguntando se ela queria conversar, mas até agora ela não tinha respondido, então supus que a resposta era não.

Fui para casa e tinha que admitir que estava sentindo falta de ter alguém por lá. Apesar de detestar a ideia de ter meu pai em casa de novo, ter a presença dele, mesmo que só por um dia, tinha sido bastante acolhedor. Fazia eu lembrar de quando nos dávamos bem. Ele já tinha ido embora novamente, estava ficando na casa de vovó. Mamãe não gostou muito quando contei isso para ela, mas entendeu. Quando ela voltar, iremos ver como as coisas ficarão.

Deitei na cama com as pernas para cima, encostadas na parede. Nina estava deitada perto da minha mão, esfregando a cabeça e ronronando. Fiquei pensando sobre tudo que mamãe tinha falado. Esses dias sem trabalhar não estavam me fazendo bem. Mente vazia é realmente oficina do Diabo, como diz o ditado. Passar os dias à toa estava me dando abertura para pensar muito sobre tudo e isso me trazia várias paranoias e pensamentos inadequados que eu tanto tentava afastar. Comecei a ficar ansiosa para amanhã, sexta-feira. Dia de jogo, dia de festa, último dia de férias do cinema. Finalmente as coisas voltariam ao normal em breve.

Mal podia esperar para isso.

18

chute perfeito

Já estava aprendendo a lidar melhor com o pesadelo estranho que continuava me perturbando. Apesar de ainda estar sonhando quase todos os dias, eu aprendi a controlar melhor e retomar a consciência quando necessário. Então, felizmente, hoje consegui acordar cedo. Estava morrendo de ansiedade para tudo que iria acontecer e até que estava bem animada.

O primeiro tempo de aula era biologia, definitivamente uma aula que eu não queria encarar. Mesmo que Thaila estivesse ignorando completamente a minha existência, eu sabia tudo o que estava acontecendo e não conseguia ficar tranquila com a presença dela. Sempre me preocupava em checar se seus olhos estariam sobre mim – mesmo sabendo que não – ou se ela mandaria algum papelzinho pedindo desculpas.

Dessa vez não foi diferente. Cheguei na sala de aula ao mesmo tempo que a professora, Thaila já estava sentada em sua carteira de sempre. Olhei em sua direção, mas seus olhos estavam compenetrados na parede e não pareciam se importar com minha presença. Esse olhar, com certeza, era um dos que mais me intimidavam. Mesmo não sendo em minha direção, dava para sentir que eu tinha me tornado insignificante para ela depois de tudo. Mas tudo bem, pelo menos não fui eu quem manipulou toda a situação. Minha consciência estava tranquila, na medida do possível. Por isso, tentei não me importar.

A professora começou a falar sobre um monte de coisas, nas quais eu não conseguia me concentrar porque, aparentemente, meu cérebro se preocupava muito mais em observar cada movimento que Thaila Fontana fazia: Desde os momentos em

que ela passava a mão no cabelo, bagunçando mais do que já estava, até as trezentas vezes em que ela trocou de posição na carteira.

Só consegui focar na voz da professora quando a ouvi dizendo “trabalho em dupla” e meu corpo, automaticamente, entrou em desespero. As únicas pessoas da aula de biologia que eu já havia trocado mais de dez palavras eram Júlia e Thaila. Sabendo disso, já dá pra entender o motivo da minha agonia. Júlia me odeia e com certeza seria uma má ideia fazer um trabalho com ela, visto que nosso último contato terminou de uma forma péssima. E o penúltimo também. Assim como o antepenúltimo. Além de que sua melhor amiga fazia biologia junto com a gente, então ela já estava com dupla. Sobra Thaila, que a essa altura do campeonato também me odeia.

Olhei ao redor e todo mundo já estava sorrindo e falando com alguém sobre o trabalho, exceto Thaila, que parecia não se importar com isso também. Estava ocupada demais anotando alguma coisa em um caderno, com uma postura completamente desleixada, que deixava ela super charmosa. Depois de analisar todas as duplas formadas, levantei a mão para falar com a professora.

– Existe alguma possibilidade de fazer o trabalho sozinha? – Perguntei, fazendo minha melhor cara de cachorrinho sem dono.

– Não, Laís. – Ela foi bem direta. – Quem fizer o trabalho de forma individual, fica sem nota. Não é um trabalho que gera muitos conflitos, é só um resumo de toda a matéria desse trimestre. Você só tem que arranjar uma dupla.

– Esse é o problema, professora. – Ri pelo nariz. Aquelas risadas de desespero. – Eu não tenho uma dupla.

– Eu faço com você. – Ouvi a voz de Thaila.

Virei em sua direção para me certificar que não estava ouvindo coisas, e de fato, ela estava olhando para mim. Balancei a cabeça positivamente, tentando parecer o mais controlada possível, enquanto meu corpo inteiro parecia estar em festa. Fala sério, ela simplesmente passou por cima do orgulho e se ofereceu para fazer o trabalho comigo. *Eu*. Laís Monteiro, a menina que a beijou e depois a chamou de egoísta. E que ela

não queria olhar na cara, almoçar junto ou responder uma mensagem. Será que ela tinha, sei lá, me perdoado? Mesmo que a errada da situação seja ela.

Quando a aula terminou, fui em sua direção.

– Então... – Comecei.

– As coisas não voltaram ao normal. – Ela interrompeu. – Não tá tudo bem. Não quero assunto contigo. Só me ofereci porque vi que você não tinha pra onde correr e eu não conheço mais ninguém naquela turma. Só isso. Nada mudou. – Engoli em seco e balancei a cabeça positivamente mais uma vez. Ela saiu andando, me deixando ali, parada, cheia de expectativas, arrependimentos e palavras não ditas, prestes a me sufocar.



– Gente, sério. Torçam muito. Mesmo que a gente não ganhe, temos que ter a torcida mais animada! – Ester estava dando as instruções, enquanto se preparava para jogar. Estávamos todas no vestiário fazendo companhia para ela, que estava muito nervosa. Raissa estava ajudando a organizar suas coisas e tentando mantê-la calma. Thaila estava um pouco distante, encostada na parede e mexendo no celular. Malu e Luiza ouviam atentamente, enquanto passavam glitter azul e branco no rosto, para torcer. Eu estava apenas torcendo para que elas não passassem aquilo em mim. – Eu acho que tem um pessoal com uns cartazes! Fiquem perto deles, eles tão bem animados. Aí dá pra inventar umas musiquinhas, gritar bastante. Gritem bastante! Quero todo mundo sem voz de noite. – Ela começou a se alongar, faltavam cinco minutos.

– Vamos pra quadra então? – Chamei as meninas, que concordaram. Ester precisava encontrar o time logo para fazer aqueles rituais pré-jogo. – Boa sorte, amiga. Você vai arrasar! – Dei um beijo em sua testa.

As meninas também desejaram boa sorte, uma por uma. Thaila veio falar com ela por último, dando um selinho e sussurrando alguma coisa em seu ouvido. Elas riram. Acabei revirando meus olhos, por pura força do hábito.

Nos ajeitamos na arquibancada, perto do pessoal com os cartazes, assim como Ester tinha dito. Eles realmente estavam bem animados. Por mais que eu morresse de vergonha, adorava esse espírito competitivo da galera. Tinha gente com metade do rosto pintado, gente com glitter espalhado em todo o rosto, algumas pessoas estavam com apitos, chocalhos e outras coisas para fazer barulho, e tinha até um menino no alto da arquibancada balançando um mastro com a bandeira da escola.

Os dois times entraram na quadra, um de cada lado, seguidos de aplausos, gritos e muitos barulhos diferentes vindos de instrumentos que eu não conseguia identificar muito bem. Acho que até vuvuzela tinham levado. Ester nos procurou na arquibancada, e quando encontrou, mandou beijos para todas. Se eu já estava uma pilha de nervos para esse jogo, imagina ela. Eu nem chegava a ligar muito para essas coisas, mas toda aquela energia conseguia me contagiar. Não tinha como ficar parada com toda a animação.

O primeiro tempo foi bem acirrado. Os dois times estavam indo bem tanto no ataque, quanto na defesa, então acabou não rolando nenhum gol. Ao longo do jogo, pude perceber um leve atrito entre Ester e a capitã do time adversário. Apesar de não entender muito de futebol, eu entendia de sapatão... Para mim, toda aquela implicância só podia acabar em uma coisa. E aquilo parecia bem visível aos meus olhos, então decidi verificar se estava tudo bem com Thaila, só por garantia. Quando olhei em sua direção, nossos olhos se chocaram por um segundo, mas ela voltou a olhar para o celular. Não parecia estar ligando muito para o jogo.

No intervalo entre um tempo e outro, as meninas do time se reuniram, provavelmente para conversar sobre táticas de ataque e todas essas coisas chatas de futebol. Como de costume, eu e as meninas começamos a conversar sobre as integrantes do time adversário. Malu já estava de olho em uma das jogadoras, que era realmente linda. Estávamos torcendo para que, independente do resultado, elas fossem para a festa depois do jogo.

O segundo tempo começou e elas entraram com mais energia do que antes. Nosso time estava atacando bem mais, e – pelo

que eu ouvi dos comentários por perto – estavam explorando bem os pontos fracos do outro time. Toda as vezes que elas chegavam perto de marcar gol, a torcida vibrava ainda mais. Depois de um tempo, Ester conseguiu marcar um. Ela saiu correndo em direção à arquibancada e fez coração para nós. Estávamos todas comemorando aos berros.

Depois do primeiro gol, o time adversário começou a reagir. Elas também passaram a atacar bem mais do que no primeiro tempo e os chutes a gol aumentaram. Quase no final do segundo tempo, quando todos já estavam esperançosos de que nosso time ganharia, Andressa, a menina que Malu estava de olho, fez um gol para elas. Depois disso, foi só tensão. Os últimos minutos pareciam estar se arrastando, toda vez que alguém se aproximava do gol, a arquibancada ficava em total silêncio, para só depois do chute, liberar a reação. Final do segundo tempo, um a um.

Todas as torcidas estavam tensas. Não teria prorrogação, iria direto para os pênaltis. Acho que não existe momento mais tenso em um jogo de futebol do que esse. Todo mundo estava conversando sobre, fazendo apostas, tentando adivinhar quem iria fazer gol. Eu tinha certeza que Ester conseguiria marcar um, estava doida para ver. As meninas estavam roendo as unhas de ansiedade, as jogadoras estavam se preparando. Parei para observar Thaila, que ainda estava no celular, sem prestar atenção em nada. Ela estava com um semblante triste e consegui reparar uma lágrima descendo. Mesmo com tudo, me preocupei. Cogitei mandar uma mensagem para ver se estava tudo bem, mas ignorei essa ideia, afinal, nós ainda estávamos mal, e provavelmente, continuaríamos assim.

O jogo voltou. As meninas se organizaram para bater os pênaltis. Pelo que entendi, Ester seria a última. A primeira menina do time adversário, que eu não consegui ler o nome na camisa, errou. Letícia, do nosso time, marcou um gol. *Um a zero*. Fernanda, camisa 7 do time adversário, marcou outro. Marina, do nosso, perdeu. *Um a um*. A goleira delas era muito boa, a nossa também. Nervosismo para todo os lados. Para onde eu olhava tinha gente de mãos dadas, roendo as unhas, se balançando de

ansiedade. Ester estava mexendo o pescoço para um lado e para o outro, observando tudo com atenção, enquanto roía as unhas.

A terceira jogadora do outro time foi bater o pênalti. A bola entrou. Paula também conseguiu marcar. *Dois a dois*. Faltavam duas rodadas. As duas jogadoras, tanto de um time quanto de outro, perderam o gol. Continuava dois a dois. Última chance. Andressa se preparou para chutar.... E marcou mais um para elas. *Três a dois*. Agora era a vez de Ester. Ela provavelmente acertaria e daria início ao mata-mata.

Olhei para o lado e vi Thaila saindo da arquibancada, com o celular no ouvido, parecia estar discutindo com alguém. Ela foi em direção ao vestiário, saindo da quadra. Fiquei curiosa sobre o que poderia estar acontecendo com ela, mas me segurei e não fui atrás.

Ester se preparou para bater o pênalti. Ela olhou em nossa direção e pude ver seu olhar de desespero ao notar a ausência de Thaila. Colocou as mãos na cabeça e respirou fundo. Se posicionou e lançou a bola em direção ao gol, parecia o chute perfeito, mas a goleira conseguiu defender.

Nós tínhamos perdido.

19

onda de coragem

Depois do jogo, Ester foi direto para casa, ela não estava no clima para bater papo, após perder o gol decisivo. O combinado foi de encontrá-la na festa, que será na casa de Alice, como de costume. Nós fomos falar com as meninas do outro time, para parabenizá-las, e descobrimos que elas também estavam convidadas.

Fui para casa com Malu, para nos arrumarmos. Já tinha conversado com mamãe para saber se ela precisaria de alguma coisa hoje, mas ela disse que estava tudo sob controle.

Assim que chegamos em casa, subimos direto para o quarto. Passamos a tarde inteira deitadas na cama, enrolando para fazer as coisas. Malu começou a me interrogar sobre Thaila. Eu ainda não tinha explicado nada do que tinha acontecido recentemente para ela, que ficou chocada ao saber que tínhamos nos beijado e me encheu de tapas ao saber que chamei Thaila de egoísta.

– Você nem sabe como tá a situação entre elas, sua doida! – Ela disse, ainda me batendo.

– Ok, mas você não acha que ela tinha que escolher? Ela tá só mantendo as duas por perto pra ter um estepe quando precisar! – Me defendi, parando os braços dela e resmungando. – Tava né, porque agora a gente nem se fala mais.

– É, eu reparei. Você é uma péssima melhor amiga, Laís Monteiro. – Ela fechou a cara e cruzou os braços. – Eu tenho que descobrir tudo sozinha ou vir te perguntar depois de séculos. Você não sabe fazer uma mísera fofquinha!

– Ai, isso é muito chato! – Bufeii. – Eu já tive que conversar com Luíza e com minha mãe. Já bati meu recorde, sabe?

– Você contou pra outras pessoas antes de contar pra mim? – Ela se indignou.

– Elas que tocaram no assunto!

– Nossa amizade tá acabada aqui. Sério. – Ela entrou no banheiro batendo a porta.

Finalmente tomamos coragem para nos arrumar. Como sempre, Malu escolheu minha roupa. Era uma saia jeans com botões na frente e uma blusinha branca, curta e com as mangas caídas, deixando minha barriga e ombros à mostra. Calcei um tênis branco e preendi o cabelo em um rabo de cavalo, bem cheio, devido ao volume do meu cabelo. Até que eu estava bem bonita.

Malu usava um short jeans e uma blusa de botão aberta, mostrando seu top preto. Ela estava de tênis, assim como eu, mas seus cachos estavam soltos. Ela ficava ainda mais linda de cabelo natural.

– Uma pena você ser minha melhor amiga. – Ela disse, enquanto passava brilho labial olhando em um espelho minúsculo de maquiagem.

– Por quê? – Eu me olhava no espelho grande do quarto, tentando descobrir o que estava faltando.

– Porque eu *super* te pegaria! – Ela fechou o espelho de maquiagem e deu um tapa na minha bunda. Comecei a rir. – Sério, tá muito gata! Vou me dar muito bem na faculdade de moda. Olha que pedaço de mal caminho que eu criei! – Fiz pose em frente ao espelho, jogando o rabo de cavalo de um lado para o outro, enquanto ríamos. – Só tá faltando passar um brilhozinho na boca! Toma aqui.



– Gente, vocês viram o Gabriel? – Raissa surgiu na nossa rodinha, preocupada. – Ele disse que ia me encontrar aqui, mas até agora nada.

Já tínhamos chegado na festa fazia uns quarenta minutos. Estava cheio, como sempre, mas ainda tinha muita gente para chegar. As meninas do time campeão estavam lá, socializando.

Apesar da competição – e da derrota – todo mundo estava se entendendo.

– Amiga, acho que ele ainda não chegou, os amigos dele não tão aqui. – Luiza a tranquilizou, mas Raissa continuava olhando para o celular, esperando uma mensagem.

– Ei! – Chamei a atenção dela. – Relaxa. Vamos curtir, vai. Vem pegar uma cervejinha comigo! – Peguei em sua mão e fomos atrás de bebida.

– Acho que tô gostando dele, amiga... – Ela assumiu. Arregalei os olhos. Raissa é tão reservada quanto eu, se não mais. Apesar de ser bem mais solta e amar uma fofoca, ela raramente fala sobre si mesma.

– E você acha que é recíproco? – Perguntei, depois de absorver a informação.

– Acho que sim, eu confio nele. – Ela parecia estar afirmando aquilo para si mesma. – Acho. – Completou. Logo em seguida, mudou de assunto.

Assim como ela estava ansiosa procurando por Gabriel, eu estava procurando por Thaila. Não sabia o motivo dela ter saído tão repentinamente do jogo, e ainda não tinha batido meus olhos nela por aqui. Me perguntava se iria aparecer.

Peguei três cervejas no freezer ao lado da bancada do bar. Uma para mim, uma para Raissa e uma para dividirmos. Nós já ficamos alteradas o suficiente com isso. Fizemos “tim-tim” com nossos latões de Brahma e fomos dançando em direção às nossas amigas. Ester já tinha sumido, e agora Andressa – a menina do jogo que Malu tinha ficado de olho – estava conversando com elas. Luiza e Ana estavam abraçadas, participando da conversa e trocando carinho ao mesmo tempo. Sempre gostei de ficar admirando as duas juntas, apesar de não ser a pessoa mais romântica do mundo. Dava para ver de longe a beleza no amor delas. Por um segundo, me bateu vontade de sentir algo assim, mas num piscar de olhos afastei esse sentimento estranho.

– Meu pessoal não costuma dar esse tipo de festa grande, fiquei de boca aberta quando cheguei. – Andressa estava dizendo.

– O nosso pessoal também não, na verdade. – Malu riu. – É só essa menina que é muito rica e dá essas festas enormes o tempo todo. A gente aproveita, né?

– Vocês que são espertas! – Ela exclamou. – Devem se divertir horrores, é muita gente! – Ela olhava ao redor.

– Você pode começar a vir, ela não se importa de ter gente nova. – Sugeri, dando um gole na cerveja.

– Ah, mas eu não conheço ninguém! – Fez uma carinha envergonhada.

– Minha amiga tá doida pra te conhecer... – Falei, apontando para Malu, que me fuzilou com o olhar, ficando com o rosto todo corado em seguida. Andressa sorriu.

– Que bom, tô doida pra conhecer ela também. – Ela encarou Malu com um sorrisinho torto. Virei para Raissa e, só pelo olhar, decidimos que era melhor dar uma volta e deixar os dois casais interagindo.

Pedimos licença e fomos para a pista de dança. Ainda não estava alcoolizada o suficiente para me soltar, então decidi matar, de uma vez só, a lata de cerveja que estava pela metade. Raissa me olhou assustada, mas riu e fez o mesmo. Alguns minutos depois estávamos dançando com pessoas que nunca vimos na vida. Eu amava a velocidade em que ficávamos bêbadas.

Depois de um tempo, Raissa gritou algo que não entendi direito e saiu andando para fora da pista de dança. Fiquei confusa até vê-la dando um selinho em Gabriel, que estava esperando por ela. Revirei os olhos instantaneamente. Quer dizer, eu quero a felicidade da minha amiga, mas quase certeza que não é com ele. Não consigo ir com a cara desse menino de jeito nenhum. Bom, quem sou eu para dizer algo, não é mesmo?

Me desvencilhei de meus devaneios ao reparar que estava parada no meio da pista de dança, olhando para o nada. Saí de lá e, como de costume, decidi ir em direção ao parquinho. Quando estava me aproximando, ouvi duas vozes conhecidas em uma espécie de discussão. Minha curiosidade foi maior do que qualquer senso que exista em mim, então fui em direção às vozes, que não estavam longe. Naquela parte da festa a música ficava baixa, então dava para ouvir claramente o que estava

sendo dito. Me aproximei e, ao ver que se tratava de Ester e Thaila, meu corpo reagiu de uma forma inusitada: Me escondi atrás de uma árvore para espiar.

– Eu tô te apoiando em tudo que acontece, Thaila! Tô presente pra você em tudo! E na hora do momento mais decisivo de uma parada que eu tô esperando há meses, tu *some*? – Ester gesticulava, falando alto.

– Cara, eu já te pedi desculpas! O que você queria que eu fizesse? Tava dando merda, não tinha como eu ignorar! Eles estavam me perturbando, mandando um monte de mensagens.

– Poxa, Thaila, tu não podia esperar um pouco pra sair? – Ela cruzou os braços, chateada. – Você é a pessoa que eu mais tô próxima ultimamente, sabe? Era importante.

Minha mente estava tentando juntar todas as pecinhas, mas era impossível, por conta da quantidade de pecinhas faltando. Acabei ficando mais curiosa ainda, mas não tinha muito o que fazer além de continuar escutando.

– Eu sei, eu sei. Mas eu tô cheia de coisas pra lidar, sabe? Não deu pra ficar lá. Achei que não tivesse problema, as meninas já estavam te apoiando mesmo. – Thaila também cruzou os braços, encostando na parede. Elas pareciam mais calmas.

– Eu sei que tem alguma coisa que você não tá me contando. Você tem andado muito estranha.

Meu corpo gelou ao ouvir aquilo, porque eu sabia do que se tratava. Thaila realmente estava escondendo o jogo. Eu tinha certeza que estava certa: Ela não passava de uma grande manipuladora e mentirosa, com aquele jeitinho de mexer no cabelo que derrete o coração das pessoas e faz com que sintam coisas estranhas na barriga e fiquem com raiva dela por isso. Não que seja o meu caso.

– Relaxa. – Thaila respirou. – Tá tudo certo. O que você precisa saber, eu te conto.

Ester parecia desconfiada com aquela resposta, mas se contentou. Elas deram um abraço e falaram algumas coisas meio abafadas, depois se separaram e cada uma foi para um lado diferente da festa. Não tinha percebido como Thaila estava vestida, por conta da pouca iluminação, mas quando ela se

afastou e chegou a uma parte mais iluminada, meu coração acelerou.

Ela usava uma calça preta, apertada no corpo. Estava com um blazer, também preto, fechado apenas por um botão no meio da barriga. Mas, ao contrário do convencional, ela não usava nada por baixo do blazer. Tipo, nem um sutiã. Só... *Nada* . Uma sensação estranha percorreu meu estômago, mas rapidamente voltei a pensar que ela era apenas uma manipuladora *muito* bonitinha.

Ao pensar isso, uma onda de coragem tomou conta de mim. Saí de trás daquela árvore, determinada.

Não acreditava no que estava prestes a fazer.

20

típico de Laís Monteiro

Eu podia sentir a adrenalina correr pelo corpo e meu coração palpitar a cada passo que dava. Tudo bem que a atitude que eu estava prestes a tomar não era lá essas coisas, mas é de mim que a gente está falando. Eu não faço coisas ousadas... Pelo menos não por livre e espontânea vontade. Então, sim, isso era algo que fazia a adrenalina correr pelo meu corpo e meu coração palpitar a cada passo que dava.

– Ester. – Chamei quando consegui alcançá-la, já na rodinha de amigas, junto com Luiza, Ana e Malu. – Preciso te contar uma coisa. – Ela se virou para mim e eu podia jurar que tudo estava acontecendo em câmera lenta. Exceto pelo meu coração, que estava mais rápido que batida de música eletrônica. Na verdade, mais rápido que batida de funk 150 *bpm* .

– Oi, amiga. – Ela sorriu. – Diga.

– Ok. – Respirei fundo, hesitando. Minha cabeça mandava eu sair correndo. Tive que lutar contra essa vontade. – Como eu posso dizer isso? – Olhei para o alto, enquanto esfregava minhas mãos no jeans da saia, nervosa.

– Desembucha. – Ela estava segurando o riso, provavelmente devido ao meu estado de nervos. – Você matou alguém, por acaso?

– Não. – Ri de nervoso. – Não matei... – Cocei a cabeça. – Hum. – Balbuciei. Estava realmente difícil organizar as palavras e colocar aquilo para fora, mas eu precisava me libertar desse peso. Fechei os olhos com força, tomando coragem. – *Eu e Thaila nos beijamos.*

– Eu sei.

– Quê?! – Ela me surpreendeu.

– Thaila me contou quando aconteceu, eu só tava esperando você tomar a iniciativa de falar. – Ela estava estranhamente calma. Eu esperava, no mínimo, uns bons palavrões.

– Mas... – Tentei juntar as coisas. – Não faz sentido. Vocês continuaram ficando!

– Sim. – Balançou a cabeça positivamente. Agora era ela quem exalava confusão. – O que tem a ver? – Riu. – A gente gosta de ficar uma com a outra... E enquanto você não se decidia, né...

– Então... você não me odeia?! – Perguntei, soltando a respiração. Ela quase gargalhou com minha pergunta.

– Não! Eu sei da situação toda... – Ela deu um gole na bebida que estava em sua mão. – Desde o dia em que você saiu correndo e deixou ela plantada no cinema. Ela foi lá pra casa e abriu o jogo.

Aos poucos, as coisas começaram a fazer mais sentido.

– Então você não gosta dela? – Perguntei, indignada.

– Parece até que não me conhece, Laís. – Ela riu. Só então me dei conta de que as meninas ainda estavam ao nosso redor, ouvindo tudo. Para minha sorte, Malu e Luiza já sabiam de toda a confusão, então apenas Ana estava espantada. – Era só fogo. Passou. A gente só tava esperando você admitir... E nessa brincadeira, acabamos virando muito amigas.

– Então... – Me senti incomodada em pensar aquilo, mas precisava perguntar. – Vocês não transaram?

– Ah! – Ela gargalhou de novo. – A gente transou. Mas só uma vez, relaxa. – Ok, agora eu realmente estava incomodada. Engoli em seco.

– Então esse tempo todo ela tava sendo sincera com você e...

– Tentando não te pressionar. – Ester interrompeu, assentindo com a cabeça e se divertindo com minha cara de confusão. – Mais algum “então”? – Ela brincou.

Eu conseguia até sentir meu cérebro trabalhando mais do que o normal para conseguir absorver todas as informações que tinha acabado de receber. Milhares de perguntas passavam pela minha cabeça e eu não sabia se me odiava mais por

simplesmente ter me fechado e não perguntado nada, ou por ter ficado todo esse tempo com raiva dela quando, na verdade, ela só estava me dando espaço para decidir as coisas. E estava sempre ali por mim, à minha disposição.

– E eu a chamei de egoísta. – Concluí meu raciocínio em voz alta, olhando para o chão com os olhos arregalados.

– Isso mesmo. – Ester balançou a cabeça mais uma vez, observando minhas reações com cautela.

– Caralho. – Levei minha mão até a boca. – Eu sou muito burra.

Dei as costas para ela e comecei a andar por aí, sem rumo. Me sentia absolutamente desorientada. Tentava encontrar Thaila em meio àquele monte de rostos diferentes espalhados pela festa, mas tudo parecia estranho demais para mim. Eu estava enxergando as coisas meio turvas, não sei se pela bebida ou pelo soco de realidade que tinha acabado de levar.

A egoísta esse tempo todo era eu. Não Thaila, não Ester. Eu, que me deixei acreditar nas coisas do jeito que queria, e não como elas realmente eram, que não consegui enxergar tudo o que estava acontecendo bem na minha frente, que não dei abertura em momento algum para ela conversar comigo, que relutei para deixá-la se aproximar. Eu, que menti para mim mesma, tentando me convencer que tudo não passava de um beijo. No fundo, eu sabia que não era isso. Não podia ser só isso. Eu *não queria* que fosse só isso.

– Você viu Thaila? – Comecei a perguntar para pessoas aleatórias, que passavam por mim. – Thaila Fontana? De cabelo curtinho? Não? – Continuei andando, esbarrando acidentalmente em todos que cruzavam meu caminho. Estava à deriva. Não sabia para que direção ir. Maldita Alice, pra quê ter uma casa tão grande? – Alguém viu Thaila? A menina nova. Por favor, alguém me diz que viu. – Meu corpo estava prestes a desistir, senti algumas lágrimas brotando em meus olhos, e baixei a guarda, até sentir uma mão tocando meu ombro. Virei rapidamente, na esperança de que fosse ela.

– Você tá procurando a Thaila? – Um dos meninos que andam com ela de vez em quando perguntou. Não pude conter minha

cara de decepção, mas assenti. – Ela foi pra aquele lado ainda agora. – Ele apontou em direção a uns quartinhos no meio do quintal, provavelmente para hóspedes ou essas coisas. Era um espaço à parte da casa.

Agradei e comecei a correr naquela direção. Eu não fazia ideia do que falar para ela. Como eu pediria desculpas por ter agido como uma louca? Por ter chamado ela de egoísta, manipuladora e egocêntrica? Por ter fingido que não estava nem aí quando, na verdade, ela não saía da minha cabeça desde que encostou aquela maldita mão hidratada na minha pela primeira vez? Como eu iria *conseguir* dizer tudo isso se meu corpo travava toda vez que eu olhava para ela? Como eu me tornaria vulnerável do dia para a noite?

Meu coração, mais uma vez, tinha tomado conta de mim. Eu me sentia uma criança boba do jardim de infância que estava gostando de uma coleguinha de classe e não sabia como dizer. Eu me sentia uma pré-adolescente prestes a botar os sentimentos para fora, completamente aterrorizada com a resposta. Eu me sentia uma maluca, que na real nem sabe o que está sentindo, só sabe que sente algo. Eu me sentia várias coisas, mas definitivamente não me sentia eu mesma. Não tomando aquelas atitudes, não assumindo o controle da minha própria vida. Isso não é típico de Laís Monteiro.

Quando alcancei a casinha amarela, percebi que a luz estava acesa e pude concluir que Thaila estaria lá dentro. Bom, pelo menos eu esperava que sim. Até porque eu estava *realmente* prestes a abrir a porta e, caso não fosse ela ali dentro, eu provavelmente iria interromper a transa de alguém.

Minha mão já estava na maçaneta, mas parecia que toda a coragem tinha sumido de mim. Respirei fundo e comecei a contar.

1... 2... 3... Já.

– Thaila, eu sinto mui... – Comecei a falar assim que tomei coragem de abrir a porta, mas fui pega de surpresa pela cena que estava bem à minha frente. Eu realmente estava interrompendo a transa de alguém, o problema é que esse alguém era ela. Minha boca estava aberta, espantada com

aquilo. A sensação de raiva voltou a assumir o controle do meu corpo, mesmo com aquele par de olhos cor de mel olhando em minha direção, assustados. Não consegui sequer me dar ao trabalho de olhar quem era a menina que estava com ela, apenas fechei a porta com toda a força que tinha e deixei as lágrimas rolarem pelo meu rosto.

A única coisa que consegui fazer foi correr. No fim das contas, fugir era o que eu fazia de melhor. Quando me dei conta, já estava na rua, apoiando as mãos nos joelhos, sem conseguir respirar. Eu chorava sem parar e uma angústia enorme tomava conta do meu peito. Esse era o motivo de eu não conseguir me abrir: Quanto mais vulnerável eu me tornava, maior era a chance de eu me machucar.

Isso sim é típico de Laís Monteiro.

21

meio da rua

Eu me encontrava em total estado de calamidade, sentada ali na calçada à noite, com a rua completamente deserta, correndo o risco de ser assaltada ou algo pior. Ainda estava tomando coragem para fazer algo, considerando que tinha acabado de sentar para poder chorar em paz.

– Laís! – Minha paz foi destruída em menos de dois minutos. – Por que você sempre sai correndo? – Olhei na direção da voz, que eu não era nem capaz de confundir, e avistei Thaila correndo com a roupa ainda bagunçada. Revirei os olhos e respirei fundo, mas continuei quieta. No fundo, fiquei feliz por ela ter aparecido. – Desculpa. – Ela disse, quando sentou ao meu lado. – Não queria que você visse aquilo.

– Não importa. – Dei de ombros. – A gente não tem nada. Você nem fala comigo. Certamente não me deve nenhuma satisfação.

– Mano. – Levantou rápido. – Não dá pra conversar contigo, né? – Ela começou a andar, pronta para voltar para a festa. Olhei em sua direção, observando enquanto ela ia embora, mas ela parou, colocou a mão na cabeça e deu meia volta. – Eu tava tentando, Laís. Tava tentando desde o começo. Só que não adianta nada porque você não me deixa tentar. Você não deixa eu me aproximar, você não me deixa te conhecer, você não me deixa *falar*. Eu tava te dando espaço pra entender as coisas que se passam na sua cabeça, seja lá o que for que se passa aí. – Ela apontou em minha direção. Eu olhava para o alto, tentando notar seu semblante, de pé na minha frente, mas a falta de iluminação da rua e as lágrimas em meus olhos não me

deixavam identificar muita coisa. Ela parecia com raiva, pela primeira vez. – E aí você me chamou de egoísta. Você me chamou de manipuladora. Tem noção? Você imagina como eu me senti *otária* ouvindo você falar isso pra mim, mesmo enquanto eu fazia isso tudo? E eu tava sendo *otária* mesmo, né? Porque você não enxerga nada disso. Você só enxerga o que você quer. – Ela respirou fundo. – E você tem razão! A gente não tem nada, eu não te devo nenhuma satisfação. E mesmo assim eu acabei de deixar a menina pelada na cama, sem explicação, pra correr atrás de você. E você age assim! – Continuei em silêncio. – Láís! Fala alguma coisa, por favor! – Sua voz estava trêmula. – Eu tô cansando...

– Eu contei pra Ester. – Falei. Ela parecia confusa. – Do beijo... Eu contei pra ela e ela me explicou tudo. E aí eu fui pedir desculpas, quer dizer, eu precisava pedir desculpas. Mas quando eu vi você com aquela menina, eu... – Sacudi a cabeça, tentando afastar a memória. – Entrei em desespero. Me deu raiva. Eu não consigo, Thaila. Não consigo lidar com isso, é demais pra mim. Se eu me abrir, você vai me machucar.

– Eu não quero te machucar...

– Mas você vai. – Interrompi.

– Custa tentar? – Ela perguntou, irritada.

– Custa muita coisa. – Ouvi um riso abafado, com ironia.

– Eu não sou essa pessoa. – Ela começou a gargalhar. – Não, sério, eu não sou! – Ela passou a mão no rosto, desesperada. – Eu não fico rendida por ninguém, eu não corro atrás de ninguém, eu não me presto a esse papel. E você nem me dá bola! Você nem se dá ao trabalho de me enxergar! E eu continuo tentando e tentando que nem uma idiota. E você continua não enxergando. Você nem tenta enxergar. Eu tô fazendo papel de *otária*, mano. Olha só... – Ela olhou pra mim, incrédula. – Tu nem liga! – Ela virou de costas, divagando, enquanto andava pra lá e pra cá. – E eu continuo aqui parada na tua frente, falando que nem doida, praticamente me humilhando, só porque você me deixa nervosa e eu não consigo agir normalmente. E, em algum momento, eu achei que fosse recíproco, mas aparentemente eu tava enganada. E aí eu não sei o que eu continuo fazendo... –

Levantei, já sem aguentar olhar para aquela mulher, parada na minha frente, falando que eu não quero nada com ela.

– Thaila Fontana! – Coloquei a mão em seu ombro, virando-a para mim. Ela me olhava assustada, com a boca ainda aberta, sem completar a frase. Parecia que as palavras tinham escapado, ela só observava meus movimentos. – Cala a boca. – Mordi o lábio, sorrindo, e levei a mão até seu pescoço. Ela entendeu o recado e se aproximou. Nossos lábios se tocaram e eu era capaz de sentir todas as coisas de antes como se fosse a primeira vez. Senti as mãos dela escorregando pelas minhas costas e parando em minha cintura. Ela me puxou mais para perto, sorrindo entre um selinho e outro. Não me contive, acabei sorrindo também. Nossas línguas se encontraram, revelando o gosto de todas as cervejas que havíamos bebido. Parece bobagem, mas eu sentia que nossos beijos tinham sido feitos um para o outro. Era como se todos os beijos que eu já tinha dado antes não fossem nada demais comparado ao nosso. Passei meus dedos entre seus cabelos curtos, que estavam crescendo, e senti ela apertando de leve minha cintura. Eu poderia ficar ali para sempre.

– Laís? – Ela parou de beijar, encostando a testa na minha. – A gente tá no meio da rua. – Ela segurou meu rosto e se afastou, me olhando melhor. Abri um sorriso cínico.

– Então me tira daqui...

22

pare o carro

Eu nunca serei capaz de me acostumar com a beleza de Thaila Fontana dirigindo. Isso é fato. Agora, Thaila Fontana dirigindo enquanto veste um blazer semiaberto com *nada* por baixo, é realmente de desconcentrar qualquer uma. Eu observava tentando gravar cada detalhe na minha mente como se fosse uma fotografia, uma pintura, qualquer obra de arte.

Antes de entrar naquele carro, perguntei pelo menos trinta vezes se ela tinha certeza de que iria dirigir, mas ela disse que só tinha tomado uma cerveja no começo da festa e já estava tranquila. Fiquei meio relutante, mas acabei cedendo após ela fazer toda uma demonstração de como estava sóbria, andando em linha reta, fazendo o quatro e plantando bananeira. Sim, ela plantou bananeira no meio da rua. Com uma mão só.

Eu, pelo contrário, ainda estava bem alterada. Fazer o que?! Bebida me pega muito fácil, não tem para onde correr. Não sabia exatamente aonde Thaila estava me levando, mas a parte bêbada de mim torcia para que ela estivesse dirigindo para casa. Ou para um lugar com cama. Ou só para que ela parasse o carro em alguma esquina e me beijasse.

– Tá mordendo o lábio por quê? – Ela perguntou, se divertindo, após olhar em minha direção. Senti meu rosto esquentar com vergonha e me virei para a janela na mesma hora. Eu nem sequer tinha reparado que estava encarando-a daquele jeito.

– É mania... – Tentei dar um bom argumento, mas ela gargalhou. – É sério! – Direcionei um tapinha em seu ombro e acabei rindo também. Ela começou a dirigir com uma mão só,

levanto a outra até minha perna. Ao sentir o toque dela, minha perna inteira arrepiou. Tentei disfarçar, mas ouvi uma risadinha meio sapeca vindo dela.

– Você não vai mais sair correndo de mim não, né? – Senti seu olhar pesando sobre mim, mas continuei olhando pela janela. Não tinha coragem de olhar para aqueles olhos que tanto me intimidavam.

– Posso tentar... – Abri um sorriso e olhei rápido para ela, que também estava com um sorriso aberto, de leve. *Que sorriso.*

– Posso te fazer uma pergunta? – Ela tirou a mão da minha perna e voltou a segurar o volante com as duas, fiquei decepcionada e aliviada ao mesmo tempo. Morro de medo sempre que o motorista fica dirigindo com uma mão só, parece que é o primeiro passo para algo dar errado. Pelo menos acontece muito nos filmes.

– Pode, acho.

– O que você disse no meu ouvido no dia da festa... – E meu celular começou a tocar, atrapalhando-a de falar. Olhei para ela e para o número desconhecido na tela, esperando que ela terminasse a pergunta. – Pode atender, relaxa!

– Alô? – Levei o celular até o ouvido, esperando que fosse só a operadora ligando para nada.

– Laís, sou eu, seu pai. – Estremeci assim que ouvi sua voz. – Sua mãe... Ela acabou de entrar em uma cirurgia de emergência. Eu tava aqui e... Ela teve uma... Uma convulsão. – Pude ouvi-lo fungar, parecia desesperado. Meu coração acelerou e meus olhos encheram de lágrimas automaticamente.

– Thaila, para o carro. – Pedi. Ele ainda falava algo do outro lado da linha, mas eu já não conseguia entender nada. Não dava para acreditar que eu estava perdendo minha mãe novamente. – Para, por favor. – Ela encostou e virou para mim, preocupada, perguntando se estava tudo bem. Eu mal podia falar. Não conseguia formular uma frase sequer para respondê-la. Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Vi Thaila pegando o celular da minha mão e falando algo. Minha única reação foi abraçar meus joelhos e chorar. Eu sentia uma dor enorme no peito. Não deveria ter deixado ela sozinha. Não deveria.

Senti o carro acelerando, mas continuei naquela posição. Não conseguia conter o choro, os soluços saíam sem nenhum aviso. As coisas passaram de ótimas para terríveis em segundos e eu odiava como aquilo vinha acontecendo com frequência na minha vida.

Senti a mão de Thaila nas minhas costas, tentando me acalmar. Não que adiantasse de algo, mas a presença dela definitivamente me tranquilizava.

Vários momentos com minha mãe começaram a passar em um flash pela minha mente, como se meu corpo quisesse que eu chorasse ainda mais. E estava conseguindo. Eu costumava pensar sempre nas mesmas coisas quando queria lembrar dela, mas dessa vez, entre as memórias boas de nós duas sorrindo e brincando uma com a outra, estavam as lembranças do dia em que ela se acidentou. Ela caindo daquela maldita escada enquanto enfeitava a casa para o natal. Eu chorando em total desespero, ajoelhada ao seu lado, esperando a ambulância. A sirene azul e vermelha rodando a nossa volta com um barulho estridente, deixando tudo ao redor da mesma cor e minha mãe sendo carregada para longe de mim. Lembro dela inconsciente em uma maca no hospital enquanto os médicos faziam de tudo para acordá-la. Eu e Luiz abraçados, esperando que ela saísse da cirurgia. O médico avisando que não sabia se ela acordaria.

E agora, eu teria que esperar novamente.

Aos poucos, senti o carro parando, mas não consegui me mexer para verificar se tínhamos chegado. Thaila passou a mão em meus cabelos e pude senti-la depositando um beijo em minha cabeça. Levantei o rosto, que ainda estava entre meus joelhos, e espiei na janela. Estávamos em frente ao hospital. Eu sabia que estava com o rosto inchado e provavelmente no meu pior momento, ainda assim Thaila me olhou no fundo dos olhos e virou um pouco a cabeça de lado.

– Você é linda. – Ela sorriu sem mostrar os dentes. – Eu prometo que vai ficar tudo bem. – Tirou os fios de cabelo que estavam grudados em meu rosto e os colocou atrás da orelha, fazendo carinho na minha bochecha em seguida. Acabei fechando os olhos ao sentir seu toque. – Vamos?

Sáímos do carro e hesitei em andar, após bater a porta. Não queria passar por isso tudo de novo, não queria encarar essa situação horrível. A verdade – difícil de aceitar – é que eu estava há tanto tempo preparada para o dia em que perderia minha mãe *de vez*, que só conseguia pensar que esse era o momento. Eu não tinha a mínima esperança de que ela acordaria agora, nem que sairia bem dessa cirurgia. Eu estava pronta para deixá-la ir se tivesse que ser assim.

Encostei no carro, me sentindo indisposta. Meu ar estava indo embora e eu não sabia se conseguiria recuperá-lo. Fechei os olhos e tentei respirar fundo, me deixando desfalecer.

– Ei, ei, ei. – Thaila correu até mim e me pegou antes que eu pudesse cair. – Não desiste... Por favor. Respira fundo. – Ela fez um malabarismo para tentar abrir a porta do carro novamente sem parar de me segurar. Me sentou no banco do carona e se ajoelhou na minha frente, colocando as mãos em meu joelho. – Inspira... Expira... – Fui tentando me concentrar na voz dela e obedecer a seus comandos. Aos poucos, fui recuperando meu ar.

– Obrigada... – Sorri. – Ainda tô meio estranha, mas pelo menos tô respirando.

– Vamos, lá dentro eu pego uma água e algo pra você comer. – Ela estendeu a mão para mim e fomos juntas até o lado de dentro do hospital.

Nos apresentamos na recepção e pediram para que aguardássemos na sala de espera, logo alguém apareceria para dar notícias. A moça disse que tinha um senhor indo perguntar a cada dez minutos sobre mamãe. Sorri, sabendo quem era. Apesar de todos os defeitos, Luiz sempre foi extremamente apaixonado por ela.

Eu e Thaila nos sentamos, lado a lado, nas cadeiras azuis da sala de espera que estavam distribuídas ao redor do espaço. Não era exatamente uma *sala*, e sim um canto do hospital perto das escadarias. Meu pai não estava por lá e acabei agradecendo silenciosamente por não ter que lidar com ele naquele momento.

– Quer que eu vá pegar algo pra você comer? – Thaila perguntou, segurando minha mão e fazendo carinho nos meus dedos. Aquele gesto também me fez sorrir.

– Não, fica aqui. – Pedi, encostando a cabeça em seu ombro. Reparei que ela relaxou assim que fiz isso. Me encolhi em sua direção, estava morrendo de frio.

– Eu até te daria meu blazer pra se esquentar, mas acho que iriam acabar me expulsando daqui... – Ela brincou, tentando descontrair. – Odeio hospitais, sabia? – Fiz que não com a cabeça e murmurei um “Por que?” – Lembranças ruins, minha saúde é um pouco complicada, então, quando mais nova, vira e mexe eu ia parar em um hospital. É tudo péssimo...

– Que chato... – Resmunguei. – Deve ser mesmo muito ruim. – Me ajeitei em seu ombro e fechei os olhos. Não conseguia interagir muito bem. Apesar de estar super preocupada com a cirurgia, meus olhos estavam pesando por conta do choro e a dor de cabeça estava me matando. Aos poucos, fui me deixando levar e acabei adormecendo, ali, nos braços dela.

23

me deseje sorte

– Você tem certeza *absoluta* que não quer que eu passe a noite aqui no hospital? – Perguntei, preocupada demais em deixá-la sozinha. – Eu falto essa semana e me viro depois, não tem problema. Acho super confortável dormir na sala de espera... – Dona Angélica quase sorriu, com um pouco de dificuldade. – Sério! Aquelas cadeiras são deliciosas.

– Seu pai... Vai... Ficar... – Ela segurou minha mão. Mamãe estava pálida e fraca novamente, por conta da cirurgia. Pelo pouco que eu entendi dos médicos, os anticoagulantes que mamãe estava tomando acabaram provocando uma hemorragia intracerebral. Ela estava muito cansada há dias, mas acharam que estava relacionado com as intensas fisioterapias que ela fazia várias vezes na semana. Na sexta, passou o dia inteiro enjoada, mas não quis contar para ninguém. À noite, pouco antes de Luiz me ligar, ela entrou em convulsão e foi levada com urgência para a cirurgia, após fazer uma ressonância magnética.

– Mas eu fui embora por uns dias e olha o que aconteceu! – Apontei para sua cabeça, enrolada em uma faixa. Ela esboçou um sorriso.

– Se você trazer sua amiga, eu deixo ficar... – Ela implicou, se esforçando para que a frase saísse inteira.

– O-k. Me pegou. Tô me retirando! – Beijei sua testa e deixei o leito da UTI em que ela estava. Mamãe sempre soube meus pontos fracos e eu sempre achei isso incrível. Me dirigi à parte em que as enfermeiras ficavam no andar cirúrgico. – Lúcia, por favor, me avisa qualquer coisa? – Encostei no balcão, implorando com as mãos e Lúcia me olhou por cima dos óculos, detrás do

balcão, com uma cara de malvada. – Por favorzinho? – Fiz biquinho. Elas não faziam ligações caso já tivesse alguém para receber as notícias, que nesse caso era meu pai, mas eu não confiava nele o suficiente.

– Vou pensar no seu caso... – Ela falou, fingindo ser durona, e continuou assinando uns papéis que estavam em cima da mesa. Corri para o outro lado do balcão e apertei seu rosto, enchendo de beijos. Ela não aguentou segurar o riso por muito tempo e me retribuiu com umas batidinhas nas costas, enquanto resmungava.

– Obrigada! Você é a melhor. – Saí aos pulinhos e fui repreendida por ela, que soltou um “Silêncio, mocinha!”. Eu ri, meio sapeca, mas antes que pudesse me conter, esbarrei em alguém. – Ah, oi, pai. – Fechei a cara imediatamente.

– Já vai para casa? – Ele perguntou, sem graça, com dois copos de café na mão.

– Sim. O horário de visitas tá acabando e ela disse que você ficaria aqui. – Olhei para o chão, para não ter que encará-lo.

– Eu... – Esticou um copo de café para mim. – Trouxe isso pra você. Você gosta, não gosta? É cappuccino.

– Ah! – Pensei em dizer que não gostava, para não ter que aceitar, mas achei aquela atitude um pouco fofa. Acabei pegando o copo de café da mão dele. – Obrigada. Até mais! – E desviei de seu corpo, descendo as escadas do hospital.



– Passo aí às 20h? – Thaila perguntou do outro lado da linha.

– U-hum. – Respondi, enfiando um pedaço de bolo na boca. Estava muito nervosa.

– Já é! Beijos, linda. – Pude reparar que ela estava sorrindo e desliguei imediatamente.

– Filha! – Gritei, levantando da cadeira na cozinha e saindo correndo pela casa à procura de Nina. – Filha, filha, filha! – E nada. – Miau! – Imittei. Ela miou de volta, sempre dava certo. Encontrei-a atrás do sofá da sala e a peguei no colo, pulando. – Mamãe vai ter um encontro! Um encontro! Tipo, de verdade! Um

encontro! – Coloquei Nina no sofá, com os olhos arregalados. – Eu não tenho *ideia* do que usar! Ferrou!

Na mesma hora, calcei meus chinelos e abri a porta de casa, correndo pela rua. Calma, eu juro que ainda não fiquei maluca. Atravessei a rua e fui até a esquina, tocando desesperadamente a campainha do enorme portão de madeira.

– Laís, minha filha, tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa? – Tia Hellen me atendeu, abrindo o portão com uma feição um tanto quanto confusa.

– Malu tá em casa, tia? Preciso dela! Urgente! – Perguntei, já entrando no quintal da casa de Malu.

– Tá tudo bem? – Ela segurou meu braço, me olhando nos olhos para conferir.

– Tá sim! – Comecei a rir. – Desculpa pelo susto, eu só tô animada!

– Ela tá no quarto. – Ela riu, ajeitando o roupão rosa claro que estava usando, e colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Entrei correndo pela casa, sendo recebida aos pulos por Max, o cachorro delas, um *Golden Retriever* enorme que já tem muitos – e quando digo muitos, são muitos mesmo – anos de vida.

– Depois a gente conversa, Max! – Me esquivei dele e comecei a subir as escadas para o quarto da minha melhor amiga. Quando entrei, ela estava falando no telefone com um sorriso idiota no rosto, andando de um lado para o outro. – Amiga! – Gritei. Ela deu um pulo com o susto, levando o celular até o peito. Me olhou com cara de repreensão e colocou o celular na orelha de novo.

– Eu vou desligar, rapidinho. Para, Laís! – Ela afastou o celular para brigar comigo, que estava cutucando seu ombro sem parar. – Mais tarde a gente se fala, linda. – E abriu outro sorrisinho. – Não, desliga você.

Não aguentei conter a implicância e fiz cara de nojo, ela me devolveu uma careta com a língua para fora e o dedo do meio erguido. Elas continuaram se despedindo e assim que Malu desligou o telefone, veio me dar um tapa.

– Mas você é chata! – Ela riu, sentando-se no sofá que fica em frente à janela.

– Quem era a “linda”? – Provoquei.

– Não te interessa. – Ela cruzou os braços. Levantei a sobancelha direita, encarando-a com cara de tédio. Malu nunca aguenta guardar esse tipo de coisa. – Andressa...

– Tá namorando, tá namorando! – Dei uns pulinhos enquanto cantava e observava a cara de Malu mudar de cor para vermelho. Ela ficava envergonhada com muita facilidade e sempre dava para perceber.

– Sua mãe tá melhor? – Ela desconversou, com uma cara de preocupação. Thaila tinha avisado às meninas enquanto eu dormia no hospital em seu ombro, na sexta-feira à noite. Hoje já era domingo e eu ainda não tinha mandado notícias.

– Tá sim! Ela tá na UTI e tal, mas a cirurgia correu bem. Ela provavelmente vai melhorar... Quer dizer, têm muitos riscos de a pessoa vir a falecer alguns dias depois desse tipo de coisa. – Percebi que estava parecendo preocupada, então mudei meu rosto e voltei a sorrir. – Mas ela é forte. Tá melhorando rápido. Vai dar certo.

– Ok... – Ela estendeu a mão para eu sentar a seu lado. – O que você quer, senhorita? Pra entrar afobada assim.

– Eu meio que tenho um... – Escondi o rosto com as duas mãos, rindo. Estava morrendo de vergonha. – Encontro? – Perguntei, afirmando ao mesmo tempo, enquanto olhava para a cara de Malu apenas entre os dedos, que ainda estavam cobrindo meu rosto. Ela começou a gargalhar, batendo palminhas histéricas.

– Finalmente dona Thaila partiu pro ataque! Tava na hora! – Ela levantou, abrindo o guarda roupa. – O que vocês vão fazer?

– Eu não faço ideia! Ela disse que seria surpresa. – Me estirei na cama, suspirando. Eu sempre ficava muito nervosa com surpresas.

– Aí ela dificulta pro meu lado. – Malu colocou a mão no queixo, pensando, enquanto observava seu guarda roupa. – Ok, não vamos colocar nada muito chique, mas também nada muito simples. – Era muito difícil ser uma menina básica e ter uma

melhor amiga completamente *fashionista* . Geralmente, eu reclamava assim que Malu começava a me vestir, mas no final sempre ficava muito bom. E nessa ocasião... Digamos que eu realmente precise dela. – Aqui! – Ela puxou um vestido amarelo, que deveria bater na metade da coxa. Ele tinha a parte da cintura meio aberta, era colado na parte de cima e rodado na saia. Não fazia muito meu estilo, então fiz uma careta. – Chata. – Malu reclamou. Pegou um short jeans simples, mas lindo, e jogou em cima da cama. Em seguida, puxou uma camisa de botões branca com umas flores desenhadas e estendeu em minha direção. – Veste isso. É a sua cara... E mesmo assim fica arrumadinho.

– Tá me chamando de desarrumada? – Levantei da cama, puxando a blusa de sua mão, enquanto ela ria. Vesti a roupa e soltei o cabelo, que antes estava arrumado em um coque. Virei para ela, colocando a mão na cintura, meio sem jeito.

– Você tá linda! – Ela colocou a mão na boca. – Pode até levar pra casa, é bem mais a sua cara. – Malu tinha roupa até não caber mais no guarda roupa, então ela não ligava muito de dar as roupas suas roupas. Sempre acontecia. – Você vai colocar um *All Star* . Isso. E vai deixar o cabelo solto.... Rímel! E gloss. Bota uma argola e um cordão. Vai ficar perfeita.



Faltavam dez minutos. Exatos dez minutos para Thaila Fontana passar na minha casa de carro e me levar para sabe-se lá onde. Eu estava arrumada exatamente do jeito que Malu tinha mandado, e ela tinha toda razão, eu estava linda. Aquela roupa era totalmente a minha cara. Mil vezes melhor que vestidinhos rodados. Eu já estava pronta fazia vinte minutos, andando de um lado para o outro no quarto. Nina me observava a cada passo, enquanto lambia as patas.

Ouvi um carro se aproximando e, logo em seguida, desligando o motor. Espiei pela janela e vi que era o carro de Thaila em frente ao meu portão. Demorei para acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. Me perguntei se ela buzinaría ou se me ligaria avisando que chegou. Fiquei observando o celular,

esperando que ele tocasse. Nada. Meu coração nunca esteve tão acelerado. Eu sei, eu sempre falo isso, mas dessa vez era sério. Parecia que ele ia sair pela boca e eu nunca mais conseguiria alcançar. Ou sei lá, que eu ia ter um ataque cardíaco.

Ouvi a porta do carro batendo e olhei no mesmo instante pela frestinha da cortina, ela estava linda. E quando eu digo linda, é realmente linda. Tipo, imagina todas às vezes em que Thaila Fontana esteve linda e multiplica por dez. Era assim que ela estava. Usava uma blusa social, mas não tão social assim. Era estampada com uns desenhos que eu ainda não tinha conseguido identificar, e estava com os primeiros botões desabotoados. Ela usava uma correntinha no pescoço, dando um charme a mais. Uma calça jeans escura e um *All Star* igual ao meu nos pés. Não preciso nem comentar sobre o cabelo, né? Estava absurdo. O conjunto inteiro... Nossa. Ela estava realmente linda.

Andou devagar até a porta da minha casa e ouvi a campainha tocar, me dando conta de que já estava há um tempo observando-a, ao invés de descer para atender.

Respirei fundo e dei um beijo em Nina.

– Me deseje sorte, filha.

Desci as escadas devagar, porque do jeito que eu estava nervosa qualquer movimento brusco poderia causar um acidente caótico. Abri a porta e olhei nos olhos dela, sorrindo. Ela também sorria. Senti seu perfume invadir a sala de estar da minha casa.

– Vamos? – Ela estendeu a mão para mim.

– Vamos.

24

só sei dançar com você

– Então... – Não aguentei deixar as coisas no suspense, eu precisava perguntar. Nós já estávamos dentro do carro, Thaila estava com aquela pose de quando está dirigindo e eu estava me segurando para não derreter vendo a cena. Não podia ser natural uma pessoa ficar *tão* bonita concentrada com as mãos no volante. Céus. – Onde a senhorita vai me levar?

– Já disse que é surpresa, garota. Se controla! – Ela riu, dando uma olhada de cima a baixo para mim e voltando a direção na estrada. Pude notar ela mordendo o lábio inferior e sorrindo sozinha em seguida. – Você tá muito bonita hoje...

– Só hoje, Thaila? – Coloquei a mão na cintura, enquanto fingia indignação.

– Hoje tá mais que o normal, saca? – Ela riu, tentando se explicar. – Não é como se você não fosse linda todo dia, você é. Mas hoje tá mais. Mas sempre tá. Só que hoje... Meu deus! – Ela atropelou as próprias palavras, mas até que conseguiu se sair bem. Eu ri de seu nervosismo, e admito, inflou um pouquinho meu ego ver Thaila Fontana nervosa para me elogiar.

– Você tá arrumadinha também. – Provoquei. – Até que dá pro gasto.

Senti os olhos de Thaila sobre mim, compenetrados, e acabei desviando o olhar para não me sentir ainda mais intimidada com o gesto.

– Vou fingir que não sei que você tá babando enquanto me olha dirigir. – Arregalei os olhos e senti meu rosto inteiro corar. Fala sério, ela estava na minha cabeça ou o quê? Que absurdo.

E vamos combinar, não é como se eu estivesse babando também... Só estou admirando, ué. Convencida.

– Sério, que lugar longe é esse que a gente tá indo? – Desconversei.

– Você não se aguenta, né? – Ela balançou a cabeça, rindo. – Se eu te falar, ganho o quê em troca?

– Minha ilustre companhia não é o suficiente pra você?

– Não. – Riu. – Preciso de mais alguma coisa. Você não sabe negociar não, é?! – Ela olhou em minha direção, com um sorriso cínico no rosto e a sobrancelha levantada, em desafio. Tive que respirar fundo para me concentrar.

– Eu faço a sua parte no trabalho de biologia! – Eu tinha total ciência de que poderia propor algo muito melhor, mas é lógico que meu subconsciente jamais me deixaria falar algo do tipo sem ficar extremamente constrangida. Bom, eu estava constrangida de qualquer forma.

– Não me parece tentador... Eu gosto bastante de biologia, não me importo de fazer minha parte. Inclusive, gosto muito... – Ela deu uma gargalhada de leve. – Se é que você me entende. – Senti meu rosto corar novamente, mas tinha que admitir que essa até foi engraçadinha. Revirei os olhos, contendo o riso.

– Você é muito engraçada, nossa... – Ironizei.

– Pronto, estou fechada para negociações... – Ela estacionou o carro em frente a uma lanchonete na beira da estrada. – Porque nós chegamos.

– Você realmente me trouxe para um lugar deserto? – Olhei em volta. Só tinha aquela lanchonete e umas árvores em volta. Alguns carros passavam na estrada de vez em quando, mas era literalmente no meio do nada. – Tá planejando me sequestrar, por acaso?

– Merda, você descobriu tudo! – Ela fingiu pirraça, saindo do carro e dando a volta para abrir minha porta. Eu nem sabia porque sempre acabava esperando-a abrir, acho que já tinha virado costume. – Lá dentro eu te amarro em uma cadeira e vendo seus olhos, depois ligo para Malu pedindo o resgate, o que acha? Será que ela vai querer pagar? – Ela segurou minha mão e fomos andando para a lanchonete. – Mas sério, jamais

subestime a Parada da Batata. – Olhei para o outdoor enorme indicando o nome do lugar e achei muito engraçado, principalmente pelo tom de admiração que Thaila carregava na voz. – Pode não parecer tão bom assim, mas é maravilhoso. Eu descobri há umas semanas, enquanto andava por aí, e nossa... Melhor lanche do mundo! Você vai ver. – Achei a empolgação dela muito fofa, ela estava super animada para me provar que seria uma ótima experiência, então acabei ficando super animada para experimentar também.

Quando entramos na Parada da Batata (Será que eles só servem batata?) fiquei encantada com o charme do lugar. Era bem simples, mas tinha um clima retrô. Acho que parecia retrô só porque era antigo mesmo, quer dizer, essa é a definição, né?! Enfim... Tinha uma bancada grande onde ficava um senhorzinho, muito fofo por sinal, com um boné vermelho e amarelo na cabeça. Ele abriu um sorriso enorme em nossa direção ao ouvir o tilintar do sino que ficava na porta de entrada. A bancada era repleta de banquinhos vermelhos, o chão era quadriculado e haviam vários quadros pendurados nas paredes. Tinham também algumas mesas espalhadas no meio da lanchonete e, nas paredes, aqueles sofás que tem nessas lanchonetes dos filmes. Era isso. Essa lanchonete parecia ter saído diretamente de uma comédia romântica dos anos 80, e eu estava adorando isso.

– Quem é essa outra moça bonita, Tata? – O senhorzinho sorridente perguntou para Thaila quando nos aproximamos do balcão. Não consegui deixar de reparar que ele realmente tinha chamado ela, toda posturada, por um apelidinho fofo. Dei uma apertada de leve em sua mão e sussurrei um “Tata” com uma voz irônica. Ela revirou os olhos e se apoiou no balcão, esticando a mão para cumprimentá-lo.

– Boa noite, seu Tadeu! – Reparei no sorriso dela, que parecia mil vezes mais sincero do que normalmente. – Essa aqui é a Laís. – Senti seus braços envolvendo minha cintura, puxando para mais perto. Talvez eu tenha me arrepiado um pouquinho com o toque dela... Só talvez.

– Prazer! Tudo bem, Sr. Tadeu? – Sorri para ele, que também me olhava com um sorriso muito sincero.

– Melhor agora que vocês chegaram, minha filha! – Ele tirou o boné da cabeça e o abraçou no peito. – Me desculpe pela intromissão, mas vocês duas são...? – Thaila se virou para mim, olhando de cima abaixo com um sorriso torto, e voltou para ele.

– Por enquanto somos amigas. – Acabei sorrindo também. Sério, minha bochecha estava começando a doer de tanto sorrir. Desde que ela chegou na minha casa eu fico abrindo um sorriso enorme a cada cinco minutos. Ou menos.

– Ah! Entendi tudo! – Ele botou o chapéu novamente, cerrando os olhos em nossa direção. Senti meu corpo gelando, achando que ele reagiria mal. – Pois então vou providenciar um lanche bem caprichado! O amor se conquista pela boca! – Ele gesticulou apontando o dedo em nossa direção, como se estivesse explicando algo. – Foi assim que eu conquistei meu grande amor... – Apontou para o quadro pendurado na parede, enquanto entrava por uma portinha para o que imaginei que fosse a cozinha. Na fotografia havia uma moça e um rapaz (provavelmente ele e a esposa quando mais novos) abraçados, em frente ao que parecia ser a Parada da Batata há alguns anos. Eles eram muito fofos.

Thaila riu da cena e me chamou para sentar em uma das mesas com sofá no fundo da lanchonete, perto de uma daquelas máquinas antigas de ouvir música.

– Você reparou que ele foi para a cozinha sem perguntar o que a gente vai comer? – Thaila se sentou no sofá e fiquei em dúvida se sentava na frente ou ao lado dela. Encarei a mesa por uns segundos, confusa, mas ela deu umas batidinhas ao seu lado, me chamando. – Ele sempre faz isso!

– Sério? Mas ele vai tipo... Fazer uma surpresa?

– Exatamente. Ele ama fazer surpresa! – Fiz careta. Eu não sou muito fã de surpresas, mas tudo bem. Sr. Tadeu era adorável demais para eu achar isso ruim.

– Ok, me conta. Como você conheceu esse lugar e como vocês viraram tão amigos? – Tomei coragem para virar em sua direção e olhar em seus olhos, fingindo que só queria ouvir a história. A verdade é que eu só queria poder admirá-la. Hoje o rosto dela estava parecendo mais harmônico que o normal.

Sério... Isso é muito estranho, mas ela é extremamente agradável de encarar, se você desconsiderar o fato de ser, também, extremamente intimidadora.

– Eu tenho esses surtos de sair pra dirigir quando fico bolada com alguma coisa, né?! Aí eu acabo descobrindo vários lugares... Tava passeando, olhei o outdoor e fiquei super curiosa porque eu *adoro* batata. De qualquer jeito... E tava morrendo de fome no dia. Foi logo quando eu me mudei pra cá. E outra coisa que eu *adoro* são velhinhos. Ai já viu, né? Eu e Tadeu começamos a conversar e não paramos mais. – Eu ainda não tinha reparado esse detalhe sobre Thaila. Ela é bem tagarela. Acabei deixando outro sorriso escapar, enquanto ela falava. Era a coisa mais fofa do mundo observá-la super empolgada contando aquilo. Eu já nem estava prestando atenção no que ela dizia, só conseguia perceber como ela ficava *linda*. Seus olhos brilhavam e ela gesticulava de uma forma tão animada e ficava... linda. Infelizmente, fui tirada dos meus devaneios quando a feição dela mudou de super animada para completamente tímida. – Tá rindo de quê? – Ela cerrou as sobrancelhas, me olhando meio nervosa.

– Você... – Acabei ficando nervosa também, não sabia colocar nada daquilo para fora. – Fica fofinha falando. – Olhei para o lado, tentando disfarçar, e vi Sr. Tadeu chegando com uma bandeja cheia de coisas.

– Eu não sou fofa! – Ela cruzou os braços.

– Você é uma fofura! – Sr. Tadeu disse, começando a dispor as batatas fritas, hambúrgueres e milk-shakes em cima da nossa mesa.

– Tudo bem, o senhor pode! – Ela abriu um sorrisinho de lado, ajudando-o a pegar as coisas da bandeja. Ele deu um tapinha na mão dela, que por sua vez, resmungou. – Deixa eu ajudar!

– Não. – Ele foi firme e ela fez biquinho. Eles pareciam família. – Trouxe milk-shake de baunilha, seu favorito. E pra senhorita bonita eu trouxe de chocolate! Porque todo mundo ama chocolate. – Thaila torceu o nariz. – Menos a Tata, claro!

– Acertou em cheio! – Sorri em sua direção e, em seguida, virei para Thaila com olhar de julgamento.

– Tenham um bom apetite! – Ele sorriu, satisfeito com o trabalho eficiente, e voltou para trás do balcão para falar com outro senhor que havia acabado de chegar.

– Gostou da surpresa? – Thaila perguntou.

– Eu sou vegetariana... – Vi seu rosto transparecer total desespero. Ela começou a se desculpar desesperadamente e já estava pronta para chamar seu amigo para salvá-la daquela situação. – Eu tô brincando! – Caí na gargalhada. Ela me olhou com cara de tédio, cruzando os braços.

– Você quase me matou de susto, cara. – Ela roubou uma das minhas batatinhas. Lancei um olhar de ameaça para ela. Muito implicante mesmo, como pode? A menina tem a própria batata e vem pegar a *minha*. Que absurdo. – Não sabe nem ser romântica, credo. Divide uma batata comigo!

– Não. Come a sua, chata! – Tirei minhas batatinhas de perto dela, para evitar mais brigas e, quem sabe, um homicídio. – Mas e aí, ele acertou o que você queria comer? – Mordisquei uma e nossa... Thaila tinha razão. Era a melhor que eu já comi. Parecia uma explosão de sabor mas sem perder a essência da batata. Já imaginava como seria quando fosse experimentar o hambúrguer.

– Mais ou menos... Eu queria comer uma outra coisa... – Ela mordeu o canudo do milk-shake, me encarando.

– O quê? – Molhei uma batata no meu milk-shake de chocolate. Sério, estava muito gostoso!

– Deixa, Laís. – Ela gargalhou, revirando os olhos. – Experimenta o hambúrguer!



Depois de comer muito, decretar que aquela tinha virado minha lanchonete favorita também e conversar sobre teorias da conspiração, os melhores jeitos de comer batata e mais um milhão de coisas completamente sem nexos, Thaila levantou de repente e foi até o balcão. Fiquei observando, sem entender muito bem. Ela falou algo com seu Tadeu e voltou, toda saltitante. Foi até a máquina de música e depositou uma ficha. Veio em minha direção sorrindo e estendeu uma mão para mim, enquanto

a outra ficava atrás das costas, quase em uma reverência. Reconheci a batida do início de “Só sei dançar com você - Tulipa Ruiz” e balancei a cabeça enquanto ria daquela cena. Thaila Fontana me chamando para dançar música lenta, quem diria? Ela realmente tem cara de quem não sabe dançar.

– Me concede essa dança? – Ela ria, esperando que eu levantasse.

Você me chamou pra dançar aquele dia

Mas eu nunca sei rodar

– Eu não sei dançar! – Comecei a rir, mas dei a mão para ela.

– Eu te ensino... – Ela me puxou de leve para perto, enquanto me levava a tropeços para mais perto da máquina, onde tinha um espaço vazio.

Cada vez que eu girava parecia

Que a minha perna sucumbia de agonia

E cada passo que eu dava nessa dança

la perdendo a esperança

Nos abraçamos e ela foi balançando o corpo para um lado e para o outro, com a mão em minha cintura, me levando junto com ela. Estávamos olhando nos olhos uma da outra, sorrindo. Eu me senti em paz. Encostei minha cabeça em seu ombro, envolvendo seu pescoço com meus braços. Senti seu perfume mais forte. Que cheiro bom...

Você sacou a minha esquizofrenia

E maneirou na condução

– Eu esperei tanto por isso. – Acabei deixando sair. Ela tentou me olhar, mas encostei ainda mais meu rosto nela. Respirei fundo, para tentar explicar. – Acho que quero dançar com você há um tempo. – Tropecei de leve em meus próprios pés e senti Thaila me segurar mais forte.

Toda vez que eu errava cé dizia

Pra eu me soltar porque você me conduzia

Mesmo sem jeito eu fui topando essa parada

E no final achei tranquilo

– Eu sei. Se você deixasse, a gente já teria dançado há muito tempo.

Só sei dançar com você. Isso é o que o amor faz.

25

quatro cervejas

– Thaila, sério, onde você tá me levando agora? – Nós duas morríamos de rir de absolutamente nada, dentro do carro, depois de eu tomar umas cervejinhas que ela pegou com Sr. Tadeu na saída.

– Você nunca vai entender que eu sou uma mulher misteriosa? – Ela pegou a garrafinha que eu estava segurando e deu um gole, me devolvendo depois. – Caraca, essa tá geladinha, que delícia! Queria poder beber.

– Eu sou uma pessoa muito curiosa, mano! Não sei lidar com surpresas! – Cruzei os braços e fiz cara de brava.

– Tá querendo assustar *quem* com essa cara de braba aí? – Ela riu de mim.

– Você é muito chata. – Revirei os olhos e liguei o rádio, aumentando até o último volume. Thaila me olhou sorrindo e abaixou a janela do carro. Na mesma hora, coloquei o braço para fora e senti o vento bagunçar meu cabelo ao som de uma música qualquer. Eu me sentia livre ao lado dela.

Fomos cantando alto até chegar no tão esperado lugar que era, nada mais, nada menos, que a praia deserta em que fomos quando ela me buscou no hospital, só que à noite. A luz da lua sempre conseguia deixar tudo mais bonito. Era inacreditável.

Thaila me deu a mão, enquanto andávamos pela areia. Toda vez que ela fazia isso eu me sentia uma criança de dez anos, apaixonada pela amiguinha da escola, da qual o “namoro” consiste em segurar as mãos e dar beijo na bochecha. Era basicamente a mesma sensação. Eu me sentia a pessoa mais vulnerável do mundo toda vez que ela me olhava. Sentia as

coisas mais bobas do mundo toda vez que ela sorria para mim. Era como se nós duas tivéssemos algum tipo de ligação uma com a outra. Eu me sentia flutuando toda vez que ela encostava em mim com aquela *maldita* mão hidratada.

Fui acordada dos meus pensamentos quando a água gelada bateu em meu pé. Thaila me observava, rindo da minha atual cara de susto.

– Tava pensando em quê? – Ela perguntou, parando de frente pra mim.

– Nada demais... – Olhei em direção ao mar, para disfarçar. – Você não planeja entrar na água uma hora dessas não, né?

– Não sou tão doida assim! – Ela abriu outra cerveja, que eu nem reparei que estava carregando, e deu um gole. – Só precisava te mostrar como isso aqui é lindo à noite.

– Eu tô ficando doida ou a senhorita está realmente bebendo? – Botei a mão na cintura, encarando-a.

– Tô sim. – Ela deu outro gole, me encarando de volta. – Relaxa, boba. Vamos voltar de Uber. Amanhã depois da aula eu venho pegar o carro.

– Você é doida? O carro vai passar a noite aqui? – Sério, isso não parecia nada seguro. – E se ele for roubado? Ou, sei lá, vandalizado?

– Relaxa, Laís! – Ela riu, passando a mão no cabelo e ficando de frente para o mar. Ela abaixou, pegou uma concha e jogou de volta na água. – Já cansei de fazer isso, vai dar certo.

– Então você traz muitas meninas pra cá, é?! – Provoquei, enquanto procurava uma concha na areia para fazer a mesma coisa.

– Por que? Tá com ciúmes? – Eu odiava como ela sempre conseguia virar o jogo.

– Jamais. – Dei um empurrãozinho em seu ombro. – Só curiosa.

– Você é a primeira. – Reparei que ela tentou colocar o cabelo (ou a falta dele) atrás da orelha e olhou para os pés, brincando de desenhar coisas aleatórias na areia, provavelmente para disfarçar a timidez.

– Ainda não deu tempo de trazer mais, né? – Cutuquei. Ela revirou os olhos, dando mais um gole na cerveja.

– Deve ser mesmo...

Ficamos um tempo brincando de desenhar na areia, enquanto acabávamos com as cervejas que estavam no carro em uma velocidade absurda para não esquentar, antes de sentar uma do lado da outra.

– O que você acha que tem fora daqui?

– Fora da praia ou fora da cidade? – Juntei as sobrancelhas, olhando para ela por cima do ombro. Nós estávamos bem próximas, mas não estávamos encostadas. Eu sentei por cima de uma perna, deixando a outra esticada, e ela estava apenas com as pernas curvadas, abraçando-as.

– Fora do planeta. – Ela olhou rápido em minha direção e voltou a encarar o céu.

– Tudo o que a gente já sabe... – Me aproximei, chegando mais para perto dela, até nossos braços se tocarem. – E muito mais.

– Extraterrestres?

– Também. Deve ter umas espécies muito loucas, sabe? Acho que mais coisa do que a gente consegue imaginar. Todo tipo de vida. Vários outros conceitos que a gente desconhece. Deve ser sinistro.

– Agora eu tô com vontade de pegar um foguete e ir ver com meus próprios olhos. – Ela resmungou.

– Se você conseguir um, me leva junto. Por favor, não aguento mais ficar aqui. – Encostei minha cabeça em seu ombro. Senti ela prendendo a respiração por um tempo, até conseguir soltar e finalmente falar algo.

– Como estão as coisas? – Ela encostou a mão na minha e começamos a brincar com a areia juntas.

– Tensas. – Respirei fundo. – Mas não vamos falar disso! – Passei a fazer carinho no braço em que eu estava encostada.

– Cara... – Ela riu, nervosa. – Não tô acostumada com essa Laís.

– Qual?

– Essa. – Ela apontou para o carinho.

– Ah! – Ri. – É a Laís depois de quatro cervejas.
– Depois de cinco fica como?
– Só vendo pra saber... – Mordi o lábio. – É segredo, poucas pessoas conhecem.



– Cuidado, tá fazendo barulho! – Eu morria de rir, tentando me concentrar em não esbarrar nas coisas da casa de Thaila, enquanto subíamos as escadas. Ela tinha esbarrado em uma mesinha na sala, que estava com a luz apagada, para não acordar o avô dela.

– Sobe, sobe, sobe! – Ela deu um tapa na minha bunda, me empurrando escada acima. Soltei um gritinho e tapei a boca logo em seguida, com os olhos arregalados. Thaila parou de subir as escadas para gargalhar, colocando a mão na barriga.

– Não faz isso! Sua abusada!

Nós acabamos parando para beber mais alguma cervejas no caminho de volta e eu estava acima do limite de segurança de “Laís Bêbada”, então decidimos que seria melhor se eu ficasse na casa de Thaila. Ela tinha bebido bem mais do que eu, mas em compensação, era bem mais resistente.

– Thaila? – Ouvi a voz de vovô vindo do segundo andar. Arregalei os olhos.

– Oi, vô! Cheguei! Tá tudo bem! – Ela tentou disfarçar a voz de bêbada. Bom, só tentou mesmo, pois estava falhando terrivelmente. – A Laís tá comigo. Aquela amiga! Só amiga. – Prendi o lábio para não começar a gargalhar de novo.

– Boa noite, filhas! – Ele fechou a porta e voltou para o quarto. Suspiramos aliviadas, desabando para sentar nos degraus quase ao mesmo tempo. Ela encostou a cabeça na parede, olhando em minha direção.

– A gente tem que... – Apontou para o quarto.

– Tá tão longe... – Suspirei. Ela levantou e se aproximou de mim. Como eu estava uns degraus acima, ela ficou exatamente com o rosto na direção do meu. Colou a testa na minha e, em seguida, a boca. Sem falar nada, começamos a subir para o

quarto, ainda em meio aos beijos. O que, devo comentar, foi bem perigoso. Não sei se era efeito da bebida, mas pareceu demorar uma eternidade para finalmente chegarmos na porta, que foi aberta por Thaila com uma mão só, me puxando para dentro com a outra.

Ela me prensou contra a parede, com as duas mãos encostadas na mesma. Afastou o rosto do meu e começou a me observar. Apesar do escuro, a luz que entrava na janela revelava alguns detalhes nossos. Ela sorria, mas aquele sorriso cínico que eu já conhecia. Meu corpo parecia entrar em combustão. Comecei a pensar em tudo que poderia acontecer a partir desse momento.

– Eu não sei o nome do seu avô. – Não consegui controlar, saiu. Meu deus, a minha mente... Como explicar? Eu só queria enfiar a cara em algum lugar. *Qualquer lugar*. Estava esperando que ela saísse de perto de mim, porque depois dessa, eu particularmente sairia. Quem é que cita o avô em um momento desses? Ao invés disso, ela só riu, balançando a cabeça. Tudo com a gente parecia natural.

– O nome dele é José. – Ela passou a mão no meu cabelo, colocando para trás da orelha. – Você tá nervosa?

Eu não sabia nem o que responder, na verdade. Estava sentindo coisas que nunca tinha sentido antes. Mas, sim, eu estava completamente sem reação. Paralisada, eu diria.

– Talvez? – Perguntei, afirmando, com uma careta meio sem graça.

– Vem cá... – Ela me puxou pela mão até a cama. Eu senti e ganhei um beijinho na testa. Thaila andou até o armário e tirou algumas coisas do bolso. – Fecha o olho. – Obedeci e fiquei esperando. Depois de um tempo, que pareceu bastante para mim, senti seus dedos passando por meu cabelo e abri os olhos, no susto. Ela prendeu meu cabelo em um coque. Percebi que estava usando uma roupa diferente: Samba canção e um top. – Quer um pijama? – Fiquei aliviada com aquela pergunta. Ainda não sabia muito bem o que ela estava fazendo, mas assenti. Ela me entregou um short largo e uma blusa enorme, em seguida, virou de costas. Coloquei a roupa e a chamei.

Recebi um selinho, acompanhado de um beijo um pouco mais quente, que logo foi cortado. Ela sentou ao meu lado, virada em minha direção. Depositou um beijo em meu rosto, desceu para o pescoço e depois no ombro. Me puxou devagar para deitar e me abraçou. Ela estava atrás de mim, mas nossas mãos estavam entrelaçadas em meu colo. Eu ainda estava absorvendo aquele tanto de informação, lentamente. Nossos corpos estavam colados, afastados apenas por algumas camadas de tecido. Ela beijou meu pescoço. – Boa noite, linda.

Um calor tomou conta do meu peito, apertei sua mão um pouco mais forte. Não fui capaz de conter o sorriso gigante que se abria em meu rosto. Ela estava ali, comigo. E melhor, estava me esperando. Desde o começo, ela estava esperando. E não parecia se importar de esperar um pouco mais. Eu podia ter reparado antes, mas demorei esse tempo todo. Minha ficha não estava caindo. Eu tinha acabado de ter a noite mais incrível da minha vida e tudo isso graças a uma única pessoa. E, para minha sorte, eu estava envolvida no abraço dela agora mesmo. Parecia que todos os pesos que eu carregava tinham ido embora. Eu estava em paz.

– Thaila? – Chamei. Nada. – Boa noite...

26

hidratante de baunilha

Acordei com um carinho de leve no rosto e a luz do sol entrando fraquinha pela janela do quarto. Naquela noite, eu havia dormido como um bebê, sem pesadelos estranhos me assombrando. Thaila estava sentada na cama, olhando para mim. Ela já estava de banho tomado, apenas com uma toalha enrolada no corpo e o cabelo bagunçado. Seu sorriso se abriu assim que me viu acordar.

– Bom dia... – Resmunguei. – Já tá na hora da aula?

– Isso mesmo, dorminhoca. – Ela levantou e me entregou um uniforme, provavelmente dela. – Vai se arrumando que vou preparar alguma coisa pra você comer... Tem remédio de dor de cabeça aqui na cômoda, se você quiser. – Ela se apoiou na cama novamente para me dar um selinho. Não consegui conter o sorriso. – Não vou pra escola hoje, mas te deixo lá, ok? Já peguei o carro. – Fiz biquinho com aquela informação. – Preciso resolver umas coisas... – Ela mexeu no meu cabelo, colocou uma mexa atrás da orelha e saiu do quarto.

Tomei coragem de levantar e entrei no banheiro de seu quarto. Depois do banho, parei em frente ao espelho e comecei a observar as coisas que estavam no armário. Por favor, não me julguem, é que eu preciso descobrir o que essa garota passa na mão para ser tão hidratada. E o porquê de o cheiro dela ser tão bom. Cheguei até a olhar dentro do armário para ver se tinha algo, mas minha investigação não durou muito, porque me assustei ao ouvir a porta do quarto abrindo e Thaila falando algo comigo. Saí do banheiro na mesma hora, com uma cara um pouco suspeita.

– Que cara é essa, Laís? – Ela colocou uma bandeja em cima da cama com um pão, um copo de suco e um pedaço de mamão. Meu estômago reclamou de fome ao ver aquilo. Tinha até uma florzinha enfeitando, fala sério.

– Ok, vou falar. – Respirei fundo, precisava acabar com aquela curiosidade. – O que você passa na mão? – Ela começou a rir, seus olhinhos ficavam pequenos sempre que ela gargalhava.

– Passo muitas coisas... Por quê? – Ela me olhou desconfiada.

– Sua mão é muito macia!

– Eu ia falar uma coisa, mas melhor deixar pra lá... – Ela foi na cômoda do quarto, abrindo uma gaveta e pegando um potinho pequeno. – É uma manteiga hidratante de baunilha e leite. Satisfeita? – Me entregou.

– Baunilha! Como eu não suspeitei antes? – Fiquei observando o potinho. Ela realmente exalava algo como baunilha, mas com certeza tinha algum perfume misturado nisso. Não ia perguntar, lógico. Já deu de exposição.

– Tem uns métodos melhores pra isso, posso te mostrar depois... – Ela pegou o pote novamente para guardar, prendendo uma risada. Não entendi muito bem, mas eu é que não iria recusar. – Enfim, eu uso muito essas coisinhas, tá? Não me julga... No fundo, eu sou um pouquinho vaidosa.

– Um pouquinho, Thaila? – Cruzei os braços encarando-a. – Olha pra você!

– Não é culpa minha, eu sou leonina!



Thaila me deixou na porta da escola às sete em ponto. Coisa rara, principalmente para mim. Ela não disse o que tinha que resolver, mas acabei ficando com uma pontinha de preocupação. Ainda não tinha esquecido de seus comportamentos no mínimo estranhos da semana anterior, quando ainda estávamos brigadas.

Fui recebida na escola por Malu, que me olhava com um olhar esperançoso. Só ela sabia do encontro, mas as meninas também

estavam me encarando como se esperassem notícias.

– E aí, como foi? – Ester foi a primeira.

– Você espalhou, Maria Luiza? – Perguntei, fazendo ela arregalar os olhos e entrar na defensiva.

– Thaila que me disse, né, bobona?! Tu não conta nada. E aí eu não me segurei, óbvio. Falei pra todo mundo. – Ester a defendeu.

– Ah bom... – Olhei desconfiada, depois cedi. – Vai, o que vocês querem saber?

– Vocês beijaram? – Raissa foi a primeira.

– Que pergunta idiota, claro que sim! – Ester olhou indignada para ela. – Vocês fizeram...? Você sabe o quê!

– Ester Dias, que pergunta mais inconveniente! – Malu interrompeu, direcionando um tapa na testa dela. – Já tá exigindo detalhes demais de Laís. – Ela se virou para mim, agora sorridente. – Ela foi romântica?

Sorri para Luiza, que apenas observava a cena, incrédula com o quão fofas nossas amigas conseguem ser.

– Sim, não e sim. – Foram minhas respostas. Desviei delas e fui em direção a sala de aula, ouvindo um monte de reclamações logo atrás de mim sobre a falta de detalhes e como sou uma amiga chata.

Malu deu uma corridinha e conseguiu me alcançar, deixando as meninas para trás. Ela agarrou meu braço para andarmos juntas e deu uma risadinha sapeca antes de começar a falar.

– Pra você chegar a essa hora, não deve ter dormido em casa. – Eu podia perceber o tom de voz dela tentando insinuar algo. – Não sei se acredito naquele “não” que você soltou...

– Você não tem qualquer outra aula pra ir agora não, Maria Luiza? – Tentei expulsar ela.

– Não, na verdade... A gente faz filosofia juntas, lerda. Eu tenho uma aula inteira pra arrancar detalhes de você! – Ela me deu um empurrão de leve com o ombro, rindo.

– O-k. – Suspirei. Entramos na aula juntas e sentamos uma do lado da outra. A professora ainda não tinha chegado. – Ela me levou pra comer, a gente dançou música lenta, ficamos bêbadas,

fomos pra praia e dormimos abraçadas na casa dela. Só isso. Pronto, cheio de detalhes, satisfeita? – Ela revirou os olhos.

– Pera, vocês dormiram abraçadas e não fizeram nada? – Ela me olhou desconfiada. Confirmei com a cabeça. – Quem é essa Laís? E, *principalmente*, quem é essa Thaila? – Dei de ombros. Estava tentando disfarçar minha vergonha procurando alguma coisa na mochila.

– Eu travei. Fiquei nervosa. Sei lá. – Falei baixo. Não, eu não tenho tanta vergonha assim de falar sobre essas coisas com Malu, mas nesse caso especificamente, meu corpo não queria se dar por vencido. Pude reparar que ela que ela estava arregalando os olhos e encostando na carteira. Depois, botou a mão na boca. Olhei para sua cara, fingindo tédio. Já sabia o que estava por vir.

– Você. Está. Apaixonada. – Ela soltou, alto demais. Algumas pessoas olharam em nossa direção e, para minha sorte, a professora de filosofia entrou na hora dando bom dia para a turma, o que chamou a atenção dos alunos para outra coisa que não eu. – Amiga, você não trava ou fica nervosa pra isso. Não com qualquer pessoa. Só teve aquela vez que... – Ela sussurrava, mas ainda assim a impedi de terminar a frase com um gesto ameaçador. – Você sabe que vez. E bom, você sabe o que significou. E agora isso. Você tá caidinha, Laís Monteiro. Gamada. Boiola.

– Pelo amor de Deus, fica quieta. – Afundei na carteira, jogando o cabelo no rosto. Eu amo minha melhor amiga, mas a alegria dela com essa conclusão estava me irritando profundamente. E não, ela não está certa. Pelo contrário, está muito enganada. Ok, eu tenho que admitir que estava negando demais algumas coisas antes e acabei pagando feio com a língua. Mas *apaixonada* é um termo muito forte, certo? Não acontece de uma hora para a outra.

Tudo bem que Thaila não é chata, nem irritante como eu pensei esse tempo inteiro. E também que, todo o meu julgamento sobre o caráter dela estava errado. E que eu realmente queria beijá-la, mesmo negando. Não só uma vez, mas várias. E que ela me faz bem, no fim das contas. Mas... A probabilidade desses

sentimentos existirem gira em torno de dois por cento, com toda certeza do mundo. Ela só é uma menina legal, que beija bem e é extremamente bonita. Isso não quer dizer que eu estou... Aquela palavrinha que prefiro não citar novamente.

Certo?

céu quase estrelado

– Ok, vó, eu não vou faltar. – Eu repetia no telefone, tentando convencer vovó de que eu iria em seu jantar de aniversário para que ela desligasse logo a ligação. *Eu detesto falar no celular.* Mas como sou tão tecnológica quanto minha vó, se não menos, essa é a única forma que temos de conversar e mandar notícias, já que não nos vemos com tanta frequência. Então, sim, apesar de estar respirando fundo a cada minuto, eu tento dar um desconto toda vez que ela me liga. Mas dessa vez eu estava no trabalho, tinham clientes na fila e Marcos estava sentado fazendo absolutamente nada. Balancei a mão em sua direção, pedindo para ele se mexer e ir atender os clientes impacientes.

– E pode trazer uma *amiguinha* sua, se quiser. – Ela deu ênfase na “amiguinha” de um jeito engraçado, o que me fez soltar uma risada. Vovó soube que eu gosto de meninas antes mesmo que eu soubesse.

Me despedi dela correndo, que por sua vez, fez um drama danado falando que quando ela fosse dessa para melhor, eu iria sentir falta. E vou mesmo, mas vamos ser realistas: Dona Aurora, no auge de seus oitenta anos, estava mais saudável que eu, no auge dos meus dezessete.

A semana tinha se passado mais depressa que o comum, porque eu estava voltando ao ritmo de trabalhar todos os dias. Meus dias nas semanas anteriores tinham passado mais devagar que uma tartaruga morrendo de preguiça, não tinha nada para fazer. Com o trabalho, o dia virava noite em um piscar de olhos.

Thaila tinha ido me buscar no trabalho quase todos os dias da semana e estávamos nos dando melhor do que nunca. A gente

sempre ficava com o carro parando na porta de casa, jogando conversa fora. A companhia dela definitivamente era uma das melhores. Talvez eu devesse levá-la para o jantar de vovó.

Fui visitar Dona Angélica no hospital algumas vezes e ela estava se recuperando bem, apesar de estar tomando vários e vários medicamentos e ainda estar ligada a vários e vários aparelhos. No dia da cirurgia, minha mente estava prestes a assumir derrota. Não acreditava que ela passaria por mais essa, principalmente sem nenhuma sequela. Quer dizer, pelo que eu andei pesquisando, muitos pacientes cirúrgicos com esse quadro acabam falecendo semanas depois... Mas eu preferia não pensar nisso. Coisas sobrenaturais acontecem o tempo inteiro, imagina se aquele papo de “Você atrai o que você pensa” funciona mesmo. Melhor não pensar, né?! Mesmo que para mim pareça ser o exato oposto disso.

Hoje o cinema estava lotado, sexta-feira é claramente o dia de mais movimentação no shopping. O maior público eram casais indo assistir filmes juntos. Thaila tentou me convencer de assistir um filme, porque, segundo ela, encontro no cinema é fundamental para a construção de um relacionamento, mas céus, se eu passo mais tempo do que o necessário aqui dentro, juro que explodo. Então, não, eu não aceitei o tal encontro. Se ela quiser assistir um filme, que seja na televisão de casa.

– Sua namoradinha veio mais cedo. – Marcos comentou, apontando em direção a entrada do cinema. Thaila estava encostada em uma pilastra, com uma perna na frente da outra, brincando de girar a chave do carro nos dedos e um sorriso com direito a mordida no lábio. Tudo isso olhando em minha direção. E ela estava de preto. Ela fica absurdamente bem de preto. Respirei fundo. – Se quiser sair agora, eu fecho pra você. – Ele foi prestativo. Estranho. Marcos não é uma pessoa prestativa. Lancei um olhar suspeito em sua direção.

– Tem certeza disso? Sem deslizes, Marcos? – Apontei o dedo indicador para ele.

– Sem deslizes, Laís! – Ele levantou os braços, em rendição. Essa semana ele até que estava mais proativo mesmo. Deve ter

aprendido a trabalhar direito durante os dias que fiquei fora, por falta de opção.

Tudo bem, não podia ser o fim do mundo. Eu só estava saindo uma hora mais cedo e por uma boa causa. Thaila Fontana vestindo preto é uma *ótima causa*. Então é lógico que eu não hesitei em tirar a blusa de botão, que faz parte do uniforme do cinema, de cima da minha roupa e dar uma corridinha em sua direção. Ela estava dando risada por algo que não entendi. Quando cheguei mais perto, coloquei as mãos na cintura e a olhei confusa.

– Você é linda. Muito linda. Tipo, absurda. – Ela continuava rindo. Além de confusa, agora eu estava corada. É inevitável sentir vergonha toda vez que ela me elogia. Acho que nunca vou me acostumar. – Mas esse boné te dá um charme especial. – Ela puxou o boné laranja e preto da minha cabeça, vestindo. Sua risada sapeca acaba comigo. Dessa vez ela estava de braços cruzados, ainda encostada na pilastra, mas me observava com a cabeça pendendo para o lado. Peguei sua mão, puxando-a para perto até nossos lábios se tocarem.

– Você consegue ficar mais linda ainda de boné.

Era um tanto quanto libertador andar de mãos dadas com ela por aí. Eu nunca fui de esconder minha sexualidade, até porque quando eu me entendi, não tinha ninguém para dar satisfações por perto, mas também nunca tive alguém para andar de mãos dadas. A maioria das vezes que me envolvi, ou a pessoa não era assumida, ou nos tratávamos mais na amizade do que qualquer outra coisa. Por isso, nunca experimentei essa sensação. Agora eu estava andando pelo shopping de mãos dadas com uma das mulheres mais bonitas do mundo e a sensação era de liberdade. E conforto. Porque praticamente tudo com Thaila se torna confortável.



– Minha avó vai fazer aniversário. – Soltei, após bons minutos de silêncio. Nós estávamos sentadas no capô do carro, em frente minha casa, olhando o céu. Não era um céu estrelado, mas se

esforçando um pouco era possível encontrar uma ou outra constelação. A iluminação da rua estava fraca, deixando nossos rostos com uma luz amarela e algumas sombras, devido às árvores espalhadas. Nossas mãos se encostavam perto da cintura, esticadas no carro. Nossos dedos mindinhos estavam quase se entrelaçando.

– É? – Ela virou a cabeça para mim e voltou a encarar o céu.
– Quantos anos?

– Oitenta. – Foi minha vez de olhar rapidamente para ela. Estava tomando coragem de pedir que fosse comigo. Mesmo passando muito tempo juntas e estando em um nível melhor que antes, ela ainda me deixa nervosa. Tudo nela me deixa nervosa. E intimidada. Mesmo ela sendo simpática e, devo admitir, romântica. Ela ainda me intimida. Acho que é a postura inabalável que ela carrega.

– Meu avô também fez oitenta... – Ela comentou, para não deixar nosso silêncio constrangedor depois de eu ter tocado no assunto aleatoriamente.

– Ela te convidou. – Soltei. *Tosca.*

– Sua avó? – Ela riu fraco pelo nariz. – Mas ela nem me conhece. – Agora ela virou o rosto para mim e ficou. Estava nervosa demais para encarar aqueles olhos cor-de-mel me observando, curiosos. Eu sei, é um motivo bobo para ficar nervosa, mas eu estava. Era Thaila Fontana deitada do meu lado, preferindo olhar para mim do que para um céu quase estrelado, sentindo meu nervosismo de perto e com os dedos mindinhos encostados no meu. Se mostrando uma das pessoas mais incríveis que eu já conheci e me fazendo companhia durante todo tempo possível desde que nos resolvemos. É claro que eu estava nervosa.

– Ok. *Eu* tô te convidando. – Respirei fundo. – Você quer ir no aniversário de oitenta anos de uma senhora que não conhece só pra me fazer companhia, porque é uma situação extremamente desagradável pra mim e você consegue deixar tudo mais confortável? – Falei em um só fôlego, virando o rosto na direção dela.

– Deixa eu pensar... – Colocou a mão no queixo, fazendo careta. Isso fez com que ela tirasse o dedo mindinho de perto do meu. Eles não tinham se entrelaçado ainda. *Droga*. Lógico que dei uma esbarrada no ombro dela, resmungando. Ela começou a rir. A risada que deixava seus olhos menores. – Tá bom, eu faço esse esforço! Quão grande é o evento?

– É um jantar só... Amanhã de noite. – Brinquei com a barra da minha camisa, inquieta. Me sentia envergonhada de admitir essas coisas para ela. E ela sequer comentou sobre minha pseudo declaração. *Saco*. Eu queria que ela comentasse.

– Já é. – E silêncio. *Frustrada*. Estou frustrada. – Você sabe que não precisa ficar nervosa perto de mim, né? – Ela entrelaçou nossos dedos mindinhos. Meu coração acelerou. Ela estava olhando para mim e eu estava olhando para o céu, tentando focar nas poucas constelações, a fim de fazer minha respiração se controlar. É bem possível que o quarteirão inteiro esteja ouvindo.

– Sei. – Minha voz conseguiu sair falhada em uma só palavra. Incrível.

– Você também me deixa confortável. – Ela se virou, ficando deitada de barriga para baixo, apoiada nos cotovelos. O rosto dela em direção ao meu. Apoiei minhas mãos na barriga, brincando com os dedos. *Nervosa*. Mesmo que a gente já tenha se beijado algumas vezes, toda vez que ia acontecer eu me sentia uma pré-adolescente ansiosa para o primeiro beijo. Ela colocou dois dedos em meu queixo, virando meu rosto em sua direção. Um selinho. Não sei se já comentei, mas além de ter a mão hidratada, Thaila Fontana tem a boca mais macia do mundo. Aposto que ela passa hidratante labial todo dia antes de dormir e depois de acordar. Outro selinho. – *E nervosa*. Você também me deixa nervosa.

28

noite tão agradável

– Laís, eu já falei, você fica linda com qualquer roupa! – Thaila tentava me convencer, falando alto para que eu pudesse ouvir do banheiro. Ela estava deitada na minha cama há mais de uma hora, junto com Malu e Ester. O que não faz nenhum sentido porque eu não levo tanto tempo assim para me arrumar. Só que hoje é um evento exclusivamente tenso, porque pelo que vovô disse quando ligou reclamando dos exageros de vovó, meu pai estará lá. E a esposa dele também. Com a filha nova. E eu nunca tive uma interação decente com essas pessoas, muito menos depois de a vida de todo mundo ter virado de cabeça para baixo porque Luiz não cansa de ser um destruidor de lares. Logo, é extremamente compreensível eu estar essa pilha de nervos. – A gente vai se atrasar!

Voltei para a porta do banheiro e coloquei as mãos na cintura, olhando para elas e esperando aprovação para a calça larga, florida e o *body* preto de manga comprida que estava usando.

– Lindo! – Malu disse, não demonstrando muito ânimo.

– Tá perfeita, vamos? – Thaila ainda tentava se mostrar interessada e me convencer.

Ester torceu o nariz, observando, e quando percebeu que eu estava vendo, arregalou os olhos, consertando a postura e tentando voltar atrás.

– Eu amei, amiga! Linda!

– Tá horrível! – Voltei para o banheiro resmungando e jogando a roupa em algum lugar qualquer. Me arrastei até o chão e abracei as pernas. Eu tenho total noção de que isso tudo é meu subconsciente dando chique para eu atrasar ou só ter uma

desculpa e não aparecer. Passei o dia inteiro tentando fazer isso, até febre já inventei. Só que Maria Luiza não quer me deixar dar para trás e Thaila fica tentando me convencer de que vai ser bom “enfrentar meus demônios” ou qualquer coisa assim. Ester é a única que está pessimista comigo, mas como ela foi chamada por Thaila para servir de reforço, fica concordando com tudo o que elas falam, às vezes fazendo uma careta para me mostrar que é por pura obrigação. Até porque a chance de dar merda é grande. Eu não fico no meu melhor estado na frente de Luiz.

– Láís, eu juro que vai dar tudo certo, eu vou estar lá contigo e... – Thaila entrou no banheiro, mas parou de falar e se virou de costas assim que me viu de calcinha e sutiã sentada no chão. – Ok, você não se sente confortável, eu vou... Chamar reforços. Maria Luiza! Assume aqui! – E saiu do banheiro, ainda tapando os olhos. Era quase cômico o desespero dela.

– Aqui, roupa mais perfeita que essa você não vai achar. – Malu entrou no banheiro com um macacão preto em mãos. Ele ia até o pé, com a calça alargando e parecia bem básico, mas o fato de ser colado e decotado na parte de cima dava um charme a mais. Parecia mesmo ótimo para a ocasião. Vesti e me olhei no espelho. Era uma visão agradável. – Viu? Linda! Vem mostrar pras meninas.

Andei até a porta do banheiro e parei segurando o cabelo em um rabo de cavalo. Apesar de estar bonita, meu desânimo era óbvio. Thaila me olhou de cima a baixo, boquiaberta, enquanto Ester batia palmas.

– Por que você não fez essa mágica antes? – Ela parou de bater palmas e se virou para Malu, que deu de ombros. – Preparada, amiga?

– Não. – Me joguei em cima das duas na cama, que fizeram carinho em meu cabelo até eu ser puxada por Malu. Ela me parou em frente ao espelho e pegou um elástico qualquer na cômoda. Arrumou meu cabelo em um rabo de cavalo de uma forma em que o mesmo ficou bem volumoso. Colocou um cordão em meu pescoço e dois brincos de pedras pendurados. Me virou para ela e passou o *gloss* com todo cuidado do mundo.

– Agora, sem desculpas. Vai encarar isso e mostrar que você tá ótima sem ele. – Malu encorajou, me segurando pelos ombros.

– Vamos? – Thaila levantou, oferecendo o braço para eu segurar. Em meio a todo o nervosismo não tinha parado para reparar como ela estava linda. A blusa social branca tinha suas mangas dobradas até o cotovelo e um suspensório segurava a calça preta, perfeitamente desenhada para o seu corpo. Ela usava um *All Star*, assim como eu. Aparentemente as duas têm o mesmo gosto quando o assunto é esse.



– Feliz aniversário! – Falamos em coro assim que Dona Aurora abriu a porta de casa. – Vó, essa é Thaila, minha amiga. Thaila, essa é minha avó, Aurora. – Apresentei-as uma para a outra e em segundos, vovó já estava apertando as bochechas de Thaila e a levando para a cozinha.

Parei na sala para cumprimentar Sr. Antônio, que estava sentado em sua poltrona marrom, de cara feia e braços cruzados. Apesar do mal humor, estava todo arrumadinho, com o resto de cabelo branco penteado para trás e um chapéu de festa colorido na cabeça. Não há nada que vovó peça a ele sorrindo, que ele não faça chorando.

– Bença. – Beijeí sua testa e me sentei no braço da poltrona. – Ansioso para essa noite *tão* agradável?

– Espero que sua fala contenha ironia, minha filha. Está longe de ser agradável... Se pelo menos sua mãe estivesse aqui! Ela sempre foi o ponto de equilíbrio da família. Esse meu filho é um desmiolado! – Vovô nunca conseguiu perdoar o fato de Luiz ter trocado de família tão rápido. E nisso, a gente se entendia muito. Toda vez que eu o visitava, sentávamos para falar mal de meu pai. – Pelo menos, você está aqui. – Ele fez carinho no meu joelho. – Sua presença me deixa tão feliz quanto a dela.

Sorri para ele e pedi licença, me dirigindo até a cozinha para checar se Thaila ainda estava viva. Para minha sorte, os outros convidados ainda não tinham chegado, então éramos só nós. Encostei na porta da cozinha e fiquei observando a cena à minha

frente. Thaila estava cortando cebolas, enquanto vovó passeava pela cozinha fazendo várias coisas. Ela adora a parte dos preparativos, principalmente se puder convencer alguém a ajudá-la. Elas estavam conversando e rindo uma com a outra, tão distraídas que levou alguns minutos para minha presença ser notada, e quando foi, Dona Aurora cochichou algo no ouvido de Thaila, que por sua vez olhou em minha direção, rindo.

– Já estão amigas assim? – Perguntei, descruzando os braços e entrando. – O que tem para eu ajudar?

– Nada, mocinha! – Vovó pegou um pano de prato e sacudiu, tentando me espantar. – Vá sentar com seu avô! Eu e sua amiga Thais estamos com tudo sobre controle.

– Thaila. – Corrigi, sorrindo. – Você tem certeza que vai sobreviver? – Perguntei a ela.

– Pode deixar, ela é mais legal comigo que você! – Thaila implicou. Depois dessa, voltei para a sala feliz da vida.

Fiquei assistindo ao jornal com vovô por um tempo. A sala estava escura, iluminada apenas pelas luzes coloridas da televisão. Aquele clima me lembrou todas as vezes na infância em que dormi na casa dos meus avós. E todas as outras vezes em que não tive outra opção, depois de meu pai ter se mandado sem explicações. No início, eles cuidaram muito de mim. A nostalgia estava tanta, que meus olhos começaram a pesar. Acho que acabei dando um cochilo por alguns segundos, mas tomei um susto quando tocaram a campainha barulhenta. Da cozinha, Dona Aurora gritou para que eu abrisse. Precisei respirar fundo antes de levantar, sendo observada por vovô.

– Filha! Você está aí. – Era notável a cara de decepção que ele fez ao me ver atrás da porta. Por culpa, provavelmente, já que Michele e a neném estavam junto com ele.

– Lógico, é aniversário da *minha* vó. – Minha cara de tédio também era completamente visível.

– Eu passei para dar carona para elas. – Apontou para as duas. As cumprimentei com um simples balançar de cabeça e sorriso torto. A esposa dele até parecia legal, se não fossem as circunstâncias. Infelizmente, eu não conseguia engolir ela por nada. Era como uma ameaça. Já a bebê até que era fofa. Tinha

pouco mais de um ano, cabelos pretos e encaracolados. Não tinha como não gostar de uma coisinha gostosa dessas, então acabei cedendo e brincando com suas mãozinhas quando elas passaram por mim.

Foram longos e dolorosos minutos tentando fazer sala para eles. Claramente, eu e vovô estávamos zero à vontade com a situação. Depois de um tempo falando sobre a possibilidade de chuva para o final de semana, finalmente todos decidiram se calar e encarar a televisão.

Suspirei de alívio quando vovó e Thaila vieram da cozinha, trazendo as comidas e deixando na mesa. Levantei para ficar perto de Thaila e ela não passar pela situação constrangedora de se apresentar a meu pai sozinha, mas minha tentativa de amenizar as coisas foi completamente falha. Ele conseguiu ser mais rápido.

– Então esse é seu *namorado* , filha?

29

nojenta é a tua atitude

“Não. Essa é minha *namorada*.”

Foi o que eu tive vontade de dizer, enquanto apertava forte a mão de Thaila. Meu corpo queimava, ela percebia. Foram poucos segundos sem respostas, mas pareceram uma eternidade. Parecia que hoje o dia estava se arrastando a cada instante. Eu queria responder. Responder não, eu queria pular em cima dele e perder completamente a minha razão. Mas isso implicaria em muitas coisas e teria sérias consequências. Quando eu estava prestes a dizer algo, fui interrompida.

– Sou amiga dela. Prazer, Thaila Fontana. – Ela deu um passo a minha frente e esticou o braço em direção a ele. Tinha um sorriso no rosto, não o simpático que deixa os olhinhos pequenos, era o sorriso cínico. Senti que no instante em que ela deu essa resposta, todos na sala voltaram a respirar normalmente. A tranquilidade dela para lidar com uma situação dessas era simplesmente inacreditável. E definitivamente, admirável.

– Ah, amiga? Não imaginava. Diferente, né? – Ele parecia desconcertado. Certamente bem mais divertido do que qualquer resposta que eu poderia dar. – Eu sou Luiz, pai dela.

– É, tô sabendo... – Ela suspirou, voltando para perto de mim e segurando meu braço, antes que eu falasse alguma coisa. Porque eu queria falar.

– A Laís fala bem de mim? – Ele suspirou, orgulhoso. Minha vontade era gargalhar alto, mas só revirei os olhos.

– Muito pelo contrário! – Thaila sorriu em sua direção. – Podemos comer, vó Aurora? – Minha vó concordou e pude ouvir

meu avô dando uma risadinha com o desapontamento estampado no rosto de seu filho. Thaila foi junto a minha avó em direção a mesa, satisfeita com a reação que causou. Quando estava prestes a segui-la, Sr. Antônio me parou para fazer um comentário.

– Gostei dessa sua amiguinha... – Ele cochichou ao pé do meu ouvido, rindo baixo.

Fomos para a mesa de jantar e eu não podia nem imaginar o que estava por vir. Reparava o desconforto de Michele com toda a situação. Ela realmente parecia alguém agradável, devido a sua reação aos comentários grotescos de Luiz. Nós nunca interagimos devidamente, mas ela parecia ser uma mãe bem atenciosa com a bebê – que eu ainda não sabia o nome.

– E como está Mel, essa coisinha fofinha da vovó? – Dona Aurora respondeu aos meus pensamentos, se inclinando em direção a cadeirinha da bebê e apertando suas bochechas enormes e fofas. Se eu parar para pensar como uma pessoa razoável, até que seria legal me aproximar dela. No fim das contas, é minha irmã... E não tem culpa de nada do que aconteceu. Principalmente, de ter sido abandonada pelo pai assim como eu. Mas é algo para se pensar, não estou preparada para tamanha maturidade ainda.

Thaila parecia prestar atenção em todos os diálogos que aconteciam, participando de alguns e sempre olhando em minha direção para conferir se estava bem ou não. Eu estava quieta, no meu canto. Quase não escutava o que eles tanto conversavam. Não tinha cabeça para isso. Vovô parecia estar no mesmo mundo da lua que eu, brincando com a comida no prato. Em algum momento, Thaila pediu licença e saiu da mesa. Deveria ter ido ao banheiro. E ela demorou. Bom, não sei se ela de fato demorou ou se o tempo ainda estava passando devagar para mim. De qualquer forma, não aguentava permanecer ali sem ela por perto, então fingi que ia pegar as sobremesas e me retirei. Peguei um copo de água e fiquei encostada por um tempo no balcão da cozinha, encarando o chão.

Sai do transe com vovô se aproximando e enchendo um copo de água para ele também. Encostou do meu lado e respirou

fundo, encostando sua cabeça em meu ombro. Ele costumava ser alto, mas devido a idade estava mais baixo que eu agora.

– Fico me perguntando onde foi que eu errei na criação do teu pai. Ele nem tenta se alguém melhor. – Desabafou.

– Não acho que seja culpa sua. – Suspirei, estendendo a mão para fazer carinho em seu rosto. – Ele se tornou a pessoa que quis. Tomou as atitudes que julgou serem certas. O problema é que ele não consegue enxergar quantas pessoas vão sofrer com isso no trajeto. – Agora ele quem suspirou. – Uma vez, uma pessoa me disse que é necessário perdoar, independente de tudo. Mas tá parecendo cada vez mais difícil fazer isso. Quer dizer, ele vem se esforçando aos poucos, mas eu não consigo ver minha vida junto dele agora. Somos pessoas muito diferentes.

– Às vezes, diferente é necessário. E sobre o perdão, você precisa olhar pra dentro. Se for algo bom para você deixar ele voltar, faça isso. Muitas vezes, perdoar acaba sendo mais libertador para nós. Eu também deveria tentar. – Ele se virou para mim e depositou um beijo na minha testa. De passo em passo, voltou para a sala de jantar. Olhei para o teto, respirando fundo novamente. Me sentia um tanto quanto esgotada. Não conseguia entender como deixar ele se aproximar de mim novamente, sendo o tipo de pessoa que é, poderia ser libertador. Mas fiz uma anotação mental para pensar sobre isso mais para frente.

Senti outra presença na cozinha e quando mirei o olhar em direção à porta, era Michele. Meu corpo enrijeceu imediatamente. Eu estava tensa. Não estava pronta para essa interação. Nunca estive. Ela parecia tão nervosa quanto eu e foi se aproximando aos poucos. A impressão era de que meus olhos estavam arregalados, mas eu torcia para que não estivessem, porque isso deduraria completamente meu desespero e eu queria parecer dura. Acho que já é perceptível que eu não sou muito boa em esconder meus surtos internos, sempre acabo deixando transparecer, apesar de não querer. Reparei que Michele quase abriu a boca algumas vezes, mas ao invés de falar algo, ela se encostou ao meu lado, bem onde vovô estava.

– Sabe, eu tentei convencê-lo de te visitar, esse tempo todo. – Ela soltou, depois de alguns minutos constrangedores em silêncio, apenas com o tic-tac do relógio e algumas vozes vindas da sala de jantar no fundo. – Mas ele morria de vergonha. Tinha medo de você nunca perdoar. – Ela pausou, esperando que eu respondesse, mas o nervosismo não deixava nenhuma palavra sair da minha boca. – Eu sempre o avisei que era melhor te ter por perto do que se arrepender futuramente. E pelo visto, eu estava certa. Agora ele está tentando recompensar tudo, né?

– Espero que ele não faça o mesmo com a Mel. – Balancei meu copo de água vazio, para tentar disfarçar a tremedeira. Era o único lugar para o qual eu conseguia olhar. Precisava focar em alguma coisa.

– Você não precisa ficar sentida por ele ter me largado e voltado para sua mãe. – Ela conseguiu chamar minha atenção com isso. Para mim, das duas uma: Ou ele estava mentindo sobre ter se separado dela, ou ela estava extremamente furiosa com a atitude. – Desde que a gente se conheceu e, bem, se apaixonou... Ele deixou bem claro que sua mãe era o amor da vida dele e que, caso ela acordasse um dia, ele a escolheria. Eu sempre estive ciente e sempre concordei com isso. Por mim, tudo bem. Mas ele não tem o mínimo direito de abandonar a filha dele. Depois de tudo, é quase que uma dívida.

– Isso não deveria ser obrigação. Ele deveria fazer de peito aberto. – Minha voz carregava desprezo. – Eu sei, você sabe, ele sabe. Só que ninguém fala em voz alta. Pode admitir, ele é um merda. Não sei se dá tempo de mudar isso ainda. – Eu sei, peguei pesado. Mas eu estava com raiva, não consegui controlar. Só... saiu. E me arrependi disso segundos depois.

– O que você disse? – A voz grave ecoou pela cozinha, um pouco alterada. Ele já havia bebido várias taças de vinho, então me deu medo assim que ouvi aquilo. Algumas lembranças da infância invadiram minha mente, lembranças que eu havia apagado. De certa forma, esse tempo todo eu só conseguia pensar em como ele era um pai e marido incrível e atencioso, como eu estava perdendo tudo isso e doía. Eu tinha esquecido de todas às vezes em que ele se tornava agressivo e ameaçava

ferir mamãe. Não lembro se ele chegou a fazer isso de forma física, mas psicológica, eu tinha certeza. Então ouvir aquela voz irritadiça, me tremeu dos pés à cabeça. Antes que eu pudesse perceber, lágrimas brotaram em meus olhos e eu o encarei. Não sei de onde a vontade veio, mas ela apareceu.

– Você é um merda. Foi essa a parte que não entendeu?

– Você se estragou. – Ele cuspiu as palavras em minha direção. Michele estava tão assustada quanto eu, encolhida no canto da cozinha. Aparentemente, ela também temia essa versão dele. – Foi só eu ficar alguns anos longe que você ficou completamente sem rumo. Se tornou *isso*. Revoltada, desrespeitosa.

– Isso o quê? – Senti meus punhos fechando.

– Você é deplorável, Laís. Olha essa postura, olha esse comportamento, olha como você pensa que pode me enfrentar. Tá chorando por quê? Quer fazer cena? Se vitimizar? Engole essa merda de choro, eu não vou sentir pena de você. Não depois de ter virado *isso*.

– Fala! Fala a palavra. Em voz alta, eu quero ouvir. – Aumentei a voz, me aproximando dele. Meus avós estavam observando tudo, assustados. Por um instante, pensei em voltar atrás, mas já era tarde. – Tu não é homem? Não é brabo? Não acha que ninguém consegue te enfrentar?

– Eu não vou falar essa palavra nojenta.

– Você é um covarde do caralho! – Não queria ter xingado na frente dos meus avós, mas vamos lá, a situação já estava muito maior do que um palavrão de nada. – Você foi um covarde em todas as suas decisões. E tá sendo um covarde agora. – Eu percebia o rosto dele queimando, e apesar de estar morrendo de medo, dei mais um passo à frente, ficando quase cara a cara. – Repete comigo, vou te ensinar a falar: *Lésbica*. Eu sou lésbica. E não tem nada de nojento nisso. Nojenta é essa tua atitude ridícula!

A coragem foi para o espaço assim que vi a posição que seu corpo estava tomando. Os punhos fechados se levantando, vindo em minha direção. Tudo aconteceu em câmera lenta, mas fechei os olhos antes da dor me atingir. O barulho chegou primeiro, mas

a sensação do soco não apareceu em seguida. Quando abri os olhos, Thaila estava segurando o punho com uma expressão de dor, meu pai estava jogado no chão, com a mão no rosto e um olhar de ódio. No instante em que ele tentou se levantar, vovô se posicionou em frente a ele com o olhar mais bravo que já vi em toda minha vida.

– Sai da minha casa. – Ele foi firme. Meu pai tentou pestanejar, mas ele repetiu. – Sai *agora* da minha casa. Você não vai entrar aqui e ofender minha neta. Você perdeu esse direito há muito tempo. E se você pensa em agredi-la, eu espero que nunca mais dê as caras nesse lugar. *Vai embora.*



Luiz foi embora sozinho. Vovó estava em um desespero tão grande que precisou tomar um remédio para conseguir dormir mais cedo, antes que sua pressão aumentasse de vez. Ela não podia aguentar esse tipo de estresse. Minha consciência pesava por todas as coisas: Ter estragado o aniversário dela, ter metido Thaila nessa confusão, ter feito Michele passar por isso. Tudo.

Agora, eu estava na cozinha com Michele, colocando gelo na mão de Thaila. Ela já tinha me pedido desculpas pelo soco umas trinta e quatro vezes e contando. Disse que não deveria ter feito aquilo, mas que não conseguiu deixar que ele me machucasse. No fundo, eu estava extremamente aliviada por ela ter chegado a tempo. Não sei o que aconteceria comigo caso aquele soco tivesse me acertado. Michele me contou sobre os surtos de raiva dele, que aconteciam sempre que bebia alguma coisa. Ele nunca chegou a bater nela de verdade, mas sempre foi absurdamente descontrolado e já tinha chegado a jogar objetos nela. A raiva que me subiu quando ela contou isso era inenarrável. Eu não podia deixá-lo com minha mãe de forma alguma, principalmente tendo lembrado de tudo isso.

Decidi ir na sala verificar o estado de vovô, enquanto Thaila e Michele conversavam. Eu estava meio alheia a conversa, minha cabeça estava em outro lugar. Já estava tarde. Sr. Antônio estava totalmente fora de sua postura de bravo com a bebê no colo. Ele

conversava com ela e mostrava o filme de guerra que passava na televisão, tive que segurar o riso ao ouvi-lo comentar sobre tiros e bombas com aquela voz bobinha que fazemos para bebês. Pigarreei, para chamar a atenção dele, que me olhou soltando um sorrisinho.

– Ela é uma neném bem fofa! – Parecia encantado, estendo Mel em minha direção.

– É, eu estava observando isso mais cedo. – Peguei no colo, com todo o cuidado do mundo. Ela parecia saber andar um pouco e resmungar algumas coisinhas básicas e incompreensíveis, mas ainda era um bebê molengo e frágil. Dei uma cheirada no topo de sua cabeça, que tinha aquele cheirinho agradável de bebê. Sentei no sofá com ela no colo, que colocou a mãozinha pequena na direção do meu coração, com os olhinhos fechados. Minha respiração quase não acontecia, para evitar que aquele momento acabasse. Eu estava *encantada*.

– Desculpa cortar o clima de irmãs... – Thaila sussurrou no meu ouvido. – Mas a mãe dela já tá indo! – Thaila estendeu as mãos para pegar a bebê no colo. Ela parecia ter todo um jeito para isso, como se segurasse bebês todos os dias. Thaila balançava devagar, apoiando a cabeça de Mel em seu ombro, e em poucos segundos seus olhinhos estavam fechados. Inacreditável. Antes que eu pudesse perceber, vovô também estava com os olhinhos fechados e a boca aberta, deitado no sofá. Fui até ele e depusitei um beijo em sua testa, enquanto Thaila levava Michele e Mel até a porta. Ela era inacreditavelmente atenciosa. Me despedi delas com um sorriso e um balançar de cabeça, como as cumprimentei, mas agora o sorriso era sincero.

Já passava de meia-noite e Dona Aurora tinha insistido para que passássemos a noite aqui, pois era perigoso demais dirigir essa hora da noite. Aceitamos sem relutar muito, acho que as duas estavam sem cabeça para voltar para casa. Quando me dei conta, lá estava eu novamente, pronta para dormir nos braços de Thaila Fontana.

30

dia de pizza

– Eu não quero ocupar a mente dela com essas coisas. – Estava com Thaila no hospital, tentando decidir se contava ou não para mamãe sobre a atitude de Luiz. Eu não podia deixar ele se aproximar dela, não podia deixar ele voltar para a nossa vida, mas também não podia fazê-la passar por esse tipo de situação em um momento de fragilidade como esse. Não acho que estresse seja uma boa opção agora. Ela pode passar mal e dar tudo terrivelmente errado.

– Uma hora ou outra, ela vai ter que saber. – Ela passou a mão no meu braço, levantando meu rosto. – Melhor pela sua boca do que pela dele, ele pode manipular a situação contra você.

– Céus. Que escolha difícil. – Coloquei a mão no rosto, respirando fundo. Dei a mão ela, decidindo entrar no quarto de mamãe. Ela já estava conseguindo falar um pouco melhor. Quando viu Thaila entrando comigo, levantou as sobrancelhas, assustada. Parecia contente com a visita.

– A menina bonita! – Ela falou, baixinho. Nós rimos, Thaila ficou com vergonha. Por trás de toda a pose de confiante, ela até que era tímida. A cumprimentamos e sentamos para conversar sobre algumas fofocas do hospital. Era uma tarde ensolarada de domingo. Do jeito que mamãe gosta. Na real, ela gostava de quase todos os domingos. Menos os chuvosos. “Domingo é dia de viver”, ela dizia. “Dia com chuva não dá para fazer nada.”

Mamãe costumava ficar animada quando eu ia visitá-la, mas sempre que tinha mais alguém ela virava a disposição em pessoa. Ela e Thaila conversaram tanto, que em alguns

momentos tive que ficar parada, só observando as duas virarem amigas. Estava tomando coragem para contar o ocorrido para ela, de forma que não a fizesse tão mal, mas não conseguia enxergar um jeito de amenizar as coisas. No fundo, meu maior medo era ela não ficar do nosso lado, e sim do dele.

– Mãe... – Chamei sua atenção, após limpar a garganta para finalmente falar alguma coisa. Ela me olhou nos olhos, atenciosa. Thaila também olhava em minha direção. Antes de conseguir dizer algo, alternei entre os olhos das duas e abri a boca algumas vezes, sem soltar uma palavra sequer. Respirei fundo. Era agora ou nunca. – Ontem aconteceu uma coisa com Luiz. – Seu olhar exalava preocupação e confusão ao mesmo tempo. Ela precisava de mais informações. Eu dei. Aos poucos, contei como foi o jantar e como tudo terminou. Disse sobre Michele e a filha, sobre a forma que ele se exaltou e ameaçou me bater. Disse que, se não fosse por Thaila, ele provavelmente teria conseguido. Ao contrário do que pensei, ela não estava triste. Nem parecia chocada. Ela estava com raiva. Seu olhar era sério e parecia atravessar qualquer um que entrasse na frente. Ele piorou quando a vi virando o rosto em direção à porta, atrás de mim. Hesitei em verificar, mas quando olhei na mesma direção, lá estava ele, encostado no batente com um sorriso cínico e as mesmas roupas do dia anterior.

Thaila e eu levantamos de nossas cadeiras quase ao mesmo tempo, entrando na defensiva. Era ridícula a prepotência que Luiz carregava. Ele exalava mau-caratismo e sua postura me dava medo, não conseguia decifrar o que estava fazendo ali, depois de tudo. Respirei fundo, e antes que pudesse dizer qualquer coisa, fui interrompida.

– Então vocês já abriram a porra da boca pra ela? – Suas palavras tropeçavam uma na outra, e ao notar as olheiras e a aparência suja, concluí que ele estava bêbado. Bêbado de uma forma que nunca tinha visto antes. Automaticamente, minhas mãos fecharam.

– Pode ir embora, ninguém quer você aqui. – Soltei, no meu melhor tom de raiva. Totalmente em vão. Minha voz saiu tremida, porque todas as decisões ruins que ele podia tomar naquele

momento passaram pela minha cabeça. As lágrimas estavam se acumulando.

– Cala a boca, você fala demais.

– Fale assim mais uma vez com a minha filha e eu farei questão de levantar dessa cama e te expulsar com as minhas próprias mãos. – Me assustei com o tom de voz de mamãe, nunca a tinha visto tão brava. Thaila me encarou, preocupada. Ela parecia perguntar o que fazer. Meu pai olhava incrédulo. Seu rosto expressava nojo.

– Você apoia isso, Angélica? – Apontou para Thaila e para mim.

– O quê? A felicidade da minha filha? A liberdade dela? Não só apoio, como me orgulho. Se isso te incomoda, fico muito feliz que tenha saído da minha vida.

– Eu tô saindo da tua vida? – Ele riu, irônico.

– Não entendeu o recado ainda? – Me pronunciei. – E é bom que respeite a vontade dela, caso o contrário vai receber uma belíssima ordem restritiva.

– Se manda. – Thaila tomou a atitude de o acompanhar para fora do quarto. Ele não teve forças para pestanejar, estava bêbado demais para isso. Fui até a recepção e deixei avisado que Luiz estava proibido de visitá-la. Eles prometeram fazer todo o possível para tomar esse cuidado.

Mamãe, por incrível que pareça, não ficou mal com a situação. Disse que conhecia meu pai melhor do que ninguém e que esse comportamento não fugia do esperado. Tivemos uns papos mais melosos sobre eu nunca desistir dela e estar sempre ali para cuidá-la. No fim das contas, Dona Angélica é a pessoa que mais me importa no mundo todo. E a que mais me faz bem também. E eu sei o quanto é raro ter uma relação dessas com a mãe, não dá para jogar fora. Eu realmente faria qualquer coisa por ela.



– Vai ser pizza, então? – Raissa estava deitada no sofá, com as pernas no colo de Ester e procurando um restaurante legal no celular. Thaila contou para as meninas o que tinha acontecido e

elas insistiram em se reunir. Eu não tinha o que reclamar das minhas amigas. Até Luiza estava aqui, e olha que domingo é difícil de ela largar a namorada. Mesmo que eu tente ficar longe, elas sempre estão por perto.

– Amiga, mas me fala... – Ester chamou minha atenção. Ela estava sentada na ponta do sofá, com as pernas de Raissa em seu colo e com os pés no sofá. Eu amava o jeito que elas ficavam confortáveis aqui, como se fosse uma segunda casa. – Onde esse cara mora? Me fala que eu vou lá resolver isso com ele.

– Tu não bate nem em barata. – Thaila implicou, dando um empurrãozinho em Ester com o ombro. Ela estava no braço do sofá e eu em sua frente, sentada em um pufe. A televisão ligada, dava as notícias para o nada, já que ninguém prestava atenção. Malu estava no chão, encostada no sofá, e Luiza deitada com a cabeça em seu colo.

– Eu fiz três meses de Muay-Thai! – Ester se defendeu. – Daria uma chave de braço bem dada nele.

– Chave de braço é de judô, cara. – Luiza tacou uma almofada em cima dela, rindo.

– Dá pra vocês me responderem se vai ser pizza? – Raissa esperava, com cara de tédio e a mão na cintura.

– Sim! – Respondemos em coro.

– Ok, a parte de bicho morto vai ser de quê? – Ela perguntou. Raissa é vegetariana, então sempre que vamos comer em algum lugar precisamos pedir algo sem bicho morto, como ela costuma dizer. Eu acho engraçado a forma que ela usa para se referir, a fim de nos deixar culpadas. Comigo, pelo menos, funciona. Acho o vegetarianismo super interessante e sempre tive vontade de tentar, só me falta coragem para começar mesmo. Com um incentivo desses todo santo dia, a ideia fica ainda mais recorrente.

– Frango com catupiry. – Malu se manifestou. Ela estava mais quieta que o normal desde que nos reunimos. Raissa fez uma careta com sua resposta.

– Todas de acordo?

– Acho que toparia ir atrás do teu pai também, Lalis. – Luiza concluiu, depois de um tempo pensando.

– Bom, eu já comecei o trabalho! – Thaila comenta. Ester sorri orgulhosa para ela. Elas formavam uma ótima dupla, no fim das contas. Eu ficava feliz de ter passado por tudo aquilo. Não aguentava mais ficar tensa perto de Ester.

– Fechado. Tu dá o primeiro e deixa o resto comigo. – Luiza estendeu a mão em direção a Thaila e elas fizeram uma espécie de *hi-five* torto, passando por cima de todas as meninas.

– Vocês não me respondem. – Raissa bloqueou o celular e fez um biquinho, cruzando os braços. *Tão fofa.*

– Sim, amiga. – Eu ria. – Todas de acordo. – Ela sorriu para mim de forma ingênua, pegou o celular e continuou focada em fazer o pedido. – Vocês andam muito agressivas pro meu gosto. Deixa que a vida resolve esse trem dele aí. Já tá sozinho, a tendência agora é só piorar. – Dei de ombros. Elas pareciam satisfeitas com a resposta, até porque tudo não passava de mera brincadeira. Ninguém foge tanto de confusão quanto eu e minhas amigas.

Ficamos fofocando por um tempo. Eu achava incrível como elas me faziam bem. E mesmo não estando acostumada, eram maravilhosos os momentos em que eu conseguia me abrir. Percebia que Thaila não tinha tanto essa dificuldade, ela conseguia socializar com muita facilidade. Malu realmente estava no cantinho dela hoje e eu acabei ficando preocupada com isso. Vez ou outra, nós cruzávamos os olhares e eu perguntava se estava tudo bem, apenas gesticulando. Ela respondia que “sim”, mas se eu conheço bem minha melhor amiga, não estava. Seu semblante fica diferente quando está preocupada ou ansiosa com algo. Esse era um desses dias. Quando Raissa contou, toda animada, que a pizza estava chegando, todas as meninas ficaram mais agitadas. Ester já tinha reclamado que sua barriga estava roncando, pelo menos, dez vezes nos últimos trinta minutos. Malu se prontificou para ajeitar a mesa, já que ninguém fazia nada. Lógico que não pude evitar e acabei pegando a deixa para falar com ela.

– Desembucha. – Falei assim que atravessamos a sala e chegamos no espaço da cozinha, abrindo os armários para pegar garfos, copos e talheres.

– Tá tudo bem. – Ela continuou abrindo os armários e procurando alguma coisa.

– Malu... – Segurei seu braço devagar, insistindo. Ela parecia estar prestes a ceder.

– Eu tô me sentindo culpada por ter te incentivado a ir. – Ela suspirou e encostou no armário, ficando de frente para mim.

– Como assim? – Minha reação foi espanto. Não fazia sentido ela me culpar por algo assim.

– Eu lembrava que seu pai sempre teve reações meio... agressivas. Era assim quando éramos novinhas também. É lógico que podia dar alguma merda. E se Thaila não aparecesse na hora, teria sido ainda pior. E você nem queria ter ido. Sem dúvidas, evitaria muita coisa.

– Maria Luiza Passos, eu te proíbo de sentir culpa por uma coisa dessas. Graças a você, eu enxerguei quem ele é. Graças a você, eu percebi que não devia dar uma segunda chance como planejava. Graças a você, minha mãe está segura. Graças a você, não estou mais em uma confusão enorme sobre perdoar ou não. Se for pra se culpar, se culpa por isso. – Puxei-a para um abraço, deixando seu rosto apoiado em meus ombros e fazendo cafuné em seus cabelos soltos. – Eu te amo. Você é a melhor amiga que eu poderia ter. E se desse para escolher, eu escolheria você todas as vezes.

31

presente de aniversário

Mais uma semana tinha se passado e eu sentia que as coisas estavam voltando aos seus devidos lugares. Meu pai parecia ter sumido do mapa, ninguém sabia de seu paradeiro. E sinceramente, prefiro assim. Mamãe estava quase não dependendo mais dos aparelhos, mas ainda tinham todos aqueles termos médicos, dos quais eu não entendia nada, que a impediam de ter alta. Vovô já havia me ligado algumas vezes e em todas elas perguntou como estava aquela minha amiga corajosa. Ele estava bem mais carinhoso, não era de manter contato assim. Também me sentia mais próxima das meninas do que nunca. Acho que porque, dessa vez, eu também estava tentando ser uma amiga melhor.

– Já sabe o que vai dar de presente pra ela? – Ester aproveitou o momento do intervalo em que Thaila saiu de perto e sussurrou no meu ouvido.

– Presente? – Eu estava confusa. Pelo que eu saiba, não tem nenhuma data comemorativa se aproximando. Nem dia dos namorados. Nem nada assim.

– O aniversário dela é amanhã. Ela não te falou? – Não. Ela não tinha me falado. Por que ela não tinha me falado? Quer dizer, nós somos Alguma Coisa Que Envolve Beijos Na Boca E Carinhos Constantes. Eu deveria saber do aniversário dela. Certo?

– Não. Não falou. Como você sabe disso? – Eu já estava completamente tensa. Minha cabeça estava pensando no que eu poderia fazer tão em cima da hora e em trezentas possibilidades

para o porquê de ela não ter me contado que seu aniversário estava tão perto.

– Ah, eu vi no Facebook. – Ela ainda sussurrava para mim, enquanto as meninas conversavam. – Mas achei que ela tivesse te falado. Vocês são praticamente namoradas.

– Nós não somos praticamente nada. – Estreitei os olhos para ela. Não é possível que Thaila não tenha contado de seu aniversário para nós. Ester é praticamente sua melhor amiga e ela é bem próxima das outras meninas também. Esconder o aniversário não me parece muito Thaila Fontana. – Gente! – Aumentei a voz, chamando a atenção delas para mim. Malu, Luiza, Raissa e Ana me olharam quase assustadas, parando de falar sobre seja lá o que fosse. – A Thaila falou algo de aniversário com vocês? – Elas se entreolharam, discordando com a cabeça.

– Tá chegando? – Raissa perguntou, batendo palminhas. – Adoro aniversários! E se a gente fizesse uma festa surpresa pra ela?

– É amanhã! – Ester respondeu, indignada. – Não acredito que ela simplesmente escondeu de todo mundo. Achei que ela fosse nossa amiga.

– Meu Deus! Não dá pra preparar uma surpresa em tão pouco tempo. – Malu também estava indignada, com os braços cruzados. Ela adorava festas surpresas.

– Eu conheço um lugar... – Luiza fez com que todas se aproximassem da mesa e sussurrou, como se fosse total segredo e Thaila estivesse escutando. Ela estava no banheiro, há uns bons minutos daqui. Eu ri da situação. – Lá vende uns salgadinhos maravilhosos por um preço ótimo. Posso trazer amanhã. Láis trás o bolo, Malu os docinhos, Raissa o refrigerante, Ester e Ana os utensílios e a decoração. Combinado?

– Eu amo como você é boa em dar ordens. – Tive que fazer essa observação e Luiza deu de ombros, sorrindo em convencimento. Ana também olhava com um sorriso enorme para a namorada. Luiza, sem dúvidas, tinha um lugarzinho

especial em meu coração. Tudo que ela fazia me enchia de orgulho.

– Nossa, Deus que me livre comer jiló! Espero que o almoço seja outro. – Raissa começou a falar em um volume extremamente alto, como se todo mundo fosse entender o que ela queria dizer. Olhamos em sua direção com olhares de julgamento e ela tentou piscar um dos olhos, indicando que era fingimento. Só foi fazer sentido no momento em que Thaila sentou ao meu lado.

– Mas hoje é macarrão. – Ela disse, se inteirando da conversa, que até então, não existia.

– Que ótimo! Amo macarrão. – Ester tentou entrar no assunto e continuar o fingimento. Malu e eu nos segurávamos para não soltar uma gargalhada com a péssima atuação. Pedi licença para as meninas e a carreguei para longe do refeitório.

– Maria Luiza, preciso da sua ajuda! – Quase implorei. – Eu não sei o que fazer de aniversário pra Thaila.



Eu estava no shopping. Antes do serviço. Passeando e entrando em lojas. Era quase um pesadelo. Eu tentava resistir, mas Malu e Ester me carregavam para todo o tipo de loja e me faziam experimentar todo o tipo de roupa. Elas estavam procurando o look perfeito e, apesar das minhas caretas e impaciência, elas não se dariam por vencidas até que eu me achasse a mulher mais linda do mundo ao me olhar no espelho. Palavras de Ester Dias. Apesar de achar impossível que algo assim aconteça, quem sou para discordar?

– Amiga, a Thaila vai babar. Sério. Esse vai ser o melhor aniversário da vida dela. E vocês precisam fazer...

– Ester, quieta. Se você falar de sexo mais uma vez eu vou explodir de vergonha! – Interrompi. Ela já tinha comentado isso trocentas vezes e eu sempre ficava querendo enfiar a cara em algum lugar.

– Sinceramente? – Malu olhou para mim, enquanto andávamos pelo shopping de braços dados. – Ela tá certa.

– Até você, Maria Luiza? – Indaguei, boquiaberta. – Vocês estão fazendo complô? Vai acontecer quando tiver que acontecer. Chatas.

– Nós precisamos ser realistas. Você está enrolando! – Ester disse e, logo em seguida, colocou a mão na boca como se tivesse falado algo errado. Era deboche. Olhei em sua direção com os olhos semicerrados. Malu segurava uma risada.

– Eu sei que você tem lá seus motivos... Mas vai correr tudo bem, amiga. – Ela tentava me tranquilizar.

– Olha que loja linda, vamos entrar. – Mudei de assunto, sem nenhum ânimo. Eu estava longe de querer visitar alguma loja nova, mas precisava urgentemente trocar de assunto. Detesto cutucar minhas feridas, essas coisas não são para mim. Como já ficou *bem* claro, eu não sou uma pessoa corajosa. Muito pelo contrário.

As meninas separaram algumas peças de roupa da loja em que entramos. Tinha uma pegada mais chique e eu esperava que fosse a última em que meus pés pisariam. Fazer compras está longe de ser meu passatempo favorito.

Vesti intermináveis combinações de roupas. Alguns macacões, algumas calças sociais com blusas de seda, alguns vestidos rodados e alguns blazers. Em várias delas, as meninas sorriam, mas não me agradava. Em outras, elas apenas torciam o nariz e me mandavam voltar para o provador e escolher a próxima combinação. Eu já estava sem esperanças para isso e pensei em me contentar com o uniforme do cinema. Afinal, Thaila já me viu assim diversas vezes e ainda não desistiu. Não teria problema. E nem daria tempo de ir em casa trocar de roupa.

Quando eu estava prestes a vestir o uniforme e me dar por vencida, ouvi um gritinho vindo do corredor. Coloquei a cabeça para fora do provador e Malu estava vindo em minha direção, dando pulinhos de alegria e segurando um novo vestido. Quando ela entregou em minhas mãos, respirei fundo e fechei novamente a cortina.

Era vermelho-forte, com um decote em “V” e descia colado pela cintura. Ele batia um pouco acima do joelho e suas alças finas deixavam meus ombros à mostra. Seu formato realçava as

poucas curvas em meu corpo, me deixando *agradável* . Tive que verificar minha imagem no espelho algumas vezes antes de acreditar no que estava vendo. Quando abri a cortina e parei na frente das meninas, elas me encararam desacreditadas. Malu parecia extremamente satisfeita com sua escolha e Ester faltava chorar de orgulho.

– Você tá uma gostosa. – Ela soltou, fingindo se abanar. – Com todo respeito!

– Amiga, arrasei. – Malu jogou os cabelos longos para trás, como se estivesse se gabando. – Como sempre, né?!

– É, tenho que admitir. Não devo estar a mulher mais linda do mundo, mas tô quase lá. – Não conseguia conter o sorriso em meu rosto, morrendo de ansiedade para essa noite.

32

nós

Meu coração estava acelerado e meu estômago estava prestes a pular para fora do corpo. Eu tentava me concentrar em limpar a lanchonete do cinema, mas minhas mãos tremiam, me atrapalhando de terminar o trabalho. Eu estava sozinha. Liberei Marcos mais cedo e faltava pouco para a última sessão terminar.

“*Chego em alguns minutos.*” – Olhei o celular e vi que Thaila tinha enviado essa mensagem há um tempo. Sim, agora eu uso esses aplicativos de mensagens porque ela insistiu que seria mais fácil de conversar. E porque, às vezes, antes de dormir, a gente acaba falando algumas bobagens. Mas eu continuo detestando essas coisas de internet, só estou tentando ser mais acessível para minhas amigas.

Concluí que, se ela já tinha saído de casa, eu estava atrasada. Corri para o vestiário e tomei um banho rápido. Coloquei o vestido que as meninas escolheram e passei perfume. Deixei meu cabelo solto para secar sozinho, com o tempo. Lá em cima costuma ventar bastante. Passei um brilho labial, como de costume, e *pronto*. Eu estava ansiosa para a surpresa. Falei para Thaila que íamos finalmente realizar o desejo dela de ter um encontro no cinema. E bom, era praticamente isso.

– Como vamos assistir filme se o cinema já fechou? – Ela perguntou, assim que atendi o telefone. Estava tomando coragem para sair do vestiário.

– Eu não disse nada de filme. – Peguei a pequena chave no fundo do meu armário e saí de lá, ainda com o telefone no ouvido. Assim que alcancei seu campo de visão, Thaila me encontrou.

– *Caralho*. – Ouvi ela murmurando quando bateu os olhos em mim. Seu rosto estava quase estático, olhando de cima a baixo. Meu sorriso estava estampado e meu corpo não parava de reagir a ela. Nervosismo puro.

Thaila desligou o celular e começou a andar em minha direção. Ela estava linda. Usava uma calça de alfaiataria cinza com listras finas em xadrez, que deixava seu tornozelo à mostra. Era bem justa na cintura, ressaltando seu corpo. Sua blusa preta estava com os dois primeiros botões abertos, revelando um sutiã, também preto, de renda. Eu *definitivamente* não estava preparada para isso.

– Você está excepcionalmente linda, Laís Monteiro. – Ela mordeu os lábios em um sorriso quando se aproximou, me segurando pela cintura.

– Você sempre está excepcionalmente linda, Thaila Fontana. – Juntei nossos lábios e voltei a encará-la. – Mas hoje... Acabou comigo.

– Eu gosto de causar esse efeito em você. – Ela pendeu a cabeça para um lado. – Me fala, se não vamos ver filme, pra onde a senhorita vai me levar?

– Fecha os olhos.

– Pra quê? – Ela levantou as sobrancelhas, desconfiada.

– Fecha os olhos logo. – Passei a mão em seu rosto, e ela obedeceu. Fui para trás e coloquei as duas mãos em suas costas, tentando direcionar seus passos e sussurrando em seu ouvido para indicar um degrau ou uma porta. Quando finalmente chegamos ao elevador, apertei o botão que leva ao terraço. Saí antes de Thaila e a puxei para perto da porta trancada, passando as chaves e a abrindo, para liberar a vista do terraço. Era um dos pontos mais altos da cidade.

– Pode abrir os olhos. – Ela obedeceu e abriu um sorriso ao avistar o céu estrelado. O terraço do shopping era imenso e só alguns funcionários do cinema tinham acesso. Era possível sentir a brisa da noite de leve, o que dava a nossos cabelos um certo balançar.

– Essa é sua surpresa? – Ela debochou, mas com um sorriso no rosto. Claramente teria adorado, caso fosse.

– Você não está satisfeita com meu ato romântico de te trazer para observar as estrelas? – Cruzei os braços, fingindo irritação.

– Não. – Ela torceu o nariz. – Quero mais romance. – Sorri. Ela sabia que não se tratava apenas daquilo. Eu não estaria com as mãos tremendo se fosse. O terraço cercava a salinha onde ficava a saída para o elevador, então, de onde estávamos não dava para ver a parte de trás. Segurei a mão de Thaila e a puxei para o outro lado, que estava iluminado com vários pisca-piscas brancos. Tinha um tapete grande esticado no chão, com umas almofadas espalhadas, que peguei emprestadas do cinema. No meio disso tudo, duas bandejas com cloches em cima dos pratos. Eu tinha preparado a comida às pressas antes de ir para o shopping com as meninas. Elas também me ajudaram na decoração antes de irem embora. Tinha esquentado a comida uns minutos antes de começar a fechar o cinema e coloquei tudo arrumadinho para quando ela chegasse. Eu nem acreditava como tinha conseguido ser *tão* romântica. Isso não é nada Laís Monteiro.

Olhei para o rosto de Thaila, tentando prever sua reação. Ela olhou para tudo aquilo e em seguida para mim, abrindo um sorriso enorme. Eu, obviamente, sorri junto. Meu nervosismo foi embora no momento em que ela colou nossos corpos, em um beijo. Ninguém no mundo beijava tão bem como Thaila Fontana. Me afastei para levá-la até nosso jantar improvisado e nos sentamos nas almofadas, uma de frente para a outra.

– Eu não acredito que você fez isso. – Ela ainda sorria, observando tudo. Pensei em citar seu aniversário no dia seguinte, mas preferi permanecer quieta. Se ela ainda não tinha comentado comigo, devia ter seus motivos. Então, preferi manter como se fosse apenas uma surpresa, sem motivos aparentes, até que ela dissesse algo.

– Você merece. – Foi tudo o que consegui falar. Ainda não conseguia dizer certas coisas a ela. Os sentimentos em minha cabeça permaneciam confusos, apesar de tudo. Não sabia o que sentia, mas certamente, agora tinha noção de que não se tratava de um beijo.

– Não acredito que você fez batata recheada! – Thaila ficou tão feliz quando eu tirei o cloche de cima dos pratos, que só faltou chorar de emoção. – Como você descobriu que é minha comida favorita?

– Tenho minhas fontes. – Joguei o cabelo para trás do ombro, fazendo uma careta.

– Foi Ester, né?

– Droga, me pegou. – Suspirei. – Foi. Mas em minha defesa, você quase entregou quando a gente foi na Parada da Batata!

Começamos a jantar e era impossível não reparar como ela conseguia ser bonita até comendo batata recheada no chão. Deveria ser considerado crime uma pessoa comer uma batata recheada com tamanha graciosidade. Tudo naquela cena era perfeito, inclusive Thaila limpando o canto da boca sujo de molho branco.

– Não vai comer não, babona? – Que saco. Odeio quando ela percebe que eu estou distraída, a encarando, e faz gracinha com isso. Meu rosto ficou vermelho na hora. E eu sequer tinha reparado que minha batata estava intacta. – Isso tá muito gostoso, onde você comprou?

– Eu que fiz... – Respondi, meio sem jeito.

– Mentira que esse tempo todo você é uma cozinheira de mão cheia e não me contou?! – Ela gargalhou. – Vamos começar a comer na sua casa. – Sua voz foi diminuindo conforme a frase foi terminando e sua feição foi de feliz para séria de repente.

– O que foi? – Levei minha mão até seu queixo, fazendo com que nossos olhos se encontrassem.

– Nada, *amor*. – Juro que senti meu coração parar. – Relaxa.

– Amor?

– Oi.

– Não. – Sorri. – Você me chamou de amor? – Minha voz quase falhava.

– Tem problema? – Seu rosto era de preocupação. – Cedo demais?

– Não. Perfeito. – Olhei para o prato, morrendo de vergonha, mas pude ver Thaila sorrindo antes de mudar completamente o foco. Ficamos em silêncio por alguns minutos. Não um silêncio

constrangedor. Coloquei o prato de lado quando terminei de comer, abrindo espaço no tapete, e percebi que Thaila já tinha feito o mesmo e estava aconchegada em algumas almofadas, deitada de lado e com a cabeça apoiada em um dos braços. Me aconcheguei do mesmo jeito, ficando de frente para ela. Ela sorriu de leve com meu movimento, enquanto mexia na barra da camisa com a mão livre.

– Vai ter sobremesa? – Ela riu pelo nariz.

– Vai sim. – Vi que seus olhos se arregalaram, mas não entendi muito bem o porquê. Me sentei e fiz um rabo de cavalo nos cabelos.

– Eu tô brincando, você não precisa se não tiver pront... – Ela parou de falar assim que abri outra bandeja e mostrei vários pedaços de bolo de chocolate cortados. Seu suspiro foi de alívio. Não entendi muito bem o que ela pensou que fosse a sobremesa, mas eu jamais escolheria algum doce exótico que ela não gostaria. Além de que, bolo de chocolate é minha especialidade. Lógico que seria isso. – Ah, bolo! Que delícia!

– Eu dei uma mudada na receita, vê se gosta. – Apontei. Dessa vez tinha colocado chocolate meio amargo, não sabia como estava.

– Nossa, tá muito bom. E dessa vez você nem surtou, né? – Ela estava com a boca suja. Acabei soltando uma risadinha porque, apesar de ser perfeitamente elegante comendo batatas recheadas, ela parecia uma criancinha encantada por doce quando se tratava do bolo de chocolate.

– Ah, eu sempre tô surtando um pouquinho. – Admiti, me aproximando para passar o dedo em sua boca, tirando a calda de chocolate. Ela sorriu, meio sapeca.

– Me conta mais sobre esses surtos aí. – Encarei seus olhos por um tempo. Eu não ia contar. Claro que não. Eu não conto esse tipo de coisa para ninguém. Nem para Malu. Eu não vou abrir a boca para ela em relação a minhas inseguranças. Quer dizer, estamos caminhando, mas não dessa forma. – Não precisa se não tiver confortável.

– Tudo em relação a isso me deixa nervosa. – Soltei. Merda, Laís. Que língua grande.

– *Isso?* – Ela apontou para mim e para ela, em seguida.

– Sim. *Nós.* – Fechei os olhos, suspirando.

– Tem um *nós?* – Ouvi sua voz, mas não consegui perceber seu rosto. Mantive os olhos fechados.

– Não tem? – Abri apenas um e a vi sorrindo, mas fechei novamente. Não existia coragem em mim capaz de me fazer ter esse tipo de conversa como uma pessoa madura.

– Você que me diz. – Senti sua mão em meu rosto. – Tem? *Nós?* – A última palavra foi dita no pé do meu ouvido. Meu corpo inteiro se arrepiou. Estar de olhos fechados por tanto tempo me deu uma brilhante ideia, então os abri.

– Tira a blusa. – Pedi.

– Quê? – Ela gargalhou. – Pra quê?

– Tira a blusa, vai. – E por incrível que pareça, não ouvi mais nenhum questionamento da parte dela. Ela me encarou e começou a desabotoar os botões. Um por um. Devagar. Minha respiração descompassou e, por alguns minutos, me arrependi de ter sugerido.

– E agora? – A blusa estava caída em seus braços, com o sutiã preto de renda totalmente à mostra. Seu corpo parecia ter sido esculpido. *Cada detalhe.* Talvez eu tenha me perdido um pouco observando, porque só voltei à realidade quando ela limpou a garganta, fazendo um barulho.

– Ah! Fecha os olhos. – Pedi, mordendo os lábios. Ela fechou.

– O que você vai fazer? – Suas sobrancelhas estavam expressando curiosidade e sua boca estava em um meio sorriso, esperando qualquer ação da minha parte. Me levantei e sentei atrás dela, com as pernas ao redor das suas. Observei seu cabelo recém cortado, na nuca. Os piercings em sua orelha, perfeitamente distribuídos. Sua correntinha jogada no pescoço e as pintinhas, recém descobertas, em alguns pontos de suas costas. A renda preta do sutiã contrastava com sua pele. Eu estava desconcentrada demais. Precisei respirar fundo, para só então levar meu dedo até suas costas e começar a desenhar.

– Adivinha o que é... – Sussurrei, perto de seu ouvido, assim como ela costuma fazer. Ela respirou fundo com o susto.

– Uma estrela? – O tom de dúvida era evidente em sua voz.

– Por que você é boa nisso? Que injusto.

– Minha vez agora. – Ela abriu os olhos e virou a cabeça para me olhar.

– Não. Minha de novo. Fecha os olhos. – Ela resmungou, mas obedeceu. Passei o dedo pela borda da alça de seu sutiã e a senti inclinar as costas de leve, sorri com o gesto. Continuei traçando o caminho do tecido de renda, mas em linha reta. Na parte de cima, tracei outra linha, fechando o desenho em um quadrado.

– Um quadrado?

– Não. – Não queria me dar por vencida.

– Impossível! Claro que é. – Ela insistiu, eu só conseguia rir. Ela parecia levar aquilo muito a sério.

– É um retângulo. Você não percebeu, mas tem uma diferença da largura pra altura. – Dei de ombros. Desculpa esfarrapada para continuar desenhando.

– Você tá roubando que eu sei, mas tá. Continua. – Ela cruzou os braços, fazendo pirraça. Seus olhos ainda estavam fechados. Posicionei meu dedo onde seu cabelo terminava e o escorreguei, com delicadeza, pelo pescoço. Desci mais, até a barra do sutiã, onde fiz uma curva e passei por toda a pele exposta pela blusa caída em seus braços. Fiz círculos e caminhos cortados, linhas retas e algumas curvilíneas. Passei com os dedos pelos ombros e quando me dei conta, estava me aproximando. Depositei um beijo em seu pescoço e era inacreditável como *cada parte* daquele corpo conseguia ser macia e cheirosa. E *hidratada*. – Se perdeu no desenho? – Ela virou o corpo para mim, devagar, ficando próxima.

– Perdeu a graça. – Brinquei com sua clavícula, que agora estava bem à minha frente, e fiz um “U” com os dedos, levando-os até o outro ombro. Meus olhos encontraram os seus e, logo em seguida, traçaram um caminho até sua boca. Mordi a minha e voltei para os olhos cor-de-mel me encarando, como se precisasse de uma permissão. Não precisava. Thaila chegou mais perto, dando uma mordida em meu lábio inferior. Sua mão desceu até minha cintura e nossas línguas entraram em sintonia. Minhas mãos brincavam com seu cabelo raspado e, de vez em

quando, deixavam um leve arranhão em seu pescoço. Eu sentia sua respiração mudar toda vez que isso acontecia.

Com um impulso de coragem, levei meus dedos para brincarem com a alça de seu sutiã, deslizando uma delas pelo ombro. Ela parou o beijo e encostou a testa na minha.

– Eu acho que tô em desvantagem aqui. – E apontou o dedo para o meu vestido. A luz da lua fazia seus olhos ficarem ainda mais bonitos. Mais do que nunca, eu sentia como se eles fossem me atravessar. Nunca os vi exalarem tantas coisas ao mesmo tempo. Meu corpo respondia na mesma intensidade.

– Resolve isso. – Voltei a beijá-la e, dessa vez, ela parecia mais determinada. Passou uma perna em volta de mim e sentou em meu colo, levando nossos corpos lentamente até o chão. Sua perna fez pressão entre as minhas, me fazendo morder de leve seu lábio, em resposta. Meu corpo *pegava fogo*. Eu precisava dela e precisava agora. Minhas mãos foram, involuntariamente, para o fecho de seu sutiã e percebi sua respiração pesar quando o abri. Ela sentou em meu colo, novamente, deixando as alças do sutiã caírem pelo braço e, em seguida, o jogou para o canto. Ela parecia *eufórica*. E conseguia ficar ainda mais linda assim. *Todos os detalhes perfeitos*. Coloquei minha mão em sua cintura, trazendo-a para mim de volta. Deixei uma das mãos brincarem com as partes longas de seu cabelo, enquanto a outra permanecia na cintura, fazendo com que ela rebolesse para mim. *Fogo*. Sentia meu vestido subir cada vez mais, e com uma leve ajuda, subiu de vez. Ela me puxou para sentar, continuando em meu colo, e levou o vestido vermelho para cima, jogando-o para longe. Por um momento, apenas nos encarávamos, olho no olho. Suas mãos percorreram minhas costas, passando pela cintura e barriga. Em seguida, foram para as coxas. Ela traçava alguns caminhos, assim como eu estava fazendo antes, e minha vontade era de *implorar* para que ela chegasse onde queria.

– Agora *eu* que estou em desvantagem aqui. – Levei a mão até sua calça, desabotoando-a. Thaila sorriu, mordendo os lábios. A sensação que isso me trouxe foi diferente de todas as outras vezes em que ela fez isso. Deitei-a devagar, ficando por cima dessa vez. Aos poucos, fui abaixando sua calça e, quando

acabei, joguei em um canto qualquer. Eu emanava coragem. *Coragem e fogo*. Ela me fazia sentir tudo isso.

Meus dedos subiram por sua coxa, alcançando a barra da calcinha e voltando para sua pele. Nada se igualava à sensação de nossos corpos juntos, sem nenhuma roupa entre nossas peles. *As duas pegavam fogo*. Passei minha mão para a parte de dentro de sua coxa e ela parecia arrepiar a cada toque. Nossos beijos esquentavam cada vez mais. Passei a mão por cima de sua calcinha e a senti úmida. Eu podia provocar mais. Eu até *queria* provocar mais. Só que o desejo estampado em seus olhos fez com que eu perdesse o controle. Meus dedos deslizaram para dentro da calcinha preta de renda, liberando um gemido dos lábios de Thaila. Nossas bocas voltaram a brincar uma com a outra, enquanto entrávamos em sintonia. *Todos os detalhes perfeitos*. Nossos corpos balançavam como um só. Naquele momento, era isso que eu sentia. Eu nos sentia uma só. Era claro que existia um *nós*.

Após sentir suas pernas estremecerem entre as minhas e sua expressão se acalmar em um beijo leve, subi minha mão pela sua cintura, passando pelos seios e chegando em sua nuca. Antes que eu pudesse esperar, ela estava em cima de mim. Depositava beijos em meu pescoço e sua mão acariciava meus seios. Minhas pernas se abriam devagar, em resposta. Eu *precisava* dela.

Seus lábios percorreram um caminho até chegar em minha barriga, onde ela depositou alguns beijos. Quando começou a descer mais, devagar, meu corpo entrou em festa. Seus dedos desceram minha calcinha até que ela estivesse jogada em algum canto, como todas as outras peças de roupa. Era quase uma tortura sentir os beijos que ela passou a depositar em mim. Barriga, quadril, coxa. Alguns foram deixados, com leves mordidas, na parte interna da coxa e eu fui pega desprevenida quando sua língua tomou conta de mim. Era quente. *Quente e suave. Suave e eufórica*. Senti seu dedo entrar, fazendo meu corpo arquear com o toque. Perfeitamente hidratada e agora eu entendia o motivo. Tudo que ela fazia era perfeito. Como se já

tivéssemos feito isso milhares de vezes. Como se ela já conhecesse cada parte de mim.

Eu me sentia incrível. Me sentia, mais do que nunca, *viva* . E as borboletas estavam com tudo dessa vez. Tomavam conta de mim. *Pra lá, pra cá, para todos os lados* .

ela precisa estar bem

Eu estava sozinha em um quarto branco. Deitada numa maca, sem conseguir levantar. A sensação de impotência preenchia meu corpo e eu me debatia. Alguém precisava da minha ajuda e não havia nada que eu pudesse fazer. De repente, eu estava sentada no chão gelado. A maca havia desaparecido. Corri em direção à porta e ao olhar pelo vidro pude ver uma pessoa deitada em outra maca, na sala da frente. Não reconhecia o rosto, mas senti que era alguém conhecido, alguém amado. E que aquela pessoa precisava de mim. A porta, trancada, não abria, apesar dos meus esforços. Depois de tanto empurrar, gritar e chutar, ela finalmente cedeu.

Acordei sozinha no quarto. Sozinha e assustada. Thaila não estava mais lá. Olhei o relógio e ainda eram cinco e meia da manhã, não fazia o menor sentido ela ter ido embora tão cedo. Abri o celular para ver se tinha alguma mensagem... Nada. Bom, na escola eu perguntaria o que aconteceu. *Escola*. Hoje tem a festa surpresa e eu não fiz o bolo. Merda. Eu podia muito bem ter feito o bolo ontem, mas não. Tinha que confiar no meu potencial de que conseguiria um tempo. *Anotação mental*: Nunca confiar no meu potencial.

Eu poderia arriscar de fazer o bolo correndo, mas com certeza daria tudo errado por conta da pressa. Pensa, pensa, pensa. Se ao menos mamãe tivesse em casa... Os bolos dela são os melhores. E ela com certeza faria para mim e entregaria na escola. Ok. Tive uma ideia.

Peguei meu telefone e corri o dedo pelos contatos até a letra "M". Para minha sorte, no aniversário de vovó acabei pegando o

número de Michele, para qualquer emergência. Ela realmente parecia super prestativa e me fez prometer ligar caso algo acontecesse. Bom, também para minha sorte lembro dela ter comentado que trabalha com confeitaria. Sem dúvidas, era minha melhor chance. O problema seria ela atender o telefone às cinco e meia da manhã.

– Alô? – Uma voz sonolenta atendeu do outro lado da linha.

– Michele? – Perguntei, tentando falar baixo para não a assustar. – É a Laís. Filha do Luiz. Sabe?

– Aconteceu alguma coisa? – Notei o desespero em sua voz. Tentativa falha. É lógico que ela iria se assustar com uma ligação de madrugada, Laís. Que ideia.

– Não, não. Tá tudo bem. Bom, mais ou menos! – Tentei pensar no melhor jeito de pedir um favor para minha quase madrasta que só passei a ter contato há alguns dias, pois meu pai ameaçou me socar na cara. – Eu meio que preciso de um favor seu...

– Pode dizer, linda. O que precisa? – Ela parecia atenciosa. Por uns segundos, me arrependi por não ter me aproximado antes.

– Hoje é aniversário da Thaila, aquela minha amiga. E eu esqueci de fazer o bolo pra levar. Você é confeitadeira, né? Queria saber se posso encomendar um bolo pra receber mais tarde na escola. – Falei tudo rápido, tentando não pensar no quão inconveniente eu estava sendo. Era um caso de vida ou morte. Ouvi uma risadinha no fundo.

– Claro que eu posso te *dar* o bolo. Sua amiga é ótima, ela merece esse presente. Me diz o sabor e me passa o endereço da escola que levo lá na hora do seu intervalo. Quando é?

Passei todas as informações para ela, que se mostrou super atenciosa e disse que estava levantando naquele momento para organizar as coisas e começar os preparativos para o bolo. Me aliviei de uma forma que não havia palavras suficientes para agradecê-la. É, no fim das contas, ela nunca foi a vilã da história. Eu estava feliz por perceber isso a tempo.



– Laís Monteiro, cadê o bolo? – Ester me lançou um olhar mortal jamais visto antes. Por pouco, não me arrepiei de medo. Todas as meninas estavam reunidas na porta da minha sala e pareciam crianças animadas para uma surpresa, sussurrando como se Thaila fosse aparecer a qualquer momento.

– Bom dia pra você também! – Respondi na defensiva. – Já está tudo sob controle, relaxa. É que eu fui dormir meio tarde.

– Foi dormir tarde fazendo o que, posso saber? – Raissa prendia uma risada maliciosa, que repreendi olhando em sua direção com os olhos semicerrados. – Fiquei sabendo que rolou um certo encontro... E a senhorita não falou nada comigo.

– Desculpa, gente... Foi em cima da hora. E vocês sabem, né? – Respirei fundo, tentando me justificar.

– Sim, você nunca conta nada pra gente. – Luiza completou, rindo. Felizmente, nós todas éramos amigas há anos e elas já conheciam todos os meus defeitos. E lidavam bem com eles. – Mas vai, agora conta!

– Ah, foi ótimo. Como sempre. – Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhei em direção ao chão. Não conseguia disfarçar minha timidez e percebi o semblante de Malu mudando aos poucos. Entrei em desespero quando notei que ela estava prestes a dar um chilique.

– Meu Deus! – Ela colocou as mãos na boca para abafar os gritinhos histéricos que estava prestes a dar. – Vocês! Meu Deus! Aconteceu! – Olhei em sua direção com os olhos arregalados, tentando indicar que ela fizesse silêncio. Até porque, a essa altura do campeonato, várias pessoas já olhavam em nossa direção.

– Maria Luiza! – As meninas riam de sua reação exagerada e eu só conseguia ficar mais e mais vermelha.

– Desculpa! – Ela se recuperou, abanando o rosto e respirando fundo repetidas vezes. – Eu não tava criando expectativas, me pegou desprevenida!

– Foi bom? – Raissa se voltou para mim com um olhar assustadoramente curioso.

– Quem tomou iniciativa? – Agora foi a vez de Ester.

– Ela te tratou bem? – Malu também perguntou. Luiza apenas as observava, com os braços cruzados e segurando a risada. Revirei os olhos, quase que automaticamente, desviando delas e indo em direção à sala.

– Nem ferrando eu vou contar detalhes pra vocês.



Já era hora do intervalo e eu ainda não tinha visto Thaila em lugar algum. O combinado era de, caso alguém esbarrasse com ela, fingir que não fazia ideia de seu aniversário. Eu balançava as pernas incessantemente, olhando para todos os lados para garantir que ela realmente não estava lá. Estava começando a ficar preocupada. Aparentemente, era normal Thaila acordar cedo assim, mas o fato de ela não ter deixado nenhuma mensagem estava começando a me assustar. E ela não me respondia. Eu tentei mandar algumas coisas e nada. Também não atendia o telefone, direto na caixa postal.

– Alguém viu a Thaila? – Ester sentou conosco, com um olhar extremamente preocupado no rosto.

– Tô preocupada. Ela não me responde. Vocês já ligaram pra ela?

– Gente, deve estar tudo bem. – Raissa mordeu seu sanduíche, exalando a maior tranquilidade do mundo. – Se ela não aparecer aqui a gente pode ir atrás dela.

– Ela não estava na nossa aula de Sociologia hoje. – Luiza comentou, também olhando ao redor. – Acho que não veio mesmo.

– Será que ela tá surtando por causa de ontem? – A possibilidade apareceu em minha cabeça e não consegui simplesmente ignorar. E se ela tiver desistido de mim? Por causa de ontem. Talvez eu seja problemática demais para ela. Ou talvez ela só não goste de mim. Ou talvez...

Não, Laís. Calma. Não aconteceu nada. Ela tá bem. Ela *precisa* estar

34

evaporar

Nada. Nada de Thaila Fontana. Nem na escola, nem em casa, nem em qualquer lugar secreto que eu conheci. Eu já tinha me tornado um poço de preocupação. E, apesar de Ester ter passado na casa de seu avô e ele ter dito que ela tinha ido embora, eu não conseguia me contentar. Não conseguia me contentar porque ela não avisou. Ela não contou para ninguém, não mandou uma mensagem, não ligou, não deixou sequer um bilhetinho. Não disse que ia sentir saudades ou o que estava acontecendo. Ela só foi embora. No dia de seu aniversário. Sem mais, nem menos. E eu não conseguia parar de pensar que era culpa minha.

Eu sei, devo estar soando o mais irracional possível, mas é que a Menina Que Eu Quase Gosto sumiu do mapa e não me disse “Tchau”. Desapareceu logo após a gente ter feito *você-sabe-o-quê*. E eu não consigo parar de pensar que eu fiz algo de errado. Sei lá, vai que ela não aguentava mais lidar comigo porque, pasmem, eu não sou a pessoa mais fácil do mundo de lidar, ou se sentiu sufocada com a nossa atual situação e não queria me dar um fora porque minha vida já é ferrada demais e meus traumas de abandono são muitos, então ela simplesmente foi embora, porque é mais fácil. Ou eu cometi um crime gigantesco sem perceber e agora ela me acha a pessoa mais horrível do mundo inteiro, por isso, nunca mais quer olhar na minha cara ou ouvir a minha voz. Eu não sei o que pensar. Muito menos no que acreditar. Não consigo achar um norte agora. Ninguém tem uma resposta para me dar e eu precisava *muito* de uma resposta.

Então, decidi acreditar na teoria de Thaila Fontana ter sido abduzida por extraterrestres. Sim, por incrível que pareça, essa é a resposta que deixa meu coração mais *tranquilo* no momento. Bom, o avô dela não especificou *para onde* ela foi embora, exatamente. Logo, se eu continuar pensando assim, quer dizer que um dia ela vai voltar, certo? Porque, cá entre nós, Thaila é irritante. Irritante, chata e, aparentemente, uma mentirosa. Nenhum extraterreste vai aguentar por muito tempo. Tudo bem, ela também é linda, o que pode ser um motivo para eles decidirem ficar com ela. Mas eu tenho certeza absoluta que Thaila não se encaixa nos padrões de beleza extraterrestres, então eles vão ter que devolvê-la. Enquanto isso não acontece, vamos culpá-los. Vamos culpá-los por eu estar com insônia e mais ansiosa do que o normal. Por estar a um fio de ser demitida do meu emprego porque não consigo prestar atenção em nada. Por não ter estudado para a semana de provas que passou e começar a ter que me preocupar com a possibilidade de repetir o terceiro ano do ensino médio. E também por estar chorando mais do que nunca. Ok, talvez essa última seja culpa da TPM.

Duas semanas. Já se passaram duas semanas e, mesmo que pareça impossível, a tendência dessa minha situação deplorável é piorar. Porque todo santo dia eu acordo olhando o celular e nunca tem mensagem dela. Porque todo santo dia eu tento ligar e mando um zilhão de mensagens que ela nem sequer recebe. E agora eu pareço uma adolescente viciada que olha mais o celular do que respira, e não é porque eu amo as redes sociais. Longe disso. Mas eu até criei um Twitter para saber se ela anda postando coisas ou não. E não. Não existem vestígios de Thaila Fontana em nenhuma rede social. Mas o avô dela insiste em dizer que ela está bem. E quem sou eu para discordar dele, né? Porque no fim das contas é só isso que importa mesmo, ela estar bem. Eu só preciso ter certeza disso.

– Amiga? – Raissa estala os dedos na minha frente. Eu estou sentada no banheiro do segundo andar desde o segundo tempo de aula. É, agora eu chego cedo na escola pra ver se vai ser um dia diferente e ela finalmente vai aparecer. Ela não apareceu até

então. – Tá aqui há quanto tempo? Não te vi na aula de literatura, fiquei preocupada.

– Não sei. Que aula vai começar agora? – Saí da posição que estava desde que cheguei e senti minhas pernas formigarem. Isso me proporcionou uma careta e tanto.

– Intervalo... – Raissa me observava com um olhar quase de pena. – Tem certeza que você não está precisando de ajuda? Sério, a gente pode te visitar mais. E sair pra se distrair. Você precisa *viver*, Laís. – Agora ela está sentada ao meu lado, tentando me convencer com todo um discurso motivador, enquanto segura meus ombros e tenta fazer com que eu a olhe nos olhos.

– Eu não quero. Está ótimo ficar na cama durante todo o meu tempo livre. Eu só quero notícias, nem é pedir demais. – Suspiro. É sério, um sinal de fumaça já seria suficiente.

– Ok, então teremos que tomar medidas drásticas.



– Eu não quero. Não vou pra bar nenhum. Não quero ir. – Faço biquinho e deito na cama, colocando o travesseiro em cima do meu rosto. Raissa e Ester tentam me convencer de que eu preciso tomar alguma atitude que não passar a noite chorando, mas eu estou bem satisfeita com meu pote de sorvete, Nina, meu pijama de patinhos e muito filme clichê.

– Você vai levantar essa bunda agora. É uma ordem. Raissa é muito fofa, mas eu não sou. Se você não for se vestir em cinco minutos, eu juro, Laís Monteiro, vamos cair na mão. – Ester carrega um olhar quase mortal, enquanto me encara de braços cruzados.

– Eu não tenho medo de você. – Mostro a língua para ela e continuo abraçada com o travesseiro.

– Então teremos que ligar para Maria Luiza. – Raissa coloca o telefone no ouvido e eu arregalo os olhos. Eu estou evitando minha melhor amiga. Estou evitando porque eu sei que ela é a única pessoa capaz de me convencer a acordar pra vida e eu ainda não estou preparada para ouvir um sermão ensaiado dela.

Por isso, eu estou evitando Maria Luiza. Não me sento com as meninas quando ela está por perto, nem respondo suas mensagens, quando existe a possibilidade de nos esbarrarmos no corredor, eu troco de caminho. Estou evitando minha melhor amiga e ela sabe disso. E sabe o motivo de eu estar fazendo isso. Malu sempre sabe. Então, eu não me preocupo com a possibilidade de ela estar morrendo de raiva de mim, mesmo sabendo que ela provavelmente está. Isso já aconteceu algumas vezes. Em algum momento, eu desisto de ser a pessoa mais triste do mundo e a procuro. Aí ela me olha furiosa, me abraça e finalmente começa seu sermão. Esse não é o momento ainda.

– Não. Maria Luiza não. Ainda não. – Eu levanto correndo, jogando o travesseiro e o edredom para longe. – Pronto, tô em pé. Indo pro banho. Parabéns, vocês conseguiram. – Escuto um *hi-five* animado entre as duas antes de me trancar no banheiro e entrar em um banho gelado, para ver se consigo melhorar os ânimos. Não, não consigo.



Então, finalmente estamos no bar. E ok, talvez depois de algumas latinhas de cerveja eu esteja um pouco mais animada. *Talvez* eu tenha que dar razão para as meninas por terem insistido que eu me sentiria melhor saindo de casa. A questão é: Até quando? Porque eu me conheço e depois de alguns copos eu fico carente. E não consigo imaginar o tamanho do estrago que pode ser uma Laís Monteiro carente nesse bar. Bar esse, que não deveria estar vendendo bebidas alcoólicas para menores de idade, mas que felizmente está. Bom, tecnicamente, não é culpa deles. Ester tem dezoito anos, só eu e Raissa que não temos. Então, a culpa é de Ester, que está distribuindo bebidas alcoólicas para menores de idade. Obrigada, Ester. Mas se continuar assim, prevejo caos vindo por aí.

– Eu não queria dizer nada, porque Thaila é minha amiga... – Ester fala alto, por causa da música, e eu reviro os olhos assim que escuto o nome de Thaila sair de sua boca. – Mas tem uma menina te encarando *muito* ali no balcão. – Ela faz menção para

trás de mim, mas eu não olho. Não me desperta curiosidade, então só dou de ombros. Raissa olha na direção em que Ester está discretamente apontando e encara por uns segundos, depois se vira para mim com os dois polegares levantados e uma cara de satisfação.

– Eu vi essa secada aí que tu deu, falsa hétero. – Acusei, mordendo os lábios e rindo dela, que se fingiu de sonsa e colocou a latinha de cerveja na boca.

– O que é bonito tem que ser apreciado! – Ela se defende depois da encenação, levantando os dois braços em sinal de inocência. Balanço a cabeça, rindo. – Sério, amiga, ela tá te secando demais.

Respiro fundo e tomo coragem para virar em direção ao balcão. Não que isso queira dizer alguma coisa, até porque seja lá qual for a dessa menina, eu ainda não cheguei na latinha de cerveja que ativa o Modo Carente. Nenhuma atitude será tomada aqui. Só que me arrependo de ter virado assim que bato os olhos na silhueta encostada no balcão, com um copo na mão e virada na direção da minha mesa. O sorriso cínico não permite esconder que nada está diferente. Quando ela percebe meu olhar em sua direção, sorri ainda mais.

Viro em direção às meninas com os olhos arregalados e começo a me afundar naquela cadeira minúscula de bar. Eu queria, do fundo do meu coração, *evaporar*.

35

mãos nada hidratadas

– Você me beijou primeiro! – Lorena apontava para mim e nós gargalhávamos, após alguns (muitos) copos de cerveja. Em algum momento, ela foi até minha mesa e eu não tive mais para onde correr. E bom, eu não sou a pessoa mais orgulhosa do mundo com álcool na mente, então depois de um tempo, acabei cedendo. E sim, agora nós estamos conversando como se nada tivesse mudado. Exceto que mudou. E eu estou encostada no balcão junto com Lorena Carvalho, minha amiga de infância, enquanto Ester e Raissa nos observam de longe, assustadas, assimilando todos os detalhes da nossa interação. Elas não conheciam Lorena.

– Não! Não... Não foi bem assim. Você *pediu*! Eu só fui legal. – Dei mais um gole, olhando em seus olhos. Ela fingia estar desacreditada. Ok, deixei esse detalhe passar. Lorena foi a primeira garota que eu beijei. Com onze anos. Nós crescemos juntas. Eu, ela e Malu. Inseparáveis. Elas duas tinham algum grau distante de parentesco e, várias vezes, os pais de Lorena deixavam ela para brincar com a gente. Só que, depois de uns anos, as brincadeiras foram mudando e... Nós acabamos virando *algo*. Lógico que a única pessoa no mundo que sabe disso é Malu. O que me lembra que agora eu não vou ter outra alternativa que não encarar a realidade e voltar a falar com ela porque isso é muita coisa para eu assimilar.

Quer dizer, a garota que eu sou apaixonada – Sim, estou usando esse termo agora. Talvez seja a bebida falando mais alto, mas quem liga? – desapareceu do mapa sem dar nenhuma explicação e, de repente, a primeira garota que eu *quase* senti

alguma coisa decide dar as caras. Do nada. *Ela* é quem tinha sumido do mapa. Há anos. Sério, péssimo momento pra reaparecer.

Lorena é uma garota bonita. Isso é inegável. No momento, eu tenho certeza absoluta que estamos flertando, também inegável. E, apesar de eu estar tentando evitar uma possível catástrofe aqui, a Laís carente já assumiu completamente o controle da situação. E eu estou com raiva. Por isso, estou realmente cogitando a possibilidade de beijar a boca de Lorena Carvalho, muito provavelmente em algum protesto para o universo. E eu estou tentada a isso. Quase tanto quanto ela está. E eu sei que está porque Lorena nunca foi boa em esconder as coisas.

– Se eu pedir agora, você vai ser legal de novo? – Agora foi sua vez de dar um gole no copo olhando nos meus olhos. E eu estou *tentada*. Mas algo no ar me diz que, se eu fizer isso agora, não vou conseguir voltar atrás. E eu tenho medo das consequências que minhas atitudes precipitadas podem ter. No fundo, eu sinto isso. Eu *sei* disso. Mas Thaila sumiu sem dar notícias. Ela não atende minhas ligações, nem responde minhas mensagens. Então, seja lá o que a gente tinha, acabou. Certo? E eu posso beijar outras pessoas. Porque ela não está aqui e eu não posso beijá-la. E ela nem deu notícias. E...

– Vou.

– Me beija, Lalis? – Ela usou o apelido. E isso é apelação porque o apelido é raramente usado. Você não chama a garota que quer beijar na boca desse jeito, caso vocês não sejam pré-adolescentes e brinquem juntas de boneca. E foi Lorena que inventou o apelido, então eu considero isso apelação. Mas, ainda assim, eu me aproximo e a beijo. Pela milionésima vez, porque eu sou legal. E os lábios dela têm gosto de cerveja agora. Diferente do brilho labial em forma de morango que usávamos juntas antigamente. Seu cabelo loiro está cortado, então eu apenas coloco as mãos em seu pescoço.

Frustrada. Eu estou frustrada. Porque beijar Lorena não me causa nenhum arrepio ou frio na barriga agora. E suas mãos segurando minha cintura não parecem estar no lugar certo, nem são terrivelmente hidratadas. E, apesar de ela beijar bem, não

parece mais suficiente. Então eu paro e volto a beber minha cerveja, evitando fazer contato visual. Não que eu esperasse sentir arrepios e frios na barriga beijando Lorena, mas eu esperava sentir *alguma coisa*. Só que isso se torna muito difícil quando a única pessoa que conseguiu me fazer sentir *algumas coisas* não sai da minha cabeça por um segundo. Como se não fosse suficiente, agora tenho a leve impressão de que um sentimento de culpa começa a pesar em minha cabeça também.

– O que você tá fazendo da vida? – Decido sentar de frente para o balcão, com os braços apoiados na bancada. *Que merda eu fiz?*

– Terminei o colégio e quis voltar pra cá... Ver como as coisas estão, o que mudou... *Se mudou*. – Eu senti essa indireta.

– Ah, muita coisa mudou. Com certeza. – Suspirei.

– Ainda não avisei Malu que voltei, têm poucos dias. Se você puder não falar... – Seu tom de voz era calmo, apenas um pedido. Ela conhecia bem minha amizade com Malu e sabia que, antigamente, era quase automático eu sair correndo para contar qualquer coisa para Malu no exato momento do ocorrido.

– Então você vai ter que se apressar. – Sorri. Eu sabia muito bem que as coisas não eram mais assim, e não é como se isso fosse um problema, mas me deixava triste. Só porque eu tenho total noção de que qualquer afastamento que ocorreu entre nós duas foi minha responsabilidade. Quer dizer, nós ainda somos melhores amigas e confiamos muito uma na outra, mas sendo realista, eu me fechei com o tempo. Antes tudo era mais fácil.

– O que você tá fazendo da vida? – Foi a vez dela de perguntar. Bom, Lorena, estou me afundando na cama por uma garota que me fez passar uma vergonha enorme, ficou com minha amiga, fez eu me apaixonar, bagunçou minha vida e desapareceu do nada. Além do mais, estou prestes a repetir de ano porque não consigo me concentrar em nada e minha mãe está hospitalizada, sem previsão para voltar para casa. Meu pai apareceu, ameaçou me bater e foi embora de novo porque eu expulsei. Agora eu tenho um bolo de chocolate enorme guardado na geladeira há duas semanas, feito pela minha madrasta,

esperando que Thaila volte para comer, quando na verdade já deve estar estragado. Fora isso...

– Nada. Não tenho feito nada...

– Acho que suas amigas tão te chamando. – Ela aponta em direção à mesinha em que eu estava sentada quando cheguei. Raissa me encara, rindo e Ester está balançando as mãos em minha direção para que eu sente com elas novamente. Prevejo um sermão vindo por aí. – Foi um prazer te rever, Lalis.

– Foi um prazer te rever, Lore.



– Eu jurava que ia levar esporro. – Me joga no sofá da sala assim que nós três entramos em casa.

– Claro que não, a gente só viu que você tava desconfortável. – Raissa sentou em uma ponta, colocando minhas pernas em seu colo. Eu estou morrendo de sono, sinto meus olhos pesarem e não vejo a hora de tomar um banho e deitar na minha cama, mas por algum motivo, também quero conversar com as meninas. Existe um aperto no meu peito que não me deixa relaxar, mas isso não é de hoje.

– Eu até brigaria, mas tenho certeza que Thaila no seu lugar faria a mesma coisa. – Ester sentou no tapete, virada para a gente.

– Você acha? – Enfiei o rosto na almofada mais próxima e respirei fundo.

– Com certeza. Ela estaria com raiva, ficaria bêbada e usaria a justificativa “Ah, mas a gente não tem nada”. – Ela fez aspas com as mãos e fingiu uma imitação fajuta da voz de Thaila.

– Mas a gente tem alguma coisa. – Eu tirei a almofada do rosto e chequei meu telefone pela vigésima vez desde que saímos do bar. *Nada*. Assim que percebo que acabei mandando algumas mensagens mal digitadas contando o que aconteceu, apago correndo, mesmo que ela ainda não tenha recebido nenhuma delas. Espero que Thaila nunca mais tenha acesso a esse celular, caso contrário, eu serei oficialmente a pessoa que mais se humilhou na história da humanidade. Deve ter,

aproximadamente, três mil mensagens acumuladas na nossa conversa, todas enviadas por mim nas últimas semanas. Grande parte delas em acessos de raiva ou surtos de tristeza.

– Mas ela desapareceu há semanas e não responde ninguém.
– Ester completou. – Você tem direito de fazer o que quiser. Principalmente, porque sabe que ela tá bem.

– E se não tiver?

– O avô dela teria falado. – Ela parecia querer acreditar nisso também. – Ela tá bem, só tá sendo uma filha da puta.

– Você *realmente* acredita nisso? – Olho em sua direção e percebo que ela está segurando o choro. Minha reação é olhar para Raissa e esperar que ela faça algo, mas me deparo com a cena da mesma dormindo com a cabeça encostada no sofá e a boca aberta. Respiro fundo antes de me levantar com cuidado e sentar ao lado de Ester. Preciso me segurar para não acabar chorando junto.

– Eu preciso acreditar. – Ester enxuga o rosto, tentando não parecer tão sensível. Ela é, mas detesta demonstrar isso. – Se ela não tiver sendo filha da puta, tem algo muito errado acontecendo. E se for isso, eu sou uma péssima melhor amiga por não ter suspeitado antes. Se o avô dela diz que ela tá bem, então ela tá bem. – Sua voz carrega convicção pura, mas sua expressão diz o contrário. O problema é que eu me encontro tão apavorada quanto Ester, por isso não há uma única palavra de conforto que eu possa usar para acalmá-la. Minha única reação é segurar sua mão. Eu aperto nossos dedos, entrelaçados, e deixo que ela encoste a cabeça em meu ombro. Sinto suas lágrimas escorrendo, enquanto as minhas tentam lutar para fazer o mesmo, mas eu não deixo. Não dá para desmoronar o tempo todo. Eu *preciso* ficar bem. E Thaila *precisa* estar bem.

Eu vou repetir isso quantas vezes for preciso até que se torne verdade.

esquentada na amizade

– Maria Luiza Passos. – Adentrei o quarto de Malu, preparada para desabafar tudo o que estava guardando esse tempo todo. Como de costume, Max me acompanhava aos pulos. Nunca vou tirar da cabeça que esse cachorro é eterno. Sério, ele tá vivo há *muito* tempo. – Você não acredita quem eu encontrei no bar ontem. – Maria Luiza estava sentada no sofá em frente à janela e, assim que entrei, me fuzilou com o olhar. Entendi automaticamente que eu estava, no mínimo, ferrada. Me preparei para um esporro e tanto, até que ouvi um pigarrear vindo do banheiro no quarto de Malu. Arregalei os olhos, percebendo a presença antes mesmo de me virar em direção. É lógico que eu, sortuda do jeito que sou, viria aqui no mesmo dia e horário que Lorena. Não tinha como ser diferente. Olhei em sua direção e ela estava encostada no batente da porta com um sorriso no rosto, uma toalha pendurada no ombro e o cabelo molhado, como se tivesse acabado de sair do banho. Usava um short preto de ficar em casa e uma camisa rosa claro, que pertence à Malu. Suspirei fundo. Eu sou *realmente* sortuda, para não dizer o contrário.

– Quem foi que você encontrou no bar ontem, Lalis? – Ela soltou uma risadinha e Malu revirou os olhos.

– Vai ficar chamando ela de Lalis? Sério Lorena? Depois de tudo? – Ela levantou do sofá e se jogou na cama. – Não vou ter paciência pra lidar com as duas ao mesmo tempo. – Sua voz saiu abafada, por conta do travesseiro pressionando seu rosto.

– Então eu fico! – Falamos em coro, sentando na cama simultaneamente, uma de cada lado.

– Eu cheguei primeiro! – Lorena se defendeu.

– Eu tô há duas semanas sem falar com a minha melhor amiga. – Dei língua para ela. – Pronto, ganhei.

– Escolha tua, minha filha. Eu tô há quase quatro anos sem falar com a minha prima.

– Vocês nem são primas de verdade! – Ela sempre usava essa desculpa para tentar dizer que era mais importante do que eu para Malu, devido ao grau de parentesco delas, que não deveria valer de nada de tão distante que é. – E eu tô surtando, cheia de coisa na cabeça. Você me beijou!

– *Você* me beijou! – Ela apontou, rindo.

– Você *o quê*, Laís?! – Malu tirou o travesseiro do rosto e se levantou em uma velocidade que nem mesmo o *Flash* conseguiria. Se antes eu não estava frita, agora definitivamente eu estou. Não tive nenhuma reação além de ficar completamente inexpressiva, encarando o tapete de pelos no chão do quarto. – Lore, eu te amo e estou morrendo de saudades, mas vamos ter que marcar pra outro dia. Hoje a mocinha aqui vai ter que ouvir muito. – Ela foi levando Lorena até a porta do quarto e a bateu com força assim que sua prima colocou os pés no corredor. Ouvi um resmungo vindo do outro lado, mas logo cessou. Esse tipo de coisa costumava ser normal entre a gente. Mas, bem, agora eu tinha outras coisas para pensar... Por exemplo, na imagem da minha melhor amiga me olhando com cara de raiva, de braços cruzados, enquanto espera uma explicação.

– Em minha defesa, ela pediu...

– E isso era pra te defender de que forma, Laís Monteiro? – Ela pegou o objeto mais próximo e jogou em minha direção. Para minha sorte, calhou de ser uma almofada. Para o meu azar, era a nossa almofada de infância. Eu, Malu e Lorena com cinco anos de idade e janelinhas abertas na foto. – Se você beijou, não é culpa dela.

– Eu tava bêbada e carente! – Minha voz já estava afinando, por conta do estado de defensiva em que me encontrava. – A Thaila desapareceu do mapa há duas semanas!

– Sabe como você fica bêbada, carente e consciente das suas ações? – Malu falava alto demais. Não de uma forma agressiva,

mas sim indignada. – Conversando com a sua melhor amiga! – Outra almofada.

– Foi só um beijo, não significou nada!

– Assim como todos os outros “só beijos” de vocês não significaram nada?! – Ela fez aspas com a mão no ar e sentou na beirada da cama. Agora era eu quem estava estirada, abraçada com as duas almofadas que serviram de armas quase letais para minha melhor amiga.

– Sim...? – Abri o sorriso mais sem graça do mundo inteiro, tentando *porcamente* convencê-la de que eu poderia estar certa.

– Olha, eu não te julgo por beijar alguém nessa situação. Tudo bem, a Thaila sumiu, não dá notícias, evaporou. Você tem todo direito do mundo de estar com raiva e de beijar a boca que quiser. Só que existem sete milhões de bocas no mundo, você *realmente* tinha que beijar a única pela qual você já se apaixonou além da *desaparecida* ?

– Eu não me apaixonei por ela! – Agora foi minha vez de jogar uma almofada em Malu, que agarrou e jogou para o lado, ainda me olhando com cara de reprovação.

– Não vou discutir com você. Pode não ter sido paixão, ou sei lá, muito diferente do que você sente por Thaila. O que você quiser que seja. Mas não tem como negar que ela teve *algum* efeito em você, Laís. E que você ficou mal quando ela se mudou. E se você negar isso, eu juro que vou te fazer pagar todos os potes de sorvete que eu comprei pra você comer enquanto chorava por não ter *feito nada* antes dela ir embora.

– Ok. Você ganhou. Eu tô errada. – Levantei as mãos em rendição. – Mas será que você pode voltar a ser minha doce e gentil melhor amiga, pra eu poder desabafar e chorar *mais* no seu colo? E dessa vez, pela Thaila. E pelo fato da minha vida ter voltado a ser um completo caos, claro. E não precisa de sorvete.



– Você lembra da Lorena, não lembra, mãe? – Fui para o hospital passar o domingo e estava atualizando mamãe dos últimos acontecimentos. Ela insistia em defender Thaila a

qualquer custo, mesmo que eu tentasse dramatizar ainda mais as coisas.

– Aquela amiguinha loira que você beijava com dez anos e vocês juravam que estavam conseguindo esconder de todo mundo? – Ela perguntou com a maior naturalidade, enquanto trocava os canais da televisão compulsivamente, sem nem ao menos ver o que estava passando. Mamãe parecia mais ansiosa que o normal. Apesar disso, devo admitir que fiquei chocada com a informação. Jamais imaginaria que alguém além de Malu sabia disso. Não consegui esconder minha cara de indignação.

– *Primeiro*: Onze anos! *Segundo*: Eu não jurava que... Ok. Eu jurava sim. Como assim você sabia e nunca me chamou pra conversar? – Coloquei as mãos na cintura tentando me fazer de brava para Dona Angélica, mas assim que ela lançou um olhar de deboche em minha direção, perdi a postura e sorri.

– Eu não ia te apressar... Você tinha que fazer as coisas no seu tempo. Mas boas mães sempre sabem de tudo, Laís. – Ela passou a mão no meu rosto, um gesto de carinho. Eu morria de saudades daquilo e estava extremamente grata por ela estar se recuperando e, conseqüentemente, podendo fazer coisas do tipo.

– Ok. Você tem razão. – Revirei os olhos. – Como sempre, Dona Angélica. Enfim... Ela voltou.

– Ela tinha ficado esse tempo todo fora? – Mamãe fez sua feição apropriada para fofoca, como se estivesse super surpresa. – Não fazia ideia, menina! – Gargalhei com sua reação. Ela estava bem mais disposta, apesar de parecer apreensiva nos últimos dias.

– Passou... E, não sei se você reparou isso também, mas a gente tinha uma coisinha. De adolescente, mas uma coisinha. Acho que com uns doze anos a gente já é capaz de desenvolver certos... *sentimentos*.

– Então você era apaixonada por ela? – Ela parecia incrédula.

– Não, apaixonada não. Só... Não era como se eu não sentisse nada também, sabe? – Dei de ombros.

– Ah, bom. Logo vi. Porque apaixonada você definitivamente não estava com doze anos. Poderia, mas não estava. Eu conheço bem minha filha. – Ela fez uma pausa e me olhou

desconfiada. – Mas porque você está admitindo isso pra mim agora?

– Eu meio que... Beijeí ela. Ontem. – Definitivamente esse é o tipo de informação que você esconde de sua mãe, mas eu já tinha passado dessa fase. Tendo a mãe que eu tenho, acho que não é preciso esconder nada. Principalmente por ela ser uma das minhas melhores amigas, e de longe, a melhor conselheira que eu poderia ter. Não tirando os créditos de Malu, lógico.

– E onde entra a Thaila nisso tudo? – Ela estava surpresa. – Não foram esses os modos que eu te ensinei, Laís Monteiro!

– Eu já disse, ela não me responde... – Brinquei com a barra da blusa para disfarçar a vergonha por Dona Angélica estar me repreendendo. Odeio tomar qualquer atitude que não a deixe feliz.

– Mas eu tenho certeza que ela tem os motivos dela! A garota que eu conheci não faria nada disso para te magoar. – Ela afirmou com a maior certeza do mundo, como se conhecesse Thaila desde sempre e tivesse total certeza de seu caráter.

– Será mesmo? – Suspirei. – Enfim, não sei o que fazer. Não queria me afastar de Lore, ela é ótima, sabe? Desde sempre. E eu sinto saudades.

– Vocês são amigas, apesar disso, não são? Desde pequenas. Ela é quase tão sua amiga quanto Malu, se bem me lembro.

– Ninguém nunca vai ser tão minha amiga quanto Malu, mãe. – Ela sorriu, Maria Luiza sempre foi sua garota preferida. – Mas sim, tem quase o mesmo tempo. Só que ela ficou muito tempo fora, né? A amizade dá uma... *Esfriada*. A gente perdeu o contato.

– Então tenta dar uma... *Esquentada* na amizade. – Ela brincou. – Mas só na amizade, por favor. Eu tô cem por cento do lado de Thaila, não se esquece.

– Temos lados agora? – Sorri. – Eu não pretendo fazer nada além disso mesmo. Eu gosto da Thaila... Não vou conseguir esquecer isso de uma hora pra outra. Apesar de parecer uma ótima opção. Só que... Ver Lorena me deixou meio *confusa*, acho.

– Confusa sobre o quê, filha?

– Nada, mãe... É besteira, provavelmente. Vamos deixar isso pra lá! – Me recompus e decidi sentar ao seu lado na maca. Ela já estava bem o suficiente para nos darmos a esse luxo. Já era noite, então nos aconchegamos e, enquanto eu fazia carinho em seus fios ruivos de cabelo, mamãe pegou no sono. Um sono leve e, aparentemente, tranquilo, mas não conseguia deixar de me preocupar com o que tanto a afligia nesse momento. Ela estava tentando esconder toda essa preocupação, mas, assim como eu não sou boa em esconder as coisas dela, ela também não é a melhor atriz do mundo comigo.

A gente se conhece muito bem. Nossa conexão vai muito além de uma relação de mãe e filha. Somos quase como... Almas gêmeas. E é nosso papel cuidar uma da outra enquanto pudermos fazer isso. Por isso, fiquei a noite inteira vigiando se ela dormia bem. Ela parecia um anjo. *Meu anjo*. Eu faria qualquer coisa por essa mulher.

queria que insistisse

“Estou começando a idealizar a sua inexistência. Porque talvez, se eu assumir que tudo o que a gente teve foi um delírio meu e que, na verdade, você nunca esteve na minha vida, as coisas fiquem mais fáceis de lidar. E eu posso, quem sabe, me ver livre desse sentimento de insuficiência e de impotência quanto a você. Insuficiência, pois eu queria te fazer ficar. Mesmo sem saber que você iria embora, não fui motivo suficiente para que você ficasse. Ou se partilhasse comigo. Ou mandasse sinais, ao menos. Impotência, pois agora já é tarde demais para fazer qualquer coisa. Não existe absolutamente *nada* ao meu alcance para resolver isso. Eu não sei de nada e não consigo saber. E talvez eu não tenha procurado em lugares suficientes por puro medo de descobrir que você só foi. Porque parece que a mais pura realidade é que você virou as costas e foi. Sem se despedir, sem olhar para trás ou dizer tudo que *nós sabemos* que precisava ser dito. E *precisávamos* dizer. Todas as nossas súplicas invisíveis para qualquer contato ou nossas atitudes impulsivas para demonstrar *algo* que não sabíamos nomear, significavam inúmeras coisas e nós não tivemos coragem. E eu não posso te julgar, pois eu fiz o mesmo que você. Não fui embora, mas virei as costas inúmeras vezes. Não te disse o quanto você era importante ou o quanto te queria. *Cada parte sua*. E eu sei que não posso cobrar nada de você, porque eu também não fui capaz de me partilhar. Mas tem um amontoado enorme de sentimentos confusos no meu peito que não fazem *ideia* de como sair. Porque você não está mais aqui para me ouvir ou ter paciência para insistir em mim. *Em nós* . Porque,

dessa vez, foi você quem desistiu. Mas, céus, Thaila. Eu *queria tanto* que você insistisse.”

Enviar.

Sim, talvez eu esteja começando a ficar tão desesperada a ponto de me abrir para ela. E, sem dúvidas, essa será apenas mais uma entre todas as mensagens enviadas e não respondidas. Não recebidas. E talvez tenha algum motivo para não receber, mas não me canso de pensar que se algo estivesse acontecendo, eu saberia. O avô dela saberia. Céus, alguém saberia. Thaila Fontana não é a pessoa mais fechada no mundo, se ela estivesse encarando algo difícil, teria deixado alguém avisado. Então a única opção que resta é que foi tudo uma *escolha*. Ela escolheu ir embora e nos deixar sem respostas. Sem saber o que pensar. E, sinceramente, eu não aguento mais questionar tudo isso. Eu preciso fazer alguma coisa. Só não sei o quê ainda.



Extremamente distraída. Era assim que eu me encontrava em praticamente todos os momentos do dia. Eu já estava acostumada com Thaila tomando conta dos meus pensamentos, mas antes era de um jeito bom. Agora são apenas preocupações, inseguranças, dúvidas e, às vezes, raiva.

Por isso, estou no trabalho encarando o nada, quando um rosto bem conhecido entra pelo saguão do cinema e vem direto em minha direção. Animada demais para o meu gosto.

– Oi, Lalis! – Lorena chegou se apoiando no balcão. Era um dos horários mais vazios do dia. Voltei a atenção para ela.

– Oi, Lore... Tá tão animada assim por que? – Me apoiei do outro lado, próxima a ela. Lorena era uma boa companhia, no geral. Apesar de eu não fazer ideia do motivo dela aparecer do nada no meu trabalho. Menos ideia ainda de como ela descobriu que eu trabalho aqui. Eu sentia saudades, no fim das contas. E só percebi isso agora que ela está de volta.

– Porque hoje eu tenho um encontro! – Ela carregava um sorriso meio sapeca no rosto. Estranhei aquela informação, então

abri um sorriso amarelo e procurei algo para fazer pelo balcão. Achei um pano e comecei a limpar a superfície de vidro que mostrava vários tipos de doce.

– Com quem? – Fingi interesse.

– Você. – Parei o que estava fazendo e olhei em sua direção, vendo que o sorriso apenas aumentou. Me surpreendi com aquela informação. Mas até que parecia tentador. Não tentador como beijá-la em um bar, sexta à noite. Algo mais... Inocente. Ela era realmente uma boa companhia.

– E quem disse que eu quero ir? – Impliquei, deixando um sorrisinho escapar também.

– De acordo com meu informante particular, você sai em vinte minutos. – Ela simplesmente ignorou minha tentativa de alfinetar. E estava certa. Hoje era meu dia de trocar de expediente cedo. Os horários do cinema estavam mudando o tempo inteiro, e eu, estava trabalhando um pouco menos por conta de novas contratações. Estávamos com mais funcionários, então comecei a fazer apenas a carga horária necessária para o que recebo. Sim, eu estava acostumada a trabalhar mais do que o normal, fazendo hora extra e tirando um pouco mais no final do mês.

– E esse informante particular, por acaso, se chama Maria Luiza?

– Não estraga, Lalis! – Ela revirou os olhos e mordeu os lábios em seguida. – Eu já disse que o tempo te fez um bem danado?

Corei, óbvio. Senti minha bochecha queimar com aquele elogio.

– Pra você também. – Foi o que consegui falar, apesar de ter percebido que, com certeza, o tempo foi muito mais bondoso com ela do que comigo. Lorena estava ainda mais linda do que antigamente. Mesmo com meu elogio *tosco*, ela mantinha o mesmo sorriso animado no rosto. Decidi puxar assunto para não deixar um clima estranho. – Então, onde vamos?

– No cinema. – Ela tirou dois ingressos do bolso e os balançou. Obviamente, revirei os olhos. Não acredito nisso.

– Não. Não, não, não. Eu já tô no cinema o dia inteiro! Você não vai me fazer passar por isso. – Fiz a maior cara de

sofrimento possível, mas nada adiantou para convencê-la de não fazer isso.

– É pelos velhos tempos, Lalis! – O sorriso esperançoso em seu rosto chegava muito perto de me persuadir a entrar nessas três horas de tortura. Mesmo que “os velhos tempos” sejam uma apelação e tanto.

– Tá querendo me beijar, por acaso? – Ironizei, porque era isso que fazíamos nos velhos tempos quando íamos ao cinema.

– Bom, o que vier é lucro. Eu não reclamo. – Ela levantou as mãos em rendição e foi fuzilada por um olhar, meio falso, de repreensão. – Ok, não tá mais aqui quem falou. – Ela deu uma gargalhada de leve. Que saudade que eu estava disso.

Então, sim. Por incrível que pareça, eu aceitei ir em uma sessão de cinema. As coisas não precisavam ser *especiais* com Lorena. Então, é, cinema acaba sendo uma ótima opção. Me deixa... Apática. Nada mágico, nada diferente. Propício para matar a saudade, *sem* fazer alguma besteira e levar sermão de melhor amiga depois. Acredito que eu esteja fazendo tudo certo.



Bom, eu estava fazendo tudo certo. Ou perto disso. Até que deixei Lorena me levar em casa e paramos na porta, frente a uma situação bastante constrangedora. O normal seria convidá-la para entrar e ficarmos no meu quarto ouvindo música, só que as coisas não são normais há uns anos, então hesitei. Até porque eu não sabia os efeitos que minhas atitudes poderiam ter a essa altura do campeonato e, definitivamente, não estou a fim de complicar mais minha vida. Ficamos nos entreolhando até que decidi quebrar o gelo.

– Por que você não manteve contato? – Ok. Talvez essa não seja a melhor forma de *quebrar* o gelo, Laís.

– Como eu manteria contato com você? Você não tem absolutamente nenhuma rede social. – Ela passou os dedos na nuca, como costuma fazer quando estava em uma situação complicada. Aparentemente, aquele momento estava

constrangedor para ambas. O que é estranho, já que Lorena não costuma ficar constrangida.

– Ok, bom argumento. – Parei para pensar. – Malu tem! Porque não manteve contato com ela?

– Ah, eu sabia bem como estava a vida da minha prima. A gente não conversava, mas eu sempre acompanhei o Instagram dela. – Meu Deus. O Instagram. Céus. Como eu não pensei nisso antes? – Com você não dava para fazer isso, né?! Então perdemos totalmente o contato.

– Lore, eu já disse que você é genial? – Algo dentro de mim se acendeu. Esperança, acho. Segurei suas duas mãos e respirei fundo. – Obrigada! De verdade. Eu juro que te mando mensagem, ou algo assim, e a gente pode fazer outra coisa.

– Lalis, mas.... – Ela parecia não entender direito o que estava acontecendo. Queria dizer algo, mas eu não podia esperar mais nem um segundo.

– Eu preciso entrar! Mas outra hora você vem e a gente pode, não sei. Ver alguma coisa! Ou... – Abri a porta de casa e entrei, apoiando o rosto na mesma e fechando devagar. – Cozinhar! Em breve, tá? Eu mando mensagem. – E deixei de ver, aos poucos, seu semblante confuso.

Corri em direção ao sofá da sala e me joguei nele, deixando tudo pelo caminho. Abri o celular e fui direto baixar o aplicativo. Quando instalou, criei uma conta e comecei a pesquisa. Digitei “Thaila Fontana” e nada apareceu. Então, me esforcei para lembrar o perfil de Malu. Tenho certeza que em algum momento ela comentou comigo. Quando pesquisei “*malucpassos*”, a foto da minha melhor amiga apareceu na barra de pesquisa e eu cliquei em cima depressa. Maria Luiza parecia usuária assídua daquela rede social. Seu perfil era atualizado com muita frequência e, não é porque ela é minha amiga não, mas tudo tinha muito *estilo*. Por incrível que pareça, tinham fotos nossas com legendas fofas que eu nunca tinha visto antes. Rolei a tela até encontrar uma foto dela com Ester. Abri o perfil e não precisei descer muito para encontrar uma foto de Ester, em preto e branco, claramente tirada pela câmera de Thaila. Na legenda, um

perfil marcado. Meu coração estava acelerado antes de clicar nas letrinhas azuis, e quando cliquei, meu nervosismo triplicou.

Todas as fotos em preto e branco. Algumas, eu já tinha visto antes, no quarto dela. Seu rosto aparecia apenas uma ou duas vezes. Senti algumas lágrimas descendo quando bati o olho, mas ignorei. Apesar de estar com o olhar embaçado, continuei procurando algo relevante. Eu sabia que não adiantaria mandar mensagem, Ester já tinha feito isso. Mas eu não tinha me dado conta antes de que dá para *acompanhar* a vida da pessoa, como Lorena disse. Claro que é uma coisa ilusória, e no caso desse perfil de Thaila, mais ainda. Só que eu estava sentindo que conseguiria encontrar algo. Então, abri uma das fotos em que Thaila estava. Ela, sorrindo de uma forma incrivelmente verdadeira com duas garotas ao lado. Eram bem parecidas, por sinal, e também estavam sorridentes. Pareciam bem felizes. Elas estavam presentes em várias outras fotos, então concluí que eram amigas. Cliquei em um dos perfis marcados. *Diana Lacerda*.

Incrivelmente bonita. Seu cabelo era tão curto quanto o de Thaila, o que diferenciava era a cor branca brilhosa nos fios. Um platinado incrivelmente charmoso e diversos cachinhos deixavam seu rosto, bem definido, com *personalidade*. Não perdi muito tempo olhando seu perfil, estava ansiosa demais para isso. Mas, ao contrário do que eu esperava, elas não tinham nenhuma foto recente juntas. Tomei coragem e apertei o botão de enviar mensagem.

“Oi Diana, desculpa incomodar. Meu nome é Laís. Será que podemos conversar?”

Enviado. Recebido... *Visualizado*.

38

ar sacana

@dianaxlacerda: oi, laís! claro que podemos... sei bem quem é você!! hahaha tá tudo bem?

@laissmont: Então, é que a Thaila voltou para aí e não responde minhas mensagens... Eu não sei direito o que aconteceu, mas queria saber se ela está bem. Sei lá, qualquer notícia.

@dianaxlacerda: pera, a thai voltou pra cá? quando?

@laissmont: Tem umas três semanas... Você não sabia?

Visualizado. *Sem respostas* .



Eu já estava cansada de procurar pistas em todos os lugares possíveis. Estava esgotada de pensar em Thaila Fontana o tempo inteiro. Eu precisava fazer algo para levar minha cabeça de volta para o lugar certo. Precisava deixar isso de lado, pelo menos um pouco. Então decidi que iria me distrair o máximo possível até esquecer completamente essa situação, porque por mais que essa não seja exatamente uma atitude *sensata* , eu estava prestes a explodir. Não podia continuar deixando toda essa situação me consumir.

Por isso, estava estudando para as duas provas de recuperação que terei hoje. Matemática e *biologia* , lógico. E não estava pensando nem um pouco em Thaila Fontana. Longe disso, estava pensando em várias outras coisas opostas a Thaila Fontana. Como, por exemplo, motocicletas e dias chuvosos. E milk-shakes de baunilha, não de chocolate. E mãos tão

desidratadas a ponto de dar nervoso. E pessoas que estão aqui, presentes. E que respondem mensagens e atendem ligações. Nada de Thaila Fontana.

Em algum momento, consegui ter foco o suficiente para parar de pensar em qualquer coisa que não a matéria de biologia bem à minha frente. As provas seriam consecutivas, na parte da tarde, então pedi para ir mais tarde ao trabalho.

Já tinha revisado todo o conteúdo das duas matérias e estava apenas esperando o horário da prova. Em algum momento, que não prestei muita atenção, Raissa sentou ao meu lado da biblioteca. Ela também tinha ficado em Matemática, mas não parecia muito focada em nada. Estava tão pensativa quanto eu. Acabei ficando curiosa.

– Tensa pra prova? – Raissa me olhou meio assustada quando perguntei. Provavelmente acabei a tirando de seus devaneios.

– Não exatamente. – Ela suspirou. – Acho que tô só triste mesmo.

– Com o quê?

– Gabriel.

– Quer que eu bata nele? Eu juro que posso. Não tenho tanto preparo físico quanto a Ester, mas eu consigo. O que esse desgraçado fez? – Ela sorriu com minha gracinha, mas eu estava bastante preocupada. Desde o início sentia que esse garoto não prestava muita coisa.

– A gente transou. – Ela abaixou a cabeça, com vergonha. – Você sabe... Eu não costumo fazer muito isso e... Ele disse que esperaria até eu me sentir confortável. Ele esperou. Só que assim que aconteceu, ele passou a me ignorar. E agora eu tô me sentindo meio, sei lá, sabe?

– Sei bem. – Dei uma risadinha, de tristeza, na verdade. – Mesma situação aqui, né. Pelo menos a minha desapareceu do mapa e não dá notícias, não tenho que ficar olhando pra cara dela. A sua situação tá mais complicada mesmo.

– Queria que ele tivesse desaparecido do mapa. – Ela revirou os olhos.

– Quería mesmo? – Deu de ombros. – Ele é um babaca. Tá muito longe de merecer você. Quando quiser é só me falar que eu vou dar um soco naquele nariz arrebitado dele. – Ela gargalhou.

– O nariz dele é arrebitado mesmo... – Raissa torceu o nariz. – Você quer que eu dê um soco na Thaila? – Sorriu.

– Se você encontrar ela, por favor! Depois me dá o endereço.



Saí da prova de recuperação bem confiante, até. Acho que acabei indo bem, apesar de toda a distração. Estava determinada a tomar alguma atitude definitiva para tirar Thaila Fontana da cabeça, então aproveitei o fato de ser sexta-feira e decidi fazer uma proposta.

– O que posso fazer pela senhorita nesta belíssima sexta à tarde? – Malu brincou assim que atendeu o telefone.

– À tarde, nada. À noite, tudo. – Sorri sozinha, do lado de cá da linha.

– Ui, senti um ar *sacana* nisso. – Ela ria. – Pode mandar, patroa.

– Preciso que você convoque as meninas para sair hoje. Balada. Vocês escolhem onde. – Não acreditava que aquelas palavras estavam saindo da minha boca. Detesto balada. – E chama a Lorena. Encontro vocês na sua casa depois do trabalho.

– Tá mandona hoje! Mas pode deixar, gosto assim. Fazendo algo que Laís Monteiro jamais faria. Fiquei até animada!

– Beijos, amiga! – Ri. – Até mais tarde.

– Até mais! – Desligamos a ligação e eu, por incrível que pareça, estava começando a ficar *realmente* animada para sair. Quem te viu, quem te vê, Laís Monteiro.

Cheguei no trabalho e tudo o que conseguia pensar era como as coisas se desenrolariam mais tarde. Estava passando um filme de expectativas em minha cabeça, quase freneticamente. Eu precisava finalmente tomar uma atitude e tirar esses problemas da mente. Sei lá, espairecer. Não consigo mais estar tão triste o tempo inteiro de modo que isso me afete *tanto*. Por

isso, hoje é dia de ser uma adolescente irresponsável, coisa que, cá entre nós, não costumo muito ser. Mas que, bem, nesse caso em específico, não vejo a hora de ser.

E apesar do dia ter passado se arrastando, finalmente cheguei na casa de Malu, pronta para os nosso preparativos pré-festa de sempre. Ela já estava me aguardando com um *look* preparado em cima de sua cama. Uma blusa de manga comprida e gola média, toda preta, e uma saia de couro bem acima do joelho, que abria conforme o caimento. Nos pés, ela foi um pouquinho *ousada* : Uma bota preta até o joelho, de camurça. Respirei fundo para tomar coragem de entrar naquela roupa, mas hoje eu diria sim para – *quase* – tudo. Malu me olhou apreensiva, esperando a recusa.

– Ok. Vou pro banho! – Mordi o lábio, em um sorriso. Tudo o que eu sentia era uma mistura de empolgação e ansiedade, e era maravilhoso sentir isso no lugar de tanta preocupação. Eu estava *realmente* empolgada.

– Não vai nem reclamar? – Ela abriu um sorriso enorme. – Meu Deus, o que deu em você hoje? Seja lá o que foi, eu adorei.

Entre no banheiro e deixei Malu, que já estava terminando a maquiagem, no quarto. Liguei a playlist mais animada que encontrei e comecei a cantar junto com as músicas. Acho que acabei perdendo o foco nesse meio tempo, porque devo ter demorado umas dez músicas no banho. Quando saí do banho, continuei dentro do banheiro e me observei no espelho, vestindo as roupas que Malu havia separado para mim. Tirei a toalha do cabelo e penteei. Queria que ele secasse logo, então passei o secador por cima. Eu estava... *Confiante*. Esperava conseguir me divertir ao máximo.

E, céus, eu estava *linda*. Acho que a forma que a gente se enxerga está diretamente conectada a forma que a gente se sente, e eu me sentia extremamente bem naquele momento. Era como se tudo o que estava me chateando esse tempo inteiro tivesse tirado uma folga e me dado um espaço para respirar.

Já tinha passado uma maquiagem simples no rosto e, claro, o brilho labial para dar o toque final.

Continuei fitando meus olhos pelo espelho e passei uma camada de hidratante nas mãos. Sorri com aquele ato. Respirei fundo e abri a porta do banheiro, sendo surpreendida por quatro pares de olhos arregalados em minha direção.

– Meu Deus! – Malu parecia espantada.

– Puta que pariu. – Foi a vez de Ester. Raissa estava ao seu lado, me olhando de cima abaixo.

– Laís Monteiro.... – Lorena mordeu a boca, devagar. – Eu vou ficar *tão* frustrada se você não me beijar hoje.

39

hétero?

Por incrível que pareça, o barulho ensurdecador da balada não me incomodava. Muito pelo contrário, estava me contagiando. Eu me encontrava em uma situação de extrema ansiedade, já havia dito para as meninas que hoje seria o meu dia de perder a linha e que elas iriam ter que cuidar depois. E bom, a meta era realmente essa.

Eu e Raissa nos encontrávamos basicamente com a mesma energia de “beber para esquecer”, já que ela também está sofrendo do coração. E o mais doido de tudo é que não dá para medir quem é mais babaca na situação: Gabriel ou Thaila. Acho que meu voto vai para Thaila, apesar de no fundo, algo me dizer que estou errada quanto a isso. No fim das contas, o que realmente interessa é que, pelo menos, não vou perder a linha sozinha. Raissa irá me acompanhar.

Nós já estávamos na pista, dançando no ritmo da música eletrônica que iniciava a festa, cada uma com sua cerveja na mão. Lorena e Malu ainda estavam sentadas no bar, conversando e nos observando. Ester também não ficava para trás no quesito animação, mas disse que não pretendia beber muito. O que eu, particularmente, acho ótimo. Vamos precisar de uma pessoa sóbria para nos vigiar.

Brincadeira, não devo ficar *tão* doida assim.



Ok, eu estava drasticamente enganada.

Acredito que todo e qualquer tipo de bebida alcoólica existente nesse lugar já tenha passado pela minha boca. E agora estou repensando se isso foi realmente uma boa ideia, porque me encontro sentindo mais saudades de Thaila do que nunca, só que a bebida me dá coragem o suficiente pra sentir isso beijando outras pessoas. E eu já tinha beijado uma menina absurdamente linda que – não consigo entender o motivo – chegou em mim no meio da festa. E, apesar de estar realmente pensando muito na Thaila, eu estava tentando encontrar a bendita menina, que sumiu do mapa. Bom, as duas parecem ter algo em comum, não é mesmo?! Enfim. Foco, Laís, foco.

O caminho para o banheiro nunca pareceu tão grande e olha que eu já tinha ido lá algumas – muitas – vezes. Agora, meu objetivo é encontrar a menina e descobrir o nome dela. E dizer que ela é linda e beija bem. E perguntar se ela quer me beijar de novo. Porque ela é linda! Espero que queira.

– Tá procurando alguém? – Esbarrei com Lorena no corredor próximo ao banheiro.

– Sim! A menina que eu quero beijar, você viu? – Fiz biquinho para ela. Sentia meu olho um pouco fechado demais por conta da bebida.

– Vi sim. Essa aqui? – Ela apontou em sua própria direção. *Uma boba*. Acabei me divertindo com a brincadeirinha e soltei uma risada, dando um leve empurrãozinho nela.

– Sa-pe-ca. – Falei, pausadamente, encostando o dedo na ponta de seu nariz. – Preciso achar minha nova namorada! – Sussurrei em seu ouvido e fui em direção ao banheiro, mas nada da menina bonita lá dentro. Só havia uma fila enorme, porque uma cabine estava ocupada há muito tempo. Decidi verificar meu estado no espelho. Eu estava linda mesmo. Agora entendo porque a menina bonita chegou em mim! Hoje eu também sou uma menina bonita.

Molhei um pouco as mãos e ajeitei as ondas do meu cabelo, depois tirei o brilho labial da carteira e retoquei. Acho que acabei me olhando por tempo demais no espelho, porque quando parei tinha uma menina me encarando estranho.

– Tudo bem? – Perguntei, desconfiada. – Eu tô com alguma coisa suja? Tem alguma sujeira no meu dente? – Sorri exagerado para ela, que riu. – Eu nem comi!

– Você é muito bonita, amiga! – Ela balançava a cabeça positivamente, depois levantou o dedo indicador em minha direção e se preparou para soltar a frase motivacional. – Jamais se esqueça disso... Nunca deixe um homem te fazer sofrer.

– Mulher, mas ok! Pode deixar, não vou! – Balancei a cabeça junto com ela, compenetrada em seu discurso. – Você também, viu? Muito bonita. Nunca deixe um homem te fazer sofrer!

– Ah, não... Mulher também! É que você tem cara de hétero. – Ela deu de ombros.

– Estou seriamente ofendida! – Cruzei os braços. Como assim, eu tenho cara de hétero? Preciso resolver isso urgentemente.

– Não fica, você é linda! – Ela cruzou os braços também, fazendo cara de brava. – Eu preciso achar minhas amigas... Qual o seu nome mesmo? – Semicerrou os olhos em minha direção.

– Laís! E o seu?

– Gabriela! – Ela estendeu a mão para eu segurar, demos as mãos e saímos do banheiro juntas. Gabriela estava claramente tão bêbada quanto eu. – Vamos encontrar nossas amigas juntas, Laís!

Eu e Gabriela passeamos pela balada de mãos dadas, ambas olhando para os lados a fim de encontrar nossos respectivos grupos. Avistei Raissa de costas em um canto e fui correndo em sua direção, levando minha mais nova amiga junto. Dei dois toques no ombro de Raissa antes de perceber que ela estava beijando alguém, e assim que percebi, arregalei os olhos de forma que tinha absoluta certeza que eles saltariam do meu rosto. Raissa Carvalho beijando uma garota. Repito. Raissa Carvalho beijando uma garota!

Ela sorriu, morrendo de vergonha quando me viu a encarando com cara de desespero. Só então percebi que Gabriela também estava com cara de desespero, encarando a outra menina.

– Oi... – As duas disseram, em sincronia, com uma expressão um tanto culpada.

– Aline, você não é hétero?! – Gabriela parecia extremamente confusa.

– Pois é! – Concordei com ela. – Mesma situação aqui!

As duas pareciam não saber o que falar, estavam extremamente sem reação, olhando uma para a outra e para nós. Eu e Gabi estávamos com as mãos na cintura, esperando uma resposta.

– Bom... – Raissa comentou. – Acho que agora não tenho tanta certeza assim, né?! – Ela coçou a cabeça e depois virou para Aline. – Foi um prazer te conhecer, muito obrigada, você é linda! – Pegou minhas duas mãos, olhou no fundo dos meus olhos e disse – Por favor, vamos dançar, eu amo essa música! – E me tirou de perto da minha nova amiga. Não sabia para onde estávamos indo e muito menos reconhecia a música que estava tocando, mas segui Raissa sem pedir nenhuma outra explicação. A bebida nos deixa meio conformadas, acredito. Até minha curiosidade estava com preguiça demais para aparecer naquele momento.

– Não pergunta muita coisa! Ela chegou, eu aceitei, foi bom. Ponto final. Não sei o que sou, a vida é longa demais, ainda vou descobrir. – Raissa gritou no meu ouvido, enquanto dançávamos no meio da pista de dança. – Agora dança!

– Eu já tô dançando! – Ri, me balançando no ritmo da música. Nossos passos não faziam sentido algum, mas essa era justamente a parte mais divertida de me sentir à vontade com minhas amigas por perto. – E eu nem ia perguntar nada! Quer dizer, uma hora ou outra isso iria acontecer... Meu radar tá cansado de apitar pra você, amiga. – Ela riu, antes de revirar os olhos e continuar dançando, agora como se não tivesse me ouvido.

I Follow Rivers começou a tocar e acredito eu que toda mulher que gosta de mulheres surta quando toca essa música. É quase o mesmo efeito de *I Kissed a Girl*, só que um pouco menos nostálgico e um pouco mais... *Envolvente*. Tanto que em segundos todas as minhas meninas estavam juntas, ao nosso redor. E não só as minhas, várias e várias meninas se juntaram

no meio da pista de dança, dançando e cantando a música como se não tivesse amanhã.

Eu e Maria Luiza cantávamos uma para a outra, fingindo estar com microfones nas mãos. Antes que pudesse me dar conta, esbarrei de costas com alguém. No susto, acabei me virando em direção à pessoa, que também se virou para mim. *Lorena*. Nos encarávamos, olhando dentro dos olhos e cantando com calma a letra da música.

*I, I follow,
I follow you
Deep sea, baby,
I follow you*

Respirei fundo para tomar a coragem que tanto precisava. Dar um passo para a frente (ou para trás, dependendo do ponto de vista) e começar a esquecer Thaila de vez. Passar uma borracha em tudo o que aconteceu, porque aparentemente foi tudo passageiro e sem muito significado. Pelo menos, para ela. Então, eu precisava dar liberdade para outros sentimentos, mesmo que antigos. Eu já estava cansada de todo mundo indo embora sempre, precisava aproveitar agora que ela tinha voltado e estava ali na minha frente.

Encaixei a mão em seu pescoço e, aos poucos, nos aproximamos. Ainda com a letra da música saindo por nossos lábios, encostamos nossos rostos. Ela de olhos fechados, eu observando tudo. Encostei nossos lábios, com calma. A música ia diminuindo conforme acabava, a fim de dar espaço para a próxima iniciar. Nosso beijo seguiu tranquilo. *Bom*. Nenhum sentimento novo. Nenhuma Borboleta.

E sinceramente, agora que eu senti as borboletas, não era tão fácil assim abrir mãos delas. Não parece ter graça quando elas simplesmente decidem não aparecer. Eu não me sinto flutuando, não me sinto transbordando. E eu quero sentir isso. Eu me apeguei às malditas borboletas na barriga, assim como me apeguei às malditas mãos hidratadas tocando minha pele. E

nada que não seja isso causa o mesmo efeito, tem a mesma graça.

Eu já senti coisas por Lorena. Céus, já senti muitas coisas. Ela de longe foi a pessoa que chegou mais perto de me fazer sentir algo, antes de Thaila. A diferença é que ela foi embora quando eu estava prestes a sentir tudo isso. Thaila foi embora quando eu já sentia. Eu sei que com álcool na cabeça o nosso juízo some e a gente acaba tomando atitudes precipitadas, mas eu precisava tirar *mais uma* dúvida.

– Vamos terminar o que a gente começou antes de você ir? – Sussurrei em seu ouvido. Lorena sorriu, me puxando para fora da multidão.

– Sua casa? – Perguntou, tirando o celular do bolso para chamar um carro.

– *Minha casa.*

40

seu amor é outro

– Tira a roupa.

– Me ajuda...

Lorena e eu estávamos sentadas no chão do meu banheiro.

– Lalis, eu vou te ajudar a tomar banho porque você está em uma situação deplorável, mas não vou tirar sua roupa também! – Ela cruzou os braços. Lorena estava bêbada, mas certamente não tanto quanto eu. Meu estômago pedia socorro e minha cabeça girava tanto que acabei rindo de sua feição séria.

– Poxa, Lore, essa saia é muito difícil de tirar! Juro que eu não quero me aproveitar de você. – Fiz biquinho em sua direção, mostrando o quanto a saia estava apertada. – E a blusa também! – Puxei e acabei ficando enrolada, com a cabeça presa na gola e os braços para cima, pendurados com a manga. Minha cabeça estava coberta e eu ouvia a risada de Lorena invadir todo o ambiente. Já havia desistido de qualquer migalha de dignidade que me restasse, então acabei rindo junto.

Nós tínhamos chegado em casa há mais ou menos uma hora. Trocamos alguns beijos, mas acabamos desistindo de qualquer coisa além disso no meio do caminho. Lorena concluiu que eu estava bêbada demais para tomar esse tipo de atitude e que acabaria me arrependendo no dia seguinte. Bom, no momento eu estava completamente birrenta por ela ter me negado, mas no fundo sabia que ela estava certa.

– Você já não quer ficar comigo, ainda vai me negar ajuda para tirar a roupa? – Resmunguei. – Não vai nem tirar com o intuito que eu queria.

– Você não queria de verdade, Lalis. – Ouvi ela se levantando, resmungando. – Você está apaixonada pela Thaila. Isso seria apenas motivo para arrependimento. – Senti suas mãos encostando em minha cintura, com a intenção de me levantar daquele chão frio.

– Thaila? Quem é Thaila? Não conheço! – Fiz birra. – Pra mim uma pessoa que não aparece, não manda notícias e não atende o telefone, certamente não existe.

– Para de graça. – Ela puxou minha blusa, fazendo com que eu voltasse a enxergar as coisas ao redor. Olhei em seus olhos, com tédio.

– Eu quero você! – Deitei minha cabeça em seu ombro, passando os braços ao seu redor. Meu corpo estava seminu, abraçado no dela. – Não fica falando de Thaila.

– Você não me quer! – Ela riu, me abraçando de volta. – Você só tá tentando desesperadamente sentir alguma coisa que não esteja relacionada a ela. E eu sirvo pra isso porque eu te faço sentir alguma coisa. Infelizmente, por mais que eu gostaria muito, essas coisas ainda são muito menores do que você sentiria caso fosse com ela. E eu não sou ela, Lalis. – Ela suspirou, me afastando de si. Me olhou nos olhos, com carinho. – Você não me ama do jeito que a ama.

Aquelas palavras acabaram comigo. Meu peito se apertou de uma forma que não havia acontecido antes, como se todos os sentimentos possíveis tivessem aparecido ao mesmo tempo. *Inconvenientes*. Como se toda a saudade e as preocupações estivessem paradas na minha garganta, implorando para sair. *Desesperadas*. Como se as borboletas no meu estômago estivessem se revoltando e desistindo de ser um sentimento bom. *Agoniadas*. E a palavra amor pairava na minha mente, inacreditavelmente calma. Eu nunca havia parado para pensar sobre o que eu de fato sinto por ela. A palavra amor sequer passou pela minha cabeça. Nunca foi considerada. Mas agora ela parecia fazer todo o sentido do mundo... Como se não existisse nenhuma outra palavra adequada para aquele sentimento. *Porra, eu amo Thaila Fontana*. E eu não faço a mínima ideia do que ela sente.

Ou de onde ela está.

Um choro absurdo tomou conta de mim e acabei abraçando Lorena de volta. Ela me abraçou com força, tentando acalmar. Eu a apertava de volta, soluçando em meio a barulhos estranhos e milhares de lágrimas caindo em sua roupa. Acho que nunca chorei com tanta força. Provavelmente isso tudo é culpa de todas as porcentagens de álcool que eu ingeri, mas tudo parecia absurdamente dramático. E claro, esse não está nem perto de ser o maior drama da minha vida (Ok, talvez esteja no Top 5), mas todos os meus sentimentos eram absurdamente intensos. Eu não conseguia soltar de Lorena ou me acalmar. Continuava aos prantos, procurando desesperadamente por colo. Minha sorte é que isso era algo que ela sempre soube me proporcionar. Nós fomos *especiais* uma para a outra por muito tempo e sempre soubemos como nos cuidar.

Senti as mãos de Lorena em minha coxa, puxando-me para seu colo. Devagar, ela nos levou para dentro do box, ligando a água e deixando-a a cair. Ela estava completamente vestida, enquanto eu estava apenas de sutiã e saia. Continuava em seu colo, abraçada em seu pescoço e deixando as lágrimas rolarem. Ela tentava mexer em meus cabelos, ajudando a água a fazer seu trabalho. Suas mãos deslizavam por minhas costas em um gesto de carinho, mas eu não conseguia retribuir nada daquilo. Meu corpo gritava socorro, implorava por repouso. Por mais que eu detestasse admitir, precisava de cuidados. E bem, esse foi o momento em que eu fiquei frágil o suficiente para conseguir aceitá-los.

Aos poucos, Lorena foi me desvencilhando de seus braços. Eu não conseguia conter as lágrimas que, insistentes, continuavam caindo e se misturando com as gotas de água. Lorena levantou meu rosto, que insistia em olhar para baixo, com a ponta dos dedos. Sua outra mão passou por baixo dos meus olhos, provavelmente limpando a maquiagem borrada. Quando insisti em olhar, notei que seu rosto também estava vermelho.

– Eu queria ter cuidado de você. – Ela soltou, enquanto levava a mão até minha saia, ajudando-me a tirar. – Às vezes, o arrependimento de ter ido embora me consome, porque eu nunca

vou poder descobrir o que nós teríamos sido. – Suspirou. – E é você, sabe? Você sempre vai mexer comigo e sempre vai ter um espaço enorme no meu coração. – Ela passou para trás de mim, desvencilhando o fecho do sutiã que eu estava usando. – Você foi quem esteve na minha cabeça todo esse tempo, mas eu sempre soube que não seria justo te prender a mim quando eu queria liberdade. Eu sabia que seria doloroso o processo, mas eu assumi os riscos de te perder e eu passei por eles sozinha. – Voltou para a minha frente, despejando o shampoo em sua mão e levando até minha cabeça, logo em seguida. Eu ouvia tudo atentamente, com as lágrimas insistindo em descer pelo meu rosto, como se já fosse costume. – E eu te deixei pra trás, né? Eu deixei tudo o que a gente podia ter pra trás. Foi escolha minha e eu não posso lamentar por nada disso, nem tentar mudar. Seria injusto. Você seguiu em frente... O ponto é: Você é a minha Thaila. – Lore sorriu ao falar. Passava as pontas dos dedos suavemente entre meus cabelos, resultando em um excesso de espuma, que escorria por meus ombros. – Você é a pessoa que eu amei intensamente e, provavelmente, não vou encontrar nada parecido. E acho que nem quero. Não quero apagar ou substituir o que você foi pra mim. Muito menos buscar incessantemente por algo que preencha essa parte enorme de mim que pertence a você... Acho que no fim das contas quando a gente ama tanto alguém, o que importa é saber se essa pessoa está feliz. E, poxa, Lalis. Você nem imagina o quanto me dói voltar e te ver aos pedaços. Pior, saber que eu não estive ao seu lado pra ajudar a juntar os pedacinhos. Eu queria ter cuidado de você. Porque sinto que só assim eu retribuiria tudo o que você foi pra mim. – Eu tinha milhares de coisas a dizer, mas nenhuma palavra era capaz de sair pela minha boca. Eu só conseguia chorar e continuar encarando-a. – Então, se você quer um conselho de amiga... Não passa a odiar ela. Você a ama. Ponto final. Nada pode mudar isso. Caso ela volte, deixa a raiva de lado. O coração fica tão mais leve quando a gente cuida de quem a gente ama, sabe? – Agora ela passava o sabonete pelo meu corpo. – Eu acho que não tenho lugar nenhum para chegar, só precisava colocar um pouco disso para fora. Você foi e sempre

será o *meu* amor, mas isso tá a anos luz de significar que eu fui e sempre serei o *seu* amor. Só que não tem problema nenhum nisso, porque eu só sou responsável pelos meus sentimentos e desde que eu faça bom proveito deles, eu tô feliz. De verdade, eu tenho total certeza de que nós nunca vamos dar em nada. O *seu amor é outro* . Luta por ele. Não deixa escapar, não desiste. É bom demais olhar para alguém com um olhar perdidamente apaixonado e essa não é uma chance que nós temos muitas vezes nessa vida. Quer dizer, não genuinamente. Então, não deixa escapar. Eu sei que você não tem controle sobre essa situação, mas sempre existe algo que você pode fazer. Talvez o que você precise é parar de procurar. As coisas sempre voltam para a gente quando paramos de procurar.



Depois do banho, ainda não conseguia falar muita coisa. Estava quase que estática. Sabia que minha sorte era ter Lorena por perto, ninguém jamais cuidaria de mim da forma que ela fez. Acabei deitando em seu peito, enquanto ela fazia carinho em minha cabeça e *Grey's Anatomy* passava na televisão. É minha série conforto, mas antes disso, era *nossa* série conforto. Quando digo nossa, incluo Malu. Era o que assistíamos juntas, as três, sempre que uma de nós ficava triste ou entediada.

Lorena era mais do que especial para mim. Ela foi a primeira pessoa que fez meu coração tropeçar, e até então, era a única. Só que Thaila foi a responsável por um tombo enorme, não só um tropeço. E, no fim das contas, quando eu conseguia pensar em todos os momentos que tivemos juntas, tudo o que eu sentia era conforto. Como uma maratona de *Grey's Anatomy*, só que muito melhor. Um conforto que quase não cabia no peito ou em qualquer outra parte do meu corpo. Precisava *transbordar* de mim para ocupar todos os espaços necessários, e céus, Lorena tem toda razão: É bom demais olhar para alguém com um olhar perdidamente apaixonado. Admirar cada mínimo detalhe e se encantar até com os defeitos. Sentir aquilo em cada célula do

seu corpo, em cada parte de você. E eu realmente acredito que a gente não tenha essa chance muitas vezes.

Não era uma dessas oportunidades que a gente pode abrir mão e esperar algo melhor. Já parece bom demais para ser verdade. Eu não me importo com onde Thaila Fontana está agora ou o que ela está fazendo nesse momento. Eu a amo e isso envolve cada parte de mim. Espero que ela ame de volta, seja lá de onde for. Espero que ela volte, seja lá de onde for. Mas se não voltar, eu vou ficar bem também.

– Te amo, Lalis. – Lore beijou minha testa, se ajeitando na cama. Parecia sonolenta.

– Te amo, Lore. – Beijeí seu ombro, que estava mais perto. Aos poucos, meus olhos foram se fechando e a cena do quarto de hospital na televisão se transformou.

Eu estava sozinha em um quarto branco. Deitada numa maca, sem conseguir levantar. A sensação de impotência preenchia meu corpo e eu me debatia. Alguém precisava da minha ajuda e não havia nada que eu pudesse fazer. De repente, eu estava sentada no chão gelado. A maca havia desaparecido. Corri em direção à porta e ao olhar pelo vidro pude ver uma pessoa deitada em outra maca, na sala da frente. Não reconhecia o rosto, mas senti que era alguém conhecido, alguém amado. E que aquela pessoa precisava de mim. A porta, trancada, não abria, apesar dos meus esforços. Depois de tanto empurrar, gritar e chutar, ela finalmente cedeu.

41

fora de órbita

– Bebe essa água, Lalis... – Lorena estava em pé à minha frente, com seu olhar preocupado. Acordei do sonho em pânico. Dessa vez, a sensação ruim estava ainda mais forte. Eu chorava desesperadamente e meu peito estava completamente fora do ritmo, tentando encontrar alguma sincronia entre meus batimentos e respiração. Eu me sentia aprisionada dentro de mim mesma, como se algo estivesse prestes a acontecer e eu não tivesse o mínimo controle sobre isso.

– Quero ver minha mãe. – Levantei, desesperada. – Me leva pra minha mãe. Por favor. Eu preciso ver minha mãe. – Estava desorientada, procurando algo pelo quarto. Depois de revirar tudo, encontrei meu celular e chaves jogados em um canto. – Por favor, Lore, me tira daqui.

– Vou chamar um carro.

Ela foi junto comigo até o hospital, mas de lá acabou indo para casa. Não poderia ficar no quarto de mamãe junto comigo e não queria que ela passasse a noite na sala de espera. Já deveria ser umas três da manhã. A sensação estranha não saía do meu peito, por mais que eu estivesse ali, com total certeza de que tudo estava completamente bem com mamãe. Ela ficou confusa com a visita, mas não comentou nada. Percebeu meu estado de fragilidade e ficou em silêncio, apenas me dando carinho.

Eu não conseguia dormir. Sempre que pensava em cair no sono, ou chegava perto disso, me assustava com a possibilidade de o sonho retornar. Eu tinha a estranha sensação de que não envolvia minha mãe. Quer dizer, ela estava acordada há um tempo e o sonho persistia, piorando cada vez mais. Tudo bem

que minha mente é uma caixinha de surpresas e pode ser apenas meu emocional procurando um jeito de piorar tudo, mas tinha essas sensações e... Eu tenho quase certeza que existe algo por trás. Eu não sentiria tudo o que sinto, caso não tivesse.

Só que ao mesmo tempo eu me sentia presa a isso. Como se pensar todas essas coisas fossem uma espécie de paranoia e, na verdade, esse sonho não tivesse nenhum significado relevante. Quer dizer, eu não costumo acreditar muito em coisas espirituais, apesar de já ter acontecido algumas coisas bizarras comigo – como por exemplo, o episódio da dona Clarice no ônibus.

Minha maior tendência era de acreditar muito nas coisas que *eu* sinto. Minhas impressões, sensações e sentidos. E mesmo que um sonho possa estar ligado a isso, eu continuo tentada a me convencer de que nada está acontecendo, mesmo com a desconfiança gritando no fundo que, sim, tem algo acontecendo.

E bem, nesse exato momento, meu corpo inteiro grita tentando dizer que algo está acontecendo, mas continuo tentando ao máximo ignorar essa súplica e me manter sentada perto de mamãe. Por mais que fosse madrugada, eu estava atenta a tudo. O noticiário passava na televisão e eu absorvia cada notícia que era transmitida. Estava atenta também às coisas que aconteciam à minha volta: As conversas no corredor do hospital, os barulhos que os aparelhos faziam, o telefone tocando na recepção. Meus sentidos pareciam aguçados. E isso provavelmente se dava pelo fato de eu estar extremamente paranoica nesse exato momento, ou pela quantidade de bebida que eu acabei ingerindo na noite anterior. Me sentia estranha.

Então decidi tomar um ar.

Mamãe também estava meio acordada, por isso, pedi licença e avisei a ela que precisava dar uma volta. Depois de lhe dar um beijo na testa, comecei a vagar pelos corredores do hospital. De madrugada, o clima era outro. Tudo parecia mais tenso. Um pouco mais calmo, mas muito mais ansioso, se é que isso faz algum sentido.

Minha cabeça estava a mil, prestando atenção em absolutamente tudo. O grande problema é que eu não queria

estar atenta às coisas ao redor, eu queria conseguir focar em algo que não me fizesse absorver a energia de ansiedade que as paredes daquele hospital transpiravam. Só não sabia como fazer aquilo, e provavelmente nem descobriria. Estava fadada a permanecer dessa forma durante toda a madrugada. Com essa sensação estranha correndo pelo meu corpo, como se algo muito ruim fosse acontecer a qualquer momento, mesmo sabendo que não.

Decidi comer alguma besteira para me distrair. Andei até o térreo, para a ala perto da emergência. Lembro que tem uma daquelas máquinas de guloseimas, nas quais você coloca uma nota e seleciona o número do lanche que deseja. Então, você assiste a sua fonte de energia sendo levada, em uma velocidade quase torturadora, até a ponta da plataforma em que se encontra, para só então cair naquela parte em que você pode pegar para, finalmente, aproveitar sua – quase – refeição.

Selecionei uma barra de chocolate e o processo foi muito mais demorado que o normal. Ao meu lado tinha uma jovem, um pouco mais nova que eu, fazendo o mesmo. Quando o meu caiu, o dela ficou preso na plataforma.

– Qual é! – Ela resmungou, agitando os braços. Deu um tapa na máquina, que continuou intacta. Eu sei o quanto aquilo pode ser frustrante quando se está esgotada, e ela parecia bastante. Me abaixei e peguei a barra de chocolate que estava à minha espera. Ela pareceu surpresa com a minha aproximação.

– Toma. – Estendi em sua direção. – Pode ficar, nem tô com tanta fome. – A menina sorriu, aceitando. Parecia ter por volta de treze anos e estava com um curativo na testa. – Bateu a cabeça?

– Sim... No banco do carro. – Ela suspirou. Percebi que as coisas tinham sido um pouco mais feias do que imaginei. – Meus pais estão em cirurgia, eles acabaram ficando um pouco piores.

– Mas vai ficar tudo bem, fica tranquila! – Sorri. – Não há tristeza que um chocalatinho não resolva.

– E você? Fazendo o que aqui? – Ela se sentou em uma das cadeiras encostadas na parede do corredor. Acabei sentando ao seu lado.

– Na verdade, só desci pra pegar o chocolate mesmo. Tô passando a noite com minha mãe. Tava em coma e tal... – Dei de ombros, como se fosse algo completamente comum. A menina arregalou os olhos. – Ah, mas ela já tá bem agora! Fica tranquila.

– E por que ela tá no hospital?

– Ok. Agora você me pegou! – Olhei para baixo, dando uma risadinha leve. Ela riu junto.

– Desculpa... – Ela sussurrou. Partiu a barra de chocolate ao meio e me entregou metade. – Não há tristeza que um chocolatinho não resolva! – Sorri e peguei de sua mão, mas assim que ia morder ouvi algo estranho, como uma briga.

– Eu preciso ver a minha neta, onde ela está? – Eu sabia a quem aquela voz pertencia. Minha única reação foi levantar correndo em direção à recepção da emergência e entrar em desespero quando bati os olhos em Sr. José, avô de Thaila.

– Senhor, preciso que o senhor se acalme. A gente já vai descobrir onde está a paciente. – Como assim paciente? Eu preciso que esse homem tenha outra neta, porque não é possível que ele esteja falando da neta que eu conheço. Não é possível que ela esteja aqui. Não é possível.

– Láis! – Ele pareceu aliviado quando bateu os olhos em mim, estática em sua frente. – Por favor, me diz onde ela está! Você está com ela, não é? – Balancei a cabeça negativamente, sentindo as lágrimas surgirem. – José respirou fundo e virou para a recepcionista, suplicando por alguma notícia. Naquele momento, eu já estava fora de órbita. O mundo parecia girar e meu coração, mais uma vez, tomava conta de tudo. Não de uma forma boa, mas sim, desesperadora. Eu estava aterrorizada, sem fazer a mínima ideia do que estava acontecendo.

Não é possível que ela esteja aqui.

42

admirar de perto

ALERTA DE GATILHO: *Transtornos alimentares.*

– Eu descobri por conta da sua mensagem. – Diana, a amiga de Thaila do Instagram, explicava enquanto ela e sua irmã, Mikaella, tentavam me acalmar. Eu estava sentada, tentando respirar em um saco. É, por incrível que pareça ninguém veio socorrer a minha falta de ar dentro do hospital. Mikaella segurava um copo de água com açúcar à minha frente e me abanava com a mão que estava livre. – Ninguém fazia a mínima ideia de que ela tinha voltado. Eu só fui ficar sabendo quando você disse que ela não estava mais aqui, daí fiquei desesperada e eu e Mika fomos atrás de descobrir o que aconteceu. – As duas pareciam bem apreensivas. Eu não fazia a mínima ideia do que *exatamente* estava acontecendo. Ninguém me explicou, a única certeza que eu tinha era de que Thaila Fontana estava naquele hospital. Não sabia onde nem por que, e eu precisava descobrir com certa urgência porque meu corpo já estava falhando. Sr. José tinha sumido. *Sumido*. Ele foi atrás de Thaila e não voltou para dar notícias. Pelo pouco que entendi, o motivo de Thaila estar nesse hospital foi uma espécie de plano de resgate bolado por ele, juntamente com as meninas.

– Por que ela tá aqui? – Perguntei, entre uma puxada de ar e outra.

– Ela tava internada. – Mikaella olhou nos olhos de Diana e suspirou. Tirei o saco de perto da boca, indignada com a resposta.

– Sim. Estamos em um hospital. Mas por quê? – Eu precisava de respostas, não conseguia aguentar mais um segundo sem noção alguma do que estava acontecendo.

– Não, ela tava internada antes. – Diana respirou fundo antes de sentar ao meu lado, para continuar. – Olha, o estado que ela tá agora é complicado. Você vai ter que se esforçar muito pra conseguir lidar com isso. Se você não se importa o suficiente com a Thaila, eu sugiro que desista *agora* do que vocês têm.

– Eu me importo o suficiente com ela para *qualquer coisa* que eu tiver que passar. – Olhei brava para ela, que decidiu continuar.

– Os pais dela disseram para ela voltar para casa. Pelo que eu entendi, praticamente a obrigaram. E ela foi. Só que quando ela chegou lá, eles a internaram em um hospital psiquiátrico. – Arregalei os olhos. – Aparentemente eles tinham uns contatos e, mesmo que ela não precisasse desse tipo de tratamento, fizeram o hospital aceitar. Eles têm dinheiro e, você sabe, não há nada de ruim que o dinheiro não consiga fazer.

– Por que caralhos eles fizeram isso? – Eu estava indignada. As pecinhas do quebra-cabeça não faziam o menor sentido. Não importa o quão ruim eles sejam, nada justifica internar a própria família, totalmente sã, em um hospital psiquiátrico.

– Porque eles são péssimos. – Agora foi a vez de Mikaella se pronunciar. – E porque Thaila tem transtornos alimentares. Eles sabiam disso e sabiam que ela não estava se tratando aqui. Ela nunca conta sobre isso para ninguém. – Aquilo me baqueou de uma forma que eu não conseguia descrever. Porque, na verdade, fazia muito sentido. E eu me senti uma tola por não ter percebido antes. Quer dizer, eu não sei exatamente como essas coisas funcionam, mas eu já cansei de ver Thaila se afastando de nós após as refeições para ir ao banheiro e ela sempre demorava muito mais que o suficiente. – Eles juntaram a bulimia com a homossexualidade e acharam uma ideia genial interná-la. Completamente insanos. – Ela transpirava raiva. Nenhuma das duas pareciam se dar bem com os pais de Thaila.

– E bem, óbvio que ela não ia ficar bem em um lugar desses, sem ninguém que ela ama ou se apoia por perto. Quando a gente descobriu, corremos lá para visitá-la. Eu nunca vi Thaila

tão mal. Ela nem conseguia falar com a gente. Estava abatida, triste. E você deve saber, Thaila é uma pessoa alegre, sabe? Ela não estava comendo, interagindo, nada. – Diana parecia tensa, olhando fixamente para o chão.

– Foi então que chamamos o vô. Eu não sei como exatamente, mas ele também tem seus contatos. Foi lá para liberar Thaila, mas quando ele a encontrou, estava desmaiada. – Mikaella estava com lágrimas rolando pelo rosto.

– Aí que entrou a ambulância. Ele exigiu que a trouxessem para cá. Só que agora a gente não sabe o que aconteceu, por que ela estava desmaiada, nem por que ninguém do hospital descobriu antes de um senhor de 80 anos. Ele já falou com os pais de Thaila que agora ela é responsabilidade dele e que não quer nenhum dos dois se aproximando da neta, caso eles façam, vai virar uma briga jurídica. – Diana respirou fundo, parecia que a história tinha finalmente acabado. Ela tinha tirado um peso das costas. Mas eu não conseguia assimilar nada daquilo, cada palavra que havia saído de suas bocas parecia fortes demais para que eu conseguisse entender tudo. Minha mente ainda estava tentando processar aquele tanto de informação desconhecida e meu corpo queria desistir. Só que eu não podia desistir.

Levantei correndo e fui em direção ao elevador, senti o olhar das meninas me acompanhando, mas elas permaneceram sentadas onde estavam. Acho que também não estavam assimilando nada muito bem. Apertei o botão do elevador incessantemente, como se dessa forma fosse chegar mais rápido. Eu sabia que não, mas a tentativa me deixava um pouco mais calma.

– Qual o quarto de Thaila Fontana? – Perguntei para Lúcia, a enfermeira chefe, assim que cheguei no terceiro andar. Ela me olhou de cara feia. – Sério, Lúcia. Eu preciso que você me ajude nessa. – Comecei a chorar. A sensação de impotência sobre toda a situação me deixava em pedaços. Eu precisava ajudar aquela mulher. Esse tempo todo eu tinha a culpado por tudo, acreditado que ela havia me abandonado sem mais nem menos, quando na

verdade, Thaila estava lidando com aquele tanto de coisas que eu não fazia *ideia* de como a machucavam.

– Um instante. – Lúcia começou a digitar algo no computador à sua frente. – Quarto 214.

Em segundos, lá estava eu apertando o botão do elevador desesperadamente outra vez. Parecia que o tempo não passava de forma alguma. Era apenas um andar de diferença, mas demorava uma eternidade.

Eu estava sozinha em um quarto branco. Deitada numa maca, sem conseguir levantar. A sensação de impotência preenchia meu corpo e eu me debatia. Alguém precisava da minha ajuda e não havia nada que eu pudesse fazer.

O sonho passava pela minha cabeça em flashes, como uma espécie de tortura. Como eu nunca associei as coisas? Como não percebi antes? Eu queria ter ajudado quando tive a oportunidade, agora só parecia tarde demais. Eu deveria ter percebido que tinha algo de errado com ela.

De repente, eu estava sentada no chão gelado. A maca havia desaparecido. Corri em direção à porta e ao olhar pelo vidro pude ver uma pessoa deitada em outra maca, na sala da frente. Era Thaila. E ela precisava de mim.

Assim que a porta do elevador abriu, saí em disparada à procura do quarto 214. Senti os olhares dos enfermeiros em mim. Não deveria estar correndo, mas bem, pouco me importava o que eu deveria ou não fazer nesse momento.

210... 212... 214.

A porta, trancada, não abria, apesar dos meus esforços. Depois de tanto empurrar, gritar e chutar, ela finalmente cedeu.

Quando finalmente alcancei, fiquei estagnada na porta. Thaila estava deitada na maca, com os olhos fechados. Seu rosto, extremamente pálido e abatido. Meu coração se apertou ao vê-la daquele jeito, mas também estava feliz por finalmente encontrá-la. Eu sentia tudo que era possível no momento, mas principalmente, raiva de seus pais por terem feito aquilo com ela. Eu não parava de chorar e meu corpo parecia congelado em frente àquele quarto, sem conseguir dar nenhum passo à frente. Sr. José estava sentado em uma poltrona, segurando a mão da

neta, com a cabeça abaixada na ponta da maca. Ele parecia chorar. Eu também chorava. Thaila estava ali, mas inconsciente. Ela estava ali, mas estava mal. Agora ela estava acompanhada, mas passou todo esse tempo sozinha. E mesmo assim aguentou passar por isso. Minha garota era extremamente forte, mas mesmo assim eu não conseguia suportar a ideia de que ela havia passado por uma situação como essa. Eu queria cuidar dela assim como ela cuidou de mim. Estar ali por ela assim como ela esteve por mim. Meu corpo, paralisado, não me deixava adentrar o quarto e vê-la de perto. Me sentia mais impotente do que nunca.

Me faltava *coragem*. O que sempre me faltou foi coragem. Encarei meus pés, estáticos. Fechei os olhos, respirando fundo. Eu precisava tocá-la, saber se tudo aquilo era real ou não passava de outro sonho estranho.

– Vai ficar me admirando de longe? – Ouvi sua voz fraca. Aquela voz encheu meu corpo de calor, de alegria. Foi quase como uma onda pacífica. Me atingiu em cheio, mas logo em seguida veio tranquilidade. Ela estava com a cabeça inclinada em minha direção e um meio sorriso no rosto. Não dava para esconder o quanto estava mal, mas ela se esforçava. Seu avô levantou a cabeça e a encarou com os olhos cheios de lágrimas. Eu sorri da mesma forma. Um sorriso genuíno, prestes a transbordar.

– Prefiro admirar de perto mesmo.

43

pavor de borboletas

Depois de insistir em perguntar quinhentas vezes para me certificar de que Thaila realmente estava disposta para fazer aquilo e ela responder que tinha certeza absoluta, cá estávamos nós, recebendo as meninas no hospital. Combinamos de revezar as visitas naquele dia, duas de cada vez no quarto. As primeiras foram Luiza e Ana.

– A gente tava preocupada, cara. – Luiza entregou flores. Proibi que elas trouxessem qualquer tipo de comida, estava com medo de que algo pudesse ser gatilho para Thaila e pretendia ser o mais cuidadosa possível com isso, agora que eu sabia.

– Eu sei que não somos tão próximas, mas eu gosto muito de você. – Ana depositou um beijo no rosto de Thaila, que sorriu com o gesto.

– Vê se não some de novo, cabeça! – Luiza brincou.

– Fala isso pros meus pais... – Ela soltou em tom de piada, apesar de parecer bastante cabisbaixa com o comentário.

– Bom, não precisamos nos preocupar com isso, né? – Saí de seu lado para cumprimentar as meninas. – Agora tem muita gente de olho em você. Seu avô já tomou as devidas providências, eles não vão mais perturbar. – Me apoiei na cama, observando-a. Ela realmente parecia mais aliviada com isso, mas ainda assim, não feliz por completo.

As meninas atualizaram Thaila do que aconteceu na escola durante esse tempo em que ela ficou ausente e a mesma parecia bastante interessada em todos aqueles assuntos. Eu, por outro lado, só conseguia observar tudo, completamente distante, mas prestando atenção nas reações que ela esboçava. Qualquer

coisa diferente já me deixava preocupada. Tinha medo de estar deixando outros detalhes passarem.

Alguns minutos depois, elas se retiraram para que as outras meninas pudessem vir. Raissa entrou no quarto conversando com Diana, ambas dando risadinhas. Pareciam se conhecer há tempos. Diana era linda! Seu cabelo curto platinado ressaltava os piercings na orelha, que davam um charme absurdo nela. Seus olhos eram verdes e compenetrantes, pareciam observar tudo com cautela. Ela parecia tímida na presença de Raissa, o que me fez soltar uma risadinha e olhar para Thaila, que me retribuiu com a mesma expressão. Ela me chamou perto, antes das meninas se aproximarem mais, e sussurrou no meu ouvido.

– Diana tem uma quedinha por mina hétero. – Eu prendi uma gargalha com aquele comentário, mas me recompus assim que elas chegaram perto, sorrindo.

– Por que vocês vieram juntas? – Apontei para as duas, franzindo as sobrancelhas. Diana estava aqui com Mika praticamente o tempo inteiro, ela não precisava visitar exatamente naquele momento.

– Ah, eu fiquei sobrando. Malu e Ester querem vir juntas e não tinha mais ninguém pra vir comigo! – Raissa fez biquinho. – Um absurdo, mas Diana se ofereceu para me fazer companhia. – Ela sorriu, se virando para a nova “amiga”.

– Que prestativa... – Thaila conteve o riso e percebi Diana corar com o comentário, seu rosto inteiro passando de branco para vermelho.

– Por que Lorena não veio com você? – Perguntei, antes de perceber a besteira que tinha acabado de soltar. Raissa me olhou confusa, tentando procurar uma resposta, enquanto eu a encarava do mesmo jeito, exalando arrependimento.

– Quem é Lorena? – Thaila olhou para mim com o semblante confuso.

– Minha namorada! – Raissa soltou, no desespero. Olhei para ela com indignação, porque não fazia o menor sentido, mas não podia julgar. Minha amiga era péssima mentirosa, pior ainda em situações tensas dessa forma.

– Você não é hétero? – Cruzou os braços.

– Você é hétero? – Diana suspirou, chocada com a informação e, ao mesmo tempo, decepcionada.

– Eu era! – Ela arregalou os olhos, tentando se explicar. – Até conhecer o amor da minha vida, Lorena! – Estalou os dedos, como se tivesse formulado a história mais genial possível. Revirei os olhos, suspirando. Minha vontade era de rir da merda que tinha acabado de me meter.

– Raissa. – Thaila balançou a cabeça negativamente, rindo. – Isso não faz o mínimo sentido, você é uma péssima mentirosa. – Se virou para mim. Não consegui fingir costume, então sorri absolutamente sem graça em sua direção. – Tu tava ficando com outra, Laís?

Não conseguia fugir do climão que tinha se instaurado naquele quarto, então respirei fundo antes de pensar em uma explicação. Nada que eu pudesse falar no momento faria ela entender bem o que tinha acontecido.

– Depois a gente conversa? – Sugeri. Ela me olhou desconfiada, mas assentiu. Raissa tentou engatar em um assunto novo, falando sobre provas e vestibular. Ela e Diana pareciam mesmo amigas de longa data. Às vezes, uma acabava completando a frase da outra e coisas desse tipo, o que levava as duas a rirem bastante. Eu olhava para Thaila, tentando criar uma conexão naquele momento e rir da situação em que elas estavam se metendo, mas ela sempre parecia olhar para outro lugar. O medo de ter deixado ela chateada tomou conta de mim e acabei ficando ainda mais apreensiva do que já estava.

Quando foi a vez de Malu e Ester, pelo menos, percebi ela ficando um pouco mais tranquila. Afinal, estava revendo sua melhor amiga. Ester chegou aos pulos e gritinhos, se abraçando em Thaila, que por sua vez, soltou uns resmungos, rindo. Malu veio para perto de mim, passando os braços ao meu redor. Me deu um beijo no topo da cabeça e ficou ali, observando comigo o ataque de beijos que Ester estava dando na amiga. Sua felicidade de vê-la novamente era enorme.

– Você nunca mais faz isso comigo, sua ridícula! – Apontou o dedo indicador bem do nariz dela. – Eu fiquei desesperada, morrendo de preocupação. Achei que tinha sido uma péssima

amiga, que você não gostava de mim! Eu, Thaila, que sou extremamente segura. Entende? – Ela explicava indignada, apontando para si mesma.

– Eu não tenho culpa! – Ergueu as mãos em rendição, rindo. Eu e Malu soltamos gargalhadas da cena.

– Promete que você nunca mais vai esconder nada de mim, por mais pesado que seja! – Ester estendeu o dedo mindinho em direção a Thaila, que olhou em sua direção com a cabeça pendendo para o lado, enquanto suspirava.

– Eu não gosto de prometer.

– Promete! – Ester bateu o pé no chão. – E também que você nunca vai trocar de melhor amiga e nunca vai me abandonar aqui de novo! – Ela ria, sapeca. – Você tem que prometer, senão eu vou embora.

– Ok. Prometo. – Thaila revirou os olhos antes de cruzar seu dedinho com o dela.

– Laís se fez toda de difícil, mas foi só você sumir que ela ficou na merda. – Malu me entregou, saindo de perto para fugir do tapa que direcionei a ela.

– Fica quieta!

– Conte-me mais, Malu. – Ela sorriu de leve, me ignorando completamente e prestando atenção apenas na minha melhor amiga.

– Maria Luiza, eu vou te matar. – Cruzei os braços, desistindo.

– Ela guardou um bolo de chocolate por três semanas na geladeira por causa do seu aniversário. – Entregou.

– Vocês sabem que eu não gosto de chocolate, né? – Thaila coçou a cabeça.

– O quê? – Abri a boca, indignada. – Você sempre comeu meus bolos!

– Pra te agradar! – Ela abriu um sorriso enorme, na defensiva, que foi capaz de me tranquilizar dos pés à cabeça.

– Sua salafrária! – Balancei a cabeça em negação para ela. – Isso não se faz.

– Eu precisava te conquistar. – Deu de ombros. – Deu certo, não deu?

– Começou a boiolagem! – Ester resmungou e todas rimos. Ela, sem dúvidas, foi a presença que mais tranquilizou Thaila. Diana e Mika também a deixavam relaxada, mas de uma forma diferente. Ester a fazia bem, a deixava leve, enquanto as duas a faziam se sentir em casa, à vontade.

Quando as meninas se despediram, me permiti chegar mais perto, antes que Sr. Zé viesse passar a noite. Ela observava enquanto eu apagava a luz do quarto e me deitava na maca, bem ao seu lado. Parte do meu coração ainda estava apreensiva, pensando se algo ruim estava prestes a acontecer novamente. A outra parte, em paz, por saber que ela estava bem na minha frente e, por enquanto, não iria a lugar algum.

– Você tá chateada comigo? – Abracei-a, encostando o queixo em seu ombro para conseguir olhar a reação.

– Eu não consigo ficar chateada com você. – Ela olhava para o teto, tentando se conter. Dei um beijo em sua bochecha, aliviada. – Mas ainda quero saber quem é Lorena.

– Foi a minha primeira garota... – Suspirei. – Você quer mesmo saber?

– Sim. – Ela continuava olhando o teto.

– O clássico: Amigas de infância que acabaram se beijando e descobrindo que gostavam de meninas. Só que a gente continuou tendo algo por uns anos, até que ela foi embora para estudar fora pouco antes da minha vida desandar. E aí um desses dias em que eu decidi encher a cara porque você não me mandava notícias, acabamos nos esbarrando. E bem, eu tava com raiva, por que não?

– Você gosta dela?

– Eu a amo. – Percebi Thaila ficando brava. – Como amo Malu. Nunca vai passar disso. E foi ela que me fez enxergar que, bem... – Respirei fundo. – É você quem me faz sentir borboletas no estômago. – Acabei dizendo rápido demais e ela retribuiu com cara de nojo. Arregalei os olhos na mesma hora. – Falei demais?

– Não. – Ela riu. – É que eu odeio borboletas. Tenho pavor.

– Você é estranha. – Revirei os olhos.

– Você me faz sentir... – Ela torceu o nariz, pensando. – Mosquitinhos pra lá e pra cá, no estômago.

– Não, não fica bom assim. – Resmunguei.

– Eu achei ótimo! Daria até um livro: Mosquitinhos pra lá e pra cá. Imagina? – Ela gargalhava. Eu não sabia se era a saudade, mas sua risada parecia ainda mais hipnotizante agora. Seu sorriso, ainda mais bonito. Todos os seus detalhes, ainda mais perfeitos. Eu enxergava tudo com mais força, mais intensidade. Parecia que todos os meus sentimentos estavam mais fortes, mas eu morria de medo de falar em voz alta. Então, preferia guardar tudo para mim. Em algum momento, eu daria esse passo. E, sendo sincera, esse momento estava cada vez mais perto.

44

dia feliz

O final do ano estava mais próximo do que eu imaginava. Não fazia ideia de como o tempo conseguiu passar tão rápido assim. Quer dizer, o aniversário de Thaila foi em agosto e nós já estávamos em novembro. Não conseguia entender como era possível o tempo passar tão rápido. Existe também a possibilidade de eu só ter perdido completamente a noção do tempo enquanto ela estava longe, o que é bem provável.

E o final do ano letivo estava batendo à porta. Em breve, as provas finais começariam e eu ainda não havia estudado nada para o vestibular. Isso me deixava um tanto quanto desesperada, mas preferia abstrair para não surtar completamente.

Thaila já estava na casa do avô, agora visitando grupos de reabilitação para pessoas com transtornos alimentares e sendo cuidada por todos nós. Ela parecia mais leve por estar dividindo esse peso. Diana e Mikaella decidiram visitar toda semana, já que a cidade que elas moram é apenas a algumas horas daqui. Estavam preocupadas com a amiga e acabaram gostando da nossa companhia.

Hoje era quinta. E, por mais doido que isso soe para mim, era o dia de buscar Dona Angélica. Ela estava finalmente recebendo alta. Decidi ir para o hospital de ônibus, no horário que costumava ir antes. Estava há séculos sem ver Roberto e precisava contar toda as novidades para ele. Miguel, por outro lado, estava atualizado, já que eu voltei com os atrasos de sempre. Estava dormindo bem agora.

– Vai querer carona? – Thaila sentou-se do meu lado, no refeitório. – Se for, temos que ir agora, tenho que resolver umas

coisas. – Sempre que ela fazia esse tipo de mistério, eu ficava preocupada. Ela estava agindo de forma estranha comigo nos últimos dias, mas tentei afastar esse pensamento. Podia ser simplesmente insegurança minha.

– Não, obrigada. – Sorri, agradecendo. – Vou de ônibus.

– Certeza? – Ela estava concentrada demais no celular, então não deu muita bola para a resposta que dei, balançando a cabeça positivamente.

– Sim, tenho. – Decidi falar em voz alta, para ela ouvir. Estava terminando de comer antes de sair e nenhuma das meninas estava por perto. Malu estava toda de namorinho com Andressa, a jogadora de futebol, e nesse exato momento elas estavam em um encontro. Raissa e Ester estavam meio sumidas, cada uma fazendo suas coisas. Elas sempre acabavam indo para suas casas mais cedo do que de costume, acredito que para estudar. Luiza costumava ficar com os amigos de Ana na hora do almoço e eu não estava muito acostumada com eles, então preferia ficar na minha.

– Já é! – Ela me deu um beijo no rosto e foi embora, sem mais nem menos, ainda focada no celular. Tentei ignorar os pensamentos negativos, mas eles acabaram afastando minha fome. Suspirei fundo antes de levantar e pegar minha bolsa. Quando estava chegando no corredor que dava para a saída da escola, acabei me distraíndo e fui esbarrada por um corpo apressado.

– Desculpa, eu tava desligada e... – Quando percebi, era Júlia. Acabei travando, nunca sei reagir direito perto de pessoas que claramente não gostam de mim. Ela apenas sorriu, de uma forma até que sincera, e se abaixou para pegar suas chaves que haviam caído.

– Relaxa, Laís! Foi culpa minha, desculpa. – Ela suspirou. – Inclusive, tava para te pedir isso há um tempão, só não tinha coragem. Desculpa, tá? Por tudo aquilo.

– Ah, claro! – Sorri de lado, estranhando um pouco a atitude.

– Sério, eu deveria ter reconhecido tudo na época, mas foi difícil demais para lidar, eu te admirava muito e acabei confundindo as coisas... Você realmente sempre foi sincera

demais e... Bom, tô fazendo a terapia que sugeri. – Ri com o comentário.

– E tá sendo bom?

– Tá sendo ótimo! Eu tô com saudade, sabe? Da nossa amizade. – Olhei desconfiada para ela. – Não, da amizade mesmo! Sem a outra parte. – Júlia estava começando a ficar corada. – Eu já tô até com outra pessoa, mas acho que você sabe, né?!

– Sei? – Franzi o rosto, sorrindo de leve. – Não fiquei sabendo de nada não.

– Ah! – Ela arqueou as sobrancelhas, parecendo confusa. – Bom, esquece. Não é nada demais! – Desviou o olhar, meio sem graça. Eu não estava entendendo muito bem o que tinha acabado de acontecer, mas ficava extremamente feliz por ela estar bem agora. Realmente gostava de Júlia antes de tudo aquilo. – Bom, a gente se vê! – Acabamos ficando perdidas na hora de se despedir, tentando formular um abraço. Desistimos e nos contentamos com um simples aperto de mão. Júlia seguiu caminho para o refeitório, enquanto eu segui em direção ao ponto de ônibus. Aquela tinha sido uma das interações mais curiosas que eu tive nos últimos tempos. Rápida, esclarecedora e confusa, ao mesmo tempo.

Quando subi no ônibus, Roberto faltou fazer uma festa. Ele abriu um sorriso de orelha a orelha ao me ver e tentou levantar para me cumprimentar, gesticulei para ele que não precisava, então me aproximei para abraçá-lo. Sempre ficava preocupada de nossas conversas deixarem os outros passageiros incomodados, então tentava não atrapalhar a viagem.

– Quando tempo, filha! – Comentou ao dar partida. Decidi ficar antes da roleta com ele. – O que aconteceu pra você parar de ir visitar sua mãe? Fiquei super preocupado.

– Ela acordou! – Disse super empolgada. – Inclusive, estou indo buscá-la agorinha, vai voltar pra casa.

– Meu Deus, que novidade ótima! Eu e minha esposa oramos tanto por ela, você nem imagina.

– E meu pai apareceu também, mas já foi embora.

– Pera, como assim? – Ele arregalou os olhos. – O bonito resolveu dar as caras e já foi embora de novo? Que cara de pau.
– Soltei uma risadinha.

– É, ele deu as caras. Mas em algum momento foi super homofóbico e todo mundo mandou ele catar coquinho. Até agora não sei muito bem o paradeiro. Tá por aí! – Peguei o celular e digitei uma mensagem para Thaila, enquanto contava as novidades para Roberto.

“Super ansiosa :) Acho que você pode ir jantar lá em casa, se quiser. Malu deve ir!”

– E como você ficou com isso, hein?! – Ele olhou nos meus olhos, muito sentimental. Ele é um desses caras que se preocupa muito com o que a pessoa sente, mas bem, esse não é muito o meu forte.

– Prefiro ignorar! Tô bem agora, feliz. As coisas finalmente estão tomando um rumo agradável. – Dei de ombros. – Mas e você, me conta. Como estão as coisas?

A conversa foi fluindo e depois de um tempo, que para mim passou rápido demais, Beto avisou que já estava na minha hora de descer. Acabei me atrapalhando um pouco na correria de passar pela roleta correndo, mas ele me esperou para fechar a porta. Acenei, sorridente, antes do ônibus ir embora.

Entreí no hospital, ansiosa para encontrar mamãe. Quando cheguei no quarto, Dona Angélica estava se despedindo das enfermeiras. Elas acabaram criando um vínculo muito grande devido ao tempo que mamãe passou internada. Durante o coma, todas torciam muito por elas e sempre me mantinham atualizadas de sua situação. Agora era a hora delas se despedirem e, se tudo der certo, não precisariam se ver novamente.

Quando cheguei, mamãe abriu um sorriso de orelha a orelha. Já estava conseguindo ficar em pé e se comunicar tranquilamente. Ela andava devagar, mas andava. Ainda precisaria fazer um tempo de fisioterapia, mas logo chegaria lá.

– Oi filha! – Ela abriu os braços para me receber em um abraço apertado, do tipo que eu morria de saudades. – Estou ansiosa pra ver se você cuidou direitinho da minha casa. –

Recebi um beijo na testa e logo senti as lágrimas surgindo. Não aguentava mais ser emotiva dessa forma, quando foi que tudo desandou e eu me tornei uma grande chorona?

– Tá tudo do jeitinho que você deixou, mãe. – Dei o braço para ela e, após nos despedirmos de todas as enfermeiras, saímos em direção à saída daquele lugar. Lugar esse que passei muito tempo dos últimos anos e que pretendia não colocar os pés tão cedo.

Pedi um desses carros de aplicativo e observei a reação de mamãe a cada uma das coisas ao redor. Ela respirava profundamente, sentindo o ar fresco batendo em seu rosto. Seus olhos se encheram de lágrimas sentindo o sol na pele e vendo as árvores balançarem.

– Meu Deus, é muito bom sair daquele lugar! – Ela começou a gargalhar, em meio às lágrimas, e é claro que não consegui me conter observando aquela cena. As pessoas que passavam por perto observavam, curiosas, nosso ataque de risadas e choros. Mamãe estava de volta.

Aquele era um dia feliz.

45

elemento surpresa

Eu estava extremamente ansiosa. Mal podia esperar para os convidados do jantar de boas vindas da mamãe chegarem. Eu meio que... Estava armando algo! E não via a hora das coisas acontecerem para saber se tudo iria desenrolar de acordo com meus planos.

Malu já estava comigo, ajudando a fazer os preparativos enquanto Dona Angélica descansava. Hoje era o dia dela e ela seria tratada como uma rainha. Mal podia esperar para ver mamãe interagindo com todos, alegre e com saúde, como nos velhos tempos. Todo aquele clima me lembrava infância! E eu já podia sentir, mesmo que um pouquinho, o meu amor pelo natal retornando. Estava mais ansiosa do que nunca para ter mamãe de volta esse ano e poder aproveitar com ela, ao invés de ficar triste sentindo falta.

Estava ansiosa para que Thaila chegasse também. Ela estava distante e eu queria que as coisas voltassem ao normal entre nós. Sem contar que mamãe já tinha perguntado um milhão de vezes se sua futura nora apareceria. Bom, eu não tinha certeza quanto a isso. A única coisa que Thaila respondeu foi: *“Vou tentar ir :)”*.

Meu estômago quase deu uma cambalhota ao ouvir a campainha tocando, mas ao abrir, meu sorriso acabou murchando.

– Que isso, ficou triste em me ver? – Lorena pareceu super afetada com minha reação. – Trouxe até flores!

– Desculpa, vida... É que eu achei que fosse...

– A Thaila, eu sei. – Lorena revirou os olhos. – Estou até ansiosa para conhecer. – Sua voz continha uma falsa animação, quase imperceptível se eu não a conhecesse tão bem.

– Vai falar comigo não, ingrata? – Malu chamou Lore na cozinha, enquanto eu verificava o celular. Nenhuma mensagem nova. Assim que decidi voltar à cozinha, a campainha tocou novamente. Minha ansiedade retornou.

E bom, quebra de expectativas mais uma vez. Só que agora era impossível não ficar extremamente feliz com a presença dos meus avós bem ali, na porta. Beije a cabeça dos dois e pedi a benção, chamando-os para se acomodar na sala. As meninas saíram da cozinha para cumprimenta-los e Lorena não parava de citar o quanto estava ansiosa para rever a “Tia Angélica”, segundo ela. Vovô também carregava flores nas mãos, mas diferente das rosas vermelhas de Lorena, ele estava com um pequeno buquê de girassóis, as flores favoritas de mamãe.

– Você acha que ela vai gostar, filha? – Vovô perguntou, percebendo meu olhar centrado nas flores.

– Claro, são lindas! – Sorri em sua direção. – O senhor é um fofo.

– Onde está aquela sua amiguinha legal? – Vovó estalava os dedos, tentando recordar.

– Serve eu, vó? – Malu se manifestou e Dona Aurora fez careta para ela.

– A outra, Maria Luiza! Você já está velha! – Malu fingiu estar insultada, mas logo em seguida voltou para a cozinha com Lorena, para terminar os preparativos.

– Thaila. – Sorri. – Acho que ela está vindo! Não tenho certeza.

– Pois é bom que ela venha mesmo! – Fez cara de brava. – Estou com saudades daquela coisinha fofo. – Eu e vovô nos entreolhamos, antes de cair na gargalhada.

– Bom, vou lá em cima chamar mamãe, com licença. – Subi as escadas correndo para buscá-la, mas quando cheguei na porta de seu quarto, pude ouvi-la conversando com alguém.

– Eu sei, Luiz. Também te amo, mas minha filha é importante demais para mim. – Ela suspirou. – Não me importa se ela é sua

filha também quando ela não consegue se sentir à vontade na sua presença. – Não acreditava que aquele cara de pau estava perturbando mamãe novamente. – Eu não sei se você pode voltar. Preciso avaliar a situação ainda. – Pausa. – Vou conversar com a Laís. – Aquela foi minha deixa para entrar no quarto e fazer barulho. Mamãe pulou da cama, assustada. Olhou em minha direção, ainda segurando o telefone de fio na orelha. – Vou desligar. Tchau.

– Quem era?

– Nem vem tentar fingir, eu sei que você ouviu. Quanto você ouviu? – Ela cruzou os braços, preocupada.

– A parte que você disse que ama esse traste e a parte que eu tô te impedindo de ficar com ele. – Sentei na cama, estava um pouco chateada com aquilo.

– Ai, minha filha. – Mamãe sentou ao meu lado, me puxando para perto. – Apesar de tudo, eu amo seu pai. Espero que esse sentimento passe, porque ele não merece, mas espero também que você me entenda. Ele sempre foi ótimo para mim e eu passei todo o tempo em que ele estava sendo ruim, desacordada.

– Ele não foi sempre ótimo, mas se você prefere se esquecer das partes ruins, tudo bem. – Suspirei. Não queria ficar magoada com ela naquele dia, principalmente porque querendo ou não, eu acabava entendendo seu lado.

– Não faz assim comigo... – Ela passou as duas mãos no rosto. – Só é muito difícil e...

– Não, mãe, tudo bem mesmo. – Passei a mão em seus cabelos, levando uma mecha para trás da orelha. – Eu entendo, por muito tempo eu preferi esquecer das partes ruins também. Acontece. Mas uma hora elas aparecem e é bom você estar preparada pra essas lembranças, ok? Ele não foi o príncipe encantado que você se lembra.

– Certo. – Ela precisava se convencer. – Vamos descer? Esquecer isso?

– Vamos sim! – Dei o braço direito para ela se apoiar e fomos descendo as escadas devagar. Percebi a felicidade estampada nos rostos de cada um ali presente. Dona Angélica era realmente uma daquelas pessoas iluminadas, que deixa tudo mais contente

apenas por estar presente. Sem contar a saudade de vê-la com saúde que todos estavam sentindo.

Preparei a mesa, enquanto meus avós e mamãe papeavam na sala, e Malu e Lorena prestavam atenção no que estava passando na televisão. Parecia um daqueles filmes soltos que a gente pega pela metade, mas acaba ficando presa de qualquer jeito. Observando a cena, meu coração se esquentou. A saudade que eu sentia de situações como aquela era imensurável, nada no mundo jamais seria capaz de substituir a força que a presença de mamãe exalava. Aquela noite tinha tudo para ser perfeita, faltavam apenas alguns detalhezinhos que logo, logo se ajustariam.

Falando neles, a campainha tocou novamente. Fiquei ansiosa para saber quem era, pois as únicas pessoas que faltavam chegar era Thaila e o *elemento surpresa*.

– Deixa que eu atendo! – Precisei avisar ao perceber Dona Angélica tentando levantar para abrir a porta. Respirei fundo antes de girar a maçaneta. Infelizmente, não era ela, mas sorri ao ver Miguel se ajeitando com um buquê de flores nas mãos. Há uns dias atrás tive a brilhante ideia de bancar o cúpido e tentar apresenta-los. Miguel era realmente um cara ótimo e ele e mamãe tinham muito em comum. Valia a tentativa, ao menos. – Boa noite, Miguelzinho! – Pisquei em sua direção, pedindo para que entrasse.

– Boa noite, Laísinha! – Ele brincou. Seu cabelo estava recém cortado, os cachinhos arrumados com todo cuidado. Ele usava uma blusa social branca, que realçava sua pele negra, com as mangas dobradas até pouco abaixo do cotovelo. Parecia bem mais nervoso que o normal. Levei-o até a sala para apresentar a todos e pude perceber o olhar curioso de mamãe para mim.

– Esse é o Miguel! Um grande amigo. – Ele cumprimentou todos com apertos de mão e beijos na bochecha.

– Me desculpe a inconveniência, mas ele parece um pouco mais velho para ser seu amigo, minha flor. – Vovó comentou, em tom de piadinha.

– Eu a levo para a escola todos os dias, senhora. Acabamos construindo uma amizade. – Ele sorria, nervoso.

– Então é você o responsável pelos atrasos da minha filha? – Mamãe brincou, tendo plena noção de que *eu* era a responsável por isso. Miguel riu, ficando corado.

– Acho que essa vou ter que passar para Laís... – Comentou. Acabei deixando os adultos conversando enquanto terminava de dispor a mesa. Malu e Lorena vieram comigo até a cozinha, animadas.

– Sério que você está desenrolando um namorado pra sua mãe? – Malu segurava o riso.

– Shhh. Fala baixo. – Sussurrei. – Deixa ela pensar que as coisas vão acontecer sem querer, mamãe não gosta que controlem a vida dela.

– E como você sabe que vai acontecer? – Lorena sussurrava junto comigo.

– Eu conheço minha família... – Sorri, observando-os conversar. Mamãe morria de rir com alguma gracinha que Miguel tinha dito e meus avós se entreolhavam, percebendo bem o que estava acontecendo. Mesmo sendo os pais de Luiz, eles nutriam um amor imenso por mamãe, como se fosse uma filha.



– Nossa, isso está uma delícia! Quem foi a cozinheira? – Vovô elogiava a comida, após repetir pela terceira vez.

– Eu e Malu, vô. – Ri de sua reação, passando a mão na barriguinha de chopp que acumulara conforme os anos.

– Está realmente uma delícia, achei que sua especialidade fosse apenas bolos de chocolate, Laís. – Miguel brincou, rendendo boas risadas das meninas.

– Como assim? O que eu perdi? – Mamãe fez carinha triste, não entendendo a piada.

– Sua filha tem mania de fazer bolo de chocolate sempre que está desesperada. – Malu explicou para ela.

– E ela costuma ficar bastante desesperada, porque o tanto de bolo que eu já recebi... – Miguel comentou.

– Eu fico orgulhosa de você ter aprendido a cozinhar assim, filha. – Mamãe sorri, passando um guardanapo nos cantinhos da

boca, cheia de classe. – Está realmente maravilhoso.

– Mal posso esperar pela sobremesa! – Vovó comentou.

– Vai ser o quê, aliás? Bolo de chocolate? – Agora foi a vez de Lorena brincar.

– Vocês estão me zoando muito. – Revirei os olhos. – Vai ser torta de frutas vermelhas. – Me levantei, indo buscar a sobremesa na cozinha.

– Minha favorita! – Mamãe bateu palminhas de empolgação.

– Isso mesmo, sua favorita! – Assim que coloquei a torta em cima da mesa, ela foi a primeira a pegar um pedaço, com um sorriso enorme no rosto. Não comia essas coisas gostosas há muito tempo, devia estar cansada das comidas sem graça de hospital.

Eu me sentia completa em ver mamãe perdendo completamente a classe ao encher a boca com um pedaço enorme de torta de frutas vermelhas, fechando os olhos para apreciar o sabor.

– Isso tá delicioso! – Ela disse ainda de boca cheia, suspirando. Não consegui conter a risada com sua reação. Todo mundo olhava a cena, admirando um pouco aquele serzinho sensacional e, ao mesmo tempo, orgulhosos por ela ter passado por aquilo tudo e não ter perdido nem um pouco sua essência.

Eu me perguntava como era possível alguém ser tão forte e ao mesmo tempo tão sensível. Como era possível alguém ser admirada até mesmo nos mínimos detalhes. Ser tão incrível a ponto de iluminar qualquer lugar que esteja, fazendo seja lá o que for. Como era possível, eu não sabia. Agora, se era possível, eu tinha certeza. Porque Angélica Monteiro era exatamente esse alguém.

Hoje, apesar da preocupação que eu estava sentindo por Thaila não ter aparecido, continuava sendo um dia feliz. E eu me perguntava se todos os dias com mamãe ao meu lado seriam assim. Eu tendia a acreditar que a resposta para esse questionamento seria *sim*, porque não importava o que aconteceria daqui para frente, no final do dia eu sempre teria seu colo para me deixar segura, me consolar, me trazer para a terra firme novamente.

Me peguei sorrindo enquanto a observava. Todos já estavam servidos, mas eu continuava parada admirando a mulher na outra ponta da mesa de jantar.

E continuei assim por um bom tempo.

46

serviço de melhores amigas

– Não é difícil, sabe? Você podia ter mandado uma mensagem. – Estava encostada na porta da sala de aula antes da professora chegar, após o intervalo. – Agora eu uso celular. Por sua causa.

– Desculpa, cara. Eu tava resolvendo umas coisas. – Thaila insistia.

– É, você sempre tá resolvendo umas coisas. Só que da última vez você sumiu por três meses, desculpa se eu fico preocupada! É só mandar notícias.

– É só por isso que você tá assim? Eu não vou sumir de novo. Pronto. – Ela tentou me dar um beijo na bochecha, mas desviei o rosto.

– Não, não é só por isso. Você sabe que sua presença era importante pra mim. Eu queria muito que você tivesse lá! Meus avós e minha mãe perguntaram por você o tempo inteiro e eu não sabia o que dizer porque você não deu notícias, sabe? – Cruzei os braços.

– Eu acabei esquecendo o celular em casa, não tinha como dar notícias, ué. – Ela suspirou e pegou o celular no bolso, prestando atenção em algo.

– Sei. – Agora foi minha vez de suspirar fundo. – Vou pra aula. Quando você tiver com tempo pra me dar atenção, avisa. – Entrei na sala de aula antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

Assim que me sentei na carteira, abri o aplicativo de mensagens no grupo em que estava eu, Malu e Lorena.

“Preciso do serviço de melhores amigas depois da aula. Lagoa.”

Depois da aula, as meninas já tinham confirmado que iriam me encontrar, então saí e fui direto buscar Maria Luiza na aula de educação física que ela tem às sextas-feiras, no último tempo.

– Veio me buscar? – Thaila, que faz educação física junto com Malu, veio me cumprimentar com um selinho. Dessa vez deixei, mas ainda estava incomodada com as atitudes recentes dela.

– Não, vim buscar Malu. – Acenei em sua direção, que pegou a mochila e veio correndo. – Tenho que resolver umas coisas. – Dei de ombros antes de pegar na mão de Malu e sair de lá. Meu coração ficava apertado de trata-la assim, mas o impulso falava mais alto. Eu não conseguia evitar a pirraça.

– O que aconteceu? – Malu perguntou assim que saímos da escola e começamos a andar em direção à Lagoa.

– Preciso espairar, tô meio chateada com a Thaila e não quero ficar assim. – Dei de ombros. – Também tem um tempo que a gente não vai ver os gansinhos e comer hambúrguer, tô com saudade!

– Hum, justo. E por que você tá chateada?

– Ela voltou, mas continua distante. – Suspirei. – Antes de ir ela tinha esses momentos de se afastar, mas continuava sendo a minha Thaila, sabe? Me dando atenção e tudo mais. Parece que agora que ela já conseguiu ficar comigo, não precisa mais estar presente.

– Acho que você tá paranoica, amiga. – Malu declarou e me fez revirar os olhos. Avistamos Lorena na beira do lago, dando algo para os gansos comerem. Ela era muito corajosa. Eu adorava observá-los, mas chegar perto desse jeito já era demais para mim. Quando nos viu chegar, veio saltitando em nossa direção. O ânimo de Lore era uma coisa exclusiva dela e eu amava esse detalhe.

– O que vamos fazer? – Ela deu um beijo na bochecha de cada uma. – Vocês continuam fugindo pra cá, é?

– Sim, quase sempre.

– Virou nosso lugar. – Malu completou. – Sem você. Porque você foi embora, sua chata. – Elas deram língua uma para a outra e eu as puxei em direção a nossa hamburgueria *quase* favorita, já que a minha agora era a Parada da Batata.

Após comprarmos nossos lanches, sentamos na grama e ficamos observando os gansos, como de costume.

– Vocês tão ansiosas pro natal? – Lorena puxou assunto. – Eu tô muito ansiosa pro natal.

– Eu tô mais ansiosa pro ano novo. – Malu admitiu. – Quero passar com vocês. Eu gosto da minha família, mas natal sem a Laís não vai ser a mesma coisa. – Ela fez biquinho, encostando a cabeça no meu ombro. Fiz carinho em seus cabelos, para consolar.

– Vai ser meu primeiro ano novo namorando. – Comentei.

– Namorando, é? – Lorena fez uma careta.

– Não. – Ri. – É forma de dizer. Não tô namorando ainda. E nem sei se vou...

– O quê? Por quê? – Malu levantou do meu ombro, indignada.

– Ah, amiga... Eu tô com a impressão de que ela não está sentindo as mesmas coisas que eu, sabe? Acho que ela tava mais empolgada no começo, quando era difícil. Agora ela parece tão... *indiferente*. – Dei de ombros.

– Você tem que ter em mente de que ela acabou de passar por uma parada *pesada*, né Lalis?! – Lorena defendeu, brincando com a grama. – A gente não tem noção das consequências que uma coisa dessas pode ter.

– Sem contar que ela ainda passa... O transtorno não foi embora do dia pra noite. – Malu continuou.

– É, eu sei. – Passei a admirar o céu. – Eu tô tentando tomar cuidado com isso também, mas sei lá. Ela tá tão distante.

– Espera que ela deve se reaproximar, boba. Dá um tempinho pra ela. – Lore deitou no meu colo e ficou olhando as nuvens, com um dos olhos fechados por conta do sol.

– Ela te esperou tanto... Acho que vale a pena você esperar também. – Malu se encostou em mim.

– Certo. – Suspirei. – Pode ser.

Comecei a acariciar os fios loiros de Lore, pensando sobre o que elas tinham dito. Na verdade, mesmo que eu não quisesse enxergar, elas tinham razão. Thaila me deu tempo e espaço para lidar com as minhas brigas internas, eu não morreria se desse um tempo para ela lidar com as dela. Uma coisa eu sei: Nós

damos certo. E ela já provou mais de uma vez que está presente para mim. Não é porque ela deixou de aparecer uma única vez, que há algo de errado acontecendo. É preciso ter paciência. O melhor agora é esperar para ver. Eu disse para Diana que me importo o suficiente com ela para *qualquer coisa* que eu tiver que passar e nada mudou.

Até porque, a essa altura do campeonato, não conseguiria desistir de Thaila Fontana nem que eu quisesse muito. Eu esperaria essa mulher pelo tempo que for.

Provavelmente essas paranoias eram apenas uma parte de mim procurando problema onde não tem, já que tudo na minha vida parece estar perfeitamente no lugar, o que é estranho. Bom, agora eu teria que me acostumar com essa paz e tranquilidade toda. Com minha vida correndo perfeitamente bem e a sensação de felicidade aparecendo com certa frequência. E, céus, eu não me importaria de acostumar com isso.

47

véspera de natal

A última semana de provas passou voando e, aos poucos, Thaila foi voltando ao normal. As meninas estavam certas, eu provavelmente só precisava ter paciência para esperá-la. Ela ainda não estava cem por cento presente, mas estava chegando lá. Às vezes, ainda acontecia de se afastar bruscamente para “resolver coisas”, eu só não conseguia saber que coisas eram essas.

O que também já tinha passado – voando da mesma forma – era o período de vestibulares. Eu estava zero esperançosa sobre passar para uma faculdade, já que esse ano estava sendo super confuso e agitado e, conseqüentemente, eu não consegui estudar nada. Na pior das hipóteses, agora que mamãe estava em casa e bem, eu não precisava mais trabalhar e poderia passar o próximo ano focando nos estudos. Pedi demissão do cinema há umas três semanas e me sinto mais livre do que nunca, apesar de estar sem uma rotina fixa. Enfim, mamãe acabou reabrindo sua floricultura e, com certa ajuda, está voltando a trabalhar.

Eu e as meninas estávamos mais próximas do que nunca agora que eu tinha tanto tempo livre e ninguém precisava mais estudar. Apesar de não estarmos nos vendo na escola, sempre marcávamos de fazer alguma coisa.

– Acho que eu vou morrer esperando até janeiro para os resultados saírem. – Ester estava estirada no sofá da minha sala.

– Eu tenho certeza que você passou, dramática. – Raissa revirou os olhos. Ela estava sentada na ponta do sofá, fazendo carinho em Nina, que ronronava. – Agora eu...

– Você estudou, amiga. – Comentei, sentando ao lado de Thaila no tapete, com um copo de água que havia acabado de buscar. – E é inteligente. Não se subestima, belas artes já é sua.

– Olha pelo lado bom, pelo menos vocês não querem medicina. – Luiza resmungou. Ela de longe foi a que passou mais tempo estudando esse ano e, apesar de não acreditar em si mesma, eu tinha certeza absoluta de que ela conseguiria entrar onde quisesse.

– Eu até que tô tranquila. – Thaila deu de ombros. – Se eu não passar pra cinema, sigo com a minha fotografia e tento de novo depois. Pelo menos o que eu amo, já faço.

– Você é sortuda de ter encontrado sua paixão tão fácil assim! – Fiz carinho em sua perna. – Eu ainda não consegui me decidir entre enfermagem e culinária, e olha que são coisas completamente diferentes.

– Eu acho que você seria ótima em enfermagem, amiga. Acho a sua cara! – Ester falou, meio abafado por conta da almofada que ela apertava na cara. Parecia estar surtando um pouco.

– A Laís não sabe biologia! – Thaila implicou.

– Vai se ferrar! – Ri. – Tive uma professora muito boa. – Pisquei para ela.

– Ah, não! – Luiza jogou uma almofada em nós. – Boiolagem aqui não!

– Vai atrás da sua namorada, chata. – Thaila jogou a almofada de volta.

– Que namorada? – Raissa disse e, logo em seguida, colocou a mão na boca, se repreendendo.

– É o que? – Virei para Luiza, no susto.

– Não sei por que eu insisto em te contar as coisas, dona Raissa. – Ela balançou a cabeça negativamente, em decepção. – Eu e Ana estamos dando um tempo, analisando o que fazer com a relação...

– Como assim? – Abracei uma almofada, triste. – Vocês são o casal mais lindo do mundo, não podem terminar!

Todas as meninas olhavam atenciosamente para Luiza, esperando uma explicação plausível.

– Nós não devemos terminar. – Voltei a respirar assim que Luiza declarou. – A gente se ama demais, só estava... caindo na rotina. E acho que isso não é bom. Então decidimos parar um pouco para pensar e analisar a situação, sabe?

– Então você tá pra rolo? – Ester perguntou.

– Para de ser insensível, garota! – Thaila gargalhou.

– Ué, é uma pergunta válida! – Ester riu, ficando na defensiva.

– Por enquanto, não... Mas se a gente abrir o relacionamento, fico! – Luiza sorriu, demonstrando certo entusiasmo com a possibilidade. Quer dizer, essa possibilidade jamais diminuiria o quanto elas se amam. O amor dela é tão bonito que até quem não as conhece consegue perceber a naturalidade e a pureza de tudo. Espero que elas fiquem bem mesmo.

– Meninas, tenho que dar uma saída! – Thaila se levantou, saindo do meu lado. Se abaixou para me dar um selinho e falou com todas as meninas antes de se retirar. Eu queria muito saber o que ela tanto fazia, mas reconhecia que era necessário ceder esse espaço a ela.

Quando Thaila abriu a porta, Malu e Lorena estavam prestes a tocar a campainha. Quando vi aquela aproximação, arregalei os olhos. Ela e Lore já tinham se conhecido, mas Thaila ainda detestava ter que ficar no mesmo ambiente que Lorena e sempre acabava dando umas alfinetadas.

– Ainda bem que eu tô de saída. – Ela disse, antes de cumprimentar Malu e bater a porta para ir embora. Revirei os olhos, sorrindo de lado.

– Ela nunca vai gostar de mim? – Lorena veio até a sala, se jogando do meu lado no tapete.

– Um dia ela supera, amiga. – Ester a tranquilizou.

– Eu não fazia ideia de que Thaila era ciumenta assim. – Raissa soltou um risinho.

– Ela não é, só tem ciúmes da mulher dela mesmo. – Luiza também riu. Corei com o comentário dela.

– Ai, vamos mudar de assunto! Que filme vocês querem assistir? – Levantei em um pulo, fazendo Lorena, que estava encostada em mim, cair no chão.

– Um de natal, né, amiga?! – Malu me beijou no rosto antes de sentar ao lado de Luiza. – Pra entrar no clima!

– É amanhã, gente! Tô muito ansiosa. – Lorena deu pulinhos de alegria. Essa era a época favorita do ano para ela.

– É amanhã. – Sorri, pensando sobre o quão incrível o natal desse ano seria.



– Laís, eu sei que você não gosta de peru, mas pelo amor de Deus, não deixa queimar! – Minha mãe gritou da cozinha, me fazendo cuspir metade da água que estava bebendo na sala, enquanto mexia no celular.

– Mãe! – Gargalhei. – Não fala essas coisas! – Corri para a cozinha, dando uma olhada no peru que estava assando no forno. – Ele nem tá no ponto ainda, relaxa dona Angélica. – Dei um beijinho em sua bochecha.

Já era fim da tarde e estávamos com quase tudo pronto para a ceia de natal. Passamos o dia inteiro cozinhando juntas, desde que acordamos. Era ótimo poder compartilhar esse tipo de coisa com mamãe novamente, principalmente agora que eu sabia o que estava acontecendo, diferente da Laís de treze anos de idade.

Após verificar o frango, peguei o celular novamente para enviar a mensagem que estava digitando antes de mamãe me chamar.

“É claro que não vai atrapalhar, muito pelo contrário! Aposto que mamãe vai adorar. Se vocês quiserem aparecer, vou ficar muito feliz. :)”

Estava ansiosa pela reunião que estava prestes a acontecer. Vovô e vovó estavam quase a caminho e Miguel também. Ele e mamãe acabaram virando “amigos”. Eu tinha plena noção de onde aquela amizade iria parar, mas acho que eles precisavam ir no tempo deles para assimilar tudo. E, bem, desde que dona Angélica esteja feliz, eu estou feliz. Sorte a minha que a felicidade dela no momento não implica na presença de Luiz.

Falando nele, nunca mais tive nenhuma notícia. O pior disso é saber que, uma hora ou outra, ele daria as caras. Duvido muito que Luiz desistiria fácil assim de mamãe. Mas, preferia torcer para que sim. Ele era uma pessoa diferente agora. Ou, pensando melhor, talvez eu só tenha começado a enxergar com clareza quem ele é.

A casa estava enfeitada dos pés à cabeça, como era costume quando mamãe se acidentou. Admito que em todos os natais que passei sem ela, ficava triste a maior parte do tempo porque era naquele dia que completava mais um ano de coma. Só que esse ano ela estava acordada e com saúde, logo, não havia espaço para esses pensamentos tristes que costumavam me acompanhar.

Por isso, decidi terminar os detalhes que faltavam. Enquanto Angélica terminava de fazer a ceia de natal, fui abrindo os armários da cozinha para procurar as louças especiais da casa. Acho que todo mundo tem esse tipo de coisa que só pode ser utilizada em ocasiões especiais. O nosso, era natalino. Os pratos continham desenhos de sinos e pinheiros, os garfos e facas tinham detalhes nas pontinhas para enfeitar, tudo seguindo o tema. Como se não bastasse, mamãe havia comprado guardanapos verdes e vermelhos para enfeitar mais ainda a mesa. Ela adora todo esse clima que o natal traz.

– Mãe, sabe onde tá a estrelinha da árvore? – Gritei para ela, enquanto analisava a ponta da árvore de natal, vazia, no meio da sala de estar. A árvore estava toda enfeitada, mas sem a estrela, que era um detalhe importantíssimo.

– Filha, eu procurei por todo canto e não achei, daí deixei sem.

– Mas não pode! Dá azar! – Resmunguei, ainda olhando indignada para a ponta da árvore. Eu lembrava daquela estrela, mas também não fazia ideia de onde ela poderia estar.

– De onde você tirou que dá azar, Laís? – Mamãe riu.

– Não sei, mas deve dar! É uma tradição. – Dei de ombros, tentando esquecer aquilo e focar em outra coisa. Fui para a cozinha e encostei na bancada, observando mamãe terminar seu arroz especial de natal. – O que falta fazer?

– Tenho tudo sob controle, só falta você ir se arrumar, tá igual um bichinho. – Ela tentou me insultar, mas acabou falhando na escolha de palavras. Franzi as sobrancelhas.

– Um bichinho?

– É, esquisitinha. Vai se arrumar logo! Ficar bonita! – Ela me empurrou com o quadril.

– Tá me chamando de feia, dona Angélica? – Impliquei, subindo as escadas.

– Claro que não! Só tem como ficar melhor.

48

gratidão

Eu estava sentada na sala, com Nina no colo, balançando os pés de ansiedade. Estava usando um vestido verde com detalhes vermelhos, especial para o dia de natal. Mamãe o comprou antes de se acidentar e eu não tive a oportunidade de usá-lo no natal de quatro anos atrás. Então, era importante para as duas que eu o vestisse hoje. Eu nem cheguei a crescer tanto de lá para cá, então o vestido estava cabendo quase perfeitamente.

Mamãe estava no segundo andar se arrumando e a ceia estava perfeitamente preparada e disposta na mesa de jantar. Eu estava apenas esperando os outros convidados chegarem para poder atacar as rabanadas e os petiscos. Aqui em casa nós tínhamos a tradição de ceiar apenas às meia-noite, então até lá eu teria que encher bastante minha barriga.

Quando a campainha tocou, fui correndo abrir a porta. Meus avós estavam sorridentes com uma caixa de presente nas mãos.

– Bença, Vô. – Beijei sua testa. – Bença, Vó. – Fiz o mesmo.

– Você vai adorar esse presente! – Vovô esticou a caixa para mim.

– Obrigada, vô! – Sorri, pegando o presente e sinalizando para que eles entrassem. Coloquei o presente embaixo da árvore de natal e sentei perto deles. Nina subiu no colo de vovó e começou a se esfregar em sua barriga. Os dois morriam de rir do arco de rena que eu havia comprado para enfeitar Nina. Ela até que estava gostando!

– Então, filha... – Dona Aurora puxou assunto. – Tem notícias de seu pai?

– Felizmente não. E espero continuar assim. – Abri um sorriso amarelo e vovô piscou para mim.

– Não fala assim. É natal! Tempo de perdoar. – Ela inclinou a cabeça para o lado, observando minha reação.

– Bom, vó, sinceramente? Eu até que sou uma pessoa bem inclinada a perdoar as pessoas e entender o erro delas, só que não dá para perdoar uma pessoa que não pede perdão. Se a própria não enxerga o erro, como *eu* vou desculpar o erro dela?

– É seu pai! – Ela insistiu.

– Já foi meu pai. Só que pai não abandona. – Suspirei. – Agora meu pai é outro e tá bem aqui na minha frente. – Apontei para Sr. Antônio, que sorria de orelha a orelha.

– Bom, quem sou eu para insistir, né? – Ela deu de ombros, desistindo. Acho que nem vovó colocava fé no filho. Quer dizer, ele não era de todo mal, mas era péssimo a maior parte do tempo. E com o passar dos anos, só desandou.

– Vocês já chegaram e Laís nem me chamou? – Mamãe desceu as escadas usando um vestido longo, vermelho com uns detalhes pratas. Ela estava *incrivelmente* bonita. Seu cabelo ruivo estava preso em um meio rabo de cavalo, com o resto solto e brincos prateados pendiam de suas orelhas. Tudo combinava absurdamente e ressaltava toda a energia de mulher chique que dona Angélica exalava. Eu fiquei boquiaberta.

– Nossa, você está linda! – Vovó se levantou para cumprimentá-la. Assim que se aproximaram, senti o perfume inconfundível de mamãe. Ela sempre teve um cheiro só dela, um cheiro de flores. E céus, só eu sei como senti falta daquele cheiro todos os dias nos últimos anos. Já me peguei indo em seu quarto algumas vezes, por mais doloroso que fosse, apenas para espirrar um pouco daquele perfume e matar a saudade.

– Bom, a família está completa, não? – Vovô perguntou, se levantando. – Vamos comer o rango?

– Na verdade, falta uns integrantes ainda! – Expliquei, vendo mamãe ficar vermelha de vergonha. – Lembra aquele meu amigo motorista? Ele vem.

– Hum... – Aurora olhou para minha mãe com os olhos semicerrados. – Já entendi tudo! Ele é um gatinho. – Bateu

pequenas palminhas, empolgada.

– Aurora, se comporte... – Sr. Antônio brincou. – Ele é muito novo para o seu bico.

– Eu só tenho olhos para você, meu velho. – Eles deram um selinho e eu sorri com aquele gesto de carinho. Era incrível ver o amor que os dois ainda desfrutavam depois de tantos anos juntos e que, provavelmente, iriam carregar consigo a vida inteira. Tem gente que dá sorte de encontrar a metade da laranja nessa vida. Mesmo sendo improvável, espero ter encontrado a minha.

Quando a campainha tocou novamente, mamãe logo se animou, mas eu corri para atender antes dela. Ao ver aquele ser humano pequenininho, no colo de Michelle, sorrindo em minha direção, senti uma felicidade enorme, como se estivesse morrendo de saudades. Abracei Michelle e, em seguida, peguei a neném no colo. Ela sorria para mim como se me reconhecesse. Mel estava notavelmente maior em apenas dois meses. Chamei as duas para entrar e notei o olhar curioso no rosto de mamãe, que as cumprimentou um pouco envergonhada.

– Mãe, essa é a Michelle. E essa coisa gostosa aqui é a minha irmã, Mel. – Percebi que o semblante de mamãe passou por um segundo de confusão, mas assim que entendeu o que estava acontecendo, sorriu. Eu admito que acabei ficando com um pouco de medo dela reagir super mal ao conhecer a mulher que ficou com seu marido esse tempo todo, mas pelo que eu contei desde que conheci minha madrastra, dona Angélica já tinha nutrido um certo carinho por ela.

– É um prazer! – Michelle esticou a mão em direção a mamãe, que ignorou e partiu para um abraço caloroso.

– O prazer é meu! Laís falou super bem de você. Sinta-se em casa, viu? – Ela se virou para Mel, em meu colo, e começou a fazer carinhos em suas bochechas enormes. – E você, coisinha linda da tia, pode brincar com o que quiser! – Ela estava fazendo aquela voz fina que usamos para falar com crianças ou animais. – Se eu soubesse que vocês viriam, teria comprado um presente de natal para ela, mas a Laís adora fazer uma surpresa, né? – Bateu de leve com o cotovelo no meu braço.

– Imagina, não precisa de nada não! – Ainda era possível notar a timidez na voz de Michelle que estava, aos poucos, tentando se sentir em casa, como mamãe disse.

Depois de um tempo de bate-papo entre todos presentes, Miguel também se juntou a nós. Eu me encontrava perfeitamente bem com aquela família reunida na minha sala de estar. Absolutamente todos ali eram pessoas que eu gostava demais e que dividiria tranquilamente parte da minha vida.

Mesmo que no começo eu tivesse certos receios em relação à minha madrasta, com o tempo ela tinha se mostrado uma belíssima companheira e amiga. Michelle sabia ouvir e aconselhar e em momento algum me tratou mal, muito pelo contrário. Esse tempo todo ela tem sido extremamente atenciosa e prestativa e nós até que começamos a conversar bastante desde aquele jantar.

Sobre Miguel, eu tinha certeza de que era um homem incrível e, de longe, um ótimo companheiro. Eu torcia com todas as forças para que ele e dona Angélica dessem certo e encontrassem o amor um no outro. Na minha visão, eles pareciam estar buscando.

Meus avós me traziam apenas sensações gostosas. Desde pequena era muito apegada a eles, principalmente, a Sr. Antônio. Aquele homem me cativou de uma forma que nenhum outro conseguiu. Era uma das pessoas que mais me inspiravam e onde, muitas vezes, eu encontrei forças quando precisei. Eu jamais conseguiria expressar em palavras a gratidão e amor que sentia por eles e pelo tanto que me cuidaram quando eu estava só.

E bom, já gastei todas as palavras existentes para descrever o quanto Angélica Monteiro é importante. Sem ela, eu jamais seria o que sou. Jamais teria a força que tenho. Jamais amaria da forma que amo. Ela me ensinou o significado de todas as coisas bonitas do mundo e me mostrou cada uma delas. Ela era responsável por todas as partes boas de mim. Por tudo que eu mais me orgulho em ser. A vida inteira, foi principalmente nela que me espelhei. Ela era a pessoa que eu observava e queria ser. O ser mais lindo que já passou pela minha vida. A mulher

mais admirável que eu já conheci. Seria sorte minha ser metade do que ela é.

E bem, tem Nina. Minha companheira para todas as horas, que não fala minha língua, mas me entende dos pés à cabeça. Que me acompanhou nas piores e melhores horas. Eu amava aquela gata com tudo de mim. Não fui eu que a escolhi quando cheguei em casa com um gatinho na mochila e tive que mentir para minha mãe, foi ela quem me escolheu. Desde sempre.

E bem, natal também é momento de gratidão. E esse, especificamente, era um sentimento que nunca gritou tão forte em mim quanto agora. Eu me sentia incrivelmente grata por tudo o que estava vivendo agora. Por todo o carinho que recebia e podia dar. Por ser capaz de experienciar a felicidade, a união e o amor em sua forma mais bonita.

A gratidão agora era uma parte enorme de mim. Uma parte brilhante e gostosa de se sentir.

49

companhia favorita

Faltava um dia para o ano acabar. O ano do qual, ao mesmo tempo que me encheu de confusões e angústias, também me presenteou com sentimentos especiais demais para serem descrevidos. O ano em que eu cresci e aprendi a ser alguém melhor. Que eu me conheci e comecei a me entender mais do que nunca. O ano em que eu comecei a me tornar alguém que eu verdadeiramente admirava.

E céus, nunca acordei tão feliz. Eu estava incrivelmente ansiosa para isso. E bem, ainda tinha o detalhe de Thaila Fontana ter me perturbado, todos os dias da semana, dizendo que tinha uma surpresa para mim. Eu odeio surpresas, mas ela ama fazê-las. E é lógico que eu não vou reclamar. Para falar a verdade, acho que até já me acostumei com isso e, quem sabe, comecei a gostar dessa curiosidade e desse friozinho na barriga para descobrir o que me aguarda. Mais uma coisa que Thaila me ensinou a gostar, dentro de uma lista enorme.

Ela está se cuidando. Frequentando grupos de apoio e sendo supervisionada pelo seu avô e pelas amigas, que vinham visitar todo final de semana desde o ocorrido. Diana e Mikaella já estavam se tornando parte do nosso grupo, que não parava de crescer. E felizmente, demos a sorte de só ter pessoas incríveis por perto. Todas as meninas são maravilhosas e a cada dia que se passava, elas se tornavam ainda mais especiais para mim.

Mamãe também adora cada uma. Umas mais do que outras, lógico. Maria Luiza sempre será sua preferida e isso não tem discussão. Ela e Miguel estão cada vez mais próximos e, cá entre nós, fico torcendo para dar tudo certo, os dois são uns

fofos. Já Luiz, acabou sumindo do mapa mesmo. Acho que na falta de abrigo familiar, ele acabou recorrendo para um amigo e só Deus sabe o que aconteceu. Nem vovó tem tido notícias, o que acaba fazendo com que ela fique preocupada com o filho, apesar de tudo. Mãe é mãe.

Esse ano novo iria acontecer de uma forma diferente e um tanto especial. Mamãe me liberou para comemorar sem ela, já que planejava passar a virada com o novo “amigo”, então, eu e as meninas organizamos uma virada de ano só nossa... E a nossa cara.

Óbvio que teria a clássica festa de ano novo na casa de Alice, mas nós já estávamos mais do que enjoadas de ir sempre no mesmo lugar, então decidimos tomar nosso próprio rumo... E tenho que admitir, tudo ideia de Thaila. Mas ela insistia em dizer que antes da virada, teria a tal surpresa e eu estava me mordendo de nervoso para que o tempo passasse logo.

Ainda era de manhã e eu estava enrolando para levantar da cama. Nina cochilava ao meu lado, toda esparramada na cama, com as pernas para o alto. Beije sua barriga e ela apenas soltou um “miau”, resmungando em resposta, mas voltou a dormir logo em seguida.

Levantei da cama e me olhei no espelho, animada para começar o dia. Desci as escadas correndo e senti o cheirinho bom do café que dona Angélica estava preparando. Corri em sua direção e a apertei em um abraço.

– Bom dia, bonita! – Ela disse, em meio a risadas. – Acordou animada?

– Muito! – Dei um beijo em sua bochecha e sentei na bancada, observando-a preparar sanduíches. – Quer ajuda?

– Não precisa, filha. – Ela passava a manteiga cuidadosamente nos pães, para esquentá-los na chapa, ao mesmo tempo que cuidava dos ovos mexidos no fogo. Aquele sim era o significado de multitarefas. Minha mãe era quase uma super heroína. – Já sabe o que vai fazer hoje, na virada?

– Já sim! Praia com as meninas. – Olhei para os meus pés balançando, pendurados na bancada. Eu estava super inquieta. – E você e Miguelzinho, vão fazer o quê?

– Ele me convidou para ir até a casa dele, que é um apartamento no décimo andar, então vai dar para ver a queima de fogos. – Ela deu de ombros, fingindo indiferença, só que eu conheço mamãe o suficiente para perceber que ela estava tão ansiosa quanto eu.

– Ui, vai na casa dele? – Brinquei. – Estão a um passo de namorar.

– Então você já tá casada, né?

– Nada disso. Eu não tenho nada. Estou solteira. – Atropelei as palavras. Eu sempre entrava em desespero quando entravam nesse assunto, porque eu e Thaila nunca conversamos sobre e eu não fazia ideia se ela tinha vontade de ter algo mais sério comigo, por isso, preferia evitar qualquer expectativa.

– Você é uma boba. – Mamãe terminou de montar os pães e montou a mesa, enquanto eu colocava nossos cafés. – Você tome cuidado na praia, viu mocinha? Tenta não ficar bêbada, vai estar muito cheio.

– Não vamos para a praia do centro não... É uma mais distante. E deserta.

– Hum, depois me manda o endereço. Sendo assim, fico mais tranquila. Em você eu confio...

– Só não confia nos outros! – Completei, sorrindo. – Eu sei, mãe. Pode ficar sossegada, nem esquenta a cabeça. Foca em aproveitar seu namorado.

– Laís Monteiro! – Ela apontou o dedo indicador em minha direção. – Retira o que você disse.

– O que eu disse? – Lancei meu melhor olhar de cínica para ela.

– Que Miguel é meu namorado.

– Você quem está dizendo. – Levantei as mãos em rendição, caindo na gargalhada logo em seguida. Em retribuição, levei um belo tapa na cabeça. – Ai!

– Pra você aprender a respeitar os mais velhos, danada! – Mamãe me deu língua, voltando a comer seu pão com ovo. Ligamos a televisão para nos distrair e, depois disso, passamos a manhã inteira faxinando a casa. Era ótimo ter companhia para isso.



– Amiga, pelo amor, eu não sei que roupa vestir. – Por incrível que pareça, Malu estava aos prantos no telefone.

– Como assim você não sabe o que vestir?

– É que... Eu tô nervosa. Ela vai tá lá. – Explicou, meio sem graça.

– Maria Luiza Passos, eu não acredito que você perdeu seu senso de moda por causa de mulher! – Me joguei na cama morrendo de rir.

– Para de rir! – Choramingou. – Tô indo aí. – E desligou na minha cara. Suspirei antes de levantar e voltar a encarar o vestido branco pendurado em um cabide no meu quarto. Estava em dúvida se aquela era a melhor escolha, afinal, eu queria paz, mas queria também várias outras coisas. E sim, eu levo a sério essas tradições de ano novo.

– Você precisa me ajudar. – Malu entrou no quarto com voz de choro.

– Chegou rápido... – Comentei, puxando-a para perto e abraçando. – Tá de TPM?

– Sim! – Seu choro piorou.

– Ok. Vamos resolver seu problema, mas antes, toma aqui. – Abri a primeira gaveta da cômoda e peguei um chocolatinho, jogando em sua direção. Malu abriu um sorriso largo na hora, mudando de humor instantaneamente. – Abre meu guarda roupa e vê se acha algo legal.

– Ai. Meu. Deus. – Malu deu um gritinho histérico assim que bateu os olhos no vestido branco pendurado. Ela virou para mim com olhinhos de cachorro pidão e eu não me aguentei, apesar de querer muito usar aquele vestido. Balancei a cabeça positivamente, rindo.

– Vai lá experimentar. – Malu abraçou o vestido e foi correndo para o banheiro. Enquanto isso, voltei a procurar outra coisa legal dentro do armário. Encontrei um vestido vermelho, de alças finas e decote, que desenhava o corpo e possuía uma fenda na perna direita, se estendendo até pouco acima do joelho. Pela última vez

que usei, lembro que tinha ficado bem bonito. Estava ansiosa para experimentá-lo. Vermelho até que era uma boa pedida.

– Eu tô sensacional! Esse é o vestido perfeito! – Malu saiu do banheiro quase saltitante e me deixou boquiaberta. O vestido tinha combinado perfeitamente com ela.

– É, amiga. Esse vestido foi feito pra você, tá incrível! – Fiquei empolgada. – Vai querer fazer o cabelo?

– Óbvio. E você também!

Começamos a nos arrumar algumas horas antes do planejado com as meninas. Fizemos as unhas, maquiagem e alguns cachos modelados no cabelo. Depois de algumas horas de beleza, eu me sentia *linda* e Malu estava *perfeita*.

Nos encaramos, orgulhosas do nosso trabalho, e batemos um hi-five no ar. Hoje, eu não estava de brilho labial. Arrisquei passar um batom vermelho e, mesmo não sendo a minha praia, achei adequado para a ocasião, sem contar que estava super combinando com o vestido. Me deixou um pouco mais... *Marcante*, eu diria.

Descemos para esperar nossas respectivas caronas. Malu, esperava Andressa e Lorena, que já estavam amigas e iam juntas. As outras meninas estavam organizadas em grupos para ir à praia de carro. Como era um grupo considerável de pessoas, apenas um carro não seria suficiente. E bem, eu estava esperando Thaila, morrendo de ansiedade para a tal surpresa que me aguardava antes de partir para a comemoração. Não conseguia imaginar o que poderia ser e também não sabia o que esperar. Ela só estava voltando ao normal comigo agora e eu ainda estava meio insegura em relação a nós. Tudo ainda me parecia novo demais, apesar de já estar quase certa dos *meus* sentimentos.

Após Malu encontrar as meninas e nos despedirmos, fiquei na sala trocando os canais da televisão, em um sinal de ansiedade. Mamãe já não estava mais em casa para me fazer companhia, apenas Nina me encarava com um olhar de julgamento, deitada ao meu lado no sofá.

– Para com isso, filha... Não me julga. – Pulei com o barulho da campainha. – Beijos, se cuida! Se alimenta. Se os fogos te

assustarem, me liga. – Dei um beijo na cabeça de Nina, que me seguiu com os olhos até a porta de casa.

– Boa noite, madame. – Thaila brincou, me olhando de cima a baixo. Aquele ato ainda me deixava completamente sem graça. – A cada dia que passa eu fico mais sem palavras pra te elogiar, sério. – Ela sorriu, me puxando para um selinho.

– Eu não tenho palavras pra te elogiar desde o primeiro dia que te vi, fazer o que? – Balancei os ombros, brincando.

– É, eu sou linda mesmo. – Mexeu no cabelo, fazendo pose. Dei um empurrão de leve em seu ombro e recebi uma risada absurdamente gostosa, com direito a olhinhos fechados e tudo. Fui levada até o carro, e como já era rotina, Thaila abriu a porta para que eu entrasse.

– Hoje você vai me contar aonde vamos? – Tentei, já sabendo a resposta.

– Mas é claro que não. – Ela me olhou, sorrindo, antes de acelerar.

Observei a cena da vez. Como sempre, Thaila Fontana estava atraente de uma forma inacreditável, enquanto dirigia. Sua blusa branca estava abotoada até a metade e a calça creme combinava absurdamente com ela. Tinha também os pequenos detalhes, como o relógio prata no pulso e a correntinha no pescoço. Tudo isso, somando à sua beleza natural e todos os detalhes próprios, formava um conjunto de cair o queixo. E eu, ficava exatamente dessa forma todas as vezes. Sem falta, para não perder o costume.

Desviei o olhar para ela não perceber minha reação e me deixar sem graça, como sempre. Ainda não sabia lidar com isso. Me sentia uma boba em relação a todos os efeitos que aquela mulher causava em mim e, mesmo sendo uma sensação gostosa, eu ainda não tinha aprendido a assumir isso sem relutar.

Estávamos seguindo um caminho que eu já conhecia, mas não conseguia me recordar exatamente onde dava. Eu estava morrendo de ansiedade. Quando Thaila estacionou o carro, abriu um sorriso enorme. O letreiro escrito “Parada da Batata” estava cheio de pisca-piscas, reluzindo bem mais do que o normal.

Tinha toda uma elaboração no ambiente, natalina e romântica, ao mesmo tempo.

– Gostou? – Thaila perguntou ao abrir a porta e me dar a mão.

– Muito.

– Calma que tem mais. – Fomos andando até a entrada e, assim que ela abriu a porta, percebi que tudo estava diferente. A luz do ambiente estava bem fraca e, no meio, havia uma única mesa com uma toalha branca e algumas velas. Na decoração, tinha pisca-piscas brancos por todo o ambiente, mas não em excesso. O Jukebox estava mais perto da mesa, com um jazz em som ambiente, e bem, seu Tadeu estava aguardando ao lado do balcão, vestindo um smoking preto e branco. Tudo ali gritava *classe*. Meu sorriso não diminuía, eu estava quase transbordando felicidade.

Assim que sentamos, Sr. Tadeu veio nos atender, feliz da vida.

– Boa noite, senhoritas! – Ele fingia formalidade. – Em que posso ajudar?

– Vou querer o seu melhor vinho, por favor! – Thaila se manteve no personagem, agindo assim como ele. Eu, por minha vez, segurava o risinho, achando aquilo tudo extremamente fofo.

– Estava com saudades! – Não resisti e disse para ele, que sorriu de orelha a orelha e buscou minha mão para dar um beijo.

– Eu também, Laís. Eu também! – Sorriu. – Vou lá dentro preparar a refeição de vocês e dar um momento de privacidade. – E se retirou.

– Há quanto tempo você está planejando isso? – Perguntei, indignada. Thaila olhava para mim um tanto diferente, ela estava com um sorriso bobo no rosto e seus olhos brilhavam.

– Desde que eu voltei. – Deu de ombros, bebericando a água que estava na mesa.

– Por isso você tava estranha? – Estreitei os olhos em sua direção, ligando os pontos.

– Talvez... Não é que eu estava estranha, é que eu tive que fazer umas ligações para conseguir convencer o bonito de reservar o restaurante para nós. E tive que comprar umas coisinhas especiais. E fazer umas mudanças. Enfim, tive que resolver bastante coisa.

– E por que você quis fazer isso? Estamos em uma data especial e eu não sei? – Soltei uma risada. – Só você, viu?!

– Bom, depois você vai descobrir. – Ela ainda me encarava com o tal sorriso bobo.

– Para de me olhar assim, tô ficando com vergonha! – Gargalhei, tapando o rosto com as mãos. Senti Thaila colocando as mãos nas minhas e tirando-as de onde estavam.

– Assim fica melhor. – Ela continuava sorrindo.

A verdade é que as duas estavam como bobas e agora a gente não tentava mais esconder. O conforto que uma causava na outra estava cada vez maior, mas o nervosismo continuava presente. Acho que era isso que mantinha as coisas tão empolgantes.

– Aqui está o prato de vocês! – Sr. Tadeu chegou, dispondo dois pratos de macarrão ao molho branco na mesa. – E aqui o vinho! – Ele nos entregou duas taças, enchendo cada uma delas.

– Muito obrigada! – Agradecemos, sorridentes.

– Antes de me retirar, gostaria de dizer que fico muito feliz pelo casal. Como eu disse, o amor se conquista pela boca! Me sinto honrado por ter recebido vocês em seu primeiro encontro. Sabe, eu e minha querida Clarice, Deus a tenha, nos conquistamos dessa exata forma. Com essa exata cumplicidade. – Ele dizia devagar, com a mão no peito.

– Desculpa, qual o nome da sua esposa? – Perguntei, intrigada com aquela coincidência.

– Clarice. – Ele abriu um sorriso doce.

– Você tem alguma foto dela? – Perguntei, sem querer parecer enxerida. A chance de ser mera coincidência era enorme, afinal, sua esposa era falecida, mas algo me dizia para perguntar. Thaila me observava confusa do outro lado da mesa.

– Claro! – Retirou uma carteira do bolso, pegando uma foto 3x4 de lá. Eu entrei em choque quando bati os olhos e percebi que a mulher da foto tinha exatamente as mesmas características de Clarice, a senhorinha do ônibus que me disse todas aquelas coisas há meses atrás. Meus olhos se encheram de lágrimas e um arrepio percorreu a minha coluna. Era como se ela estivesse presente.

– Há quanto tempo ela faleceu? – Perguntei, deixando uma lágrima escorrer, enquanto segurava a fotografia em minhas mãos.

– Fez quatro anos na véspera do natal. – Ele sorriu meio sem graça. Eu estava completamente sem chão com aquelas novas informações. Foi exatamente no mesmo dia em que mamãe se acidentou e entrou em coma.

– Você tá bem, vida? Tá pálida. – Thaila segurou minha mão, pelo outro lado da mesa.

– Por acaso, ela tem alguma irmã gêmea ou algo assim? – Mesmo que não faça sentido elas terem o mesmo nome, eu precisava de uma explicação.

– Não, filha. Minha Clarice é filha única. Por que as perguntas?

– Acho que a conheci. – Suspirei, tentando voltar ao normal.

– Jura? – Tadeu se animou.

– Esse ano. – Completei.

– Ah! Ela é assim mesmo. Às vezes eu a vejo também. – Ele deu de ombros, tranquilo. Thaila olhava estranho para aquela situação. – Minha esposa sempre foi uma pessoa muito sensível. Acho que ela é especial, sabe? Nunca vi uma pessoa tão pura como ela. Deve estar zelando por você. – O arrepio na espinha voltou, mas dessa vez limpei as lágrimas.

– Posso te dar um abraço? – Já estava me levantando. Tadeu concordou e abriu os braços, me acolhendo. Por uns segundos, me senti em paz ali. Meu carinho por ele tinha aumentado absurdamente.

– Bom, foi muito bom saber disso, mocinha. – Ele sorriu, me observando com uma pitada de admiração. – Vou deixar as pombinhas em paz agora.

Quando ele saiu, Thaila não questionou nada. Ela apenas me observava, um tanto preocupada e um tanto orgulhosa. Não sabia ao certo o motivo. Eu ainda estava sem acreditar no que tinha acabado de acontecer. Tudo aquilo estava meio confuso na minha cabeça, considerando que não acredito muito em coisas sobrenaturais. Mas bem, maluca era certo que eu não estava.

Realmente tinha visto aquela mulher e ela tinha me feito revelações que aconteceram e ainda estão acontecendo.

– Você não tem ideia do quanto ele fala dessa mulher, você teve sorte de encontrar com ela. – Ela apenas comentou. – Vamos jantar?

Eu estava realmente faminta, então nem relutei. Começamos a comer e Thaila me zoou inúmeras vezes por ser péssima comendo macarrão. Sei que não é uma tarefa muito complicada, mas o meu sempre caía do garfo ou ficava pendurado na boca, enquanto ela comia com toda classe do mundo. Bom, essa mulher não consegue ficar feia nunca e eu já aceitei isso, mas era impossível não se indignar.

– Já vamos até a praia? – Perguntei assim que acabamos de comer.

– Tá ansiosa? – Ela riu. – Calma, falta uma coisa.

– O quê? – Fiquei um pouco confusa.

– Você é minha companhia favorita, sabia?

– Mais do que Ester? – Brinquei.

– Mais do que Teté. – Ela riu, balançando a cabeça. Parecia um pouco nervosa. – E sabe, você me tornou uma pessoa melhor. Nunca que eu ia pensar em me envolver com alguém antes, só que tem algo diferente que me deixou maluca assim que bati os olhos em você. E sei lá, eu nunca acreditei nessas coisas de amor à primeira vista, mas parece a única explicação. – *Amor* . Meu coração acelerou assim que ela soltou aquela palavra. – Porque naquele exato momento eu tive certeza de que precisava lutar por você, precisava te conquistar. – Eu prestava toda atenção do mundo em cada palavra que saía de sua boca. – E aqui estamos nós. Se eu aguentei passar pelo que eu passei, Laís, foi porque eu sabia que você estava aqui. Se eu tô tentando melhorar, é porque eu sei que a gente ainda tem muito pela frente. E eu sei que é errado se agarrar aos outros, mas você me mostra as coisas com outros olhos e me faz querer estar aqui pra enxergar tudo e conhecer mais. Eu amo tanto cada detalhe do que nós temos, que até as coisas que não gosto se tornam bonitas ao passar por você. Agora, por exemplo, eu adoro borboletas. Ainda tenho medo, mas sempre que vejo uma me

vem aquela sua declaração boba na cabeça e me faz feliz. Eu detesto chocolate, mas comeria o seu bolo de chocolate todos os dias da minha vida. – Eu já tinha perdido as contas de quantas lágrimas haviam escapulado. – E eu não queria perder mais tempo sem ser sua. Eu dei o tempo que você precisava e esperei o tempo que você pediu, mas acho que agora a gente não precisa mais disso, né? Eu sei o que eu sinto por você e sei que você também sabe o que sente por mim, a gente só tem medo demais de colocar pra fora. – Ela sorriu e me fez sorrir junto. Não que eu já não estivesse sorrindo que nem boba antes, mas com certeza estava sorrindo *mais* junto com ela. – E bom, eu sou corajosa à beça, então eu tomei coragem e decidi colocar pra fora. – Ela colocou uma mão no bolso da calça, fazendo uma careta, enquanto estendia a outra pedindo para que eu esperasse. Eu não estava acreditando em nada daquilo. Céus, o que eu fiz para merecer essa mulher? – Laís Monteiro... – Ela estendeu uma caixinha preta por cima da mesa. – Eu sou completamente apaixonada por você desde a primeira vez em que te vi. Eu sou completamente apaixonada por tudo o que você me faz sentir e me faz querer ser. Eu sou apaixonada por todos os seus detalhes, manias, jeitos e falhas. Tudo em você me faz transbordar a cada segundo do dia, sem exceção. – Ela abriu a caixinha, revelando um anel prata e fino, com uma pedrinha pequena em cima.

– Thaila Fontana, você não vai fazer isso, vai? – Coloquei a mão na boca, com um sorriso gigantesco.

– *Você aceita ser minha namorada?*

50

mutação

– Olha isso! – Saí mostrando minha mão, agora muito mais bonita com a aliança de namoro, para todas as meninas assim que chegamos na praia.

– Eu já sabia! – Ester se gabou, rindo.

– Eu também! – Malu segurava minha mão e analisava o anel.

– Pera, todo mundo sabia? – Raissa ficou incrédula, olhando para as meninas. Todas concordaram, inclusive Diana, Mika, Andressa e... Julia? – E por que eu não fiquei sabendo? – Ela se mostrava totalmente afetada.

– Porque você é muito fofoqueira, amiga. – Luiza colocou a mão em seu ombro, consolando-a. – Ia acabar soltando pra Laís.

– Pois saibam vocês que eu tô extremamente chateada! – Rai apontou o dedo indicador na direção de cada uma e todas estavam segurando a risada. – Eu vou até sair de perto para não me estressar. – Ela deu alguns passos, mas voltou como se tivesse esquecido algo, pegou Diana pela mão e voltou a se distanciar. Todas nós acabamos nos entreolhando, antes de cair na risada.

– Vocês viram o mesmo que eu? – Thaila perguntou, ainda rindo.

– Minha amiga roubando sua amiga? Vi sim.

– Vocês não viram nem metade ainda! – Mikaella acrescentou.

– Essas duas se falam o tempo todo. Não aguento mais dividir quarto com a Diana. – Ela revirou os olhos.

– Gente, mas a Rai não era...? – Andressa ia perguntar, mas a interrompemos.

– Hétero. – Foi praticamente um coro.

– Aparentemente não, né? – Malu riu. – Tava na hora dela descobrir já. Demorou tanto! Eu tava aqui esperando.

Percebi que Julia ainda estava meio tímida e ao observá-la ao lado de Ester saquei de leve o que estava acontecendo.

– Ok, agora alguém pode me explicar...? – Apontei para as duas. Thaila apertou minha mão, chamando atenção. – Que foi? Só tô curiosa!

– A gente meio que... – Julia coçou a cabeça, completamente sem graça.

– Estamos juntas, amiga. – Ester soltou. – E estamos gostando uma da outra também. – Ela deu de ombros. Todas as meninas olharam com os olhos arregalados. – Pronto, gente, falei.

– Pera, você tá gostando de mim? – Julia não conseguia esconder a empolgação.

– Sim, você não? – Ester arregalou os olhos. – Vem cá! – E levou Julia para longe também.

– Gente, eu nunca vi essa rodinha tão cheia de casal. – Luiza comentou. – Logo agora que eu tô sem.

– Eu também, fica tranquila! – Mikaella riu.

– Bom, eu também tô, amiga. – Lorena surgiu do nada, abraçando Luiza. – Vamos segurar vela juntas!

– Longe de mim. – Thaila sussurrou no meu ouvido. Dei uma empurrada de leve nela, contendo o riso.

– Para de ser boba. – Revirei os olhos. – Ela quer ser sua amiga!

– Sei... – Debochou.

– Gente! Faltam dez minutos! – Raissa gritou, balançando os braços no alto. Ela estava nos chamando para ficar na beira da água.

Naquela praia, nós éramos o único grupo de pessoas presente, provavelmente porque ninguém conhecia aquele lado. E eu esperava que continuasse assim, sendo nosso lugarzinho particular. Eu estava feliz demais por poder passar a virada do ano com minhas meninas, não poderia pedir nada melhor que isso.

Corremos todas para perto de Raissa e Diana, sentando em uma rodinha.

– Esse ano até que foi bom, né? – Malu comentou.

– Tirando o estresse do vestibular, foi ótimo pra mim. Só conheci gente foda. – Luiza deu um gole na cerveja que estava segurando. Estendi a mão para ela, pedindo um pouco.

– Bom, pra mim, sem dúvidas acabou sendo o melhor dos últimos anos. Começou péssimo e terminou maravilhoso. – Agora foi minha vez de beber a cerveja.

– Vamos brindar? – Ester sugeriu.

– Pera, pera! Tenho que pegar minha bebida. – Raissa levantou correndo e foi em direção ao isopor que estava perto das nossas coisas.

– Eu também! – Levantei, entregando a cerveja de Luiza. No mesmo instante, metade das meninas pediu para que pegássemos algo para elas também, o que resultou em Raissa e eu voltando para a rodinha cheias de garrafas de cerveja na mão e distribuindo para todas as meninas.

– Gente, espera que só falta dois minutos. Na virada a gente bebe! – Lorena estava verificando as horas em seu relógio de pulso.

– Na virada eu quero beijar! – Malu fez pirraça.

– A gente vai fazendo o brinde logo e aí quando der meia-noite brinda e beija, que tal? – Ju sugeriu.

– Vamos! – Andressa levantou, levando todas a fazerem o mesmo. – Um brinde ao campeonato que meu time venceu. – Ela implicou, e Ester a respondeu dando o dedo do meio.

– Um brinde a todas as pessoas incríveis que a gente conheceu! – Diana se pronunciou.

– Um brinde às nossas futuras carreiras. – Luiza ergueu sua garrafa de cerveja.

– Um brinde às descobertas! – Raissa sorriu, encarando Diana.

– Um brinde a amizades verdadeiras, novas e antigas! – Mikaella sugeriu.

– Um brinde aos amores improváveis. – Julia e Ester deram um selinho.

– Ei! O beijo é só meia-noite! – Malu implicou.
– Um brinde a amores bem prováveis, dos quais as pessoas demoram a se dar conta. – Thaila brincou.
– Dez segundos! – Lorena dava pulinhos.
– Vai Lalis, falta você! – Malu tentava me incentivar, enquanto eu fazia careta, pensando em algo legal para dizer.
– Cinco... Quatro... Três... Dois... – Todas gritavam em coro.
– Um brinde às borboletas! – Erguemos nossas garrafas no ar, gritando em conjunto. Assim que todas fizeram tim-tim, virei para Thaila Fontana, incrivelmente linda, como sempre. Bem ali na minha frente. E agora, minha *namorada*. Nos beijamos como se os fogos de artifício que explodiam no céu, fizessem parte de nós. Como se tudo o que estivesse acontecendo, fosse parte do nosso infinito particular. Eu me sentia assim com ela: *infinita*.

Quando nos desgrudamos, percebi que todas as meninas estavam imersas em seus mundinhos. Vendo todas elas ali, incrivelmente felizes, eu fui tomada por uma onda de felicidade.

– Ei, bonita. – Thaila me abraçou pela cintura. – Quer dar um mergulho? – Olhei para ela e balancei a cabeça positivamente. Thaila começou a desabotoar sua roupa e me ajudou a descer o fecho do vestido. Quando as meninas viram o que estávamos prestes a fazer, começaram a fazer o mesmo. Apenas algumas foram espertas o suficiente para ir de biquini, eu não fui uma delas.

Assim que terminei de tirar a roupa, senti Thaila me pegando no colo e correndo em direção ao mar. Comecei a gritar, tentando me desprender em meio a gargalhadas. As meninas se entreolharam e, sem pensar duas vezes, todas pegaram suas respectivas quase-namoradas e correram em direção à água. Luiza, Mika e Lorena foram correndo de mãos dadas.

– Tá gelada demais! – Malu dava gritinhos histéricos, jogando água em Andressa. – Sua boba!

Eu, que já estava encharcada e acostuma com essas bobearias da minha *namorada*, apenas me entreguei à água gelada e abracei forte. Thaila ajeitou meu cabelo molhado, colocando-o atrás da orelha. Estávamos com os olhos colados, vidradas em

observar os detalhes uma da outra, com a luz da lua refletindo no mar e em nós.

– Obrigada. – Ela encostou a testa na minha, fechando os olhos.

– Pelo quê? – Continuei observando suas reações. Thaila passou os braços ao meu redor.

– Por ser tudo o que você é. – Ela aproximou a boca da minha, deixando um selinho.

– Obrigada você.

– Pelo quê? – Agora foi sua vez de perguntar.

– Por fazer com que eu me sinta mais *viva*.



– Eu juro que minha mãe só chega de tarde. – Eu sussurrava para Thaila, enquanto subíamos a escada de casa. As duas riam de absolutamente nada. O efeito da bebida já tinha batido a essa hora da madrugada.

– Láis, eu não vou saber lidar com sua mãe vendo nós duas dormindo juntas. – Ela insistia, ainda rindo.

– Ela não vai! E se ver também não tem problema.

– Eu não quero que ela me odeie! – Ela sussurrou um pouco mais alto.

– Thaila Fontana, quieta. – Apontei o dedo em seu nariz, apertando em seguida. Thaila fez um sinal como se estivesse fechando um zíper na boca. Puxei-a pela mão escada acima e entramos no quarto. Assim que a porta se fechou atrás dela, puxei-a pela cintura e encostei nossas bocas. Minha mão passava por seu pescoço, com o corte de cabelo recém feito. Thaila terminou o beijo mordendo de leve meu lábio inferior. – Eu tô com saudade, sabia? – Brinquei com a gola de sua blusa.

– É? Saudade de quê? – Nossos rostos estavam grudados e ela olhava dentro dos meus olhos.

– De você. – Passei o dedo indicador pela parte à mostra.

– Eu tô aqui. – Ela sorriu de forma cínica. Que saudade que eu tava daquele sorriso.

– Você entendeu. – Bufei, fingindo pirraça. Saí de perto dela e me joguei de bruços na cama. Senti o peso de Thaila por cima de mim, sua respiração quente em meu pescoço, passando o cabelo para o lado.

– Entendi sim. – Ela sussurrou em meu ouvido, antes de descer o zíper do vestido, deixando minhas costas à mostra. Respirei fundo com aquele gesto. Meu corpo se arrepiou inteiro assim que senti sua boca encostar em meu pescoço, deixando um beijo. Minha respiração já estava descompensada quando senti suas mãos descendo até minha cintura e me virando em sua direção, de leve.

Nossos olhos se encontraram e em poucos segundos nossas bocas fizeram o mesmo. A sensação do mar balançando ainda estava presente e nossos corpos seguiam esse ritmo, grudados. Minhas pernas se encontravam entre as dela, fazendo com que sua respiração perdesse o ritmo em meio aos beijos.

Nenhuma sensação era tão boa quanto as mãos terrivelmente hidratadas de Thaila Fontana passeando por mim. Primeiro, ela retirou a alça do vestido dos meus braços, abaixando-as lentamente enquanto deixava beijos pelo meu pescoço. Quando suas mãos foram parar na barra do vestido, ela olhou dentro dos meus olhos como se precisasse de permissão. Assenti, antes de ir de encontro a sua boca. Não fazia ideia de como consegui aguentar tanto tempo longe disso. Ela tirou o vestido do meu corpo, dessa vez não tão lentamente, e voltou a ficar por cima de mim.

– Acho que tô em desvantagem... – Mordi o lábio, trocando nossas posições. Quando sentei no colo de Thaila, passei a desabotoar devagar sua blusa. Ela estava deitada, observando tudo o que eu fazia com cautela. Sua boca, semiaberta, precisando se concentrar para o simples ato de suspirar. Assim que terminei de abrir todos os botões, passei a beijá-la devagar. Meu corpo se mexia involuntariamente, rebolando de leve em seu colo. Desci e passei a deixar beijos em seu ombro, enquanto minha mão passeava pela cintura, tirando sua calça devagar.

Eu me sentia tão viva quanto da primeira vez, quem sabe mais.

Meu coração acelerava a cada toque dela. Nesse mesmo ritmo, fui deixando beijos em todo seu corpo. Cada parte de sua pele era incrivelmente macia. Thaila suspirava mais conforme eu me aproximava de seu quadril. Nossos corpos esquentavam mais conforme eu me aproximava de sua coxa. Eu esquentava mais conforme me aproximava de sua calcinha. Os beijos, continuavam sendo deixados, mas ao sentir as malditas mãos hidratadas de Thaila Fontana segurando meu cabelo, não consegui esperar. Foi arrebatadora a sensação de experimentar seu gosto. Minha língua brincava, em uma mistura de alvoroço e calma, sentindo cada parte dela. Sua respiração pesava ao mesmo tempo que suas mãos puxavam meu cabelo. Sua boca se abria em um gemido, alternando com algumas mordidas nos lábios para segurar o reflexo. Aquela era, sem dúvida alguma, uma das cenas mais bonitas que eu tive a sorte de presenciar.

Thaila me puxou para si, passando o polegar de leve no canto da minha boca e abrindo um sorriso de lado, enquanto sentava em meu colo, antes de me beijar. Nossas línguas se encontraram, ambas pegando fogo. Era possível sentir seu gosto invadir nosso beijo e aquilo me fez sorrir.

Seus dedos brincavam por cima do meu sutiã, fazendo com que eu desse leves mordidas em seu lábio. Ela sabia exatamente o efeito que causava em mim. Seu dedo escorregou por dentro do tecido, o toque mais gelado do que antes, deixando meu corpo inteiro arrepiar. Nossos lábios continuavam colados e sua mão descia devagar. Ela brincava, traçando caminhos por minha barriga. Enquanto uma mão se mantinha dentro do sutiã, a outra fez questão de entrar lentamente em minha calcinha. Seu toque gelado fez com que eu suspirasse e ela abriu um sorriso com minha reação.

Suas digitais dançavam por cada parte de mim, em um ritmo só nosso. Eu já tinha perdido todo o controle de como reagia a seus estímulos. Minhas costas se arqueavam à medida que ela decidia ir mais fundo. Os gemidos escapavam pela minha boca com espontaneidade, como se os impedir fosse a tarefa mais difícil.

Nossos corpos já se conheciam e se reencontravam em uma intimidade quase ensurdecidora. Eles se possuíam da melhor forma possível e se precisavam de um jeito tão bonito quanto. Eles até reconheciam outros corpos, mas só sabiam dançar entre si.

Não há nada mais bonito do que o amor sentido por duas mulheres, mas não há nada mais poético do que o amor *feito* entre duas mulheres.

Eu me sentia a personificação de intensidade ao lado de Thaila. Me sentia a liberdade propriamente dita. Ela deu asas à todas as partes de mim que tentaram alcançar voo por tanto tempo e nunca conseguiram. Eu me sentia em mutação. *Transformada*. Esse tempo todo eu estava presa em um casulo e agora eu finalmente estava aprendendo a voar, ainda mais bonita.

Eu estava sozinha em um quarto branco. Deitada em uma maca, sem conseguir levantar. A sensação de impotência preenchia meu corpo e eu me debatia. Alguém precisava da minha ajuda e não havia nada que eu pudesse fazer. De repente, eu estava sentada no chão gelado. A maca havia desaparecido. Corri em direção à porta e ao olhar pelo vidro pude ver uma pessoa deitada em outra maca, na sala da frente. Não reconhecia o rosto, mas senti que era alguém conhecido, alguém amado. E que aquela pessoa precisava de mim. A porta, trancada, não abria, apesar dos meus esforços. Depois de tanto empurrar, gritar e chutar, ela finalmente cedeu.

Atrás da porta, agora escancarada, estava uma floresta. Várias e várias árvores enormes preenchiam o entorno do lugar, o sol forte deixava tudo ainda mais verde, ainda mais iluminado. No meio disso tudo, estava ela. A mulher mais bonita que eu já vi em dezessete anos de existência, e que agora eu conhecia como jamais conheci alguém. A mulher que me ganhava em todos os detalhes, *perfeitos*. Ao seu redor, diversas borboletas alcançando voo. E mesmo que ela tivesse pavor, ali estava, esperando por mim.

Ela sempre esperou por mim.



conteúdo extra

Thaila Fontana

Admito que estava meio tímida para ficar na festa, mas até que o pessoal da escola nova era bem receptivo. Eu já estava me familiarizando com os meninos que fazem aula de matemática comigo e com todas as amigas de Ester. Quer dizer, quase todas. Laís, a menina bonita no cinema ainda me ignorava completamente. Eu não entendia o porquê de ela insistir em fugir de mim ou me evitar, talvez seja vergonha por causa da situação do cinema. Ok, talvez seja vergonha porque eu dei em cima dela descaradamente e no dia seguinte estávamos na mesma escola. Mas poxa, ela podia me dar pelo menos um “Oi”.

Eu já estava naquela festa há uma hora, mais ou menos, na casa de uma tal de Alice. Já tinha encontrado Ester e as amigas dela e descobri que Laís terminou recentemente com uma menina, que jogou vinho na cara dela. Deve ter sido um término bem saudável, para não dizer o contrário.

Estava me segurando para não beber muito, não podia passar mal. Estava me esforçando para lidar com o transtorno alimentar e essa seria uma péssima hora para vomitar. Tinha medo de trazer tudo de novo, então, estava mantendo o controle e tentando me distrair o máximo possível, interagindo com as meninas.

Eu já tinha uma opinião formada por quase todas e, sinceramente, todas elas pareciam incríveis. Depois de Ester,

que foi super simpática e receptiva, apesar das intenções, Luiza era minha favorita.

E bem, apesar de Ester ser uma garota sensacional, eu estava fugindo dela no momento. Eu sabia exatamente o que ela queria e tinha medo dela acabar se emocionando, já que a última coisa que eu quero ter no momento é um relacionamento. Eu já não conseguia me enxergar dessa forma antes, estando em uma cidade nova, cheia de pessoas para conhecer, penso menos ainda.

Sem contar que aquela menina, a Laís, me deixa super intrigada. Não consigo tirar ela da cabeça desde o dia do cinema. Ela é meio desajeitada e tudo o mais, mas céus, é absurdamente linda. E fica fofa demais com vergonha.

Falando nela, estava andando pelo quintal gigantesco de Alice, tentando não esbarrar com alguém conhecido, e a vi sentada no balanço da área de brinquedos. Mesmo sabendo que era uma péssima ideia e que provavelmente ela me daria algum fora, decidi me aproximar.

– Você vai mesmo continuar me ignorando? – Cheguei por suas costas e falei no ouvido, de propósito. – Fala sério, você nem me cumprimenta.

Senti no mesmo instante que ela precisou de um tempo para pensar no que falar, estava meio desconcertada. Cara, tenho certeza que essa garota não é tão durona assim.

– Ué, deixou minha amiga sozinha? – Ela carregava um tom de ironia na voz.

– Você só sabe conversar na defensiva? – Passei para a frente do balanço, segurando as correntes.

– Você não tem ninguém melhor pra encher o saco? – Ai. Essa doeu.

– Ok. – Olhei para os pés, meio sem graça com a resposta. Sabia que ela me daria um fora. – Vamos começar de novo?

– E por que eu faria isso? – Ela cruzou os braços, com uma feição desafiadora e um tanto debochada.

– Por que eu não fazia ideia de que iria te ver no dia seguinte, na mesma escola que eu. Se soubesse, não teria feito aquela gracinha. – Mentir. Eu provavelmente teria feito do mesmo jeito.

Não ia aguentar ficar quieta com uma mulher daquelas na minha frente.

– Primeiras impressões são difíceis de esquecer...

– Ah! – Gargalhei. – Então você acha que eu sou uma grande atirada que dá em cima da primeira menina bonita que me aparece?

– É, por aí... – Ela *quase* abriu um sorriso, o que me deu uma ideia.

– Tá, pera aí. – Virei de costas e dei uns passos para me distanciar dela. – Thaila Fontana, muito prazer! – Estendi a mão em sua direção, torcendo para ela entrar na onda.

– Sério? – Ela me deixou no vácuo. – Tirou essa ideia de qual filme clichê?

– Qual foi! Você não vai apertar minha mão? – Eu estava desolada, com muita esperança de conseguir me aproximar minimamente dela. Qualquer abertura já seria alguma coisa.

– Prazer, Laís Monteiro... – Ela cedeu, apertando minha mão. Suspirei com o gesto.

– *Amorzinho!* – Ouvi de longe – Vem cá! Tô com saudade... Quero dançaaaaa! – Ester me chamou e virei para trás, vendo-a de longe.

– É... Acho que essa é minha deixa, né? – Respirei fundo. – Vou lá então...

– Vai lá, então.



Laís Monteiro estava completamente bêbada. Desde que tivemos aquela conversa, ela aparentemente decidiu viver até o último segundo e perdeu o controle. Ela já tinha feito de tudo. Já tinha cantado no karaokê com as meninas, discutido com a ex, descido o morrinho de grama rolando com Raissa e dançado com todo mundo. Eu apenas ficava observando tudo de longe, com Ester.

No momento, tocava uma música lenta. Ester estava abraçada comigo, com a cabeça em meu ombro, dançando. Para ser sincera, eu prestava atenção em outra coisa. Laís estava

abraçada com Malu, que aparentava ser sua melhor amiga. Ela estava completamente desligada, com a cabeça no ombro de Malu. Parecia estar em outro mundo. De repente, cochichou algo para a amiga e saiu determinada, vindo em nossa direção.

Quando chegou, colocou o braço em meio a Ester e eu, o que me deu vontade de rir. Ela estava bem alterada.

– Licença, preciso falar uma coisa muito séria com ela. – Apontou para mim, encostando o dedo no indicador no meu braço.

– Tá bem, amiga! – Ester ria de seu estado. Saiu de perto sem relutar, voltando para conversar com as amigas.

– Oi. – Sorri. – Vai dançar?

– Eu não sei. – Ela olhou ao redor, mas cedeu, colocando a mão no meu pescoço, meio desajeitada pela diferença de altura. Laís era um pouco mais alta que eu. Ela estava *tímida*, apesar da bebida.

– Então, o que de tão sério você quer falar comigo? – Eu tentava alcançar seus olhos, mas ela insistia em desviar o olhar.

– Não lembro mais. – Suspirou.

– Não lembra ou não quer lembrar? – Ela ficou em silêncio por uns segundos, pensando.

– Os dois. – Eu podia sentir seu perfume, tinha cheiro de flores. Ela era perfeitamente bonita, como se tivesse sido desenhada ou algo do tipo. Me peguei observando-a demais, bem mais do que gostaria. – Eu tô meio brava com você.

– O que eu fiz? – Fiquei preocupada. Ela suspirou, olhando para baixo enquanto dançávamos, com um semblante repleto de vergonha. Meu olhar fotográfico queria registrar aquele momento na memória, e foi o que eu fiz. Prestei atenção em cada detalhe. Laís resmungou algo bem baixinho, mas não consegui entender por conta da música. – Não entendi, você pode repetir?

Ela suspirou, meio sem paciência, e se aproximou do meu ouvido. Meu corpo inteiro se arrepiou com sua respiração.

– Você é bonita demais e eu não consigo te tirar da cabeça por isso. Só que eu deveria tirar porque você tá com a minha amiga, apesar de vocês não terem nada a ver! – Eu não acredito que ela está dizendo isso e vai esquecer de tudo amanhã. – E eu

tava pensando em dançar música lenta contigo, lá no balanço, e você apareceu. Irritantemente bonita. Me irrita. Tô brava com você. – Foi inevitável abrir um sorriso com a cara de má completamente fofa que ela fazia. – Por que você tá rindo, sua doida? Eu disse que tô brava com você.

– Porque você fica muito linda quando tá brava.



agradecimentos

Tenho medo dos agradecimentos ficarem tão grandes quanto o livro, porque eu tenho uma lista imensa para agradecer.

O meu primeiro e mais especial agradecimento vai para as minhas duas estrelinhas: Minha vovó e Andressa. Eu sou incrivelmente grata por tudo que vocês foram pra mim e tenho certeza que as duas estariam orgulhosas pelo que eu tô fazendo aqui. Ok, talvez vovó não estaria apoiando *tanto* assim, mas Andressa estaria. E esse apoio que eu tenho *toda certeza do mundo* que estaria recebendo dela, faz falta demais. Agradeço por tudo o que você representou para mim e me ensinou. Por tudo o que me ajudou a ser e a fazer. Por transbordar inspiração e por ser responsável por muitas partes boas de mim. Sinto saudades todos os dias.

Tenho muito a agradecer à minha família também, não a de sangue, a do coração. Obrigada por tudo o que fizeram e fazem por mim todos os dias. Não sei o que seria de mim sem o carinho, abrigo e todos os ensinamentos de vocês. Obrigada por todas as conversas de fim de noite e todo o apoio incondicional, Tia Solange.

Talvez eu chore escrevendo isso, mas preciso agradecer ao meu irmão. Obrigada por representar tudo o que me faltou. Por ser irmão mais velho, por ser pai, por ser mãe, por ser apoio e por cuidar tanto de mim. Por acreditar em tudo o que eu faço e me mostrar que eu tenho potencial. Obrigada por se orgulhar de mim, porque eu me orgulho infinitamente de você.

Obrigada, mãe, por acreditar em mim e criar expectativas *gigantescas*. Para você, o céu é o limite e eu consigo chegar lá. E eu fico muito feliz pelo seu esforço em tentar entrar um pouquinho no meu mundo e me entender como sou. *Espero que você leia isso.*

Obrigada, Catharina, por me encorajar a mostrar isso ao mundo e por acreditar em mim. Por enxergar potencial onde eu não consegui perceber. E principalmente, por dividir o seu talento com a gente e dar vida às minhas meninas em forma de desenho. Elas são ainda mais perfeitas do que eu imaginava e devo isso a ti.

Obrigada, Nathalia Perrone, por tornar isso realidade. Por trazer o livro para o mundo e acreditar que eu conseguiria. Sem você, ninguém aqui poderia segurar o “Borboletas Pra lá e Pra cá” em mãos e sentir o cheirinho de livro novo. Você foi importantíssima para esse processo e, sem dúvidas, tem um lugarzinho especial no meu coração. Te admiro por demais.

Obrigada a *todas* às minhas Brabuletas. Desde as amigas que pediram para ler pelo WhatsApp lá no início do livro até as leitoras do *Wattpad* que enchiam os capítulos de comentários. Todas vocês me dão força e motivação para continuar escrevendo e cada mensagem me ajuda a enxergar que estou seguindo o caminho certo. Sem vocês nada disso teria acontecido. Eu queria muito agradecer especialmente a muitas de vocês, mas esse texto ficaria enorme, então vai na dedicatória mesmo!

Obrigada à minhas amigas, por serem um tiquinho de cada personagem. Tem tanto de vocês nelas quanto de mim. É uma mistura de nós.

Obrigada a quem chegou até aqui e a cada uma que fez parte do Borboletas. Esse livro é um pouquinho de mim e um pouquinho de toda mulher que ama mulheres. Eu espero que vocês se sintam abraçadas. Eu espero que vocês se sintam leves por aqui. Nós merecemos amor.

A intenção é das melhores.

Obrigada.

Este livro foi composto em Playlist e Calibri,
publicado pela EDITORA CALIGARI,
em 2020, na cidade do Rio Janeiro.



Corrosão

Gondim, Ricardo Labuto

9788594496362

300 páginas

[Compre agora e leia](#)

**VENCEDOR DO PRÊMIO ODISSEIA DA LITERATURA
FANTÁSTICA (2019) / FINALISTA DO PRÊMIO ARGOS (2019)**

No Sistema Solar, na viagem mais longa empreendida pela

humanidade, a tripulação da nave espacial Nikola Tesla descobre o impensável. Um navio devastado, afundado há mais de dois séculos e à deriva em uma elipse de gás: o Titanic. Não é o princípio de uma história, mas o seu fim. Tudo começou há bilhões de anos. No Universo em que a ocorrência da vida é uma aberração. Sob as forças da Natureza primordial. Antes da CORROSÃO do tempo e do espaço.

Ricardo Labuto Gondim é teólogo, roteirista, professor e ensaísta. É autor dos livros "B" e "Deus no Labirinto". Sobre as obras do autor, o publicitário Washington Olivetto disse ter originalidade e excelência literária e o escritor Raphael Montes achou um boa surpresa lê-lo.

[Compre agora e leia](#)



Pantokrator

Gondim, Ricardo Labuto

9788594496751

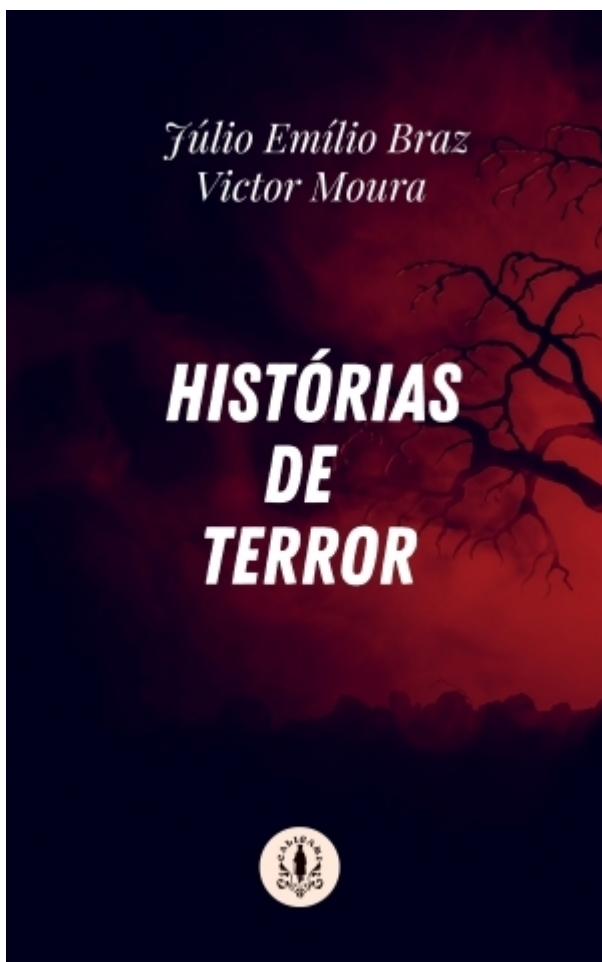
120 páginas

[Compre agora e leia](#)

No mundo em que a Imersão Digital Integral, o suicídio e a música de Wagner estão em moda, ele foi chamado a investigar um caso de adultério. Quando percebeu, estava implicado com a

força mais poderosa do planeta: tecnopoder autotélico. O controle do indivíduo e da sociedade pelos algoritmos. Uma potência muito acima dos bancos, das corporações e do Estado. Para sobreviver, será preciso imergir no submundo do Rio. Enfrentar o Regime, os neo-ortodoxos, a milícia e a ambição das máquinas. Mesmo sabendo que é impossível vencer. - Ricardo Labuto Gondim é um dos maiores escritores de ficção científica brasileira da atualidade, vencedor do Prêmio Odisseia da Literatura Fantástica e finalista prêmio Argos.

[Compre agora e leia](#)



Histórias de Terror

Braz, Júlio Emílio

9786589476207

56 páginas

[Compre agora e leia](#)

Três histórias em quadrinhos de terror, escritas pelo mestre Júlio Emílio Braz, um dos maiores nomes do quadrinho nacional de

terror dos anos 1980. Cada uma delas traz um final surpreendente agradando aos amantes desse gênero. Júlio em 1988 recebeu o Prêmio Jabuti por seu primeiro livro Saguairu. Em 1990 escreveu roteiros para o programa Os Trapalhões, da TV Globo, e algumas mininovelas para a televisão do Paraguai. Em 1997 ganhou o Austrian Children Book Award, na Áustria, pela versão alemã do livro Crianças na Escuridão (Kinder im Dulkern), e o Blue Cobra Award, no Swiss Institute for Children's Book. Os desenhos foram realizados pelo Victor Moura, que possui um traço peculiar, lembrando Mike Mignola e Flavio Colin. Segundo Ziraldo "Victor Moura domina todos os segredos do desenho: a construção cênica de cada quadrinho, a iluminação de cada cena, o ritmo da narrativa, a gestual dos personagens, esses detalhes todos que realizam o artista naquilo que ele se propõe a fazer". Seu trabalho internacional inclui "27, A Comic Anthology" para RedStylo e, mais recentemente, uma história chamada "Flying Coffin" para o projeto "Fantasmagória" das Starburns Industries (empresa que faz o desenho animado "Rick and Morty"). Foi vencedor do prêmio Le Blanc com o quadrinho Bartolomeu.

[Compre agora e leia](#)



A Mão que Pune - 1890

Aragão, Octavio

9788594496782

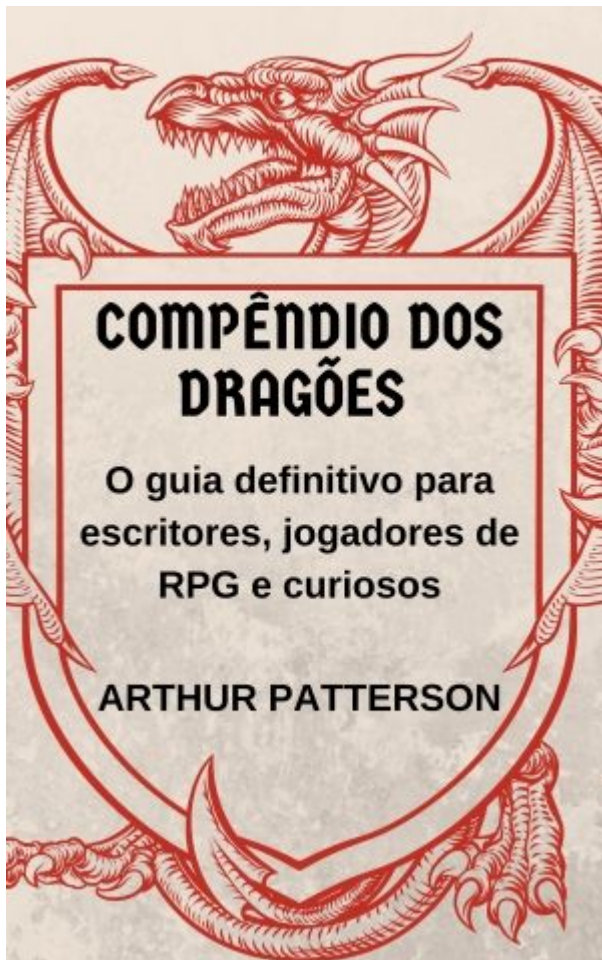
108 páginas

[Compre agora e leia](#)

VENCEDOR DO PRÊMIO ARGOS DE MELHOR ROMANCE DO ANO

Em "A Mão Que Pune - 1890", a missão de Angelo Agostini e sua gangue de párias imaginários serve de eixo a uma jornada insólita. Dos céus do Brasil às catacumbas de Paris. Do presidente Julio Verne ao Imperador Pedro II. De Mary Shelley a Machado de Assis. "A Mão que Pune – 1890" é uma jornada cheia de mistérios no melhor estilo steampunk, escrita pelo professor Octavio Aragão, um dos maiores nomes da ficção científica do Brasil.

[Compre agora e leia](#)



Compêndio dos Dragões

Patterson, Arthur

9788594496867

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

A VERDADEIRA ENCICLOPÉDIA DOS DRAGÕES

O Compêndio dos Dragões é o mais completo livro com informações sobre estas criaturas fantásticas com detalhes de ações, ataques, características que estão em livros, filmes e séries. Além disso possui um apêndice com os dragões mais fortes, os poderes especiais, as cores dentre outras informações. Uma obra essencial pra quem curte o universo de Fantasia, joga RPG ou apenas tem interesse em ler mais sobre estes seres fascinantes.

[Compre agora e leia](#)